

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP

Mariza Romero

INÚTEIS E PERIGOSOS
O “DIÁRIO DA NOITE” E A REPRESENTAÇÃO DAS CLASSES POPULARES
SÃO PAULO 1950-1960

DOCTORADO EM HISTÓRIA

São Paulo

2008

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Mariza Romero

INÚTEIS E PERIGOSOS
O “DIÁRIO DA NOITE” E A REPRESENTAÇÃO DAS CLASSES POPULARES
SÃO PAULO 1950-1960

DOCTORADO EM HISTÓRIA

**Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Doutor em História sob a orientação do Prof.
Doutor Fernando Torres Londoño.**

São Paulo
2008

Banca Examinadora

Para os milagrados, milagreiros, falsos profetas, mendigos falsos, macumbeiros, “baianos”, maloqueiros... Moradores da cidade de São Paulo nos anos 50.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas do Departamento de História da PUC São Paulo pela intensa solidariedade. Agradeço a Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto pela amizade e acompanhamento contínuo do trabalho; a Olga Brites, Yvone Dias Avelino e Ettore Quaranta pelo carinho e atenção; a Denise Bernuzzi de Sant'Anna pela carinhosa leitura de textos e sugestões bibliográficas.

Agradeço muito especialmente a Yone de Carvalho, que concentrou seus cursos, me proporcionando mais tempo livre, e a Maria Auxiliadora Guzzo, que respondeu imediatamente ao meu pedido de ajuda.

Aos professores Júlio Pimentel Pinto e Heloísa de Faria Cruz pelas preciosas contribuições fornecidas durante o exame de qualificação.

Aos colegas e amigos Lúcio Flávio de Almeida, Lauro Ávila Pereira, Marina Maluf e Marisa Lajolo pelo contínuo incentivo.

Aos alunos das turmas de História de 2008.

Aos já historiadores Karla Maestrini, Henrique Sugahara Francisco, Eduardo G. Piacsek e Luiz Felipe Loureiro Foresti, pela colaboração durante as aulas, pela amizade e, principalmente, pelo bom humor. Agradeço especialmente ao Felipe pela colaboração na pesquisa.

Agradeço ao Marcelo Continelli pela digitação e pela solidariedade. A Manuela Nogueira também pela digitação e ao Carlos Danilo Lopes pela formatação.

Aos funcionários e amigos do Arquivo Público do Estado. Aos funcionários da Biblioteca e da Secretaria da Faculdade de Ciências Sociais da PUC de São Paulo.

A Cristiane Baptista e Fernando Sousa Lima.

Ao Mauro Romero Meserani, filho companheiro.

Ao Tomás e Magda pela atenção dedicada, ao filho Pablo e à Chiara pelos momentos de descontração.

Agradeço a Fernando Torres-Londono pela amizade que construímos neste período e pela orientação do trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa vai procurar compreender a natureza do vínculo que o jornal Diário da Noite, de São Paulo, criou com as camadas populares, através das representações que produziu sobre elas no decorrer da década de 50.

De propriedade de Assis Chateaubriand desde 1925, em 1950 já era um dos jornais de maior circulação em São Paulo. Definindo-se como "voltado para as grandes massas populares", adquire nesses anos um cunho sensacionalista. Expressando as transformações em curso nos anos 50, tanto acolhe algumas reivindicações populares, com se alinha a setores que vêem a emergência das massas na cena política com preocupação, que interpretam a integração nacional sob o prisma do desenvolvimento econômico e técnico, aliado ao capital internacional, com uma visão restrita quanto à extensão mais ampla do acesso ao direito de cidadania.

Utilizando os recursos da imprensa sensacionalista, o Diário da Noite produziu representações sobre as classes populares que legitimaram exclusões e promoveram partilhas sociais. Em suas páginas o "povo", aparece ora com ingênuo, ora como vítima, ora como ignorante ou perigoso, muito mais raramente como cidadão. O Diário da Noite contribuiu assim, para administrar as fronteiras da participação popular, estabelecendo os nexos entre as representações por ele produzidas e a manutenção da ordem social.

Palavras-Chave:

Imprensa; Sensacionalismo; Camadas Populares

ABSTRACT

The present research intends to uncover the meaning of the social images and representations on popular social groups produced by São Paulo's newspaper *Diário da Noite* during the 1950's, which undoubtedly created especial bonds between this newspaper and São Paulo's working classes.

Owned by Assis Chateaubriand since 1925, it was already in 1950 one of the best selling newspapers of São Paulo. The *Diário da Noite* defined itself as an instrument of the great popular masses, developing and presenting a sensationalist tone during this period. This newspaper expressed the significant changes of the 1950's, and attended at the same time both popular demands and social claims of the ruling classes in São Paulo. The upper classes saw the rise of popular social sectors on the political scene with apprehension, considering national political integration mainly as economic and technical development associated with international funds, displaying, therefore, a very narrow view on citizenship.

The newspaper *Diário da Noite* employed all the means normally used by sensationalist press and produced representations and images on the popular classes that tended to limit and exclude popular participation in Brazilian politics. People appeared in its pages simultaneously as simple-minded, as victim, as ignorant or dangerous, being seldom represented as a whole of active citizens, fully aware of their duties and rights. The *Diário da Noite* thus helped to establish the limits of popular political participation in Brazil, linking its images and representations on people with social order's upkeep and maintenance.

Key-Words:

The Press; Sensationalism; Popular Classes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I:	
MILAGRE FALSO – IGREJA VERDADEIRA	33
1 – Rumores.....	33
2 - Da Liberdade Viglada à Guerra Santa: Apropriações Culturais.....	35
3 - Padre Donizetti: Santo de Casa Não Faz Milagre	42
4 - Milagre em Vila Operária É Falso Milagre	61
5 - Cuidado com Eles	73
6 – Imagens.....	84
CAPÍTULO II:	
MEDO E MORTE NAS RUAS DA METRÓPOLE	104
1 - Crime, Medos e Prazeres na Imprensa Popular.....	104
2 - O Diário da Noite e os Medos na Metrópole	115
2.1 Ruídos.....	118
2.2 Acidentes	120
2.3 Enchentes, Epidemias e Doenças	128
2.4 O Crime	141
2.4.1 Navalhadas, Cacetadas, Futilidades	141
2.4.2- Um Monstro Ronda a Cidade.....	145
2.4.3 O Aparecimento do Monstro	147
3 – Imagens.....	164
CAPÍTULO III:	
A CRÔNICA DE TODOS OS DIAS: A MISÉRIA NA METRÓPOLE	180
1 - Do Espetáculo Confrangedor ao “Dolce Far Niente”	180
2 - A Nova Face do Crime: O Baiano e a Peixeira	205
3 - Drama Pungente - Drama Deprimente	218
4 – Imagens.....	233

CONSIDERAÇÕES FINAIS	250
FONTES	252
BIBLIOGRAFIA	253
ANEXO	268
Apresentação do conteúdo do Diário da Noite (uma semana por mês, a cada cinco anos)	

INTRODUÇÃO

Isto está Errado!

Com o começo do inverno e os primeiros ventos que sopram frios do Sul, levantando poeira das ruas sem calçamento, começou a música infernal. Quando as donas de casa abrem as torneiras estas chiam desesperadamente como a dizer que lhes desagrada não poderem servir o precioso líquido. Começou, realmente a falta de água em alguns bairros apesar da conta da Repartição de Água e Esgotos ter aumentado. No Ipiranga, por exemplo, tem faltado água. É freqüente o espetáculo de crianças, donas de casa, velhos de lata à cabeça, subindo morros e insistindo junto aos donos de poços para encher vasilhames.

O Jabaquara é outro bairro onde ultimamente, a falta de água é mais constante. No Jabaquara a situação é tão angustiosa que os moradores são obrigados a “tomar banho de caneca”, relembrando os velhos tempos da gamela.

Sim, é necessário economizar água porque esta custa trabalho, muito trabalho de mulheres e crianças que se obrigam a subir morros e andar centenas de metros atrás do líquido necessário para cozinhar, lavar, beber, viver, enfim... Diversas reclamações já foram enviadas às autoridades competentes, a fim de que ponham paradeiro a essa situação. Nenhuma medida, no entanto, foi tomada.

Agora mesmo temos sobre nossa mesa de trabalho dois telegramas. Um deles está escrito nestes termos: “Moradores Jabaquara há seis meses obrigados banho de caneca. Estão vários dias sem caneca de água pt pedimos solicitar políticos interessados reeleição providências possamos votar limpos pt”.

Como se vê o telegrama é cáustico. É possível, acreditam os moradores do Jabaquara que os políticos queiram ganhar votos lembrando que o bairro está sem água. Sim, porque os outros os já eleitos, esses se esqueceram... Note-se que os moradores do Jabaquara chegaram ao último extremo da falta de água. Eles que antes tomavam “banho de caneca” agora estão sem caneca de água. É demais. Isso não está certo.

Mas se os políticos foram lembrados, também as autoridades são chamadas às falas através de telegrama enviado à nossa redação avisando que: “estamos enviando telegrama às autoridades estaduais informando situação angustiosa falta de água bairro Jabaquara pt. Solicitamos providenciar v.s publicar afim não alegarem ignorância pt.”

Realmente não está certo este procedimento de autoridades que ignoram tudo, tudo até mesmo fatos tão estranhos como a obrigação de cidadãos pagantes da RAE terem que tomar banho de caneca...

Positivamente, Isto Está Errado!¹

Irresponsabilidade do poder público, condições precárias de vida urbana, reivindicação de direitos, crítica à atuação dos políticos, foram alguns dos temas que o leitor dos anos 50 poderia encontrar nas páginas do Diário da Noite de São Paulo e na sugestiva seção: *Isto está Errado!*

Na sua leitura poderia também,

Chocar-se com:

BÁRBARO CRIME DE MÃE DESNATURADA.

Enterrado Vivo o Recém-Nascido.²

Grave Desastre no Hospital de Tuberculosos do Mandaquí.

Matou o desafeto com 15 punhaladas ³

Surpreender-se com:

NASCIMENTO DE UMA CRIANÇA COM 4 PERNAS , 4 BRAÇOS E 4 ORELHAS.

Uma camponesa de Maranello, perto de Módena, deu à luz uma criança do sexo masculino com quatro pernas, quatro braços e quatro orelhas

A Criança Nasceu Morta.

O Cadáver foi levado à Universidade para ser estudado.⁴

¹ Diário da Noite, São Paulo, 25-05-1950.

² Diário da Noite, 29-09-1950.

³ Diário da Noite, 10-05-1950.

⁴ Diário da Noite, 14-04-1950.

Penalizar-se com:

FICOU SEM AS PERNAS O VELHO FERROVIÁRIO.⁵

Entreter-se com:

FAÇANHA DE UM FAQUIR. SEPULTADO COM 120 VÍBORAS.

Tentará bater um record de jejum. Cerca de 120 víboras e duas ou três pitons, tais os companheiros que o faquir Burmah terá em seu caixão de vidro instalado numa cervejaria desta cidade, onde vai tentar bater o record mundial de jejum atualmente em poder do inglês Worns, que suportou a prova durante 42 dias.

O faquir Burmah declarou que espera jejuar 45 dias iniciando a prova na tarde de hoje.⁶

Com estes temas tanto de denúncia dos problemas cotidianos da população quanto sobre acontecimentos extraordinários, esportes, meio artístico; com grandes manchetes em negrito, chocantes; informações de interesse “humano”, detalhadas, de fácil compreensão, abordagem afetiva e utilizando-se de recursos melodramáticos, o Diário da Noite investiu na criação de um vínculo com as camadas populares que nesses anos emergiram na cena política brasileira.⁷

Essa emergência vinha se constituindo desde as primeiras décadas da República, acentuou-se a partir de 1930, com greves e manifestações de rua em grande parte dos estados do Brasil e principalmente em São Paulo, já detentor da maioria da força de trabalho industrial⁸. Fez-se premente com o fim do Estado Novo, com a abertura da discussão sobre a

⁵ Diário da Noite, 01-05-1950.

⁶ Diário da Noite, 07-01-1950.

⁷ Francisco Weffort utiliza o termo “classes populares” para se referir a um conjunto heterogêneo de agentes sociais que inclui a classe operária, mas não se restringe a ela. Abrange também em seu componente urbano, camadas inferiores de assalariados não-industriais e trabalhadores autônomos. Weffort, Francisco, 1978.

⁸ Segundo Maria Hermínea Tavares de Almeida, entre 1930-1935, ocorreram 69 greves no Estado de São Paulo. Tavares de Almeida, Maria Hermínia, 1975.

redemocratização, em 1945, e com a volta de Vargas ao governo em 1951, propondo-se a ocupar o cargo de presidente em nome das massas.

Tornou-se então evidente, que para o exercício do poder, seria agora necessário considerar essas massas como protagonistas da prática política.

Francisco Weffort afirma que por força das transformações sociais e econômicas que se associam ao desenvolvimento industrial e à estagnação da estrutura agrária, a democracia recém-instaurada se defrontou de imediato com a tarefa trágica de toda democracia burguesa: incorporar as massas populares ao processo político.⁹

À questão proposta pela necessidade desta incorporação, vincularam-se o nacionalismo, o desenvolvimentismo e a modernização. Estes foram eixos em torno dos quais com intencionalidades diversas e linguagens diferenciadas aglutinaram-se partidos, intelectuais, artistas, estudantes que buscavam definir num debate nunca tão acirrado, qual seria o projeto mais adequado para o Brasil.

O nacionalismo permeou a vida política nos anos 50, podendo-se considerar a campanha “O Petróleo é Nosso” de 1953 e o suicídio de Vargas em 1954 como emblemáticos de sua importância na luta política e na capacidade de mobilização popular.¹⁰ O desenvolvimentismo também surge no Brasil nestes anos, como uma forma de teorizar a industrialização como eixo do progresso do país.

Essas posições não se expressam sem o enfrentamento com aqueles que propunham aproximação mais estreita com os Estados Unidos e temiam a mobilização popular.

Confrontavam-se de um lado, os que preconizavam a participação ampliada, a mobilização de massas, o uso do Estado para conter excessivas desigualdades econômico-sociais; do outro, os que defendiam a dinâmica inerente à sociedade capitalista, à economia de mercado sem se impressionarem com preocupações sociais que lhes pareciam demagógicas.¹¹

É importante salientar que o movimento operário não se esgotou na pauta economicista. De acordo com Luis Werneck Viana, afirmar que as leis sociais foram outorga do Estado e que a revolução de 30 foi um marco na transformação da questão social em legal e não policial, são dois mitos que visam colocar os trabalhadores como incapazes de reivindicar seus direitos. Viana, Luis Werneck, 1978.

⁹ Cf. Weffort, Francisco, 1975.

¹⁰ Cf. Pécaut, Daniel, 1990, p. 99.

¹¹ Segundo Daniel Pécaut, uma cisão também domina o período quando o nacionalismo passa a significar ativação das massas e resistência ao imperialismo. Aos “nacionalistas” opõem-se os que preconizam relações mais abertas com os Estados Unidos e que se inquietam com o populismo. Idem, p.101.

A década de 50 foi marcada por debates apaixonados a respeito da opção entre a abertura para um mercado mundial hegemônico por forças estranhas aos interesses nacionais brasileiros ou a proteção das riquezas e da economia do Brasil contra a cobiça “imperialista”. Cf. Konder, Leandro, 1998, p.363-365.

Quanto à modernização, referiu-se principalmente à aceleração das mudanças urbano-industriais, à diversificação do consumo e às formas de comportamento ajustadas ao americanismo cujo poder de sedução atinge fortemente a burguesia e a classe média urbana.¹² Por outro lado, as expectativas otimistas com relação ao novo foram temperadas por temores, pela incerteza das adversidades que as mudanças incessantes e contundentes da modernidade também poderiam conter.

A dramaturgia de Jorge de Andrade, a sociologia de Florestan Fernandes, as vanguardas concretas e os museus de arte são exemplos de outras tantas linguagens que se expressaram no período.¹³

Neste contexto amplo de consolidação da sociedade urbano-industrial, de reestruturação social e de redefinição política, a imprensa já com modelo empresarial, atenta para estratégias garantidoras de sucesso comercial, constituída como meio massivo de informação, vai tornar-se um espaço de manifestação de concepções e propostas diversas a respeito do significado da emergência das classes populares.¹⁴

O aparecimento logo no início dos anos 50, de jornais vinculados a líderes populistas, que se definiram como “defensores do povo”,¹⁵ a consolidação do gênero popular em um jornal de grande circulação como já era o *Diário da Noite* de São Paulo, permite avaliar tanto a dimensão do povo enquanto sujeito político como a importância da imprensa na interpretação deste advento.

Este trabalho vai procurar compreender a natureza do vínculo que o *Diário da Noite* de São Paulo criou com as camadas populares através das representações que produziu sobre elas no decorrer da década de 50.

O vespertino financiado por empresários, industriais, e fazendeiros paulistas foi adquirido por Assis Chateaubriand em 1925. Com feições populares desde o início, equipamentos de ponta, profissionais experientes, articulistas internacionais, reportagens de

¹² Tota, Antonio Pedro, 2000, p.20-21 .

¹³ Cf. Arruda, Maria Armanda do Nascimento, 2001.

¹⁴ Com o pós-guerra, profundas alterações se anunciam na vida brasileira, tais alterações, no que se refere à imprensa, acentuam rapidamente o acabamento de sua fase industrial, relegando ao esquecimento a fase artesanal: um periódico será, daí por diante, empresa nitidamente estruturada em moldes capitalistas. Cf. Sodré, Nelson Werneck., 1983, p.355.

¹⁵ O jornal *Última Hora*, fundado em 1951 por Samuel Wainer, ligado a Vargas, aparece como um “movimento de reivindicação popular e nacional”; O *Dia*, fundado no mesmo ano por Adhemar de Barros e Chagas Freitas, como um jornal que “vai às ruas não tendo como outro chefe senão o povo”; Luta Democrática, fundado por Tenório Cavalcante em 1954, aparece como um jornal feito por “homens que lutam pelos que não podem lutar”. Com a imagem de “defensores do Povo”, esses jornais visavam criar um vínculo estreito entre as camadas populares e líderes populistas. Cf. Siqueira, Carla, 2006, p. 414.

impacto, notícias em primeira mão, anúncios, campanhas, concursos, obteve sucesso e mais ainda com o destaque dado às páginas policiais e aos escândalos.¹⁶

Nos anos 1950, atingindo um universo de leitores amplo e diversificado, com uma tiragem média de 70 mil exemplares, e duas edições, o *Diário da Noite* será um dos jornais de maior circulação em São Paulo, e um dos mais importantes do poderoso Império Associado, a chamada Taba.¹⁷ Exercerá papel estratégico na difusão da informação, na formação de opinião, na criação de consenso, produzindo imagens que fazem parte do nosso cotidiano, sinalizando os primórdios de um desempenho que é o da mídia hoje: instituir uma imagem do real para o consumo diário, contribuindo para modelar opiniões, comportamentos, identidade, lazer.

Coloca-se como um jornal voltado para as “grandes massas populares”,¹⁸ num momento político complexo em que a pressão por inclusão social que se traduz por reivindicações por empregos, por melhores salários, maior participação na vida política e cultural convive com o forte esforço de exclusão já tradicional por parte da elite brasileira. Este momento obriga a um empenho intenso por parte dos poderes constituídos, no sentido de intervir no universo simbólico relativo às camadas populares e no controle de suas práticas.

O *Diário da Noite* responderá a esta urgência investindo em um jornalismo de cunho sensacionalista, fazendo contraponto ao *Diário de São Paulo*, da mesma rede, o jornal “sério” no dizer do próprio Chateaubriand¹⁹. Esta imprensa, de fato, sempre gozou de pouco prestígio social e político, estando associada à alienação, à perversão, a um público visto como inferior, sem cultura, ávido por escândalos, um público cujo comportamento e gosto se aproximam justamente mais daquilo que provoca sensações, emoções intensas e imediatas estimuladas

¹⁶ O folhetim vai ser substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista vai substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e até os mundanos.

Cf. Sodré, Nelson Werneck, op.cit, p. 296.

¹⁷ Dados da tiragem do jornal: Ibope e Boletim da Associação Brasileira de Imprensa Monteiro Lobato pensava em criar empresas brasileiras nos Estados Unidos com nomes indígenas, dando disso, conhecimento a Chateaubriand. Sua idéia não foi para frente e Chateaubriand começou a denominar suas emissoras com nomes indígenas e seu empreendimento de Taba. A denominação “Diários Associados” surgiu em 1930, ao referir-se aos seus jornais e à revista O Cruzeiro.

Cf. Carneiro, Glauco, 1999, p.96-118 .

Até os anos 60 os Diários Associados chegarão a ter trinta e três jornais, vinte e cinco emissoras de rádio, vinte e duas emissoras de televisão, uma editora, vinte e oito revistas, duas agências noticiosas, três empresas de serviço, uma de representação, uma agência de publicidade, duas fazendas, três gráficas e duas gravadoras de disco. Cf. Wainberg, Jacques Alkalai, 1997, p.17.

¹⁸ Morais, Fernando, 1994, p.201

¹⁹ Idem, p. 191.

pela enervação dos sentidos, em oposição à quietude dos sentimentos controlados, das emoções discretas filtradas pela razão.

Brito Broca escreveu que, a partir de 1900, os jornais foram se tornando cada vez menos doutrinários e as notícias de polícia foram ocupando um grande espaço, assim como o noticiário esportivo, e tudo para atender ao gosto sensacionalista que começava a despertar no público.²⁰

Essa imprensa que surgia recebeu de imediato, a crítica de escritores como Monteiro Lobato, que dizia ler Camilo quase que diariamente, como “remédio contra o estilo redondo dos jornais que somos forçados a ingerir todos os dias”. Teria sido o “Grande Camilo” que lhe fez ver, com relação à língua portuguesa, “as balizas que a extremam da língua bunda dos jornais. “O jornal nos sufoca todas as tentativas de literatura, com seus repórteres analfabetos, com sua meia língua engalicada”, seriam eles os “autores dessa copiosíssima flora cogumelar de jornalecos e revistecas que inunda o país inteiro e é a mesma no Maranhão e na Caçapava rio-grandense”, pois “criaram uma língua nova, de preguiça de estudar a velha.”²¹ E, para Lima Barreto, “o ponto de vista limitado e restrito dessas empresas, não permite senão publicações para os leitores medianos, que querem política e assassinatos. Os seus proprietários fazem muito bem, dão o que lhes pede o público.”²²

As críticas tomam maior amplitude e acirram-se em proporção igual ao desenvolvimento desta imprensa. Em 1930, o Centro Acadêmico Candido de Oliveira, da hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro, promoveu uma campanha contra o sensacionalismo da qual participaram conhecidos juristas e intelectuais como Roberto Lyra, Roquette Pinto e Cecília Meirelles.²³

Nos anos 50, quando a imprensa afirma-se como veículo de comunicação de massa, a campanha contra o sensacionalismo torna-se mais acirrada. A Revista Anhembi, que se define como combatente sem trégua contra este tipo de jornalismo, em uma de suas matérias afirma que a imprensa amarela já havia chegado a São Paulo e que

²⁰ Brocca, Brito, 1951, p.218.

²¹ Monteiro Lobato .A Barca de Gleyre; apud, Del Fiorentino, Teresinha 1982, p.37.

²² Lima Barreto. Vida e morte de M.J.gonzaga de Sá; apud, Del Fiorentino, Teresinha, op.cit, p.38.

²³ Cf. Revista de Comunicação e Arte, 1974.

Jornais desse gênero conquistam uma classe especial de leitores cuja curiosidade, anormal e malsã, exige de suas folhas excessos dia a dia maiores, tornando-se esses jornais graves fatores de deseducação popular e pernicioso fonte de sugestões perniciosas”.²⁴ Em outra matéria, louva a polícia que “há tempos, proibiu o fornecimento de fotografias de desastres e crimes que pudessem chocar a sensibilidade dos homens educados ou tornar-se pasto da morbidez do populacho ávido por essa carniça social.”²⁵

Nesses anos, psiquiatras e juristas têm presença atuante nessa luta, utilizando como arma os argumentos científicos produzidos pela teoria do contágio, ou da sugestão, que seria o resultado da supressão da capacidade crítica que estaria na razão inversa do grau de afetividade e na razão direta do grau de inteligência, ou seja, quanto menos inteligente e mais emocional o indivíduo, tanto mais é sugestionável.

Assim, segundo o Dr. Fernando Bastos, presidente da Liga Paulista de Higiene Mental, já seria um consenso entre as pessoas bem formadas que, o sensacionalismo com notícias chocantes de desastres, crimes e escândalos, ilustrados com fotografias que estampam cenas cruas, exerce influência nociva sobre a mente de pessoas sensíveis ou predispostas aos desarranjos psíquicos²⁶.

Em 1969, a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo realizou uma “Semana de Estudos sobre Sensacionalismo”. A maioria dos debates o relacionou com formas de obtenção de lucro, com o aumento da taxa de criminalidade e o acusou de promover disfunções educacionais e morais.²⁷

Entretanto, o repúdio ao sensacionalismo pode ser considerado menos por sua linguagem, por sua temática, mas principalmente por ser um jornalismo com parâmetros culturais fortemente populares, organizado em torno de narrativas orais cujo universo incomoda a cultura culta. Esse jornalismo “altera a separação racionalista entre assuntos sérios e os destituídos de valor, trata os acontecimentos políticos como acontecimentos

²⁴ Revista Anhembi, 1951, p.315.

²⁵ Revista Anhembi, 1952, p.306.

²⁶ Bastos, Fernando, 1952, p.172.

A teoria da Imitação foi elaborada por Gabriel Tarde, no final do século XIX. Uma de suas aplicações relaciona-se ao crime. Sua idéia central é a de que o indivíduo é governado por uma força que o incita a imitar o que ele vê. Esta força age mais por sugestão do que de maneira consciente.

Cf. M' Sili, Marine, 2000, p.21.

Essas noções são recorrentes e ao longo do século XX, até os dias de hoje, alimentam a crítica aos meios de comunicação de massas como incitadores da violência.

²⁷ C.f. Revista de Comunicação e Arte, 1974.

dramáticos, rompe com o mito da objetividade. Não opera com conceitos e generalizações, mas com imagens e situações”.²⁸

Hoggart afirma que a atração desses jornais se deve ao fato de incorporarem o interesse popular pelos pormenores da condição humana, partindo do princípio de que a vida em si é fascinante. Assinala que as notícias desses jornais vêm sempre acompanhadas do que se pode chamar de elemento “oh! ah!”.²⁹

O fator essencial de toda a literatura deste tipo é sempre a descrição pormenorizada e fotográfica da vida quotidiana; as histórias não constituem uma fuga à realidade quotidiana, antes partem do princípio de que essa realidade é intrinsecamente interessante. Atribuem ênfase especial ao pormenor humano, que pode ou não ser dramatizado por adjunção do crime, do fator sexual ou do esplendor que caracteriza a vida de determinadas camadas.³⁰

A idealização romântica dos contos de fada, o fascínio frente às histórias de terror, as estruturas narrativas do melodrama, o humor negro, a construção de heróis e anti-heróis, os acontecimentos que transgridem a “ordem natural das coisas”, demonstram a proximidade desta imprensa com formas de expressão da cultura popular que se entrecruzam com manifestações da cultura erudita.³¹ O texto deste jornal, assim, embora se refira ao imediato e ao efêmero, remete-se ao diálogo com seus outros, com discursos prévios e enquanto meio massivo de difusão envolve-se nos processos de produção, circulação e consumo da notícia, próprios de um mercado de bens culturais.³²

Seu significado também não pode ser apreendido de maneira apriorística, pois como todo jornal, o sensacionalista também é fruto de permanente confronto / negociação entre as demandas sociais do momento em que ele se inscreve, os interesses políticos, comerciais e a

²⁸ Sunkel, Guillermo, 2002, p.19.

²⁹ Hoggart, Richard 1973, p.145.

³⁰ Idem.

³¹ Cf. Garcia, Canclini, 2003

Sobre este tema ver ainda: Guinzburg, Carlo, 1987; Burke, Peter, 1999; Meyer, Marlyse, 1996.

³² Robert Stam discute o conceito de dialogismo em Bakhtin que reitera a natureza relacional do discurso. Qualquer desempenho verbal inevitavelmente se orienta por outros desempenhos anteriores na mesma esfera, tanto do mesmo autor como de outros autores, originando um diálogo social e funcionando com parte dele.

Cf. Stam, Robert, 1992, p.73.

visão de mundo do seu proprietário. No mesmo jornal, inclusive, podem conviver as matrizes do jornal “sério” com as do jornal sensacionalista.

É o caso do Diário da Noite, cujos textos oscilam entre narrativas ora “objetivas”, obedientes de forma estrita ao lead canônico de informação: quem, o quê, onde, quando; ora profundamente adjetivadas, que trazem como pano de fundo tanto uma racionalidade científica propícia a exclusões, quanto a fatalidade de um mundo naturalmente trágico e ameaçador que incita à passividade e à resignação, como também valoriza junto a seu leitor, ainda que mais raramente, um certo exercício de cidadania que deve passar necessariamente por sua mediação.

Expressando as transformações em curso nos anos 50 e as diretrizes da Rede Associada o jornal tanto acolhe algumas reivindicações populares, como se alinha aos setores da burguesia que vêem a emergência das massas com preocupação, que interpretam a integração nacional sob o prisma do desenvolvimento econômico e técnico aliado ao capital internacional, com uma visão restrita quanto à extensão mais ampla dos benefícios da democratização e do acesso ao direito de cidadania.

“Falando ao coração do leitor” sobre temas de “interesse humano”, despertando sua emoção, levando em consideração alguns problemas do cotidiano da população, aproximando-se do folhetim, do grotesco, utilizando recursos narrativos melodramáticos e ao mesmo tempo informando e divertindo, o Diário da Noite produziu representações sobre as classes populares que legitimaram exclusões e promoveram partilhas sociais. Em suas páginas o “povo” aparece ora como ingênuo, ora como vítima, ora como ignorante ou perigoso; e mais raramente como cidadão.

O Diário da Noite contribuiu, assim, para administrar as fronteiras da participação popular, estabelecendo os nexos entre as representações por ele produzidas e a manutenção da ordem social.

Pensamos essas representações como fazendo parte de uma história cultural do social que:

tem por principal objeto identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, e que embora aspirem a uma universalidade fundada na razão são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam, portanto os discursos proferidos estão relacionados com a posição de quem os utiliza. As representações estão colocadas

assim num campo de concorrências e de competições cujos desafios se anunciam em termos de poder e de dominação.³³

Ainda como afirma Roger Chartier, a compreensão desta história cultural pressupõe a investigação dos processos e práticas de produção de sentido como inseparável dos processos sociais que os engendram.³⁴

Por outro lado, essas mesmas representações que testemunham conflitos abrem possibilidades para leituras diferenciadas, para ações imprevisíveis colocando em evidência múltiplas formas de entendimento da realidade e como afirma Michel de Certeau a respeito do leitor ou dos usuários dos produtos culturais, as mil maneiras de utilizar.³⁵

Entendemos também a dinâmica da imprensa como um diálogo tenso entre práticas que expressam as contradições da sociedade.

A categoria abstrata “imprensa” se desmistifica quando se faz emergir a figura dos seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. A imprensa não é espelho da realidade mas um espaço de representação do real ou melhor de momentos particulares de realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época.³⁶

Jacques Le Goff, seguindo a tradição dos *Annales* afirma que o documento não é inócuo, é resultado de uma montagem, de um esforço das sociedades históricas para impor ao futuro voluntária ou involuntariamente determinada imagem de si própria.³⁷ Robert Darnton referindo-se ao ofício de jornalista afirma que a redação de notícias é fortemente influenciada por estereótipos e concepções do que deve ser a matéria.³⁸

Um exemplo de construção de um fato jornalístico nos é fornecido por Chateaubriand com relação às reportagens sobre o coronel Fawcett, que trouxeram enorme popularidade aos *Diários Associados* desde o final do ano de 1924 e durante várias décadas. Fauwcett, um aventureiro inglês em conversa com Afonso Bandeira de Melo, primo de Chateaubriand, no hotel Esplanada, contou-lhe da existência de uma população branca, perdida numa “Atlântida” localizada na Amazônia brasileira e que ele tinha intenção de liberar. Afonso

³³Chartier, Roger, s.d., p. 17.

³⁴Idem, p. 27.

³⁵Cf. Certeau, Michel de, 1994.

³⁶Capelato, Maria Helena Rolim, 1994, p.21-25.

³⁷Le Goff, Jacques, 1980, p.123.

³⁸Cf. Darnton, Robert, 1990.

redigiu algumas notas sobre a conversa, que foram entregues a Azevedo Amaral, secretário de redação de *O Jornal*. Este, depois de ouvir outras pessoas que estiveram com Fawcett, escreveu uma série de reportagens sob o título: “Haverá uma Atlântida no Sertão Brasileiro?”.

Segundo Chateaubriand, foi graças aos *Diários Associados* que Fawcett adquiriu fama e despertou interesse mundial. “Nós outros criamos a personalidade do explorador inglês, e daí começa seu romance”.³⁹

Vários são os jornalistas que relatam suas experiências de como um simples roubo de bicicleta em um parque, ou um bebê abandonado se transformam em uma matéria jornalística, numa narrativa, numa “boa história” que seduz, provoca o imaginário, estimula iniciativas por parte do leitor, confere prestígio ao jornalista e proporcionam lucro ao jornal.

Darnton que fez cobertura das delegacias de polícia para o *The Times* observa que sem categorias pré-estabelecidas do que seja a “notícia” é impossível classificar a experiência.⁴⁰ Converter um boletim policial em um artigo requer uma percepção treinada e um domínio do manejo de imagens padronizadas, clichês, ângulos, pontos de vista e enredos que vão despertar uma reação convencional no espírito dos editores e leitores.

As matérias jornalísticas precisam caber em concepções culturais prévias, relacionadas com a notícia. O contexto do trabalho modela o conteúdo da notícia, e as matérias também adquirem forma sob a influência de técnicas de contar histórias. Há lógica, temas, convenções, consenso que orientam a compreensão do leitor sobre o mundo em que vive.⁴¹

Concordando com Darnton pode-se afirmar que a notícia é tanto uma mercadoria produzida na sala de redação, como uma maneira de ver o mundo que chega até o leitor cruzando o novo com o já conhecido.

A cidade de São Paulo agora constituída como metrópole é o foco dessa pesquisa. Chateaubriand afirmou que desde 1913 projetava adquirir um jornal em São Paulo, pois “não era possível pensar na idéia nacional sem incluir nossa presença no centro mais poderoso da nação”.⁴²

Nos anos 50, o complexo industrial paulistano orientou-se na direção da montagem de um parque de indústrias de base para fornecer os bens necessários à sua expansão tais como energia, siderurgia, mecânica e equipamento eletro-eletrônico. O Estado detém em torno de 40% do pessoal ocupado na indústria do país sendo responsável por metade da transformação

³⁹ Carneiro, Glauco, op.cit, p.93.

⁴⁰ Darnton, Robert, op cit, p.92.

⁴¹ Idem.

⁴² Morais, Fernando, op. cit, p.201.

industrial nacional, a maior parte da qual gerada na sua região metropolitana. Em 1950 a cidade possuía 24.519 estabelecimentos industriais com uma população de 484.844 operários. Em 1960 passa a ter 56.383 estabelecimentos com 969.112 trabalhadores. Em 1954 tornou-se a maior cidade brasileira, com uma população de 2.817.600 pessoas, composta por grande número de imigrantes e seus descendentes, por imigrantes recém-chegados, e por um forte contingente de migrantes que vinha se avolumando desde os anos 30.⁴³

Do ponto de vista cultural a cidade também adquire os contornos definitivos de metrópole, com universidades, um número significativo de estabelecimentos de ensino, cinemas, teatros, livrarias, museus, galerias, confirmando a cultura ilustrada da burguesia paulista.

Por meio do desenvolvimento industrial, do impulso do capital estrangeiro, da modernização da vida cotidiana, buscando o que vem de fora, a elite paulista esperava atingir o ideal de pertencer ao mundo.

A cidade torna-se assim o centro de consolidação da sociedade urbano-industrial; o espaço de surgimento de uma sociedade de massa, de concentração das forças que impulsionam a modernidade brasileira, e da emergência das camadas populares, tanto a dos trabalhadores inseridos no mercado formal de empregos, organizados ou não em torno da luta política, como a dos grupos socialmente à margem que sobreviviam à custa de criativos expedientes: da leitura de mãos à venda de bilhetes de loteria.

São Paulo tornou-se então, um laboratório político, transformou-se em referência para os discursos sobre os rumos do país. Realmente, para os ideais de Chateaubriand, de combinar poder p, obtenção de lucro, e promover através de sua rede de comunicação uma idéia determinada de integração nacional era impossível não ter um jornal em São Paulo.

Quanto ao envolvimento de seu conglomerado de comunicação nos rumos que o país deveria tomar, deixa claro, desde a fundação de “O Jornal”, no Rio de Janeiro, em 1924, quais serão seus objetivos: deitar e embalar, na rede que mais tarde será “Associada,” os brasileiros, do Amazonas ao Prata, do Guaporé ao Atlântico, “este país com uma só língua, um só povo, um só Estado e uma só consciência nacional, deixando para aqueles que não têm peito para construir cadeias, fazer bilros, renda, enredos e tricôs, que são quitandas e quireras das naturezas femininas.”⁴⁴

⁴³ Vieira, Evaldo, 1987, p.26.

⁴⁴ O Jornal, 02-10-1924, apud, Carneiro, Glauco, 1999, p. 90.

A rede que Chateaubriand oferecia para os brasileiros deitarem seria embalada pelo desenvolvimento econômico associado ao capital internacional, pela rejeição ao comunismo, a qualquer forma de estatização da economia e pela defesa da iniciativa privada:

Não é de hoje que a Petrobrás intranqüiliza as classes produtoras de nosso país. [...] A ideologia dominante na Petrobrás reveste-se dos caracteres do mais rancoroso nacionalismo – um nacionalismo de obtusos, que nega, negando simplesmente o bom senso, a conveniência de aceitarmos como legítima e oportuna a colaboração do capital estrangeiro em nossa incipiente indústria petrolífera. [...] Assim agindo, caíram inelutavelmente na zona de atração dos comunistas, aos quais nada mais interessa, nesta hora perturbada do mundo, do que prejudicar as linhas democráticas da ação civilizadora dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França e de outras grandes potencias do Ocidente.

Digamos logo tudo: a Petrobrás é hoje um ninho de comunistas, que nela se infiltraram, dali alijando, em movimentos sub-reptícios mas certos, todos os que poderiam visualizar o problema do petróleo brasileiro de ângulos realistas.⁴⁵

As matérias com este teor costumavam sair nos editoriais do Diário da Noite, ou na coluna de Al Neto, “Nos Bastidores do Mundo”, ocupando um espaço mais discreto, o que não impedia o aparecimento também, de manchetes sensacionais: **Carro de Nixon apedrejado por comunistas.**

Quanto às “massas populares” para as quais afirma estar voltado, o jornal revela e participa do confronto entre interesses diversos pela apropriação de “corações e mentes”, mas principalmente revela a existência daqueles que, mais do que “entrar” na modernidade, tentavam sobreviver a ela.

A pesquisa refere-se à década de 1950, momento em que a imprensa, acompanhando as transformações do país, já assumiu plenamente estratégias empresariais através da racionalização do trabalho, das técnicas de impressão, do uso de imagens em cores e da diagramação planejada. A essas inovações técnicas aliam-se as renovações editoriais e lingüísticas que juntamente com a noção de objetividade, indispensável nesses anos a qualquer discurso com pretensão a seriedade, constrói a autonomia do jornalismo como

⁴⁵ Diário da Noite, 26-12-1956.

espaço de edificação da verdade e do jornalista como seu produtor reconhecido. Esses anos são de apogeu do império de comunicação de Chateaubriand, proporcionalmente comparável às Organizações Globo hoje.

A pesquisa encerra-se em 1960 quando a *Rede Associada* entra em crise pelo acúmulo de problemas financeiros, pelo surgimento de concorrentes mais competitivos, pela doença de Chateaubriand que acabou por enfraquecer seu personalismo e pela perda de prestígio junto aos grupos que projetaram o golpe militar de 1964 que a rede apoiou.

Do amplo universo temático que o *Diário da Noite* apresenta, selecionamos as reportagens sobre a religiosidade popular, sobre a criminalidade e sobre a migração dos trabalhadores nacionais.

As crenças, a justiça, a produção dos meios de existência, as relações a serem estabelecidas com as classes populares foram problematizadas e debatidas por amplos setores da sociedade brasileira, fazendo-se presentes na imprensa e no *Diário da Noite*, sendo expressivos quanto às representações que o jornal construiu sobre as camadas populares.

São temas que aparecem no mais das vezes, na primeira página, em grandes manchetes, e que tiveram certa longevidade, contrariando a transitoriedade das notícias diárias. Mas juntamente com as grandes reportagens pode-se captar o jornal como um todo, como uma totalidade sutil em que acontecimentos efêmeros, sem importância aparente, insinuam-se por entre as páginas do jornal tecendo uma rede de sentido que dá fôlego e suporte às reportagens principais, orientando a percepção do leitor sobre a realidade. Esta vem associada à imagem que o jornal constrói sobre a cidade, pois cada tema adquire significado entrecruzando-se com um fio condutor: a Metrópole moderna, que o jornal aborda sobretudo como impacto negativo sobre a experiência subjetiva.⁴⁶

A cidade moderna preocupou também as ciências do período como o Direito, a Psiquiatria e a chamada Psicologia das multidões, tratada por Scipio Sighele em *A Multidão Delinqüente*, publicada em 1891, e tão bem sintetizada por Gustave Le Bon em *A Psicologia das Multidões*.

Dessa forma, a visão do Jornal choca-se freqüentemente com uma imagem do progresso da cidade que pretende a cada dia fazer tabula rasa do passado. É a “São Paulo que não pode parar”, a “Cidade que mais cresce no mundo”, a “Locomotiva do Brasil”. A essa perspectiva ufanista, o jornal contrapõe outra cidade, onde vive uma multidão predisposta ao

⁴⁶ Georg Simmel; Siegfried Kracauer, e Walter Benjamin discutem uma concepção neurológica da modernidade caracterizada por choques físicos e perceptivos provocados pelo ambiente urbano moderno. Cf. Charney, Leo, Schwartz, Vanessa R, 2001, p.116.

descontrole, de onde veículos desgovernados se precipitam sobre transeuntes indefesos, cidade onde transitam mendigos, gatunos, rufiões, suadeiras, homicidas. Cidade frenética, ameaçadora, que coloca em cena o desvio, o inesperado, de cujos tentáculos brotam a agressão, a doença, a morte. Essa abordagem “neurológica” da metrópole estimula uma sensação de estranhamento, incita o medo, provoca um sentimento de insegurança que permeará as representações produzidas pelo jornal e, simultaneamente, ao expor as transgressões e os transgressores, indica como recompor a ordem e como domesticar ou eliminar os componentes absurdos da modernidade.

No primeiro capítulo abordaremos as representações que o jornal constrói sobre as camadas populares através da religiosidade.

Nos anos 30, Dom Sebastião Leme, Arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, em um encontro com Assis Chateaubriand, pediu-lhe que dedicasse uma coluna diária ao catolicismo em *O Jornal*, uma vez que este mantinha há anos uma coluna sobre o protestantismo. Chateaubriand, que jamais perdia a oportunidade de obter ganho político, presente ou futuro, garantiu ao prelado que não só o atenderia como eliminaria do seu periódico “todos os gemidos calvinistas e allankardequianos.”⁴⁷

O pedido foi, para Dom Leme, mais uma oportunidade de promover a Igreja no quadro de intenso esforço, encetado pelo processo de romanização do catolicismo brasileiro que vinha ocorrendo desde a metade do século XIX e cujo objetivo era condenar as práticas religiosas vigentes no período colonial, propondo uma transformação radical nas formas de piedade e devoção praticadas pela população tanto rural quanto urbana.⁴⁸ A reforma deveria realizar a unidade, autoridade e disciplina da hierarquia eclesiástica e depurar as práticas da ignorância e das superstições.

A despeito de vitórias significativas obtidas, como a simbólica inauguração da estátua do Cristo Redentor em 1931, e o fortalecimento da imagem do Brasil como um país católico quando da abertura do Ano Carismático, no Estádio do Maracanã, em 1954, as estratégias da romanização não lograram impedir a permanência, o crescimento e a difusão de outras religiões, de outras crenças e do próprio catolicismo popular que se desejava que fosse mais ascético, disciplinado, e comedido.⁴⁹

⁴⁷ Moraes, Fernando, op.cit, p.144.

“O Jornal foi adquirido por Chateaubriand em 1924, no Rio de Janeiro.”

⁴⁸ Cf. Gaeta, Maria Aparecida, 1997.

⁴⁹ A abertura do Ano Eucarístico em 1954 lotou a praça de esportes do Maracanã. A Hora Santa e a Missa campal foram transmitidas pelo rádio para todo o país. Essa abertura foi também uma preparação para o trigésimo sexto, que contou com irrestrito apoio dos poderes públicos e das Forças Armadas. Bandeira,

A Igreja Católica chega, assim, aos anos 50, com a obrigação de enfrentar concorrentes agora já organizados institucionalmente, com condições de lutar firmemente pelo monopólio da vida religiosa e do mercado de bens de salvação. Os números do censo de 1940 já assinalavam a existência no Distrito Federal de 75.149 espíritas; em 1950 o número se elevou para 123.775. Calculava-se em torno de 30 mil o número de Centros Espíritas e de Umbanda. Nos anos 50, em São Paulo, a Umbanda agora já organizada em federações contava com mais de dois terços das unidades religiosas do período, alcançando inclusive, predomínio sobre o Espiritismo, abrangendo média anual de 136,5 Terreiros contra 63,2 Centros Espíritas.⁵⁰

Diante desse quadro e da certeza do crescimento do Espiritismo, revelado pelo censo de 1950, a Igreja criou, em 1952, a CNBB, e em 1953, o Secretariado Nacional de Defesa da Fé e da Moral, nomeando Frei Boaventura Kloppenburg para conduzir a Campanha Nacional Contra a Heresia Espírita.⁵¹

Nesses anos, a Igreja combaterá com o mesmo empenho aqueles que Frei Boaventura Kloppenburg define como os modernos hierofantes: astrólogos, quiromantes, cristaloscopistas, magos, pitões, cartomantes, videntes, adivinhos, bruxos, necromantes, esotéricos, cabalistas. Nesta lista incluem-se os maçons, os divorcistas, os comunistas, os indiferentes que atraem não só gente humilde, como diplomatas, políticos, homens de letras.⁵² Opor-se-á também à tendência pronunciada no nosso povo para uma religiosidade sensível e miraculosa com prejuízo dos verdadeiros valores espirituais internos e supra-sensíveis.⁵³

Nosso objetivo neste capítulo é evidenciar as representações que o *Diário da Noite* constrói sobre as camadas populares ao engajar-se como aliado da Igreja na sua luta pela recuperação do terreno perdido no campo religioso: aliança que atende aos interesses da Igreja e do jornal na medida em que este produz significados que podem intervir nos modos de pensar e nas práticas dos leitores colaborando ao mesmo tempo com uma tendência conservadora da integração nacional.

Com grandes reportagens assinadas por Orlando Criscuolo, não por acaso destacado e popular repórter policial, e também com pequenas notícias disseminadas por seus outros espaços, o jornal traz em suas páginas justamente o universo religioso rechaçado pela Igreja, englobando o espiritismo em todas as suas manifestações: do alto ao baixo, dos médiuns aos

Marina, 2000, p.225.

⁵⁰ Cf. Negrão, Lísias, 1996, p 85.

⁵¹ REB, vol. 13, fasc.3, 1953, p.156.

⁵² REB, vol.18, fasc. 4, 1958, p.944.

⁵³ REB, vol.13, fasc. 4, 1953, p. 843.

país de santo; o catolicismo popular dos milagres, dos santos taumaturgos, das aparições da Virgem e ainda, seitas, messias, e ampla variedade de crenças. Ao evidenciar este universo o jornal não se contrapõe aos objetivos da Igreja, pelo contrário, esta ganhará um poderoso aliado que permitirá um enfrentamento dos concorrentes no seu próprio terreno, ou seja, o da dimensão da vida cotidiana, oferecendo um catolicismo popular de massa que agrega e dispersa rapidamente milhares de pessoas, mais prático, mais afetivo, voltado para a cura mais imediata dos males do corpo e da alma.

Através de uma operação de seleção, descrição e classificação das práticas religiosas o jornal expõe os limites entre a ordem e o desregramento; demarca as fronteiras do extraordinário com o patológico; explicita o processo tenso de inclusão/ exclusão das camadas populares na sociedade brasileira; e contribui para a construção de um discurso nacional homogêneo.

Como meio de comunicação já empresarial, como meio de comunicação massivo, o jornal, ao transformar a religiosidade em notícia, faz dela uma mercadoria que vende, sinalizando também os primórdios da entrada definitiva das religiões na indústria cultural, no mercado de bens simbólicos como um produto altamente competitivo, pois como afirmou o evangélico americano Gim Baker: “Temos um produto melhor que sabão e automóvel. Temos a vida eterna”.⁵⁴

No segundo capítulo discutiremos as representações que o Diário da Noite construiu sobre as camadas populares, através da criminalidade.

No dia 29 de agosto de 1952, foi preso em São Paulo, Benedito Moreira de Carvalho. Chegava ao fim a investigação sobre uma série de 29 crimes sexuais, vários deles seguidos de morte por estrangulamento, a maioria contra menores de idade, praticados entre os anos de 1951-1952, nos bairros periféricos de São Paulo.

A imprensa e particularmente o Diário da Noite cobriram o caso intensa e minuciosamente, abrindo espaço para Benedito; para ele, muito mais do que para seus crimes ou suas vítimas, até o ano de 1976, quando veio a falecer no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha onde ficou internado por medida de segurança devido a sua periculosidade.

Aparece no jornal como Tarado, como o Estrangulador da rua Ponciano, como Anormal, Degenerado, Psicopata ou com o epíteto como ficará mais conhecido: Monstro Loiro e ainda Monstro Loiro de Guaianases, acréscimo importante que ilumina para os leitores o espaço onde habitam ou de onde despontam os monstros.

⁵⁴ Matheus, Gordon, 2001, p.161

A ligação das classes populares com a criminalidade é uma evidência imposta pela sua participação quase que exclusiva como protagonista das páginas policiais dos jornais sensacionalistas dos anos 50, pois o crime, e principalmente o homicídio, transgressão radical da norma, permitem um entendimento dessas camadas como potencialmente ameaçadoras da ordem social.

Nosso intuito neste capítulo é verificar como o Diário da Noite, através de seu noticiário criminal, constrói representações das classes populares que remetem a noções relacionadas com a constituição de teorias, debates e práticas que vinham ocorrendo desde o final do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, sobre as novas formas de gestão do social requeridas pela sociedade industrial.

Do estudo das multidões ao do indivíduo há um esforço de criação científica de normas universais de controle das massas cujo resultado será a separação entre o normal e o anormal que exige classificações tão variadas, individualizadas quanto mais a sociedade é indiferenciada.

A validade deste esforço, sua eficácia, seria ainda melhor garantida se seus resultados pudessem ser transformados em lei. Por isso a relevância dos debates em torno do que seria definido como anormalidade, por isso a discussão em torno do Direito Penal e da Criminologia que surgiu com a publicação em 1876 de *O Homem Delinqüente* de Cesare Lombroso. Ao seu criminoso nato, identificável por estigmas físicos, acoplam-se durante o século XX, saberes sociológicos, pedagógicos, saberes médico-clínicos e médico-psiquiátricos, ampliando o espaço da criminologia, promovendo a avaliação do criminoso mais do que a do crime, problematizando o princípio do livre arbítrio e da responsabilidade penal, trazendo a noção de periculosidade do transgressor e da indeterminação da pena, aproximando o crime da loucura e colocando ambos como problemas relativos à higiene pública.

Este debate não transcorre sem conflito entre as várias especialidades que lutam pela tutela do criminoso, agora uma totalidade visível pelos sinais do corpo, mas também podendo estar encoberto pela loucura lúcida do psicopata, indefinível pela aparência imediata, altamente perigoso porque, imprevisível, geralmente homicida, um monstro moderno.

Na América Latina e no Brasil, a Criminologia obteve ampla acolhida, cuja tradução foi a fundação do Manicômio Judiciário de Franco da Rocha em 1933 e a incorporação pelo Código Penal de 1940, do critério de periculosidade na aplicação da pena e da medida de segurança para avaliar a possibilidade de o criminoso voltar ao convívio social.

O Diário da Noite insere-se no conjunto deste debate ao divulgar diariamente crimes e criminosos classificados pela Criminologia, em sua grande maioria tipos populares identificados pela aparência, geralmente negros e pardos; pelo local de domicílio, geralmente bairros periféricos; ou pelo lugar de origem, basicamente o Nordeste e, agora pela divulgação também de uma ameaça maior: o psicopata, perverso sexual, que coloca em risco não só a vida do outro, mas a integridade moral e familiar, e que se perde invisível na massa que circula na cidade.

Embora o psicopata possa ser qualquer um, o leitor do jornal, pela repetição daqueles perfis, é diariamente estimulado a não esquecer que o criminoso, seja qual for, vive em um bairro de periferia, em um bairro popular.

O jornal ao mesmo tempo em que difunde preceitos da Ciência, colabora para instrumentalizá-la apresentando casos ilustrativos de seus pressupostos e, para reforçá-la utiliza os recursos próprios da grande imprensa e particularmente da mídia sensacionalista: capacidade de difusão massiva do extraordinário; linguagem contundente; imagens perturbadoras; revivescência de antigos temores como o do monstro, figura associada à transgressão das leis sociais e da natureza;⁵⁵ ao grotesco do camponês medieval⁵⁶ e ao demônio.⁵⁷

O noticiário criminal exerce assim, forte pressão sobre o imaginário, provocando medo e insegurança, contribuindo para a aceitação cada vez maior de uma sociedade vigiada, policiada: a dos *shoppings centers*, dos condomínios fechados, dos carros blindados.⁵⁸

Benedito Moreira de Carvalho, o monstro loiro de Guaianases, precursor dos *serial killers* brasileiros, é a tradução de uma das faces do monstro moderno: a que combina violência sem freio com o popular.

⁵⁵ Segundo Michel Foucault, o monstro tem uma longuíssima ascendência às suas costas. Uma delas o define como violação das leis da natureza e das leis da sociedade. Benedito Moreira de Carvalho seria exemplo de uma contra-natureza que desemboca no louco criminoso.

Cf. Foucault, Michel, 2001, p.71-72; 137

⁵⁶ O camponês da alta Idade Média é um monstro quase inumano que reaparece e que a Literatura da Idade Média ulterior continuará a fazer aparecer diante dos jovens e cavaleiros extraviados na floresta, onde o camponês-cortador se encontra no seu ambiente obscuro e bravio, vilões de grande cabeça desgrehada e olhos afastados, com olhar de animal feroz que apareceram a Aucassin e Lancelot.

Cf. Le Goff, Jacques, op.cit,

⁵⁷ É na Baixa Idade Média que o monstro é associado ao demônio, passando a ser entendido como a encarnação do mal, algo essencialmente destrutivo.

Cf. Leite Junior, Jorge. Disponível em: www.comciencia.br

⁵⁸ Sem delinquência não há polícia. Aceitamos entre nós gente de uniforme, armada enquanto nós não temos o direito de o estar, que nos pede documentos, que vem rondar nossas portas. Como isso seria aceitável se não houvesse delinquentes? Ou se não houvesse todos os dias, nos jornais, artigos onde se conta quão numerosos e perigosos são os delinquentes?

Foucault, Michel, 1997, p.138.

No terceiro capítulo, discutiremos as representações que o jornal constrói com relação aos trabalhadores nacionais.

Fome, sede, doença, miséria, morte. Estes foram os cenários que o *Diário da Noite* montou para apresentar aos seus leitores os migrantes nordestinos que fizeram parte juntamente com os mineiros, do grande crescimento populacional da cidade de São Paulo nos anos 50.⁵⁹

A migração do nordeste para São Paulo ocorre desde o início do século XX, mas foi durante a década de 30 que este fluxo avolumou-se, incentivado pelo governo Vargas que limitou em um terço a entrada de trabalhadores estrangeiros por empresa, e pelo governo do estado que estimulou o movimento de mão de obra para as regiões produtoras de café e algodão no oeste de São Paulo e norte do Paraná. Como resultado dessas políticas, do final da década de 30 até 1950, 1.300.000 migrantes foram deslocados para São Paulo, vindos principalmente de Minas Gerais, Bahia, Alagoas e Pernambuco⁶⁰. Entretanto, a precariedade das condições de trabalho e sua intensa sazonalidade transformavam a migração rural/ rural também em rural/ urbana, levando os migrantes a percorrerem diversas propriedades em busca de trabalho para finalmente afluírem à cidade inserindo-se em atividades urbano-industriais⁶¹.

Nos anos seguintes este movimento intensifica-se. O início do processo de modernização do campo no Nordeste, que começa a investir na pecuária e na agricultura mecanizada do algodão, a concentração fundiária, o ciclo das secas, o centro sul industrializado com a promessa de empregos e salários diferenciados, e a extensão da malha ferroviária e rodoviária fomentaram a grande migração da década de 50.⁶² Por outro lado,

⁵⁹ A população da cidade em 1950 é de 2.198.096 habitantes. Em 1954, a cidade já atinge 2.817.600 habitantes. Entre 1950-1970, a cidade triplicou de tamanho e a população de origem nordestina aumentou dez vezes.

Cf. Azevedo, Haroldo de, 1958; Weffort, Francisco, 1979.

Sobre a preponderância dos nordestinos ver também: Batista, D.M.T, 1998.

⁶⁰ Paiva, Odair da Cruz, 2004, p.23

⁶¹ Encontram-se registros de migrantes de origem nordestina na Hospedaria dos Imigrantes desde o início do século XX, mas como havia preferência para o emprego de imigrantes nas atividades fabris, os nacionais dedicavam-se a atividades marginais: camelôs, herbanários, lavadeiras, carroceiros, ambulantes. Nos anos 30 assinala-se a mobilidade dos migrantes que se inseriram em atividades que transcenderam a cafeicultura e a cotonicultura, tanto pelas condições de trabalho, como pela sazonalidade, desembocando na cidade, após muitas andanças.

Cf. Paiva, Odair da Cruz. op. cit. p. 173 e 235.

⁶² A concentração fundiária, concomitante à modernização do campo, somada às mudanças nas relações de trabalho e de poder, provocam uma grande expropriação e estimulam a emigração, agravada nos ciclos das secas. Nesse mesmo tempo o Centro-Sul se transforma em um grande pólo de atração pela demanda de sua economia.

Cf. Castro Gomes, Sueli de, 2006 .

este estímulo foi também uma tentativa de desarticular os movimentos sociais que nesses anos, no Nordeste, se acirram e se politizam gerando, intensificado pela propaganda da Guerra Fria, o medo da reforma agrária e do comunismo.⁶³

Em São Paulo, as greves operárias causam preocupação desde 1930, motivando a política de nacionalização da mão de obra que, ao implantar-se, procurou quebrar o movimento operário sem, no entanto, impedir a continuidade das reivindicações dos trabalhadores, dentre as quais as greves de 1953 e de 1957 são um exemplo.⁶⁴

Durante a década de 50 a migração para São Paulo tornou-se maciça. Entre os anos de 1951-55, o Departamento de Imigração e Colonização registrou a entrada de 762.707 migrantes na cidade, com preponderância de nordestinos que concorrem agora para a formação da classe trabalhadora na São Paulo do pós-guerra.⁶⁵

A Nitro-Química, fábrica inaugurada no bairro de São Miguel Paulista, também conhecido como “Nova Bahia”, emergirá da Segunda Guerra como uma das indústrias mais importantes do país, com mais de 7.000 operários, sendo que 55,41% procediam do Nordeste e de Minas Gerais.⁶⁶

O propósito do capítulo é evidenciar que nas representações que constrói sobre o nordestino, o Diário da Noite destitui a população migrante de qualquer valor positivo, silenciando sobre sua participação no mundo do trabalho, atirando-os na fronteira da civilização com a barbárie, ou mesmo na marginalidade.

Se preceitos desqualificadores quanto ao trabalhador nacional já estavam presentes na literatura e na ciência do século XIX, tais como a indolência, a vadiagem, a fraqueza, o nomadismo; o jornal agora como meio massivo de comunicação amplia suas dimensões, atualiza seus significados, acrescenta novas categorias, incentiva práticas, coloca em ação sentimentos de perplexidade, estranhamento e medo.

O jornal conta um drama cujo início está na manchete de primeira página, desencadeado pela seca, desregramento da natureza que obriga ao êxodo dessas populações. Retirantes, que de vítimas dignas de caridade e já por isso desvalorizados, se transformam em levas, hordas, turbas de flagelados, invasores que ameaçam saquear as cidades.

⁶³ Por exemplo, surgimento das Ligas Camponesas das quais a mais evidente foi a de Pernambuco em 1955.

⁶⁴ Em São Paulo, há nesse período desde manifestações da “panela vazia”, em 1952, até as grandes greves. A greve geral de 1953 mobilizou 300 mil trabalhadores, por aumento de salários; a de 1957, 400 mil. Cf. Koval, Boris, 1982.

⁶⁵ Netto, Antonio Jordão, 1973, p.16.

⁶⁶ Cf. Paiva, Odair da Cruz, op.cit, p.90

Quando chegam a São Paulo, causam apreensão pelo número. São 600 a 700 por dia, alerta um vereador do PDC, em 1952. Molambentos e famélicos, alerta o jornal nesse mesmo ano, que invadem as ruas centrais esmolando, num espetáculo confrangedor. Tornam-se rapidamente criminosos, identificados pelo uso corriqueiro da “peixeira” em ações instintivas e mortais. São ignorantes, não podendo adaptar-se à cultura urbana. Acabam por se concentrar nas favelas, reduto dos párias da cidade.

Retirante, flagelado, favelado, logo desempregado, cada vez mais o migrante deixará de ser solução para ser um incômodo, um problema da esfera do Serviço Social, da psiquiatria, mas principalmente da polícia

O Diário da Noite participa, é porta voz de um esforço conjunto desses poderes, pelo não reconhecimento dos trabalhadores como partícipes do desenvolvimento e da integração nacional tão valorizados no período. Por seu pretendido vínculo com as massas populares, o jornal não se volta abertamente contra suas lutas, mas as coloca de forma a neutralizar seu conteúdo político, a rebaixar seus atores como sujeitos. As greves constantes nesses anos aparecem muito mais como espetáculo sensacional. O que vale é a grande manchete em que o acontecimento fala por si: **“SEM LEITE A CIDADE AMANHÃ”!**

O trabalhador desaparece por um lado e reaparece por outro, reaparece no “Espetáculo Confrangedor” da mendicância, da miséria, da delinquência e do crime protagonizados pelo migrante nordestino. Nesse momento, em que tendências variadas se opunham para indicar caminhos para o país, o Diário da Noite, com todo o poder que lhe proporcionava o fazer parte de um império das comunicações, coloca-se ao lado dos ideólogos de um desenvolvimento nacional atento às lógicas do mercado, antes do que às necessidades sociais, adotando os “valores essenciais, cruéis, às vezes, porém eficazes do projeto capitalista.”⁶⁷

⁶⁷ Konder, Leandro, op cit, p.363

CAPÍTULO I: MILAGRE FALSO – IGREJA VERDADEIRA

1 - Rumores

ROSAS NO CÉU

MILAGRES NA TERRA

TAMBAÚ

O filme de longa metragem que narra com todos os detalhes os últimos acontecimentos de Tambaú. Cine Roxy, Cine Cairo, Cine Mundi, Cine Ipiranga, Cine Palácio.”⁶⁸

Os acontecimentos que nesse mês de junho podiam ser apreciados em suas minúcias no circuito da “Cinelândia paulistana”⁶⁹ sintetizavam para o espectador o grande espetáculo dos milagres que, de novembro de 1954 a maio de 1955, durante sete frenéticos meses, foi protagonizado, pelo Padre Donizetti e por milhares de pessoas, encerrando-se, diante de 100 mil romeiros em lágrimas, com uma bênção e uma chuva de pétalas de flores lançadas por aviões que por mais de três horas sobrevoaram a cidade de Tambaú, local dos milagres e que agora, pelas manchetes do Diário da Noite, tornava-se conhecida como a **Meca dos Desesperados**.⁷⁰

A trajetória sacerdotal do Padre Donizetti Tavares de Lima, nascido em Santa Rita, (Minas Gerais), em janeiro de 1882, iniciou-se no Episcopado de Campinas (São Paulo), onde permaneceu por alguns meses como assessor direto da Cúria. Foi, em seguida, nomeado Vigário da Paróquia de Jaguari, hoje a cidade de Jaguariúna no Estado de São Paulo, e em 1909 tornou-se Vigário de Vargem Grande do Sul, ligada à Diocese de Ribeirão Preto, onde

⁶⁸ Diário da Noite, 8-06-1955.

⁶⁹ Em 1950, os cinemas da área central de São Paulo, abrangendo a Avenida São João, Ipiranga e arredores, já configuravam uma “Cinelândia paulistana”, com padrões técnicos, estéticos e arquitetônicos internacionais. A cidade, neste ano, já possuía 119 cinemas frequentados por 35 milhões de paulistanos por ano. Cf. Meyer, Regina Proserpi. 1990. p. 36.

⁷⁰ Diário da Noite, 31-05-1955.

O Jornal muitas vezes referia-se a Tambaú como a “Meca dos Desesperados”.

ficou por 17 anos. Em 1926 desentendeu-se com as elites locais e foi transferido para o Município de Tambaú, aí permanecendo até a sua morte em 1961.⁷¹

No fim do ano de 1954, após 29 anos de convivência com a Paróquia de Padre Donizetti, a população de Tambaú sabia que ele curava o vício da bebedeira, mordedura de cobra, picada de abelha e dor de dente. Era tido como o “dentista dos caboclinhos”, mas ninguém o distinguia por qualquer ato sobrenatural, e muito menos como um fautor de milagres; portanto, todos se sentiam surpresos diante da grande quantidade de pessoas que chegava diariamente à cidade, nos últimos meses daquele ano, e ninguém sabia ao certo como tudo tinha começado. Diferentes versões entraram em circulação, cada uma tentando indicar a origem dos fatos, cada uma tentando contar os fatos como tinham acontecido. Dentre elas, duas prevaleceram. A primeira refere-se a um desafeto do Padre Donizetti, “coronel” Fontão, na época morador em Vargem Grande do Sul. Sentindo chegar a hora de sua morte, rogou pela presença do sacerdote, pois não haveria de morrer em paz sem uma reconciliação. No mesmo instante, este apareceu, ouviu a confissão e absolveu o agonizante que, aliviado, entregou a alma a Deus. Entretanto, naquele momento, Padre Donizetti encontrava-se também pregando na Igreja de Tambaú. A segunda versão é a de um negociante de Poços de Caldas, João Marcassa, fornecedor de vinhos, que se encontrava com frequência na cidade. Um dia, no mês de março de 1954, conversando com Padre Donizetti, queixou-se das fortes dores no joelho que praticamente o estavam impedindo de andar. Foi tocado, abençoado e curou-se.⁷² Ao regressar para Poços de Caldas divulgou entusiasmado o que tinha se passado: um milagre.

Imediatamente e de forma intensa renovou-se a transmissão oral de informações; o rumor sobre os poderes taumatúrgicos do Padre Donizette alastrou-se⁷³. O boca a boca tradicional desaguou na tecnologia da comunicação de massas, atingindo rapidamente novos espaços, sendo recontado como que por uma infinidade de bocas, enquanto torrentes de romeiros afluíam para Tambaú, transformada agora na “Meca dos Necessitados”. E, Padre

⁷¹ Cf. Santos, Reinaldo dos, 2000, p 62.

Segundo o autor, o Padre Donizetti imiscuiu-se na vida familiar de Antônio Fontão, “coronel” da região, o que determinou sua saída de Vargem Grande do Sul.

⁷² Os acontecimentos de Tambaú tiveram tal repercussão que a Revista Anhembi convidou Maria Izaura Pereira de Queiroz, socióloga da USP, para realizar uma pesquisa de campo. Os resultados de seis dias de estudo foram publicados na revista, de onde foi possível tirar as informações.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira. 1955.

⁷³ Segundo Marc Bloch, o rumor espalha-se, só ganha vida sob a condição de se combinar com os “partis pris” da opinião comum; torna-se então como o espelho em que a consciência coletiva contempla seus próprios traços. Marc. Bloch refere-se aos rumores, produzidos durante a I Guerra, que partiam da retaguarda: cozinheiros, condutores de trens, telefonistas, observadores de artilharia, e chegavam até as trincheiras. Tinham mais credibilidade do que as notícias oficiais e traduziam os medos e esperanças dos soldados.

Cf. Bloch, Marc. 2001. p.106-107.

Donizette, de pároco, benzedor de uma pequena cidade do interior de São Paulo, transformou-se muito rapidamente também em um santo vivo, santo curador e os milagres transformaram-se em fenômeno de massa.

2 - Da Liberdade Viglada à Guerra Santa: Apropriações Culturais

Em um estudo sobre relações culturais na civilização merovíngia, Jacques Le Goff sublinha que todos os historiadores do Cristianismo medieval conhecem o fenômeno da pressão das representações populares sobre a religião dos eruditos. Observa que, embora a iniciativa da cultura eclesiástica fosse de recusa da cultura folclórica, a tática e as práticas evangelizadoras reclamavam um esforço de adaptação cultural do clero com relação à língua (*sermo rusticus*), recurso às formas orais (sermões, cantos); a certos tipos de cerimônias, como procissões, ladainhas; satisfação das demandas da clientela como os milagres encomendados e funções pagãs transmitidos aos santos, entre outros.⁷⁴

No Brasil, desde a chegada dos europeus, tolerância e condenação também se confrontaram, mas as necessidades da catequese praticamente obrigavam os jesuítas a aceitar que os rituais católicos fossem “contaminados” pela cultura indígena.

Segundo Simão de Vasconcelos, o padre Aspicuelta Navarro quando pregava aos índios

Começava a despejar a torrente de sua eloquência, levantando a voz e pregando-lhes os mistérios da Fé; andando em roda deles, batendo o pé; espalmendo as mãos, fazendo as mesmas pausas, quebras e espantos costumados entre seus pregadores, para os agradar e persuadir.⁷⁵

⁷⁴ Por cultura folclórica, J. Le Goff entende a camada profunda da cultura tradicional, subjacente em toda sociedade histórica. A identificação e análise desta camada são delicadas por estarem recheadas de contribuições históricas discordantes pela idade e pela natureza. No seu estudo vai tentar evidenciar o extrato da camada de cultura “superior” greco-romana que marcou a cultura folclórica. A cultura eclesiástica recusa a cultura folclórica por destruição: destruição dos templos, ídolos e proscrição de temas folclóricos da literatura; por obliteração: sobreposição dos temas, das práticas, dos monumentos e dos personagens cristãos a antecessores pagãos. A cultura clerical encobre, oculta, elimina a cultura folclórica. E finalmente a recusa se dá por desnaturação: os temas folclóricos mudam radicalmente de significado nos seus substitutos cristãos. Cf. Le Goff, Jacques. Op. cit. p. 212-214, nota 21.

⁷⁵ VASCONCELOS, Simão de. 1985. p. 55.

Nas procissões, durante o século XVI, os participantes usavam colares de penas e os índios integravam bailados,⁷⁶ o que não impedia Manoel da Nóbrega de considerar que

É de grande maravilha haver Deus entregue terra tão boa, tamanho tempo, a gente tão inculta porque nenhum Deus têm certo, e qualquer que lhes digam ser Deus o acreditam, regendo-se todos por inclinações e apetites sensuais, que está sempre inclinada ao mal, sem conselho nem prudência.⁷⁷

Em 1761, em Guaratinguetá, o comissário do Santo Ofício e Cônego da Catedral de São Paulo, escandalizado com a “união do profano com o sagrado”, proibiu o uso da imagem do Menino Deus na Festa do Espírito Santo.⁷⁸

Nestas práticas, dentre de uma infinidade de outras, convivem de forma tensa, apropriações culturais mútuas, onde se confrontam o controle e a invenção; imposição de sentido e produção de novos sentidos, cada qual criando recursos próprios, promovendo ações, pluralidade de usos, diversidade de compreensão, multiplicidade de interpretações, que estão relacionadas com a identidade sócio-histórica dos sujeitos envolvidos, posicionando as apropriações culturais em um campo de lutas.⁷⁹ Entretanto, desde meados do século XIX, a Igreja brasileira, mostrando-se menos dispostas às convivências e negociações, lançará uma ofensiva contra as formas de religiosidade contraditórias com a proposta da hierarquia clerical.

⁷⁶ Cf. LEITE, Serafim. 1938.

⁷⁷ NÓBREGA, Manoel. 1886. p. 63.

⁷⁸ Cf. MAYNARD, Araújo Alceu. 1959.

⁷⁹ Roger Chartier utiliza o termo “apropriação” distinguindo o seu uso de outros autores e ao mesmo tempo recuperando-os. Para Michel Foucault, apropriação é a vontade por parte de uma comunidade, qualquer que seja sua natureza, de estabelecer um monopólio sobre a formação e circulação de discursos. É uma primeira realidade da apropriação e é a definição etimológica: apropriação como propriedade, como controle e como monopólio. Aponta também o sentido, quase inverso de Paul Ricoeur: a atualização do texto na leitura que se abre à relação entre mundo do texto, tal como o propõem a ficção ou a história; e o mundo do leitor que se apropria dele (atualiza e realiza o texto) e o recebe, de maneira que se modifiquem sua concepção, sua visão ou sua representação do tempo, do indivíduo, do sujeito. Para Roger Chartier trata-se de apropriação no sentido de fazer algo com o que se recebe. Utiliza o termo no sentido da pluralidade de usos, de interpretações e compreensão dos textos, o que significa seguir a definição hermenêutica, mas com conteúdo sócio-histórico particular, não como fenômeno universal, invariável, abstrato. Da definição foucaultiniana mantém a idéia de que este processo de apropriação é desigual. Chartier evita o relativismo que levaria à anulação das relações de dominação e de poder.

Cf. Chartier, Roger, 2001, p.116.

A Santa Sé, sob o choque das revoluções liberais, já havia reformado a Igreja na Europa, postulando uma identidade católica única, uma preponderância da autoridade espiritual da Igreja sobre a sociedade civil.⁸⁰ Seguindo as orientações pontifícias, a Igreja no Brasil vai, por um lado, empenhar-se na realização de uma reforma que se proporá a instituir a disciplina nos quadros clericais, a restaurar a autoridade da hierarquia e promover a unidade de princípios que deveriam reger de forma estrita a crença e os rituais católicos; por outro, vai esforçar-se para substituir o catolicismo luso-brasileiro, leigo, e tido como teoricamente pouco consistente, pelo romanizado; ao mesmo tempo em que combaterá o protestantismo e o espiritismo, presenças preocupantes e já expressivas na sociedade brasileira dos meados do século XIX.

Para lograr seus objetivos, a Igreja voltou-se para assuntos internos; fez vir da Europa novas ordens e congregações, com membros qualificados para lhes servirem de apoio na reforma e instituir seminários “fechados” como único meio para ingressar no sacerdócio; e ainda, restringir o papel dos leigos nas irmandades e confrarias, substituir a devoção aos Santos tradicionais, como São Benedito e Santo Antônio, por outros santos e pela devoção ao Sagrado Coração, florescente na Europa; no lugar das antigas festas, promover a festa litúrgica e retirar as imagens dos oratórios particulares, guardando-as nos templos paroquiais.⁸¹

Ao lado dessas ações concretas que se consolidaram nas primeiras décadas do século XX e que contavam com o apoio dos poderes públicos, difundia-se um discurso que colocava qualquer manifestação do catolicismo não-romanizado como fruto da ignorância e da superstição, discurso que permanecerá indelével até os anos 1960.⁸²

Um paradigma sacramental e clerical deveria, portanto, erradicar os elementos espúrios e regenerar o mundo católico. A desordem oriunda do mundo da ignorância deveria ser eliminada, pois se julgava que as sociedades civilizadas não encerravam heterogeneidade

⁸⁰ Cf. Gaeta, M. A. J. U, 1997.

⁸¹ O processo de romanização do catolicismo brasileiro está ligado à reforma da Igreja Católica na Europa, levando à centralização do seu governo pela Santa Sé. Mas pode ser visto como um processo correlato ao movimento de unificação nacional e de estruturação da sociedade brasileira com base no sistema agrário-exportador ocorrido após a proclamação da independência.

Cf. Oliveira, Pedro A. Ribeiro, 1978, p.13.

Sobre as ações romanizadoras conferir as páginas 19-21.

⁸² Só a partir dos anos 1960, a classificação do catolicismo do povo como “ignorância religiosa” começou a ser questionada. Como dizia muito incisivamente Comblin, o povo não se interessa pela catequese porque não sente falta de conhecimentos religiosos. Nós achamos que eles estão precisando de catequese. Mas eles não se acham ignorantes em matéria religiosa. Ao invés, eles acham que, em assuntos religiosos, sabem todas as coisas necessárias para a vida.

Idem, p.23.

cultural e religiosa marcantes; a homogeneidade cultural interna constituiria, certamente, a base de um profundo sentimento de identidade nacional. As imagens da grande nação católica começam a ser projetadas. Segundo esse modo de ver, a espiritualidade seria alcançada se os agentes eclesiais assumissem os lugares que até então estavam nas mãos de leigos, sendo investidos da autoridade necessária a esse fim. Sob a liderança clerical, a harmonia do conjunto seria uma decorrência natural.⁸³

Os objetivos do catolicismo brasileiro foram consolidados nos anos 1930, sob a liderança astuta de Dom Sebastião Leme, Cardeal do Rio de Janeiro, que desempenhou papel fundamental como articulador político das propostas da Igreja junto ao Estado e à sociedade. Para o Cardeal, este país de índole católica, que estava se transformando, não poderia entrar em dispersão. O Brasil moderno só poderia ser pensado como um Brasil cristão: “Uma só alma, um só coração.”⁸⁴ A força desta divisa foi coroada pela mobilização popular com apoio irrestrito dos poderes públicos aos Congressos Eucarísticos realizados em 1922 no Rio de Janeiro, e em 1933 em Salvador; pela inauguração, em 1931, do monumento ao Cristo Redentor e pela aclamação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil. Porém, este esforço para constituir um bloco católico homogêneo não foi suficiente para eliminar essa religiosidade multifacetada, em que se mesclavam aos ritos eclesiásticos elementos das culturas européia, indígena e negra.⁸⁵ Pelo contrário, perdura um confronto constante nas décadas de 1930 e 1940, desembocando nos anos 1950 em uma verdadeira guerra santa, que trouxe para o campo dos inimigos da hierarquia clerical, não só a continuidade da ignorância e das crendices, contidos no catolicismo popular, como a permanência e crescimento do protestantismo, do espiritualismo de Allan Kardec, das religiões pentecostais, da umbanda, e das neo-pentecostais, que pela sua expansão, institucionalização e capacidade de difusão, tornaram-se decididas concorrentes pelo monopólio da vida religiosa brasileira.

A Igreja realiza estudos, compilam-se dados. Os números assustam. A inquietação não é nova, mas adquire, no pós-guerra, contornos catastróficos.

⁸³ Cf. Gaeta, M. A. J. U, 1997, op.cit, p. 4

⁸⁴ D. Sebastião Leme foi Bispo Auxiliar do Cardeal Arcoverde (RJ) em 1911; Arcebispo de Olinda e Recife em 1916; Arcebispo-Coadjutor do Cardeal Arcoverde em 1921 (RJ) e Cardeal em 1930.

Bandeira, Marina, op.cit, p.36

Cor unum et anima uma: divisão do brasão episcopal de D. Leme.

Cf. Dias, Romualdo, 1996, p.52.

⁸⁵ Nossa religiosidade, “branca, negra, indígena, refundiu espiritualidades diversas num todo absolutamente específico e simultaneamente multifacetado.

Cf. Souza, Laura de Mello e, 1986, p. 88.

Em 1922, por ocasião do Congresso Eucarístico, o Dr. Mário Alcântara, refletindo sobre “os males do nosso tempo”, denunciava a presença dos metodistas no Brasil; americanos que chegaram com dólares e a Bíblia para denegrir a Igreja e o clero, comprometendo a unidade nacional.⁸⁶

Em 1945, padre Agnelo Rossi, membro do Secretariado Nacional de Defesa da Fé, publicou um estudo detalhado sobre o protestantismo no Brasil: quem fazia parte, seu número, sua localização e modos de atuar. O próprio autor constata, de certa forma admirado, o intenso proselitismo e organização das “seitas do livre exame”, levado a efeito através de publicações, imprensa, rádio, ensino em seus diversos graus, assistência, beneficência, associações, sociedades, seminários, trabalhos entre os índios, missões em Portugal e na Bolívia, escolas dominicais, extensa divulgação da Bíblia, a Cruzada Nacional de Educação, entre outras atividades. Padre Agnelo conclui o artigo afirmando que:

O Santo Padre tem reiteradamente urgido uma solução para o caso protestante no Brasil, porque realmente esta questão assume aspectos impressionantes e porque a Divina Providência nos colocou de atalaia no Secretariado Nacional da Defesa da Fé, esperamos que esta modesta colaboração sirva, a quantos ainda não tiveram uma visão panorâmica das seitas no Brasil, para os estimular nos combates em defesa da causa do Cristo Rei e de Sua Santa Igreja.⁸⁷

As preocupações de Agnelo Rossi serão corroboradas pelo censo de 1950, cujos números atestam o crescimento do espiritismo. Em 1952, Frei Kloppenburg, referindo-se aos dados do censo para o Distrito Federal, fez ecoar um brado de alerta quanto: à proliferação verdadeiramente espantosa desses centros de superstição, leviandade, depravação, degradação moral e loucura, em que se misturam práticas fetichistas e ritos católicos, deuses africanos e santos nossos, doutrinas espíritas e ensinamentos cristãos.⁸⁸

Dessas mútuas apropriações culturais, persistentes no ambiente urbano do Brasil moderno, Frei Kloppenburg, inegável porta-voz da Igreja, dirá que significam o surgimento do:

⁸⁶ Cf. Dias, Romualdo, op. cit, p.115

⁸⁷ Rossi, Agnelo, 1955, p.39.

⁸⁸ Kloppenburg. Boaventura, 1952. p. 87.

tipo religioso híbrido e monstruoso dos que na hora do recenseamento não sabem se são católicos ou espíritas; dos que querem ser católicos de manhã e espíritas à tarde; dos que vão à mesa eucarística do Salvador e assistem à mesa girante do Satanás; dos que identificam os orixás da África com os santos da Igreja; dos que confiam tanto na água benta quanto na água fluídica do Yokaanam.⁸⁹

No seio do próprio catolicismo reinaria o desvio, uma tendência pronunciada para uma religiosidade sensível e miraculosa. Segundo Frei Boaventura, devido à ignorância religiosa do nosso povo, o sensível, tem entre nós, um aspecto demasiadamente forte e mesmo doentio com prejuízo dos valores espirituais internos e supra-sensíveis. A devoção aos santos populares, particularmente a São Jorge, São Cosme e Damião, São Sebastião, Santo Antônio e outros, degenerou-se, em grande parte, em verdadeiras superstições e credence. O “santo” teria ocupado entre nós um lugar demasiadamente central em muitas mentalidades, sendo mesmo identificado com divindades pagãs.⁹⁰

O “hibridismo” religioso, o crescimento das “seitas”, e a ignorância popular que levarão a Igreja a ver contestada a sua hegemonia, num momento delicado de transição pelo qual passava o país, serão algumas das bases sobre as quais será criada, em outubro de 1952, a CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Nos estudos preparatórios para sua implantação, Monsenhor Helder Câmara, um dos mentores do projeto, ressalta que o comunismo e a heresia são graves problemas da Igreja no Brasil, assinalando, quanto ao comunismo, que seria necessário criar uma situação econômica razoável para todos, e afirmar, tanto junto aos operários, como aos patrões, o autêntico espírito cristão. Quanto às heresias, afirma que, num país de indiscutível ignorância religiosa seria necessário o esforço de formação cristã no meio rural, operário, estudantil, universitário e independente, para atacar na fonte o espiritismo e o protestantismo.⁹¹

Em 1953, durante a primeira reunião da CNBB, realizada em Belém do Pará, o Episcopado adotou uma Campanha Nacional contra a Heresia Espírita e convidou frei Kloppenburg para chefiar a seção anti-espírita do Secretariado Nacional da Defesa da Fé e da

⁸⁹ Ibid. p. 105.

⁹⁰ Kloppenburg, Boaventura, 1953, p.849.

⁹¹ Na data de fundação da CNBB, em outubro de 1952, Dom Helder Câmara, agora Bispo Auxiliar, foi escolhido para Secretário-Geral. Em 1955, o Papa Pio XII, em mensagem enviada para a reunião preparatória de criação do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano) no Rio de Janeiro, reafirmou a importância das lutas contra o comunismo e as heresias. Cf. BANDEIRA, Marina, op. cit. p. 221.

Moral.⁹² O Cardeal Helder Câmara incumbiu Frei Boaventura de realizar pesquisas de campo, e, para melhor desempenho, autorizou-o a realizar as investigações sem as vestes clericais.⁹³ O resultado do trabalho foi um inventário detalhado das religiões presentes naquele momento, incluindo as práticas católicas, que serviriam para municiar a Igreja no embate contra seus oponentes, cujo objetivo era “deter a negra mancha do espiritismo e purificar sempre mais o catolicismo de um povo que, perguntado, faz questão de declarar que é católico”.⁹⁴

As conclusões desses estudos, frutos de reflexões realizadas no “tempo quente”, levaram a Igreja a constatar a presença mais forte do que nunca de uma modernidade desagregadora que exigia ações próprias do estado de guerra, “sem demora, sem impossíveis compromissos, sem pecaminosas contemporizações, sem essa diabólica concórdia e paz que tem como consequência maior desorientação na mente já confusa e atribulada de nosso povo católico”.⁹⁵ Dessa percepção decorre o discurso violento utilizado tanto contra a “heresia espírita”: “perniciossíssimo câncer nacional”, “lobo em pele de cordeiro”, “que anda ao redor como um leão a rugir”, como “contra a ignorância religiosa do povo”.

Entretanto, a evidência empírica que os estudos demonstravam era antes, o advento do pluralismo, da variedade de escolhas, da fluidez da crença – posso ser católico pela manhã e espírita à tarde –; não o surgimento da secularização, mas o surgimento de religiosidades diversas e, tão simples como agora é o crer, a descrença, também se encontra perigosamente presente.

O que os anos 1950 anunciam para as religiões é a perda irremediável da guarda definitiva das almas, cuja fidelidade dependerá, de agora em diante, de constantes confrontos entre concorrentes, das leis do mercado de bens de salvação e da capacidade de difusão de imagem de cada crença.⁹⁶

O Diário da Noite tomará o partido da Igreja na “guerra santa” que se anuncia, trazendo para suas páginas o universo religioso presente no momento, transformando-o em notícia.

⁹² Kloppenburg, Boaventura. op. cit. p. 655.

⁹³ Cf. Negrão, Lísias, op.cit, p. 84.

⁹⁴ Kloppenburg, Boaventura, op.cit, p. 657

⁹⁵ Ibid. p. 656.

⁹⁶ Ver: Bourdieu, Pierre, 1974; Mathews, Gordon, 2002; Martino, Luís Mauro Sá, 2003

Frei Kloppenburg, em 1953, dizia que o objetivo inicial da Campanha contra o Espiritismo era preventivo: “separar os espíritos, delimitar campos, acabar com a confusão católico-espírita”.⁹⁷

O Diário da Noite também irá evidenciar as outras faces dessas metas: distinguir classes, delimitar fronteiras entre a ignorância religiosa e uma religiosidade bem pensante; separar aquela que contribui para o devir histórico de desenvolvimento e integração nacional, de uma religiosidade atávica, perdida em si mesma.

3 - Padre Donizetti: Santo de Casa Não Faz Milagre

O boca a boca, que desde março de 1954 vinha divulgando as curas em Tambaú, eclodiu, no final de novembro, como acontecimento, desde que o Diário da Noite, no dia 29 de novembro, publicou a primeira grande reportagem da imprensa sobre o Padre Lima:

OS PARALÍTICOS ANDAM E OS MUDOS FALAM COM A BÊNÇÃO DO VIGÁRIO

CURAS MILAGROSAS PRATICADAS PELO PADRE LIMA EM TAMBAÚ

Verdadeiras romarias se formam diante da Casa Paroquial.

A parálitica andou depois da bênção do padre – Recuperou a voz e alguns movimentos após ter sido abençoado pelo vigário – Não quer publicidade o padre de Tambaú – Largou a muleta e andou sozinho depois que rezou junto com o padre – Enorme multidão em busca de lenitivo que a fé oferece aos devotos do piedoso sacerdote.⁹⁸

Pierre Nora, ao refletir sobre as metamorfoses do acontecimento, assinala que, na nossa sociedade contemporânea, é por intermédio da mídia que ele marca sua presença. Para que ele exista é preciso que seja conhecido. Para que a morte de Marilyn Monroe seja um acontecimento é necessário e suficiente que milhares de pessoas possam ver nele o drama do *star system*, a infeliz vendedora que se escondia por trás da supervedeta, a tragédia da beleza

⁹⁷ Kloppenburg, Boaventura. Op. cit. p. 656

⁹⁸ Diário da Noite, 29-11-1954

interrompida, a infelicidade da existência mais dissimulada, a futilidade de qualquer sucesso. Assinala também que a afinidade entre os acontecimentos e os meios de comunicação que os tornam conhecidos é tão intensa que eles nos parecem inseparáveis.⁹⁹

Foi o que aconteceu com o Padre Donizetti. O seu aparecimento enquanto taumaturgo e o Diário da Noite estão de tal forma ligados, que se poderia afirmar que o Padre Donizetti foi produzido pelo Diário da Noite.

No final de novembro de 1954, o jornal enviou a Tambaú seu mais renomado e popular repórter policial, Orlando Criscuolo, com a missão de relatar o que estava ocorrendo na cidade.¹⁰⁰ A partir desta primeira reportagem, o jornal principia a construção de um fenômeno de massa que, naquele momento, traduziu-se pela articulação entre uma intensa divulgação da imagem do Padre Donizetti, tornando-a rapidamente conhecida; a promoção da participação massiva do público nos eventos de Tambaú; a mobilização contínua de sentimentos e os objetivos políticos e interesses comerciais, de forma que o jornal, ao mesmo tempo em que relata o que aconteceu, institui e edita o acontecimento, propondo ao leitor uma forma de compreensão do real.¹⁰¹

O Diário da Noite contará uma história cativante, insólita, surpreendente, que pinça as emoções do leitor, que abre brechas na passividade gerada pela mesmice do cotidiano, trazendo a esperança de uma vida melhor para aqueles cujo padecimento, já instalado, parecia irremediável e para outros a expectativa de que a fatalidade pudesse ser driblada pelo acontecimento maravilhoso. É uma história de milagre, esse surgimento do inesperado na ordem do natural, que, aqui irrompe, pela força da antiga crença no poder mágico do toque entre dois corpos e pelo gesto cristão da bênção.¹⁰²

⁹⁹ Cf. Nora Pierre, 1978.

¹⁰⁰ Segundo o jornalista Carlos Rangel, os repórteres que faziam “polícia” ganhavam os melhores salários e eram muito populares. Orlando Criscuolo, seria tão popular quanto Frank Sinatra quando saía na rua.

Cf. Carneiro, Glauco. op cit. p. 463

¹⁰¹ Sob o ponto de vista descritivo, a sociedade de massa pode ser definida como uma sociedade em que a grande maioria da população se acha envolvida, seguindo modelos de comportamento generalizados, na produção em larga escala, na distribuição e consumo de bens e serviços, tomando igualmente parte na sua vida política, mediante padrões generalizados de participação e na vida cultural, através do uso dos meios de comunicação de massa.

Cf. Bobio, Norberto, 1995, p.1211.

Segundo Pierre Nora, nessa sociedade, os fossos culturais tendem a desaparecer, estabelecendo uma hierarquia mais estável no universo dos media. É para todos que um campeão de esqui ultrapassa um recorde, é para todos que um carro de combate israelense se afunda no deserto.

Cf. Nora, Pierre, op.cit, p.86

¹⁰² Marc Bloch, ao referir-se aos poderes dos reis-médicos medievais, afirma que eles reproduziam os atos imutáveis que uma longa tradição, popularizada graças às vidas dos santos, atribuíam aos taumaturgos. Tal como faziam os pios curandeiros, os reis tocavam com as mãos as partes infectadas dos doentes. Repetiam, assim, um costume oriundo de uma das mais velhas crenças da humanidade: a de que através do toque se

Padre Donizetti, o taumaturgo, no entanto, destaca-se na história, como instrumento de um ser superior que a ele confiou o poder de curar males do corpo e aflições da alma. É um bom e humilde velhinho, discreto, que só faz o bem, e obediente unicamente aos mandamentos de Deus. Tem todos os atributos formais de um santo. Ele próprio acentua que nada seria possível sem a fé daqueles que o procuram.¹⁰³

A reportagem de 29 de novembro de 1954, de primeira página, com manchete e lide sensacionalistas,¹⁰⁴ chama a atenção para o milagre, mas assinala que a matéria:

não tem por finalidade senão mostrar aos nossos leitores a força imensa e assombrosa da fé. Nesta cidade, um padre de extraordinárias virtudes está empolgando a população local, e das redondezas que o tem procurado, a fim de encontrar na força de sua fé, lenitivo para as suas dores e remédio para os seus males. Não é evidentemente o Padre Tavares de Lima que cura, mas o poder superior que lhe é atribuído. Como em Lourdes, como em Fátima, se curas há, se pessoas portadoras de certos males são realmente curadas, se melhoram devem à fé que possuem e que depositam em sua intervenção. Tambaú é hoje um centro de atração. Inicialmente devemos informar que o bom padre da paróquia desta cidade não nos quis receber. Não porque seja um homem anti-social, um homem avesso às palestras com jornalistas. Não. O que sucede com o padre é muito simples e até certo ponto elogiável. Ele não quer que se faça, em torno do seu nome, qualquer publicidade. Sua vida religiosa, ele a tem pautado entre a casa paroquial e a igreja, em fazer o bem, espalhar entre seus paroquianos a fé e a esperança, amenizar o sofrimento daqueles que padecem e mitigar a fome daqueles que batem à sua porta à procura de um pedaço de pão. Filho de conceituada família, o Padre Donizetti Tavares de Lima, já agora um velhinho de cabelos brancos, é, segundo a voz unânime da população, a maior riqueza da cidade, o único baluarte onde se assenta a fé daqueles que o cercam ou dos milhares de pessoas que o procuram.

podia transmitir de indivíduo a indivíduo as forças invisíveis. A esse gesto mágico acrescentava-se outro, mas especificamente cristão: o sinal da cruz feito sobre os pacientes ou sobre as feridas destes. Bloch, Marc, 2005, p. 91.

¹⁰³ Diário da Noite, 29-11-1954.

¹⁰⁴ Lide ou lead: abertura de uma notícia ou reportagem, onde se apresenta sucintamente o assunto ou se destaca o fato essencial ou o clímax da história. Resumo inicial, constituído pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no corpo do texto jornalístico. Rabaça, Carlos; Barbosa, Gustavo, 1978.

Se por um lado, o jornal, segue os princípios oficiais da Igreja colocando padre Donizetti como instrumento de Deus, único com poder para realizar milagres, estimulando ao mesmo tempo as manifestações de fé diante de acontecimentos inexplicáveis pela razão, por outro lado, tem que empenhar-se, seguindo os preceitos científicos já conhecidos, em demonstrar a veracidade dos fatos, cumprindo o ideal de objetividade do jornalismo moderno, ganhando assim, a confiança do leitor, aspecto fundamental para a formação de uma aliança entre este e as propostas de sentido que o jornal oferece para a compreensão do real.

A matéria esclarece, assim, que é tudo verdade, trazendo para suas páginas o nome de um médico, “sem convicções religiosas”, Dr. Alex Carrel, que teria comprovado os milagres em Lourdes. Entretanto, a evidencia maior da verdade estava nos testemunhos dos próprios repórteres e no seu método científico: observar e registrar detalhadamente. Era tudo verdade porque “a despeito de o Padre Donizetti dizer que não curava, que não podia curar”, os repórteres que ali estavam puderam “ver coisas realmente espantosas e registrá-las, autenticando sua veracidade”. Esses registros tornam-se assim, também, ex-votos, testemunhos públicos das graças alcançadas, solicitadas por ocasião de uma ruptura imprevista na rotina do cotidiano, exemplificam o poder divino e sua eficácia. O próprio jornal ao transformar-se em uma “Sala dos Milagres” impressa, gera um efeito multiplicador das possibilidades de ampliação da crença.¹⁰⁵

Assim, o jornal registrou o caso de Ermentina Rabelo, residente em Vargem Grande, que tinha perdido a voz havia mais de cinco anos, assim com os movimentos de todos os membros. “Entrou na Casa Paroquial para sair minutos depois rindo, chorando, falando. Os que presenciaram o fato também começaram a chorar. Dona Ermentina, pôde naquele momento, ela mesma, informar aos repórteres o seu nome, a cidade onde morava, a rua e o número de sua casa”.

O mesmo se deu com Dona Maria Secuti Jordão, viúva, com 47 anos de idade, residente à Rua Prudente Moraes, na cidade de Santa Rita do Passa Quatro, que há dez anos foi acometida de um derrame cerebral. Desde então sua perna e seu braço direito ficaram completamente imobilizados. Depois de ser atendida pelo Padre, saiu andando da Casa Paroquial. Ela também chorava e ria e o povo ria e chorava com ela.

Na primeira edição do dia seguinte, 30 de novembro, o jornal confirma que o Padre Donizetti “não é um mistificador” e toma por testemunha ninguém menos que um jornalista,

¹⁰⁵ Sobre ex-votos ver por exemplo: Torres-Londoño, Fernando, 2000, que reflete sobre ex-votos nas devoções contemporânea; Pereira, José Carlos, 2001; M’sili, Marine, op.cit. Essa autora aproxima os relatos sensacionais dos milagres aos ex-votos e aos exempla da hagiografia medieval.

com 30 anos de profissão, Walter Yatoni, redator do jornal “A Imprensa” de Vargem Grande do Sul, que disse poder “jurar por estes cabelos brancos que este homem não é um mistificador. Seu caráter, sua capacidade, sua bondade, sua compreensão e seu acentuado amor pelo próximo não permitem que ele aja em sentido contrário aos interesses da sociedade”.

Nesta mesma edição, o povo chorou novamente junto com a menina Maria José Franco, de quatro anos, da cidade de Campestre, que “nasceu com um par de olhos verdadeiramente lindos, mas era cega das duas vistas. Levada diante do pároco que a benzeu, a menina, como que tomada por uma força estranha, ajoelhou-se e pretendeu rezar, mas como não sabia, o povo em coro rezou por ela. Maria olhou espantada para suas mãozinhas e chorou. Aqueles dois olhinhos que nunca tinham visto a luz do dia estavam vendo agora duas mãozinhas mimosas e impacientes.”

Maria de Lourdes Franceschetti, de Casa Branca, desde a mais tenra idade ficou entre a cama e a cadeira de rodas. “Bastante gorda e abobalhada, entrou na Casa Paroquial carregada e quando saiu, após a bênção, estava andando com suas próprias forças. O povo, em coro, soltou um “oh!” de espanto e admiração e mais uma cura se verificou entre tantas outras, impulsionadas pela fé que Padre Donizetti estava revigorando”.

O jornal assinala também, para que não paire a menor dúvida sobre a veracidade dos fatos, que Padre Donizetti não é taumaturgo de última hora, que seu dom está firmemente ancorado em sua trajetória de vida, por isso estabeleceu um inventário de seus milagres passados que, ele, por humildade, nunca quis revelar, mas que sancionam o presente. São as curas de picadas de abelhas, de dor de dente e de febre; a expulsão de um enxame de marimbondos que teimavam em não deixar uma velha capela de Córrego Fundo; a imagem de Nossa Senhora que se manteve intacta devido à sua reza, por ocasião do incêndio da igreja da cidade em 1939; o dom da ubiqüidade quando, ao mesmo tempo em que atendia um moribundo em Vargem Grande, pregava em Tambaú; até mesmo uma ressurreição teria feito, mas pediu silêncio à família.

Assim, a história que o jornal começa a contar nas duas reportagens de novembro de 1954, narrando estes fatos “inexplicáveis”, “assombrosos”, “espantosos” e, no entanto, verdadeiros, já contém as bases sobre as quais decorrerão as cenas seguintes que não deixarão de reforçar os objetivos iniciais.

O primeiro deles é contribuir para recuperar o terreno perdido pela Igreja, frente aos seus concorrentes, tornando possível a resolução de forma sobrenatural e milagrosa das

aflições quotidianas, pelo incentivo e reabilitação da fé católica. A visibilidade massiva das histórias extraordinárias teria um efeito multiplicador contribuindo para “opor um dique eficaz à expansão da heresia espírita”, como desejava frei Boaventura.

O segundo é manter separados o charlatanismo, a ignorância religiosa, as crendices e as superstições do campo das manifestações religiosas compatíveis com a modernidade, isto é, com a ciência e a racionalidade. O milagre, no universo cristão, definido como intervenção especial de Deus no mundo, com finalidade religiosa, fora da ordem habitual em que se manifesta a atividade de toda a natureza criada, não pode ser explicado cientificamente, mas pode submeter-se aos procedimentos de verificação e comprovação para afirmar sua autenticidade, pois, com o advento da modernidade, a Igreja viu-se na constrangedora situação de ser obrigada a manter a crença no sobrenatural e ao mesmo tempo afastá-la do campo religioso.¹⁰⁶ Rendeu-se à Ciência e medicalizou o milagre.

O jornal colabora com a igreja ao salientar que só Deus tem poderes sobrenaturais e, que Padre Donizetti, a quem ele confiou este poder, está legitimado por seu pertencimento à Instituição clerical formal, pela distinção de sua classe social e por possuir as virtudes inerentes a um santo, como a caridade, fé, esperança, justiça, fortaleza, prudência, sabedoria, temperança, castidade, pobreza, carisma, taumaturgia.¹⁰⁷

Essas indicações do Diário da Noite contribuem para a profilaxia do maravilhoso que, se não pode ser eliminado deve ser controlado e previsível. Atitude que já era da Igreja desde a Idade Média, assim como o enquadramento da santidade nos cânones especificamente clericais.¹⁰⁸

Por último, embora faça relação entre ciência e religião, o Diário da Noite trará para si a tarefa de verificar, comprovar e narrar a verdade das histórias. Não sem razão, o famoso e tarimbado repórter Orlando Criscuolo foi destacado para acompanhar as maravilhas de Tambaú. Como todo repórter de “polícia” era considerado objetivo, um “investigador”, durão, acostumado à rudeza na busca da verdade. Concentrando todo o poder de narrador onisciente

¹⁰⁶ O autor retirou esta definição do Dictionnaire de Théologie Catholique. MOREAU, José Leão. 1958. p. 645.

¹⁰⁷ Virtudes citadas na Constituição Apostólica Divinus Perfectiones Magister. Roma, janeiro de 1983. apud. Santos, Reinaldo dos, 2000, p. 55

¹⁰⁸ Segundo Jacques Le Goff, o maravilhoso cristão, do qual o milagre faz parte, a partir dos séculos XII e XIII, sofre uma tendência racionalizadora que tenta despojá-lo de seu caráter essencial: a imprevisibilidade, de tal forma que quando um santo entra em cena já se sabe o que ele irá fazer. Assiste-se a partir deste momento a um processo de esvaziamento do maravilhoso.

Le Goff, Jacques, 1985, p.25.

Quanto aos santos, muitos não se ajustam aos cânones de Roma, permanecendo, no entanto, objetos de devoção popular, como Antoninho Marmo ou Santa Izildinha.

Santos, Maria de Lourdes dos, 2000, p. 37.

de fatos espantosos, reforça a credibilidade do jornal, ampliando sua possibilidade de exercer influência sobre a opinião do leitor. E as histórias reais, humanas, dramáticas, sofridas, quase todas com final feliz e acompanhadas por uma torrente de lágrimas, aumentavam também a venda do jornal.

Essas proposições iniciais serão alimentadas nos meses seguintes pela provocação de curtos-circuitos nas emoções, pela aceleração do ritmo do tempo do acontecimento, que passa a ser medido pelo instante, pelo aumento do seu volume em pessoas, são milhares; em objetos deixados na Sala dos Milagres, são centenas: óculos, muletas, cadeiras de rodas, aparelhos ortopédicos; milhares de cartas, roupas, garrafas, documentos erguidos na hora da bênção; e principalmente, pelo volume das curas que, segundo o jornal, chegavam a mil e setecentos, atestando o poder da fé.

A cada dia o Diário da Noite promete manter as emoções em ritmo ofegante, com novas histórias, novos desenlaces, novos detalhes. E, com o suspense do “contaremos amanhã”, convida o leitor a participar dos acontecimentos sem refletir, de maneira totalmente afetiva, participar da vida romanceada do jornal entrelaçada com o romance da vida do folhetim:¹⁰⁹

MULTIPLICAM-SE AS CURAS NAS FILAS DE ENFERMOS DE TAMBAÚ

“Chorou a multidão quando a paralítica caminhou – Aumenta dia a dia a afluência de doentes – Mais dois casos assombrosos fotografados pelo Diário da Noite – A menina ouviu depois da bênção do Padre Donizetti de Lima.

Tambaú – Cresce de instante a instante o número de pessoas que afluem a esta cidade trazidas pelas assombrosas curas que se estão verificando na Casa Paroquial, aonde o bondoso Padre Donizetti Tavares de Lima vem dando a bênção a milhares de pessoas que o procuram, cheias de esperança e de fé, como se fosse ele a última tábua de salvação para os males do corpo e da alma. É calmo, paciente e generoso, o velho pároco de 71 anos atende a todos, ministrando-lhes ensinamentos, conduzindo-os no reerguimento do caminho moral, fazendo-os ter fé para a conquista do bem que procuram alcançar e que não raras vezes se tem tornado real.

¹⁰⁹ Como no romance folhetim, a narrativa de jornal, produzida em um registro melodramático, provoca reações subjetivas no leitor. Tende a abolir a distância que o separa do acontecimento e dar-lhe a ilusão que participa ele próprio da ação.
Cf. Meyer, Marlyse, 1996.

A fama do Padre Donizetti Tavares de Lima já alcançou os mais distantes rincões do Brasil, motivo porque a esta cidade tem afluído gente de vários Estados da União que aqui chega em caminhões, ônibus, automóveis e trens.

A fila dos desesperados já agora se estende por centenas de metros e é entre essa massa de aflitos que o repórter encontra homens, mulheres e crianças, portadores das mais estranhas e complicadas doenças.

E estas vão da asma à tuberculose; da paralisia reumática, provocada pela dor, até as suas mais complicadas formas; da sinusite à dor de dentes; da imbecilidade à loucura e da ferida simples ao câncer. Molambos de gente que se arrastam em muletas, se acotovelam com homens de alguma posição que, também se arrastando, esperam, pacientemente, conseguir o milagre de uma cura.”¹¹⁰

O repórter relata em seguida que, nesse dia havia cinco mil pessoas na fila de espera. Pessoas com suor e lágrimas escorrendo pelas faces, transtornadas pelo sofrimento, gritavam contorcendo-se em dores. Uma senhora, Dona Ida Jusse Soares, moradora na Capital, foi fotografada nesse estado. Quando após enorme sacrifício, conseguiu chegar junto ao padre, em poucos instantes as lágrimas de dor, transformaram-se em lágrimas de alegria, sua fisionomia transfigurou-se e, após 18 anos de paralisia, Dona Ida, com um sorriso, saiu andando. A multidão, ao vê-la curada, prorrompeu em gritos, aplausos e soluços.¹¹¹ E o relato segue informando o leitor sobre o aumento do número de pessoas que dia a dia entravam doentes na Casa Paroquial e saíam curadas. Cita os nomes, idade, endereço, descreve os males e os testemunhos dos agraciados, construindo um arquivo com registros dramáticos dos milagres do Padre Donizetti nos quais se combinam, tensão, suspense e alívio:

MARILENA OUVIU

Com quatro anos de idade apenas, Marilena Rodrigues Parra, residente nesta capital, à Rua Antônio de Almeida, 46, foi levada perante o bondoso padre. Marilena nasceu surda. O padre levantou-a nos braços, benzeu-a e esse fez uma pergunta: – Como é seu nome? Marilena? – Não sei – respondeu a menina. E quando a pequerrucha ia saindo carregada pela mãe, o padre chamou seu nome pela segunda vez, voltou a cabecinha para o lado onde estava o sacerdote e sorriu.

¹¹⁰ Diário da Noite, 9-12-1954

¹¹¹ idem

Outros casos assombrosos estão entre os que acabamos de citar, na mais viva demonstração do poder da fé. E tantos e tão sensacionais têm sido os fatos em torno do padre Donizetti Tavares de Lima, que já se tem contado, entre os milhares de pessoas que o procuram, homens portadores de diplomas de escolas superiores. Num sentido geral esta cidade está sendo o palco de acontecimentos que fazem calar os cétricos. E entre estes acontecimentos, conta-se um, aqui denominado de “a multiplicação da comida”, cujos detalhes narraremos em outra reportagem.¹¹²

Ao lê-la, o leitor saberá que o Padre, em fevereiro de 1954, teria saciado a fome de trinta romeiros com alimentação suficiente apenas para sete: **Milagre da Multiplicação da Comida para os Pobres.**

No início do ano de 1955, o jornal informa que mais de 100 mil pessoas já haviam passado pela Casa Paroquial solicitando a benção do padre e que por volta de seis mil chegavam por dia a Tambaú, sem “nenhuma distinção, a não ser o transporte e a roupa”, muitos que já haviam gastado fortunas com especialistas, agora desiludidos com a medicina, “homens e mulheres que representam milhões de cruzeiros,” estavam agora, “de joelhos, genuflexos, transformados nos mais humildes, implorando graças.”¹¹³ Sem distinção, todos choram, todos tremem, todos balbuciam palavras de agradecimento a Deus, num conagraçamento de fé inspirador de uma integração nacional. Em entrevista ao Diário da Noite, no dia primeiro de março de 1955, padre Donizetti afirmou que a Casa Paroquial “tem sido demasiadamente pequena para contar os milhares de fiéis e pagãos que a procuram. Os primeiros trazem no coração a pureza da fé, enquanto que outros, convertidos ao cristianismo, daqui têm saído levando na alma a benção de Deus”. Nessa mesma reportagem, o jornal confirma a ascensão do padre Donizetti junto à população e de forma implícita para as possibilidades políticas desta liderança: **Doentes de Todo o Brasil na Cidade dos Milagres.**

“Em três meses, quatrocentos casos de enfermos que ficaram sãos em Tambaú- Vinte e cinco mil pessoas receberam a benção do padre na manhã de domingo último- Ultrapassa as fronteiras do país a fama do piedoso pároco”.

A reportagem encerra-se com a promessa de narrar no dia seguinte uma “espetacular e emocionante história”. Uma longa história, cheia de minúcias e de mistério, envolvendo um Chevrolet, de cor preta, tipo 41, um senhor de cabelos grisalhos, forte, com chapéu de abas

¹¹² idem

¹¹³ Diário da Noite, 04-01-1955

largas e um lenço de seda em volta do pescoço e, gritos lancinantes de mulher. Tratava-se de uma jovem, filha de abastado fazendeiro de Minas Gerais. Era “um drama de amor contrariado”, que provocou na moça tal estado de loucura que a fez chegar à Casa Paroquial aos urros e com “todos os membros duramente atados por duas fortes correntes de ferro, que lhe rodeavam todo o corpo e se fechavam na altura do pescoço”. Entretanto, assim que “o bondoso pároco colocou a mão esquerda sobre seu ombro e com a direita a altura de sua fronte traçou o sinal da cruz”, os gritos cessaram e ela pode ficar livre das correntes. Esta história “emocionante” que tem por título/ manchete: **“A Louca Furiosa Ficou Completamente Sã Após a Bênção”**, vem acompanhada de outro igualmente significativo: **“Ajoelhada a Multidão Ovacionou o Bom Padre”**. É “espetacular” porque a provocação de um acontecimento extraordinário, o milagre, tem o poder de anular outro e restabelecer a ordem do cotidiano.

Assim, do final de novembro de 1954, até começos de março de 1955, a fama do Padre Lima e a fé por ele difundida saíram do pequeno, e agora caótico espaço de Tambaú, e se espalharam pelo Brasil, nas páginas dos jornais, das revistas, dos programas de rádio, na televisão e nas telas de cinema.

À exceção de uns poucos jornais como *O Estado de São Paulo* e *Folha da Manhã*, com uma ou duas sóbrias reportagens, a imprensa de São Paulo, do interior e de outros Estados, publicou quase que diariamente notícias sobre os milagres de Tambaú. Nas revistas *O Cruzeiro*, *Revista da Semana*, *O Mundo Ilustrado*, saíram grandes reportagens e milhares de folhetos circularam dando conta dos fatos.

Em São Paulo, desde os primeiros dias de maio, *O Poder da Fé*, filme com 1h50minutos de duração, comemorativo da Semana Santa, com cenas tomadas entre os miraculados, passava simultaneamente em sete de cada dez cinemas. Em meados de abril, a televisão inaugurou as primeiras transmissões sobre o Padre Lima. Inúmeras rádios da capital e do interior emitiam programações, e a *Rádio Nacional* transmitia sua bênção, todos os dias, às seis da tarde.¹¹⁴

Maria Izabel Pereira de Queiroz, que esteve em Tambaú por seis dias, nos diz que todo o aparelhamento de transmissão de notícias de que dispõe o Estado de São Paulo estava a serviço do que se passava naquela cidade. Rádio e transmissão oral se completavam. Nas cidades e na zona rural podia-se ouvir diariamente a voz do Padre dando a bênção, a fala entrecortada de emoção dos miraculados, os soluços e exclamações dos circundantes.¹¹⁵

¹¹⁴ Queiroz, M. I. P. 1955; p. 499.

¹¹⁵ Ibid. p. 501.

A mídia se apossou do Padre Donizetti e ele correspondeu a esse apelo, recebendo sempre muito bem os jornalistas, tirando fotos, gravando discos e documentários, demonstrando que além das virtudes de santo possuía também o dom de comunicador de massa, necessário para construir reputação santoral no mundo moderno.

Quando aparecia em frente à Casa Paroquial, diante da multidão, começava por pregar um sermão, em seguida dava a bênção àqueles milhares de pessoas e garrafas d' água.

Passava então a perguntar, em altos brados!

– Quem sarou? Quem ficou são? Respondam e ergam as mãos.

Garrafas e objetos eram largados à pressas no chão, todos os braços se levantaram, todas as vozes replicavam em coro, tivessem ou não seus donos recebido a graça!

– Sarei! Sarei!

– Então palmas para a Religião Católica!

As palmas enchiam o ar.

– Viva Nossa Senhora Aparecida!

– Vivôoooo!

Viva Sua Santidade o Papa!

– Vivôoooo!

– Viva o Cardeal Mota

– Vivôoooo!

– Viva o Bispo Diocesano!

– Vivôoooo! ¹¹⁶

A intensa visibilidade do Padre Donizetti atraiu rapidamente políticos que esperavam, com comícios e fotos, conseguir trunfos nas eleições. Pedro Geraldo Costa, jornalista da Rádio Nacional, que “colou” no padre, tornando-se uma espécie de seu assessor de imprensa, elegeu-se vereador e deputado no período entre 1954-1962.¹¹⁷ Por outro lado, as fotos junto a políticos, como Jânio Quadros, a visita de Adhemar de Barros e de autoridades, incrementavam a credibilidade dos milagres e das pregações sistemáticas do Padre Donizetti contra o espiritismo e o comunismo que já se constituíam numa artilharia eficaz na “Guerra

¹¹⁶ Ibid.

¹¹⁷ Cf. Santos, Reinaldo dos, 2000, p. 142.

Santa” que transcorria. Embora sua fama fosse útil, mantendo a Igreja em um silêncio prudente, vários setores da hierarquia clerical sentiam-se incomodados com o crescente prestígio do taumaturgo, fazendo questão de lembrar os efeitos prejudiciais sobre a autoridade eclesiástica provocados pelo Padre Cícero e, mais recentemente, pelo Padre Eustáquio em Poá (SP).¹¹⁸ Ademais, o próprio Donizetti parecia estar saindo de controle, ao tratar o Cardeal Mota praticamente como igual, e ao emitir opiniões sobre as eleições vindouras.

E, ainda, conforme o mês de março ia passando, Tambaú encontrava-se mais perto da implosão, devastada pela falta de acomodações, de água, de luz, de comida, de segurança, pela alta dos preços, pelo colapso do serviço de coleta de lixo, e pelos milhares de romeiros que chegavam todos os dias, cerca de seis mil, em uma cidade com 4,5 mil habitantes.¹¹⁹

O resultado final destas condições foi o anúncio, desde o dia 27 de março, do fim da bênção, e que acabou por se confirmar para o dia 30 de maio. Ao mesmo tempo, o *Diário da Noite* continuou divulgando os milagres que, em sua maior parte, seguiram o modelo do Novo Testamento, incidindo majoritariamente sobre paráliticos, cegos, surdos e mudos, doenças cujas curas, na nossa modernidade em que o ver alimenta o crer, podiam ser atestadas de imediato, conferindo veracidade ao milagre, traçando um fio de continuidade entre a verdade do Evangelho e a dos acontecimentos presentes.

Por outro lado, para evitar que a taumaturgia em série do Padre Donizetti, 1700 curas em seis meses, se transformasse em mesmice, o jornal foi enfatizando, cada vez mais, a emoção no relato da história, foi produzindo o “efeito lágrima” que confere autenticidade, colocando em relevo o arrebatamento e o conagração da multidão mais do que o próprio milagre.

As reportagens trazem para o leitor, por exemplo, a imagem de uma aglomeração persistente diante da Casa Paroquial, no momento em que, de repente, alguém se punha a gritar: “Sarei! Sarei! Estou bom! Vejam!” Um frenesi eufórico, então, invadia a praça e muitos choravam de emoção.¹²⁰

¹¹⁸ Padre Eustáquio era holandês, sua primeira paróquia foi a de um lugarejo chamado Água Suja. Adquiriu renome de santo pelos milagres que realizava. Por ordem da Igreja, foi transferido para Poá, em 1935. Aí também fez milagres. Poá tornou-se um centro de romarias. Ao afastá-lo a Igreja encontrou resistência, pois onde quer que ele fosse surgiam fiéis em busca de bênçãos. Cf. Queiroz, M.I.P.; op. cit. p. 280

¹¹⁹ A cidade de Tambaú, no ano de 1955, tinha 693 casas e 4,5 mil habitantes. Possuía rede elétrica e telefones. A indústria local era a olaria e a cerâmica, compreendendo 22 fábricas de telhas, 2 de manilhas, 5 de vasos e de louças, 2 de ladrilhos e 1 de estuque. Havia também uma fábrica de tecidos, 1 laticínio e uma almidonaria. Havia comércio, 3 bancos, 1 cinema, 1 hotel e estabelecimentos de ensino. Idem. p. 495.

¹²⁰ *Diário da Noite*, 21-03-1955

Em outra, agora no interior da Casa Paroquial, era uma mulher que gritava muito e balbuciava frases desconexas. Após ser abençoada, parou de gritar, acalmou-se, sorriu, e disse chamar-se Maria de Oliveira, moradora da favela do Canindé. Deu graças a Deus porque agora poderia trabalhar e chorou durante cinco minutos. Foi um instante de emoção. O fotógrafo do jornal precisou colocar a câmera sobre a mesa, tal era seu estado de nervos. Os olhos do acompanhante da moça marejavam de lágrimas.

O indefectível Pedro Geraldo Costa deu dois passos para trás, escondeu o rosto com as mãos e pronunciou um “inacreditável!”; o acompanhante, “isso é espantoso”, “emociona e faz vir lágrimas aos olhos da gente!”.¹²¹

E ainda no interior da Casa, entre soluços, outra mulher pôs-se a gritar: “Ele sarou! Ele vai andar! Ele já está dobrando os joelhos! Olhem meu marido! Deus olhou por nós e ele vai andar!”. Chorava e gritava: “Obrigado Senhor, muito obrigado!”. Nelson Simioni, o marido, há sete dias não andava devido a uma injeção antigripal que lhe havia tolhido o movimento das pernas.¹²²

A infeliz Encarnacion, há três anos não conseguia manter-se nas pernas, além de estar desmemoriada. Graças à interferência dos repórteres do Diário da Noite conseguiu chegar até o Padre Tavares de Lima, que lhe deu a bênção. Pôde, então, erguer-se e lembrou-se de tudo. Os dois homens que a acompanhavam choravam a um só tempo.¹²³

Para adensar ainda mais as emoções, surge a tragédia em várias reportagens sobre acidentes com romeiros nas estradas: sangue e morte no asfalto.

NOVE MORTOS E DEZENOVE FERIDOS

– Caminhão de Romeiros que Deixavam Tambaú Caiu Numa Ribanceira¹²⁴

Choque de Ônibus Entre Campinas e Mogi-Mirim

MORRERAM TRAGICAMENTE A CAMINHO DE TAMBAÚ

¹²¹ Diário da Noite, 25-04-1955 .

¹²² Diário da Noite, 10-05-1955

¹²³ Idem

¹²⁴ Diário da Noite, 01-04-1955

– Três Pessoas Esmagadas Nos Destroços – Quinze Feridos Internados em Campinas ¹²⁵

O jornal promete revelar detalhes impressionantes nos próximos dias.

DEZ MORTOS E TRINTA E NOVE FERIDOS

TRAGÉDIA NA ROMARIA À CIDADE DE TAMBAÚ

– Cenas Impressionantes dentro da Noite – Várias Crianças Entre as Vítimas – Morreu Uma Velhinha Que Havia Sido Curada Pelo Padre – A Noiva que Morreu em Plena Lua de Mel. ¹²⁶

Desde o início de maio, em função do anúncio da suspensão da bênção, o jornal promete uma retrospectiva dos “sensacionais acontecimentos” que ele foi o primeiro a divulgar, promete também a relação dos que se declararam curados na “Meca dos Desesperados”.

A história vai chegando ao seu final.

Durante esse mês, a deputada Conceição da Costa Neves fez aprovar pela Assembléia Legislativa, um requerimento solicitando ao Cardeal Mota que promovesse a vinda do Padre Donizetti para a capital, a fim de abençoar a população no Estádio do Pacaembu. Segundo a deputada, o pedido foi feito em virtude de estar o Padre “maravilhando o povo e despertando-o para uma fé viva que só mesmo a constatação de milagres consegue acordar na alma popular, que pode desviar-se das coisas espirituais, não tanto por culpa própria, mas em virtude da rudeza e embrutecimento da vida moderna.” ¹²⁷

No dia 18, cem cegos dirigiram à Prefeitura de S. Paulo um pedido de condução para Tambaú. Esperavam ser atendidos, porque grande era a esperança que lhes pulsava o coração. ¹²⁸

Desde meados de maio, o jornal concentra-se na onda humana que se aproxima de Tambaú. Descreve as estradas congestionadas, os veículos que não conseguem entrar na cidade, as filas de carros que atingem 5 km, os trens especiais que tiveram que ser colocados à

¹²⁵ Diário da Noite, 03-05-1955

¹²⁶ Diário da Noite, 17-05-1955

¹²⁷ Diário da Noite, 24-05-1955

¹²⁸ Diário da Noite, 18-05-1955

disposição do público, a situação calamitosa de Tambaú, já com risco de epidemias, as pessoas que chegavam a pé.

No dia 20, com a praça da igreja e as ruas adjacentes tomadas por uma “avalanche humana”, 70 mil pessoas receberam a bênção do Padre Donizetti. Nesse mesmo dia, Adhemar de Barros, esposa e genro, chegam a Tambaú em avião particular. Foram recebidos pelo Padre, juntamente com os repórteres do Diário da Noite. Adhemar esperava receber a graça da cura de uma hérnia que, apesar de três cirurgias, ainda o atormentava. Todos os presentes receberam a bênção. O antigo governador de São Paulo afirmou que a simplicidade do Padre Donizetti chega a emocionar de tal forma que, quem dele se aproxima, não pode conter as lágrimas. Dona Leonor também chorou.

E a história chegou ao seu clímax no dia 31:

FINDOU A ROMARIA PELA ESTRADA DO DESESPERO

TAMBAÚ PALCO DOS ÚLTIMOS MILAGRES

CHOROU O PADRE NA ÚLTIMA BÊNÇÃO

CONSEGUI ARREBANHAR PAGÃOS E INCRÉDULOS TRANSVIADOS

COM LÁGRIMAS NOS OLHOS P. LIMA DISSE ADEUS AOS FIÉIS ¹²⁹

Finalmente, no dia 31 de maio de 1955, diante de 100 mil romeiros que choravam, Padre Donizetti, com lágrimas nos olhos, levantou o braço direito e descreveu o sinal da cruz.

Com a voz embargada pela emoção que o invadia, o padre começou:

- Eu mesmo nunca estive longe do meu rebanho. Eu nunca estive distante daqueles que de mim precisaram, eu nunca fugi dos meus compromissos para com Deus ou para com seus filhos. E se meu coração, hoje se enche de alegria e de contentamento, é exatamente porque para o imenso rebanho de Cristo eu consegui,

¹²⁹ Diário da Noite, 31-05-1955

com ajuda de Nossa Senhora Aparecida, trazer centenas de incrédulos, centenas de pagãos e centenas de outros que se haviam transviado.

O bondoso padre falava pausadamente. Com a ponta da manga da batina surrada enxugou as lágrimas que lhe vinham aos olhos, enquanto que a massa contrita, que se mantinha no mais profundo silêncio, também chorava. Muitos e muitos se ajoelharam sobre as pedras duras da rua, outros de pé procuravam devorar com os olhos, somente para si, os benefícios que poderiam vir daquela bênção. Havia naquele meio, homens, mulheres, crianças e velhos, alguns rezando em voz alta, outros em silêncio, amontoados, cheios de fé e de esperança.”

E o Padre Donizetti, na sua última bênção, continuou:

“ Irei recolher-me. Esta casa se fechará a partir desta hora. Não sofri, graças a Deus, nenhum contratempo que viesse determinar a decisão que tomei, por motivos elevados, de encerrar, nesta hora, neste dia, as minhas bênções gerais e públicas. Mas eu estarei na minha clausura, com o pensamento sempre elevado a Deus para que Ele amenize o sofrimento dessa gente desesperada que tem palmilhado as mais compridas estradas para chegar até aqui. Estarei orando por todos. E todos os dias, enquanto eu viver, pedirei a Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, que se compadeça de nós. ¹³⁰

Enquanto uma chuva de flores se derramava sobre a cidade, em meio ao mais completo silêncio, diante dos 100 mil romeiros, Padre Donizetti ergueu o braço direito, e abençoou, pela última vez, os fiéis.

Chega ao final com muita emoção esta história que o jornal contou, que realça a verdade de emoção, que provoca reações irrefletidas. Encanta, deixa sem voz ou faz gritar; paralisa ou desencadeia uma ação impulsional, porque se baseia na experiência pessoal daquele que a vivencia. E, ao mesmo tempo em que é uma verdade individual, ela é também coletiva, pois o que toca o indivíduo se inscreve em valores sociais. ¹³¹

É uma história de “interesse humano”, de vida, de sofrimento, de ação. Este humano, com o qual o leitor é convidado a se identificar, promovendo um conagração afetivo entre

¹³⁰ Diário da Noite, 31-05-1955

¹³¹ Charaudeau, refletindo sobre a questão da verdade nos meios de comunicação, discute, como um dos seus aspectos, a verdade de emoção, que é individual, pois nenhuma razão pode mudar a visão daquele que experiência (basta pensar no pai da criança palestina que morreu em seus braços), e ao mesmo tempo é socializada (não se reage da mesma maneira na França, nos EUA ou nos países árabes. Essa verdade precisa, então, ser confirmada, ao mesmo tempo, por efeitos de autenticidade e pela explicitação de um sistema de valores sociais.

Charaudeau, Patrick, 2006, p.268

o narrador, o leitor e os personagens, todos autores/ atores dessa história real, cujo herói foi o Padre Donizetti, que traçou o fio condutor da trama pela propagação da fé.¹³²

Os personagens secundários foram a multidão e os miraculados que se distinguiram por serem, em sua maioria, de origem popular, evidenciada principalmente pela apresentação de imagens em desarmonia com padrões estéticos já plenamente estabelecidos, que iam do volume da massa corporal, passando pelo aspecto dos dentes, pela transmissão de vivacidade e pelas vestimentas, suscitando no leitor uma apreciação voltada para o grotesco visto como ridículo, que provoca um riso sardônico e que o texto corrobora, como é o caso, por exemplo, da narração da cura de paralisia de Maria de Lourdes Franceschetti, “bastante gorda e com cara de abobalhada.”¹³³ Nesse sentido, abre-se para o leitor outra possibilidade, que não exclui a do envolvimento afetivo, mas que coloca os protagonistas de tal forma que permite também uma leitura mais diretamente ligada a interesses políticos e ideológicos.

Queiroz, no seu estudo, observa que a aglomeração da praça dos milagres era constituída por um “mundaréu de caboclos, de operários, e por uma classe média recém saída do povo”.¹³⁴ Esse contingente que compõe os agraciados e a multidão que os acompanha, aparece no texto do jornal de forma esparsa, mas constante, como constituídos por molambentos, desesperados, sofredores, abobalhados. Desponta também nas páginas do Diário da Noite, através de uma sutil ironia da narrativa, com a qual o jornal constrói um sentido para os acontecimentos, com a condescendência que se deve às crianças e, nas imagens, patéticas, com a rudeza do grotesco, que agora remete ao monstruoso.¹³⁵

A propósito das lágrimas que nestes sete meses acompanharam os protagonistas da história e que produziram um efeito de real, seria interessante realçar que, desde o final do século XIX, surge uma nova economia das emoções. Um estudo de Darwin sobre a expressão

¹³² O jornalismo de interesse humano utiliza uma estética melodramática que apresenta às audiências um “sistema de sentido” que insiste que a política ou a história só interessam na medida em que afetam as suas vidas quotidianas e as suas condições, sentimentos, medos, ansiedades, prazeres. A notícia deve colocar o leitor, não no lugar de puro espectador, mas de envolvimento.

Ponte, Cristina, 2005, p.64-65

¹³³ Diário da Noite, 30-11-1954

¹³⁴ Queiroz, M.I.P, op.cit, p.506

¹³⁵ Os meios de comunicação, por mais que se atenham aos fatos, vão além deles, na medida em que privilegiam este ou aquele aspecto, na medida em que a arte narrativa é suficientemente sutil para permitir persuasões não-declaradas, explicações discretas, efeitos de sentido mais ou menos explícitos ao mesmo tempo que a distração e o prazer.

Cf. Dubied, Annik; Lits, Marc, 1999.

O grotesco e o monstro estão aqui entrelaçados e provocam ao mesmo tempo o riso sardônico, o desprezo e o horror, uma vez que ambos estão já assimilados à anormalidade. Para a passagem do monstro ao anormal ver: Foucault, Michel, op.cit, 2002

Para reflexões sobre o grotesco ver:

Wolfgang, Kayser, 2003; Bakhtin, Mikhail, 2008

das emoções nos homens e nos animais, publicado em 1872, inspirou, na seqüência, um darwinismo das lágrimas, que se propagou baseado em observações que constataram ser o choro mais comum em culturas e indivíduos menos amadurecidos.¹³⁶

Esse modelo não cessou de florescer e, tanto quanto o darwinismo social mostrou-se eficaz nas operações de distinção social através do gosto. O derrame de lágrimas dos cultivados foi ficando cada vez mais restrito à esfera íntima e feminina, enquanto sua manifestação pública denotava uma manifestação rude, de onde emerge um sentimentalismo fácil, semelhante à estupidez.¹³⁷

Assim, aquele “mundaréu de gente” aparece no jornal, de forma sinuosa, como ingênuo, crédulo, sem malícia e mesmo simplório.

A última reportagem do Diário da Noite é, a esse respeito, esclarecedora:

TAMBAÚ SEM MILAGRES

[...] Desde que foi dada a última bênção geral e pública as dezenas de caravanas passaram a retomar o caminho de onde haviam procedido. O próprio Padre Lima pediu que ninguém mais ficasse dentro dos muros de Tambaú. Afirmou que não receberá mais ninguém e solicitou para que todos colaborassem com ele em seu último pedido. Na estação da estrada de ferro, várias composições especiais ficaram aguardando os retirantes. As estradas ficaram coalhadas de veículos, todos retornando ao seu ponto de partida. Às 24 horas Tambaú era uma cidade morta. Ninguém em suas ruas. As luzes de todas as casas estavam apagadas. Depois de sete meses Tambaú dormia. Aquela praça fronteiriça à Casa Paroquial tão conhecida de todos e que comumente estava tomada por verdadeira multidão de desesperados, ficou vazia.

Pela madrugada, quando o repórter esperava que a cidade acordasse para proceder à limpeza prometida e da qual ia tomar parte a própria população de Tambaú, um aleijado atravessou aquela mesma praça. Arrastando-se sobre as muletas surgiu não se sabe de onde e se dirigia para os lados da casa do padre.

– O senhor não foi embora ainda? – Indagamos.

– Não senhor. Não fui e não vou, moro aqui mesmo. Estou indo acordar o prefeito para começarmos a limpar a cidade. O senhor está me fazendo esta

¹³⁶ Cf. Darwin, Charles, 2000

¹³⁷ Cf. Vincent-Buffaut, Anne, 1998

pergunta por que ando sobre estas muletas, não é verdade? Então, o senhor não sabe que santo de casa não faz milagre?¹³⁸

E tão rápido como surgiu, Padre Donizetti desapareceu. O extraordinário é do reino do efêmero, desaparece e o que fica é sempre o mesmo. Dessa história restaram pedaços armazenados na imaginação, prontos para serem acionados, quando necessário para o bom andamento da vida diária.

Nos seus significados mais imediatos traduziram os ganhos que a Igreja obteve, tanto no campo religioso, com a propagação da fé católica, quanto no político, pois a enorme visibilidade dos acontecimentos e o próprio posicionamento do Padre Donizetti, com suas prédicas contra o espiritismo e o comunismo, reforçaram a imagem da Igreja junto aos setores mais conservadores, a Rede Associada, entre eles, com os quais a Igreja estava alinhada, colocando-a como produtora de símbolos da unidade nacional.

Quanto ao Padre Donizetti, o tempo todo gozou de uma liberdade vigiada, sendo suprimido antes que se tornasse por demais perigoso. Após a bênção, retirou-se para um convento fora do Estado de São Paulo. Mais tarde, foi reintegrado à sua paróquia, mas proibido de exercer qualquer tarefa sacerdotal, falecendo em 1961.

O jornal partiu de um rumor e transformou-o em um acontecimento, cuja história de autoria coletiva enfatizou a crença na existência do milagre, na realidade do sobrenatural, permitindo-nos apreciar aqui os indícios de uma cultura de massas “animada por esse duplo movimento do imaginário arremedando o real e do real pegando as cores do imaginário”.¹³⁹ O relato midiático construindo seu próprio relato, em negociação com os nossos imaginários.¹⁴⁰

Ao transformar o milagre e a santidade em notícia, o jornal traz as manifestações de religiosidade para o debate público, onde, na busca por reconhecimento, confrontam-se as várias tendências que constituem o universo do crer.

Nos anos 1950, a Sagrada Congregação dos Ritos, intérprete oficial da Igreja, já havia assimilado preceitos modernos para avaliação do maravilhoso e certificação de santidade. O cânon 2020§7, por exemplo, declara que “os milagres devem ser provados sempre por testemunhas oculares e incontestes”.¹⁴¹ Os jurados devem ser compostos por peritos, sábios e

¹³⁸ Diário da Noite, 01-06-1955

¹³⁹ Morin, Edgar, 1997, p.37

¹⁴⁰ Charaudeau, Patrick, op cit, p. 273

¹⁴¹ Kloppenburg, Boaventura, 1959 .

médicos. O candidato a santo precisa ter realizado ao menos dois milagres com aquelas patentes.

O que esses anos trazem de novo e que o jornal aponta, são os sinais do que será a religiosidade contemporânea, pois as várias tendências em confronto terão que considerar, agora, a pressão das massas e a intervenção das mídias para tomar decisões e elaborar planos de captação de fiéis.

4 - Milagre em Vila Operária É Falso Milagre

Não havia ainda passado uma semana da última bênção do Padre Donizetti quando o maravilhoso irrompeu novamente, agora na Capital, nas suas vilas operárias.

Em Vila Prudente, Vila Maria, Vila Izabel, milagres começaram a acontecer. Com o afastamento do Padre Lima, é como se Nossa Senhora resolvesse atuar soberanamente, sem intermediações, sem negociações, realimentando a fé do povo tão decantada pelos acontecimentos de Tambaú. Porém, a intervenção de Nossa Senhora, na verdade, já parecia estar se anunciando desde aqueles dias.

Uma noite, em Tambaú, logo após a bênção do Padre Donizetti, fez-se um ajuntamento em torno de um homem que mostrava sua garrafa de água benta, dizendo ver Nossa Senhora dentro dela. Tornou-se comum que, a partir de então, muitos romeiros também enxergassem a imagem da Virgem em suas garrafas.¹⁴²

A possibilidade de interlocução direta com a Santa, que persiste, apesar dos apelos do catolicismo romanizado, propiciou essa declaração de independência dos devotos das vilas, que puderam triunfalmente decidir como, onde e quem faria milagres a partir de agora.

Tudo começou quando a Santa fez sua aparição em Vila Prudente. Fausto Rodrigues Marinho estava em casa reunido com a família para comemorar o aniversário da filha de 14 anos. Estavam todos conversando na cozinha quando foram atraídos pelo choro da menina Célia, a filha de uma amiga da casa. Fausto, ao entrar na sala, viu Nossa Senhora Aparecida brilhando; desmaiou de emoção. Seus familiares também viram, e notaram que esta Santa era

¹⁴² Queiroz conta-nos esta passagem quando da sua estadia em Tambaú. Depois da visão do primeiro romeiro, após a bênção, quase todos os possuidores de garrafas se punham a olhar a sua, virando-a contra a luz e resguardando-a com a sombra da mão, e a maioria via nela a imagem. Queiroz, M.I.P, op.cit, p. 57

diferente da que estava no nicho na porta de entrada. Ao verificar o nicho, viram que ele estava vazio.

O rumor propagou-se novamente, iniciando-se pela vizinhança e logo se alastrando pelos bairros adjacentes. Muita gente começou a visitar a Santa, rezar junto dela e curas foram realizadas. Logo em seguida, na Vila Maria, a imagem apareceu em um espelho que refletia na parede fronteira. Aconteceu logo depois que o dono da casa, José Alves de Farias, voltou de Tambaú, ocasionando o mesmo afluxo de romeiros e o milagre das curas. Em Vila Izabel, como em Vila Prudente, a imagem se locomoveu fixando-se em um limoeiro, que se transformou em um espaço de cultos e milagres. Um sacerdote improvisado ungia, com azeite de oliva, todos os crentes que ali chegavam.

A apropriação do direito de diálogo direto com a Santa; a apropriação dos milagres; do poder de determinação dos espaços sagrados e do comando dos ritos por moradores de bairros populares, em torno dos quais já afluía uma multidão, arriscava a libertar o extraordinário, o maravilhoso, do controle dos intérpretes oficiais.

A reação da mídia foi imediata, a conquista popular, efêmera, durou um mês, findo o qual a polícia já havia restabelecido a ordem.

Nas reportagens do Diário da Noite, tudo o que foi narrado como positivo em Tambaú, foi-se transformando no seu contrário. O jornal abandona o melodrama em proveito do realismo. Os repórteres adotam um tom mais discreto e informativo. Afirmam que estiveram na residência do Sr. Fausto Rodrigues Marinho, e que ouviram de todos aqueles que residiam nas imediações, que se sucederam, na casa, curas impressionantes. Entretanto, de tudo que apurou, o jornal divulgou que, no período em que ali esteve, observou que dos milhares de pessoas que buscaram a cura, nenhuma havia obtido a graça divina.¹⁴³

As reportagens seguintes acirram o tom, definindo o movimento religioso das vilas como sendo a negação das práticas e atitudes socialmente positivas e já bem estabelecidas nos anos 50, como higiene, aproveitamento útil do tempo e uso rotineiro da racionalidade. As próprias manchetes e as imagens além de “falarem por si” são acompanhadas por legendas que convidam o leitor a rejeitar totalmente os acontecimentos como se fossem fraudes:

¹⁴³ Diário da Noite, 07-06-1955

ASSUMEM CARÁTER EPIDÊMICO AS APARIÇÕES SOBRENATURAIS

Transformam-se as “vilas” da Capital em “Tambaús metropolitanas” – Imundície, promiscuidade, perda de tempo, exposição pública de mazelas e outros inconvenientes dos “focos de milagres” – História Complicada, envolvendo uma goiabeira, um limoeiro e uma mulher que vomitava cabelos, sapos e até tartarugas. Propagam-se, de boca em boca, os relatos que não se verificaram. Curiosa coincidência essa de, somente as pobres “vilas” da Capital terem sido escolhidas para nela se movimentarem estranhamente simples imagens de gesso.¹⁴⁴

O repórter visitou esses locais. Afirmar que saiu contristado e ao mesmo tempo, indignado com o espetáculo que observou e que descreveu como sendo o de filas imensas de gente doente e de meros curiosos, na maioria de uma pobreza nítida refletida nas fisionomias e nas roupas que enfrentavam longas horas de espera de para chegar perto da “santa milagrosa”. Refere-se à falta de higiene, que “nesses modernos pátios dos milagres é realmente espantosa. O lixo nas ruas não pode ser recolhido, tal a velocidade com que se acumula. Os bares adjacentes, normalmente pouco limpos, estão agora imundos”.¹⁴⁵ Refere-se à promiscuidade irremediável entre milhares de pessoas doentes e sãs, bem como entre portadores de doenças diferentes e muitas vezes altamente contagiosas.

Tanto em Vila Prudente quanto em Vila Izabel, os crentes passam ininterruptamente e beijam fitas coloridas, que pendem das imagens milagreiras. Sempre as mesmas fitas, beijadas por adultos e crianças, homens e mulheres, enfermos ou não. Ainda há mais: os doentes são untados com óleo de cozinha nas partes do corpo afetadas. Um indivíduo arvorado em sacerdote ou em benzedor se encarrega da tarefa, levando os dedos sem parar, do copo de óleo para os olhos, bocas, pernas, ou braços de quantos chegam para obter milagres.¹⁴⁶

E afirma o repórter que, como se tudo isto não bastasse, ocorreria também a perda de tempo. Perda de horas de trabalho por aqueles que dele dependem para ganhar o pão.

¹⁴⁴ Diário da Noite, 13-06-1955

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ Idem.

“Horas preciosas perdidas para um resultado desolador: a perda de mais uma esperança de cura. Escolares também ali permanecem: cabulam as aulas para apreciar o espetáculo inusitado. Soldados da Força Pública foram destacados para policiar esses “santos lugares”. Policiamento necessário não há dúvidas, mas que faz falta em tantos locais despolicidados da capital...”¹⁴⁷

Observa igualmente que se faz propaganda de milagres não realizados. Cita o caso de um japonês quase cego que seria bastante ilustrativo:

“Entrou no quintal da “casa dos milagres” da Vila Santa Izabel, amparado por dois rapazes. Aproximou-se da imagem, teve os olhos – portadores de catarata – untados com óleo de cozinha. Pôs-se a rezar e, passados cerca de vinte minutos, ouviram-se gritos partidos daqueles que o rodeavam: “Milagre! Viva Nossa Senhora Aparecida! Ele está vendo!”.

O repórter foi verificar. Depois de indagar se o homem sabia ler, deu-lhe um jornal. Pediu que lesse uma manchete, o que não foi feito. Interrogado pelo jornalista disse que distinguira apenas o vulto das pessoas, tal como ali chegara. Perguntado então, sobre qual havia sido o milagre, que melhoras notara, respondeu: - “Está mais claro agora”. Concluiu o jornalista que naquela manhã nublada, o sol começava a aparecer, portanto o dia realmente clareara um pouco.

Entretanto, a repercussão do fato, parece ter sido espantosa.

Dez minutos depois, percorríamos a fila dos que aguardavam a sua vez, quando ouvimos o comentário de uma senhora que nada havia assistido: “Um japonês chegou cego e já está lendo o jornal que o moço deu para ele ler!” Basta o alarma “Milagre!” para que, sem qualquer forma de constatação de sua veracidade,

¹⁴⁷ Idem.

transborde para os grupos mais distantes, para as ruas vizinhas, para a cidade toda, o relato completamente falso de um acontecimento que não se verificou...¹⁴⁸

Ainda nesse número, o jornal conta a história de dona Juventina Valente Pacheco, moradora da Vila Izabel, que sofria de uma estranha moléstia: vomitava cabelos, sapos e até tartarugas. Após a cura sua casa foi transformada num “milagradouro”. Ela mesma teria contado que: “desde há oito meses sofria de estranha moléstia. Inexplicavelmente vomitava sapos, tartarugas e maços de cabelo. Chapas radiográficas nada revelaram, médicos nada resolviam. Compareceu então no penúltimo sábado à “Casa da Santa de Vila Prudente”. Lá, ainda vomitou uma estrela de borracha, recebeu uma graça e curou-se. Resolveu levar uma fita de pano, que adornava a Santa, para colocá-la em imagem idêntica existente em sua casa. Ao regressar estranhou: a imagem, habitualmente colocada sobre um armário da copa, mudara-se para uma mesa da cozinha. Na manhã seguinte, nova mudança: a imagem se transferira, misteriosamente, para o quintal. Estava sob um limoeiro.

O repórter afirma que não chegou a ver a árvore, porque se estabeleceu uma infundável romaria, tanto da vizinhança como de gente de fora do bairro e de folha em folha, de talo em talo, de galhinho em galhinho a árvore havia desaparecido.

Transformou-se em amuleto. Separamos um toco emergente do solo e indagamos se se tratava do resto do limoeiro. Não – respondeu o dono da casa – Era uma goiabeira. Sucedeu que, acabado o pé de limão, começaram a arrancar pedaços dela e só restou esse toco. Fetichismo, ignorância, fanatismo de quem carrega pedaços de goiabeira ou de limoeiro e permanece horas e horas em filas intermináveis; má fé ou loucura de quem afirma ter vomitado sapos e tartarugas; volubilidade de quem relata milagres que não viu e não podia ver, porque não ocorreram, fatores outros, com o fito do lucro fácil, tudo isso conduz ao surgimento e à proliferação desses focos de falsos milagres.

Vila Prudente, Vila Maria, Vila Santa Izabel refletem nitidamente o estado de espírito de um povo desesperançado de alcançar, pelos meios normais, remédios para seus inúmeros males.¹⁴⁹

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ Diário da Noite, 07-06-1955

Pode-se constatar que, no intervalo de uma semana entre a última reportagem sobre Padre Donizetti e o início das reportagens sobre os milagres nas vilas operárias, o jornal muda radicalmente a forma de construir a notícia.

Com relação a Tambaú, a opção foi pelo “jornalismo de interesse humano” pelo melodrama, pela autenticidade conferida, pelo “efeito lágrima”, pela verdade produzida pela emoção, identificando o leitor com os participantes do acontecimento.

Com relação às vilas operárias, a opção foi pelo realismo, pela descrição da “vida como ela é”, com o jornalista assumindo o lugar de um observador distanciado e desapassionado da realidade e, por isso, com liberdade para julgar.¹⁵⁰ Não há lugar para o “efeito lágrima”, o leitor é convidado a construir sua opinião baseado na lógica dos fatos, cujo encadeamento é determinado por valores e comportamentos, amplamente difundidos e aceitos pela sociedade. Assim, aquilo que aqui é relevante desde o início, em Tambaú fica encoberto ou aparece apenas no final do processo: falta de higiene, perigo de contágio, desordens. Aqui, são indústrias de milagres cujo único objetivo é a obtenção de lucro. Já nas reportagens sobre Tambaú há omissão completa com relação às esmolas, embora se saiba que foram vultosas, motivo, inclusive, de litígio entre herdeiros do Padre Donizetti.¹⁵¹

Aqui, negação total dos milagres, impiedosamente desconstruídos; lá, com raríssimas exceções, foram todos aceitos, sem verificação. Lá, um padre santo. Aqui, mistificadores. Lá um povo contrito, cujo sofrimento e esperança alimentam a fé. Aqui, fanáticos, ignorantes, malandros.

Com relação ao fanatismo de quem carrega pedaços de goiabeira ou de limoeiro, o jornal não se refere a nenhum ato deste tipo em Tambaú, mas Queiroz conta que presenciou “um ataque brutal às árvores. A primeira atingida foi um cipreste que ficou reduzido a um pequeno espanador de folhas no alto de enorme vara completamente descascada! Todas as

¹⁵⁰ O jornalismo emergente no século XIX e orientado para o relato dos fatos de atualidade vai encontrar no realismo algumas de suas metáforas fundadoras, como a de “espelho da vida”, proposta por Stendhal, ou a sua matéria-prima, os acontecimentos, como mimeses dos seres e das coisas, avançada por Balzac. A grande imprensa é tributária das grandes obras realistas, no ideal de focalização objetiva, na dimensão instrumental da seleção dos fatos e, sobretudo, na apresentação do narrador como onisciente que controla, portanto, os eventos.

Cf. Ponte, Cristina, op. cit, p. 45-46

¹⁵¹ Queiroz, na sua estada em Tambaú, afirma que era voz corrente que o Padre Donizetti já tinha angariado quatro milhões de cruzeiros. Diziam que todas as noites o dinheiro era socado em grandes sacolas e levado para os bancos. Afirma que ela mesma pode verificar que o movimento de esmolas era impressionante.

Cf. Queiroz, M.I.P, op.cit, p. 66

A herança do Padre Donizetti foi motivo de quinze anos de disputa judicial entre a Igreja e os seus parentes. Além das contas bancárias havia imóveis e jóias.

Cf. Santos, Reinaldo dos, op. cit, p.170-173

outras árvores da praça ficaram reduzidas a tôcos.” Conta também, que o próprio Padre Donizetti já não podia sair de casa sob pena de regressar com as vestimentas completamente despedaçadas.¹⁵²

É interessante assinalar que o jornal aproxima as manifestações das vilas operárias das atividades do “baixo espiritismo”. Os locais dos milagres nas vilas são denominados de “redutos”, “fábricas”, ou de “terreiros milagrosos”. A história da mulher que vomitava sapos, tartarugas e maços de cabelo também permite essa aproximação, pois era comum na medicina negra do Brasil que os curandeiros retirassem maços de cabelos e coisas variadas do corpo de indivíduos enfeitiçados.¹⁵³

A seqüência dos acontecimentos foi o que o jornal chamou de “proliferação dos redutos milagrosos”, que se estenderam para Vila Gumercindo, Água Rasa, Itaim, e Vila Nova Conceição.

A reportagem do dia 16 de junho alerta o leitor para a inquietante crise de misticismo que assola as vilas, e para o surgimento de uma nova santa a cada dia, que arrasta romarias para distantes bairros operários. E mais, além das santas, surgem benzedores curadores. Um moleque, munido de um terço e fitas da primeira comunhão, começou a benzer e diz ter curado quatro aleijados.¹⁵⁴ Enquanto isso, os repórteres agem com empenho na tentativa de provar que não há milagres.

O jornal ganha aliados. Toda a movimentação chegou à Assembléia Legislativa. O deputado Hilário Torloni denuncia: “Vi pessoas passando lentamente diante de uma imagem, em Vila Maria, a miséria nacional explorada por espertalhões. É o espetáculo do desespero do nosso povo simples, do misticismo que acorda ciclicamente no espírito dorido e vacilante de nossas camadas mais humildes...

O deputado pergunta para onde vai o dinheiro das esmolas:

“Para onde vai todo esse dinheiro? É a pergunta que dirijo à polícia paulista. À polícia, sim, senhor presidente, porque tais indústrias de milagres são meros casos de polícia. Tais antros precisam ser fechados incontinentes. Humilham nossos foros

¹⁵² Queiroz, M.I.P. op. cit, p. 269, 509,

¹⁵³ Entre os escravos havia feiticeiros curadores, peritos em raizadas, experimentados em magias, hábeis em feitiços. O viajante Nienhot presenciou a cura de um escravo vítima de feitiçaria. Após um ritual, o curandeiro fez uma incisão e retirou do seu corpo uma maçaroca de cabelos e trapos.

Cf. Castro SantoFilho, Licurgo de, 1977, p.136

¹⁵⁴ Cf. Diário da Noite, 16-06-1955

de civilização, ofendem nossas tradições cristãs, e constituem um furto ao bolso do nosso humilde e simplório trabalhador”.¹⁵⁵

Já na Câmara Municipal, o vereador Bruno Filho, afirmando ter visto a Santa, propõe que a Prefeitura construa um barracão para abrigar a família de Vila Maria, que não pôde continuar na casa devido ao afluxo de visitantes. O líder da bancada pessepista, Elias Shamas, protestou e pediu providências às autoridades eclesiásticas e à polícia quanto às possíveis explorações nesses casos de aparições nos bairros.¹⁵⁶

Por fim, o próprio governador, Jânio Quadros, enviou um despacho ao Secretário de Segurança Pública: “General: mande ver estes milagres de perto. Quando o milagre é muito o crente desconfia”.¹⁵⁷

Ao mesmo tempo, os repórteres do Diário da Noite “empenhados na tarefa de desmascarar os falsos milagres”, finalmente afirmam ter convencido o morador da Casa de Vila Maria de que tudo não passava de ilusão de ótica. O resultado foi a intervenção policial, com a retirada do espelho, a dispersão dos romeiros e o fim da “onda de milagres” nas vilas operárias:

NÃO HAVIA NENHUMA SANTA NO ESPELHO CESSARAM HOJE OS “MILAGRES” DA IMAGEM DE VILA MARIA

Alertado pela reportagem do Diário da Noite, o dono da casa procurou a polícia e livrou-se dos crentes. – Dissolvida a fila quilométrica, ante a explicação dos fatos. – Desaparece o primeiro reduto milagreiro da Capital. – “Choveu” dinheiro durante a romaria de vários dias à casa da Rua Sete.¹⁵⁸

Já para a Igreja, esses acontecimentos são manifestações de um maravilhoso inautêntico, porque os verdadeiros fatos maravilhosos apresentam todas as garantias de dignidade, de moralidade e também de comprovação objetiva. Impossível confundi-los com fenômenos de pseudomisticismo. O próprio Santo Ofício, segundo Frei Kloppenburg, alertado contra a demasiada credulidade, aconselhava mais prudência no julgamento sobre o caráter sobrenatural de certas

¹⁵⁵ Diário da Noite, 14-06-1955

¹⁵⁶ Idem.

¹⁵⁷ Diário da Noite, 15-07-1955

¹⁵⁸ Diário da Noite, 17-06-1955

visões ou fenômenos extraordinários, lamentando ainda que “tem havido deplorável desobediência às autoridades eclesiásticas” nesta matéria.¹⁵⁹

Aqui, o Diário da Noite convida o leitor a posicionar-se contra aqueles que romperam com as fronteiras do tolerável, contra aqueles que provocaram ranhuras no texto que o jornal tentava construir, ao demonstrar, com suas manifestações sem controle, a imprevisibilidade do acontecimento. Os milagres nas vilas operárias forçaram o jornal a marcar mais claramente os limites da atuação popular assim como as diferenciações sociais.

Por outro lado, o contexto de trabalho do repórter, que modela o conteúdo da notícia e as técnicas herdadas de contar histórias que dão forma às matérias, elementos enfatizados por Darnton com relação ao trabalho do jornalista, se mostraram também, naquele momento, bastante flexíveis para permitir que a eles se adaptassem os interesses políticos e comerciais do jornal, os da Igreja e do Governo do Estado.¹⁶⁰

Ao longo dos anos 1950, o Diário da Noite mantém as manifestações do catolicismo popular na pauta do jornal,¹⁶¹ mais bem aceitas quando não contraditórias com a cultura clerical ou, no caso contrário, lançadas em um não lugar. O estilo do texto das notícias acompanha estas escolhas, estimulando no leitor, ora a comoção e as lágrimas, ora a ironia e o desprezo.

A manutenção da religiosidade como uma espécie de *stand by*, pronta para ser acionada, demonstra a capacidade que o tema tem de mobilizar o universo simbólico e instituir práticas sociais, mantendo sentidos já estabelecidos ou criando novos. Nas páginas do jornal, aparece, assim, uma gama diversificada, uma pluralidade de manifestações religiosas populares que inclui, dos vários modos de presença da Virgem ao surgimento de rezadores, curadores vivos e mortos, salvadores, messias... E, essas manifestações serão tão mais bem aceitas pelo jornal, quanto puderem ser narradas como não oferecendo perigo à ordem pública nem à Igreja, observando-se também os valores de pureza, bondade e espírito de sacrifício, por isso, entre os protagonistas há crianças que simbolizam a inocência, mulheres sofridas,

¹⁵⁹ Kloppenburg, Boaventura, 1952, p.38; Moreau, José Leão, op. cit, p. 645-653

¹⁶⁰ Darnton, ao refletir sobre o trabalho do repórter, ressalta o aspecto do contexto de trabalho e as técnicas de contar, mais do que os interesses econômicos e políticos e seus efeitos no jornalismo. Cf. Darnton, Robert, op. cit. p. 96.

¹⁶¹ Reportamo-nos aqui à forma como frei Boaventura, ou seja, como a Igreja definiu o catolicismo popular: mais sensível, mais prático, voltado para soluções de problemas imediatos.

que após a morte tornaram-se uma espécie de mártires.¹⁶² Mas, o jornal chama também a atenção do leitor para os acontecimentos que seriam protagonizados por vigaristas, aproveitadores, marreteiros, cujo único intuito seria a obtenção de lucro:

EMERGE DAS ÁGUAS DO AÇUDE A IMAGEM DE NOSSA SENHORA

Desde o último domingo a população pinhalense está se interessando com o que ocorre no local denominado Ponte da Maria Joaquina, a mais ou menos 1 km da cidade. O fato é que numerosas pessoas, umas curiosas, outras animadas de fé, acorrem para presenciar a aparição de uma imagem que emerge das águas de um pequeno açude.¹⁶³ Segundo a matéria, desde que a notícia se espalhou, centenas e centenas de pessoas, inclusive de outras cidades, ali chegavam, permanecendo longas horas na esperança de ver a santa.

O jornal afirma que, embora a última palavra seja das autoridades eclesiásticas, segundo depoimentos de pessoas que “não são atrasadas, nem presas de sugestões,” trata-se da imagem de Nossa Senhora. Como exemplos de testemunhos idôneos, o jornal coloca uma irmã de caridade e a professora da escola da cidade que confirmaram a ocorrência da aparição da Virgem, autenticando assim, o acontecimento como verdadeiro.

MILHARES DE PESSOAS À ESPERA DE MILAGRES

No local uma jovem foi assassinada, em 1918, pelo homem que desprezara.

Dezenas e dezenas de quilos de cera retirados todos os dias pela Prefeitura.

¹⁶² Segundo Vauchez, o primeiro modelo de santidade católica foi o mártir, cujo culto enraizou-se naquilo que o cristianismo tinha de mais autêntico e original em relação às outras religiões com as quais entrava em concorrência: o significado da morte, como um nascimento ao lado de Deus e a renovação do sacrifício salutar do único medianeiro. [Cristo]

Vauchez, Andre, 1987, p.212, apud, Santos, Maria de Lourdes dos, 2000

Na religiosidade popular brasileira, são comuns perfis santorais de mulheres e crianças cujas vidas se caracterizaram por sofrimentos e privações.

Ver: Santos, Maria de Lourdes dos, op.cit , p.37

¹⁶³ Diário da Noite, 15-05-1950

Esta matéria conta que na Rua Jorge de Miranda, no bairro da Luz, em 1918, uma jovem foi assassinada por ter rompido o namoro. “O crime impressionou vivamente a população de São Paulo. Pessoas religiosas passaram a acender velas e depositar imagens de santos no local onde tombou morta a jovem que negara ao moço o seu amor.”

A partir de então, espalhou-se a notícia de que o lugar tornara-se milagroso. Um marco de cimento foi erigido no lugar, que passou a ser chamado de “Santa Cruz dos Milagres.” Todas as noites, principalmente às sextas-feiras, desde aquele ano, milhares de velas são acesas e a cera derretida espalha-se pela calçada, de tal forma que a Prefeitura é obrigada a enviar, uma vez por mês, um caminhão para retirar a enorme quantidade de cera que se espalha pela calçada. Ainda segundo o jornal, por várias vezes, o local teria sido interditado, “mas o povo rompe as cordas ou tábuas e prossegue comparecendo ao local onde a jovem tombou morta”.¹⁶⁴

**FUI CURADA PELA SANTA- GRITOU A MULHER EM MEIO DA
MULTIDÃO
ANUNCIADO UM MILAGRE NO MORRO DO JAGUARÉ**

Nessa reportagem, de Abril de 1957, o jornal afirma que em dois dias, mais de 40 mil pessoas já haviam escalado o morro do Jaguaré para ver uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que teria aparecido diante de um menino. Segundo o chefe de policiamento do local, a cada duas horas passavam cerca de 10 mil pessoas pelos cordões de isolamento.

Com a chegada dos repórteres do Diário da Noite e da Rádio Difusora, centenas de pessoas queriam prestar depoimento, afirmando que tinham visto a Santa. Esta inclusive já teria feito um milagre ao curar as feridas das pernas de uma senhora que não andava há onze anos. Uma mulher emocionada tirou fotos e declarou: -“Vi a Santa. Pedi a ela que me arranje um emprego!”¹⁶⁵ O jornalista conclui: “Como nos dias anteriores, grande foi o número de fiéis que afirmaram ter visto a aparição. Cenas verdadeiramente patéticas vêm acontecendo no local.” Informa também, no final da matéria, que os “marretas” conseguiram ludibriar o

¹⁶⁴ Diário da Noite, 14-12-1956

¹⁶⁵ Diário da Noite, 18-04-1957

Jaguaré localiza-se a noroeste da cidade de São Paulo. Na metade do século XX, já era bastante industrializado.

policiamento e exploram o povo vendendo estátuas de Nossa Senhora de Fátima a 50 e 100 cruzeiros e que fruteiros, vendedores de doces e salgados, expõem as mercadorias sem obedecer a nenhum princípio de higiene. “O resultado disso é que as moscas, o pó e outras imundícies passam pelas mãos dos compradores, com sério perigo à saúde de todos”.¹⁶⁶

IMAGEM VERTE SANGUE E O POVO VERTE DINHEIRO POLÍCIA VAI ACABAR COM A INDÚSTRIA DO MILAGRE

As autoridades policiais deverão pôr um ponto final, nestes próximos dias, a autentica indústria do milagre que há duas semanas passou a funcionar na humilde residência de Luiza Destro de Souza, no sítio Pinheirinho, em Guarulhos, próximo ao Rio Tietê, na divisa daquele município com o distrito de São Miguel Paulista.

Enquanto milhares de pessoas são atraídas diariamente àquele local, a fim de ver a imagem de Nossa Senhora, que segundo afirmam Luiza, seu marido, o oleiro Benedito Antônio de Souza e Braz Leonel da Silva, também morador no referido sítio, verte sangue, a polícia vem realizando investigações no sentido de apurar devidamente quais as verdadeiras intenções dos donos da Santa milagrosa”.¹⁶⁷

O leitor do Diário da Noite dos anos 1950 poderá ter contato ainda, durante a década, com as romarias ao túmulo de Maria Jandira, a pecadora de 21 anos, de Campinas, que para purificar-se ateou fogo às vestes, sendo em seguida, considerada santa milagrosa (11-11-1955); com as bênçãos de “Seu Aristides”, o Profeta de Ourinhos, que “tem cura para todos os males e solução para todos os problemas” (15-01-1958); com Dona Maria Benzedeira que socorre os aflitos do Bairro da Casa Verde e adjacências (28-11-1950); com os milagres do menino-santo, Wilmar, do Paraná, agora residindo no Bairro de Guayanases, que realiza curas pelas preces a Nossa Senhora de Fátima (27-03-1958); com o “Iluminado,” de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, que com água benta faz os cegos enxergarem e os paralíticos andarem (13-11-1950); com o “Novo Messias”, de Taquaritinga que pretende “prosseguir a obra de Cristo” (05-03-1959); com o “Novo Salvador,” do Bairro do Tatuapé, que vai “salvar a humanidade da destruição” (22-01-1960).

¹⁶⁶ Diário da Noite, 18-04-1957

¹⁶⁷ Diário da Noite, 05-08-1960

A presença constante no jornal de manifestações religiosas populares fruto de um catolicismo híbrido, diversificado, plural, que põe em relevo a fluidez da fronteira entre o sagrado e o profano, agora constantemente renegociada, destaca também, nesses anos de transição, a participação das classes populares na cena política nacional, como problemática.

A condescendência maior que o jornal confere a um tipo de manifestação religiosa popular e a desqualificação ou mesmo criminalização com que concebe outras, são como que ensaios de respostas às perguntas sobre os limites da participação dessas classes, perguntas que transcendem o universo religioso embora a ele estejam ligadas e que se colocam no âmbito mais amplo, da influencia nas decisões políticas, num momento em que estas classes estão postas como oscilando constantemente entre a barbárie e a civilização.

Muito mais do que histórias ingênuas, piegas, ridículas, vendáveis, as histórias que o Diário da Noite conta, ora com razão, ora com emoção, sinalizam para a elite, a necessidade de reconhecimento da força popular e a necessidade de criação de novas formas de controle e, para as camadas populares, propiciam a oportunidade de auto-reconhecimento e possibilidades de criação de novas formas de existência.

5 - Cuidado com Eles

No dia 17 de julho de 1956, o Diário da Noite publicou uma reportagem que tinha por título:

Porque Prosperam As seitas Protestantes No Brasil.

O esclarecimento para o leitor viria do II Encontro Dos Religiosos do Brasil, que estava se realizando na Capital, no Liceu Coração de Jesus, com a participação de sacerdotes de quase todo o país. O primeiro orador a se pronunciar na seção plenária foi o Bispo Agnelo Rossi, do Estado do Rio de Janeiro, que apresentou um relatório sobre a difusão das “seitas protestantes” no país, com dados sobre seu número e suas atividades. Chamou a atenção para o perigo que representava para o espírito cristão dos brasileiros o incremento da atividade dos protestantes que conquistam adeptos por contacto pessoal, pela difusão da Bíblia, da literatura evangélica e pelas escolas mais do que por auxílios materiais aos pobres, como ocorria em

muitos países latino-americanos. Mas não deixou de assinalar, entretanto, que a Cura Divina praticada nas tendas evangélicas vinha conquistando adeptos em São Paulo. Por fim, declarou que o grande aliado do protestantismo no Brasil era a profunda ignorância religiosa do povo.¹⁶⁸

Recuando um pouco no tempo, chegando ao ano anterior, por exemplo, ao mês de Maio de 1955, o leitor que folheasse o jornal poderia deparar-se com o seguinte anúncio veiculado pelo Serviço de Divulgação da Secretária de Segurança Pública: “Quiromantes, macumbeiros, cartomantes, “psicólogos”, ledores de mãos, telepatas, consultores de bola de cristal- todos exploradores da credulidade popular- anunciam audaciosamente que predizem o futuro e que revelam o passado.

Para consecução do seu intento mandam imprimir sugestivos anúncios de propaganda distribuindo-os fartamente pela cidade, principalmente nas casas de família. Entre suas melhores clientelas figuram, muitas vezes, damas da melhor sociedade que não se pejam de recorrer às tais “ciências ocultas”. Todos eles se baseiam na sugestão a que submetem suas vítimas: um ambiente sombrio, com ares de mistério, palavras cabalísticas, um globo de vidro iluminado. Mas o próprio cliente está a lhes contar aquilo que deles espera ouvir. A polícia de costumes mantém constante serviço repressivo contra esses espertalhões, mas é necessário também que o próprio povo a auxilie, não dando ouvidos às pregações dos videntes, escorraçando-os de suas portas e denunciando-os à autoridade mais próxima.” O anúncio pede para o leitor que **“Tome Cuidado Com Eles”**¹⁶⁹

Alguns anos antes, no início dos anos 50, Frei Kloppenburg publicou um artigo sobre heresia na Revista Eclesiástica Brasileira. Começava explicando o significado da palavra: heresia vem do grego *haíresis* que quer dizer escolha, seleção, preferência. Originariamente significava uma doutrina ou atitude doutrinária oposta ao ensinamento comum. Significa agora para o autor, escolha ou acomodação de alguns textos da Sagrada Escritura, sem tomar em consideração o conjunto, nem ligá-los ao sentir comum e tradicional dos séculos, adaptando os textos selecionados ao gosto, à inclinação e aos conhecimentos pessoais. O “Herege” afirma Frei Kloppenburg, constitui-se a si mesmo suprema autoridade em questão de fé, é ele quem decide do sentido exato da Revelação. Afirmava ainda que para o cristão, o

¹⁶⁸ Diário da Noite, 17-07-1956

¹⁶⁹ Diário da Noite, 14-05-1955

sentido da heresia deve ser o de provar a firmeza da fé, e que está persuadido de que a heresia brasileira atual é o Espiritismo.¹⁷⁰

Se lembrarmos ainda que nos anos 30, Chateaubriand já havia prometido ao Cardeal Leme que eliminaria os gemidos calvinistas e Allankardequianos do seu jornal, e que desde aí suas posições não se modificaram, então é possível ter-se uma noção de quanto o avanço constante de religiosidades e de crenças diversificadas, nos anos 50, preocupava a igreja e do empenho na campanha contra seus oponentes, que conta com a aliança decisiva da imprensa e do Diário da Noite em particular e, agora também, com o apoio de um órgão do porte da Secretária de Segurança Pública do Estado.

A luta pelo monopólio da vida religiosa que vinha acontecendo desde o início de século XX acirra-se após a Segunda Guerra, com a entrada em cena de novas igrejas pentecostais cujo proselitismo afinava-se com a comunicação de massas, passando a crescer rapidamente. Com o apoio financeiro das igrejas norte-americanas, principalmente a International Church of the Foursquare Gospel, no início dos anos 50, surgiram a Cura Divina; Evangelho Quadrangular; o Brasil para Cristo; Deus é Amor e outras, que se juntaram à Congregação Cristã do Brasil e à Assembléia de Deus, representantes do “Pentecostalismo clássico”.¹⁷¹

O incansável Frei Kloppenburg, em 1952, já havia feito uma síntese das heresias existentes no Brasil e contra as quais a fé católica deveria lutar: o Espiritismo Kardecista, o Espiritismo de Umbanda ou Baixo Espiritismo, incluindo no campo de combate todo tipo de “superstições” ou “práticas mágicas” e a esses inimigos veio agora juntar-se o pentecostalismo.

Segundo Boaventura o veneno anticristão e pagão se insinua de Norte a Sul do país: O Censo de 1940 deu para o Distrito Federal 75.149 espíritas professos. Em 1950- apenas 10 anos depois! - o número elevou-se para 123.775. Houve, portanto, em dez anos – apenas no Distrito Federal!- um aumento de 48.626 espíritas professos. Isso sem contar os macumbeiros, umbandistas e quimbandistas...

Apenas em São João Do Meriti (diocese de Petrópolis), existiam 27 centros espíritas oficialmente registrados e uns 360 não registrados, mas funcionando publicamente e mais

¹⁷⁰ Kloppenburg, Boaventura, 1952, op.cit, p. 86.

Boaventura Kloppenburg foi professor de Teologia Dogmática em Petrópolis (1951-1971); redator da Revista Eclesiástica Brasileira; Bispo Auxiliar de Salvador (1982-1986); Bispo de Novo Hamburgo (1986-1995)

¹⁷¹ Cf. Montes Maria Lúcia, 1998, p. 82.

outro 140 centros clandestinos- portanto mais de 500 centros espíritas, sem contar as inúmeras tendas de macumba freqüentadas por gente da alta sociedade e por pessoas em automóveis de chapa branca. Na área do Distrito Federal e do Estado do Rio, contavam-se cerca de 30 mil tendas, centros e terreiros do baixo espiritismo.

“É inegável a proliferação verdadeiramente espantosa desses centros de superstição, leviandade, depravação, degradação moral e loucura.” ¹⁷²

O crescimento dessas “heresias modernas” estaria fatalmente ligado à ignorância religiosa do povo brasileiro, bondoso, mas pouco instruído, devoto dos santos, mas confiante nos poderes mágicos das figas, amuletos, talismãs, mesas girantes. É um povo não habilitado a distinguir a verdade do erro, curioso, saudosos dos seus mortos, e disposto a tudo para obter deles um sinal, ficando assim à mercê da propaganda Kardecista que alega comunicar-se com espíritos desencarnados.¹⁷³

Nosso povo, muitas vezes pobre e desamparado em suas doenças e misérias, propenso às manifestações maravilhosas e, inebriado pela ilusão da resolução simples e rápida para seus problemas deixar-se-ia enganar pela promessa pentecostal da cura divina cuja propaganda o dispensaria de médicos e remédios.

Agnelo Rossi em um estudo sobre o pentecostismo no Brasil reproduz um rito de cura publicado no “Mensageiro da Paz”:

(...) “em todas as reuniões a casa ficava superlotada: na sala de visitas, alcova, varanda, corredores, cozinha, até mesmo no quintal os crentes de joelhos e mesmo muitos em pé clamavam cada um pelo seu “Pentecostes”. Jesus nunca tardou. Em poucos minutos de oração as dependências da casa eram inundadas pelo poder de Deus; o fogo dos céus ardia como uma grande fogueira, abrasando os corações;

¹⁷² Kloppenburg, Boaventura, 1952, op.cit. p. 87.

Em São Paulo ao longo dos anos 50 a umbanda tornou-se predominante dentro do campo religioso mediúnico, com mais de dois terços (68.6%) das 1393 unidades religiosas registradas no período. A Média anual de registros de terreiros foi 136,5 frente a apenas 62,2 centros espíritas. No período a umbanda alcança predomínio sobre o espiritismo.

Cf. Negrão, Lísias, 1996, op.cit, p. 85

¹⁷³ Kloppenburg, Boaventura, 1952, op.cit., p. 97

línguas estranhas, cânticos espirituais, profecias, vozes de súplica e perdão ecoavam de todos os lados produzindo um alegre e emocionante ruído como o de muitas águas. Impelidos pelo Espírito Santo, muitos confessavam suas faltas; pranto, risos e louvores harmoniosos partiam de corações quebrantados ante a majestosa presença do senhor. Grupos em separado buscavam cura divina e, de quando em vez, um grito de louvor e glória partia daquele que recebia a benção que, cheio de júbilo, confessava que Jesus o tinha curado. No término de cada reunião que durava apenas uma e meia hora, das 15 às 16h30min, em cada dia, os crentes saíam todos alegres, glorificando o Senhor pelas muitas bênçãos recebidas. Diversas pessoas vinham para ver a manifestação do poder de Deus e aceitavam Jesus como Salvador. Nessa semana, Jesus batizou 125 crentes com o Espírito Santo e curou dezenas de moléstias, glórias a Jesus”¹⁷⁴

Após analisar outros depoimentos, cônego Agnelo comenta que nesses ritos, os fiéis além de lerem a Bíblia e cantarem de joelhos, em meio a uma alucinação coletiva, gritam invocando a vinda do Espírito Santo. Agitam-se, tremem, contorcem-se, proferindo palavras desconexas, incompreensíveis. Nessas agitações, quedas pelo chão, nesses gritos, lamentos, soluços, choros, risos, nessa balbúrdia infernal, esperam a descida do Espírito Santo. Conclui que o pentecostalismo é um excelente aliado do espiritismo para formar um povo alucinado, fanático, pernicioso à própria pátria.¹⁷⁵

A heresia do Espiritismo de Umbanda, também se aproveitaria da ingenuidade e da ignorância religiosa popular para ampliar seu espaço de atuação e, agindo como lobo em pele de cordeiro, tentaria reintroduzir no Brasil o politeísmo pagão a expensas da preferência do povo por um catolicismo voltado para o imediato, o sensível, o externo.

Assim, pode-se observar, por exemplo, acompanhando a festa de São Jorge, uma procissão de umbanda, com estátua de São Jorge ao ritmo da banda militar; na festa de São Cosme e Damião, crianças vestidas de azul e rosa, assistem primeiro à missa na igreja, e depois se dirigem ao terreiro para participar do ritual africano que cultua Ibegi, Deus protetor das crianças.¹⁷⁶

É preciso então, abrir os olhos do povo e mostrar que por trás de cada senhor do Bonfim está Oxalá ou Obatalá, está a magia e a feitiçaria. E por último, a ignorância religiosa e a credulidade ingênua do povo seriam responsáveis pela proliferação das superstições que

¹⁷⁴ Rossi, Agnello, 1952, p. 779

¹⁷⁵ Idem, p.780.

¹⁷⁶ Cf. Kloppenburg, Boaventura, 1954.

nada mais são do que práticas vãs, extravagantes, grotescas que incentivariam o fanatismo e o fatalismo.

Frei Boaventura elucida a diferença entre o religioso e o supersticioso, afirmando que o religioso suplica para desapegar-se cada vez mais das coisas da terra, enquanto que o supersticioso reza pedindo sorte no dinheiro, no amor e na saúde; o religioso ocupa-se com a alma, o supersticioso só conhece o corpo; o religioso pensa no céu, o supersticioso coloca sua segurança nos amuletos. Um é todo para dentro, para cima, e para o além; outro é para fora, para baixo e para o aquém.¹⁷⁷

Foi diante deste quadro extremamente hostil para a fé católica que o Episcopado Nacional recomendou para a Campanha Nacional Contra a Heresia Espírita: a intensificação da instrução religiosa, acentuando a primazia do espiritual e interno sobre o sensível e externo; esclarecimentos sobre o pecado da magia, sobre as superstições e sobre o sentido dos sacramentais; aproveitamento das devoções populares para instruir o povo; proibição expressa, nas festas, dos santos explorados pelo espiritismo, proibição de tudo o que leva à superstição, como a distribuição ou venda de “respostas” de santos, distribuição de medidas de imagens, conhecidas como medidas de santos e critério e moderação na venda e benção de estátuas e quadros de santos, principalmente de São Jorge e São Cosme e Damião.¹⁷⁸

Nessa guerra santa pela reconquista de espaço no terreno religioso que perpassou a década de 50, a igreja contou com o apoio de toda a grande imprensa como se apenas o catolicismo pudesse cimentar a unidade nacional, contra a tendência corrosiva de todas as outras religiões.

O conservador “O Estado de São Paulo,” do dia 11 de janeiro de 1958 anunciava:

A Macumba e a Civilização são Inconciliáveis.

O popular “Última Hora São Paulo”, do dia 9 de dezembro de 1952 saiu com a manchete:

Terreiro de Macumba Cercado pela Polícia. Dançavam seminus com facas e velas na mão. -Chegou a polícia, meus irmãos. Parem a macumba que a cana é geral.

¹⁷⁷ Kloppenburg, Boaventura, 1958, op.cit, p. 701.

¹⁷⁸ Kloppenburg, Boaventura, 1954, op.cit, p. 312.

E o também popular “Diário da Noite” de 10 de março de 1958:

Sebastião Galdino Não Se Emenda Mesmo. Macumbeiro E Gatuno Saiu Da Penitenciária Mas Voltou ao Crime.

Duas Mundanas Se Desavieram. Fez Macumba Com a Rival e Foi Anavallhada sem Dó. Helena Roubou Companheiro De “Chulipa” - Não Gostou Da Feitiçaria.¹⁷⁹

“O Estado de São Paulo” convida o leitor a participar de uma comunidade interpretativa baseada em uma análise distanciada, ponderada, em uma lógica irrepreensível cuja conclusão só poderia ser unívoca e definitiva: a macumba é um “insulto” à civilização.¹⁸⁰

A “Última Hora,” explorou o exotismo da umbanda e combateu o “baixo espiritismo” esforçando-se, no entanto, para separar essa prática que considerava obra de mistificadores, das práticas legítimas.¹⁸¹

O Diário da Noite, fiel ao acordo que fizera com o cardeal Leme e cioso da manutenção de boas relações com o clero, participa da campanha da Igreja debruçando-se diretamente sobre seus inimigos: os macumbeiros. Estão incluídos nessa denominação, quase sempre indistintamente, adeptos do candomblé, da umbanda, e do espiritismo. Muitas vezes são também chamados de curandeiros designação que os aproxima dos já bem conhecidos charlatões.¹⁸²

¹⁷⁹ Diário da Noite, 29-04-1950.

¹⁸⁰ Utilizei a reportagem do O Estado de São Paulo citada por Lísias Negrão, 1996, op.cit, p.85,86

¹⁸¹ Cf. Siqueira, Carla, p. 223

¹⁸² O candomblé, religião de origem africana é praticado no Brasil desde a escravidão. A umbanda é uma síntese do antigo candomblé da Bahia, que foi transplantado para o Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX, com o espiritismo Kardecista ,chegado da França no final do século XIX.No início a nova religião se denominou espiritismo de umbanda, mais tarde, umbanda. O catolicismo a chamava de baixo espiritismo, para diferenciá-la do espiritismo Kardecista que combatia com o mesmo zelo. Prandi,Reginaldo, 2003, p.2

O conflito entre um saber popular de cura das doenças e a medicina instituída adquiriu força desde o início do século XX, quando as práticas populares de cura adquiriram a conotação de curandeirismo e charlatanismo.

Ver:Romero,Mariza, 2002

Os macumbeiros aparecem no jornal como “indivíduos”, ou seja, como aqueles que não ocupam um lugar social determinado. Suas atividades estão inequivocamente ligadas ao crime, do assassinato à contravenção; habitam nos ermos ou nos bairros populosos da cidade.

A eles o jornal acrescenta uma infinidade de “outros” que sobrevivem na metrópole praticando as artes de tramar contra o destino, práticas que o jornal, a Igreja e o governo tentam controlar: de ledores de cartas a ledores de vísceras; de astrólogos a mentalistas, cuja existência seria marcada pela não fixidez, por comportamentos falseados, por uma falta. Deveriam por isto, estar bem separados daqueles que são definidos como povo e que facilmente se deixam enganar pelos exploradores da fé pública.¹⁸³

Embora as matérias denominem as religiões afro-brasileiras e mesmo o espiritismo de Alan Kardek, de forma genérica como macumba, a criminalização de suas práticas obedece, freqüentemente, a uma diferenciação, por exemplo, quando a notícia se refere a homicídios, o jornal destaca o candomblé cujos adeptos provinham tradicionalmente das regiões urbanas com maior concentração de população negra e pobre.

Por Ordem Do “Pai de Santo”

CRIANÇA SACRIFICADA EM OFERENDA A OGUM

A população de Salvador está revoltada com o monstruoso crime ocorrido em Roça do Beiju, sendo a vítima o menor Gerson, de oito anos de idade, que foi sacrificada em oferecimento a Oxum.

A vítima iniciava-se no candomblé, presumindo-se que tenha o “santo” de terreiro exigido o sacrifício de sua vida. Tudo indica que o Candomblé da Bahia tomou outro aspecto, sendo substituído o sacrifício de animais pelo de seres humanos, e que Gerson foi o primeiro a ser sacrificado¹⁸⁴.

¹⁸³ Michel Foucault refletindo sobre os mecanismos de funcionamento do sistema industrial do século XIX ,coloca em evidência a implantação de uma moral rigorosa para a classe operária. “Foi absolutamente necessário constituir o povo como sujeito moral, portanto separando-o da delinquência, portanto separando-o do grupo de delinquentes, mostrando-os como perigosos não apenas para os ricos, mas também para os pobres, mostrando-os carregados de todos os vícios e responsáveis pelos maiores perigos. Donde o nascimento da literatura policial e da importância, nos jornais, das páginas policiais, das horríveis narrativas de crimes.

Foucault, Michel, 1979, op.cit, p.133.

¹⁸⁴ Diário da Noite, 11-08-1952

A matéria afirma que a assassina, “filha de santo”, “Walkiria de tal”, disse ter saído com o menor, quando, em determinado local sentiu vontade de matá-lo. Na seqüência, o texto assinala que, “as autoridades policiais, no entanto, não acreditam na versão do crime contada por Walkiria, havendo a convicção de que ela imolou a criança a mandado do “pai de santo”, em sacrifício a Oxum.” Ilustrando o texto, aparecem duas fotos: o cadáver da criança no local onde foi assassinada e Walkiria, uma moça negra, de mãos cruzadas, olhando para o céu em atitude de prece.

A reportagem atrai o leitor pela manchete sedutora que o transporta como que para um espaço geográfico e religioso longínquo e exótico onde predominam deuses que exigem rituais de sacrifício com oferta da vida de crianças, para logo em seguida, trazê-lo de volta para a realidade, para o horror de algo que aconteceu aqui, que pode voltar a acontecer e que tem a ver com uma religião, o candomblé, cujas práticas estariam se associando cada vez mais ao universo do crime e da polícia:

RAPTOU TRÊS MENORES O “VAMPIRO DE UBAITABA”

Acredita o delegado de polícia que as crianças eram empregadas na prática do candomblé¹⁸⁵

MACUMBEIRO ASSASSINO ÀS SOLTAS NO INTERIOR. ELIMINOU DUAS JOVENS E ALGUMAS DEZENAS DE CRIANÇAS RECÉM-NASCIDAS.¹⁸⁶

Durante vários anos, impunemente, impôs sua vontade abjeta a inúmeros “crentes.”

GRITOS DE PAVOR NA CASA DO MACUMBEIRO

Na casa de Antonio Camargo em Embu – Mirim foram encontrados menores utilizados em trabalhos escravos¹⁸⁷

Quando não se refere especificamente ao candomblé, entra em cena o amplo universo dos macumbeiros, com seus “rituais extravagantes:”

¹⁸⁵ Diário da Noite, 22-11-1950

¹⁸⁶ Diário da Noite, 22-03-1952

¹⁸⁷ Diário da Noite, 02-03-1954

EXPLORAVA A CREDULIDADE PÚBLICA

Foi preso o indivíduo Delmiro da Silva, responsável pelo Centro Espírita “Amor ao Próximo” na Freguesia do Ó. Dizia arranjar casamento e realizar bons negócios.¹⁸⁸

CURANDEIRO DETIDO

Com o emprego de folhas de figo e contando com o auxílio dos raios solares, dizia realizar curas.¹⁸⁹

NÃO PREVIRAM SUA PRISÃO AS DUAS LEDORAS DE SORTE

Madame Maria e Madame Dalva foram detidas ontem- prossegue a campanha iniciada em boa hora pela Delegacia de Contravenções Penais.

As duas ciganas foram surpreendidas na referida prática, nos bairros de Vila Mariana e Casa Verde.¹⁹⁰

CHÁ DE BARATA COM PINGA

No terreiro “Fraternidade Umbandista Jorge Guerreiro,” em Indianópolis, foi detida Benedita Bueno Pereira, por ministrar medicamentos compostos por chá de barata com pinga. “Quando foi autuada, disse:- Saravá meu irmão!”¹⁹¹

CURANDEIRISMO

Anísia Alves da Silva foi surpreendida em sua casa, por policiais, “dando “passes” em várias pessoas, ao mesmo tempo em que invocava a presença de Ogum. Um amontoado de estatuetas, garrafas de cachaça, vinhos e charutos foi apreendido no local.¹⁹²

O Diário da Noite ao destacar, nas manchetes, a emergência do sobrenatural no universo cotidiano, coloca em ação uma estratégia pedagógica: seduz o leitor pela manchete

¹⁸⁸ Diário da Noite, 21-06-1950

¹⁸⁹ Diário da Noite, 15-05-1957

¹⁹⁰ Diário da Noite, 03-04-1958

¹⁹¹ Diário da Noite, 27-08-1959

¹⁹² Diário da Noite, 29-10-1959

sensacional e elabora a matéria como se fosse a descrição de uma ocorrência policial destituindo assim, o sobrenatural de qualquer aspecto maravilhoso, transformando-o em simples artigos do Código Penal, em exercício ilegal da medicina, charlatanismo, curandeirismo.¹⁹³

Resta como única crença séria e como única prática adequada para o Brasil em processo de modernização, o catolicismo proposto pela Igreja e apoiado pelos Diários Associados, maior rede de comunicação do país que contribuiu para mobilizar a população para participar da primeira “Marcha da Família com Deus pela Liberdade,” realizada em São Paulo, aos 19 de março de 1964, criando condições favoráveis para a aceitação do golpe militar em curso. Além do mais, a contínua desqualificação e criminalização de práticas populares e das religiões afro-brasileiras criaram preconceitos duradouros quanto a seus adeptos. Um exemplo interessante pode ser encontrado em uma manchete do “O Estado de São Paulo” de 2008:

CRIME NA WEB

LISTA COM 600 NOMES É APREENDIDA COM “PAI DE SANTO”

Suspeita é que muitos deles integrem rede de pedofilia descoberta em São Paulo.¹⁹⁴

¹⁹³ Artigos 282 a 284 do Código Penal de 1940

¹⁹⁴ O Estado de São Paulo, São Paulo, 31 de Maio de 2008.

6 - IMAGENS

MILAGRES VERDADEIROS



Diário da Noite, 30 de novembro de 1954.

Balço impressionante dos acontecimentos que emocionam o país

SETE MESES DE CURAS MILAGROSAS EM TAMBAU'

PRIMEIRA BENÇÃO
— Logo após a missa, padre Donizetti concede a primeira bênção do dia à multidão que o espera ansiosamente.

Padre Donizetti Tavares de Lima, uma vida singela dedicada inteiramente à fé que abraçou — Dos episódios inexplicáveis que se esmoecem na poeira os anos, às curas surpreendentes que se processam agora, em presença de milhares de pessoas — "Converte-me ao Catolicismo" — Lágrimas que a multidão não pode conter — (Leia na página 10 — reportagem de Orlando CRISCUOLO — Fotos de Ivaildo JURNO, Orlando CLEMENTE e José VIEIRA)

FILHO, TENTE ANDAR — Aqui estão dois expressivos fragmentos de um dos mil acontecimentos notáveis assistidos pela reportagem do DIÁRIO DA NOITE. Com perninha molida dentro do aparelho ortopédico, essa criança recebeu a bênção. Tira-lê e aparelho e sua mãe pediu-lhe: "Filho, tente andar, por favor". E o menino andou de pé sem o aparelho, como mostra a foto seguinte.

Diário da Noite
2ª EDIÇÃO
Ano XXX São Paulo, 4.ª-feira, 11 de maio de 1955 N. 9.302

Diário da Noite, 11 de maio de 1955.

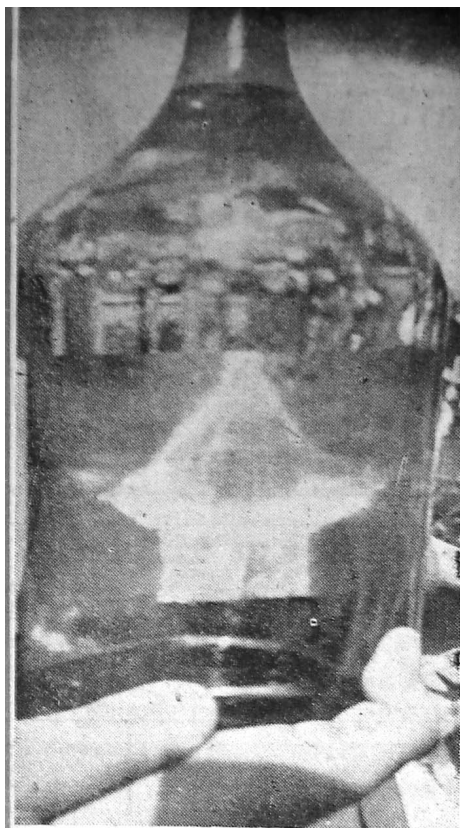
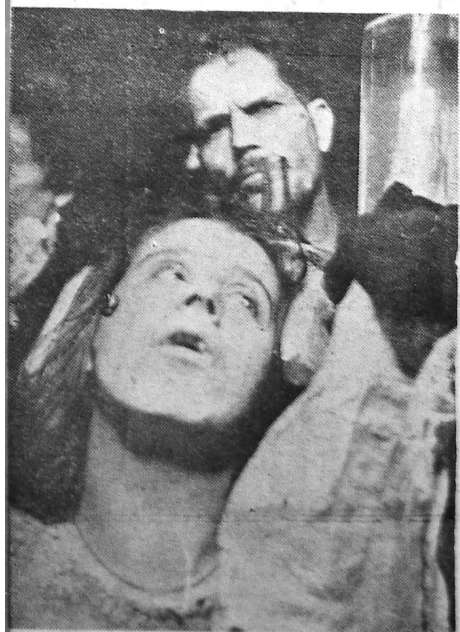


IMAGEM DE NOSSA SENHORA — Podia ser um reflexo ou mesmo tratar-se de um fenómeno de refração de luz. Todavia, a verdade é que se distinguia perfeitamente, no interior desta garrafa, a imagem de Nossa Senhora Aparecida depois da benção da manhã, ontem, em Tambau.



ENFERMOS, procedentes de longínquos lugares, convergem para Tambau à espera do milagre da cura através da benção do vigário da paróquia de São José.

Diário da Noite, 16 de maio de 1955.



NA PENÚLTIMA BENÇÃO — Na manhã de ontem, quando milhares e milhares de pessoas esperavam pela penúltima benção do padre Donizetti, José Vieira bateu em sequência fotográfica, em que são vistos os três ângulos principais da praça fronteira à Casa Paroquial. Cerca das 11 horas, quando o sol era causticante, essa massa humana já se comprimia à espera de que o padre de Tambau lhe dissesse algumas palavras de incentivo à fé cristã e em seguida lhe desse a penúltima benção geral e pública. Após, finalmente 40 mil pessoas receberam as duas últimas benções do padre.

★ **40 aviões cobriram de flores a cidade de Tambau** ★

COM LAGRIMAS NOS OLHOS PADRE DONIZETTI DE LIMA DISSE ADEUS AOS FIEIS

Após a última benção, os derradeiros peregrinos, em caravanas pelas estradas, foram deixando, emocionados e esperançosos, a velha cidade paulista — Romaria de padres e freiras — As últimas curas

TAMBÁU, 30 (Dos enviados especiais) — Com a mesma voz calma e segura, os mesmos gestos, insistivos e firmes, disse daquela serenidade e daquele poder de persuasão desde que seu nome se projeta em todo o Brasil, o velho padre Donizetti Tavares de Lima despediu-se, na noite de ontem, perante uma multidão de

LARGOU AS MULETAS — No meio da multidão, Afonso Ribeiro Vaz abandonou ambas as muletas que vinha usando há dez anos e andou sem o seu auxílio.

Diário da Noite
1ª EDIÇÃO
Ano XXX, São Paulo, 3.ª-feira, 31 de maio de 1955 N. 9.319

CARAVANAS DE FREIRAS E PADRES — Mais do que em todas as ocasiões anteriores as freiras e os padres saíram, ontem, em verdadeiras caravanas, até à Casa Paroquial para receber a benção do padre Donizetti.

Reportagem de ORLANDO CRISCUOLO
Fotografias de JOSE VIEIRA

"SEMPRE ESTEVE PERTO DOS QUE SOFREM" — O padre Donizetti Tavares de Lima, que ultimamente não recebia ninguém, chamou o repórter do DIÁRIO DA NOITE, que o vem acompanhando desde os seus primeiros milagres e lhe disse: "Eu sempre estive perto dos que sofrem. Hoje terminarei minhas benções gerais e públicas, mas ainda assim elevarei meu pensamento a Deus para que se compadeça de nós".

JUSTINA GOMES, de 12 anos de idade, deixou de usar o aparelho ortopédico depois de ter recebido, ontem, a benção do padre de Tambau.

O MENINO José de Oliveira Abreu, residente em Guaiamazes, no Município de São Paulo, que abandonou o aparelho ortopédico e passou a andar sem esse incômodo petrecho depois de ter recebido a benção.

No detalhe, Padre Donizetti com o repórter Orlando Criscuolo.

Diário da Noite, 31 de maio de 1955.



A ESPERA DA BENÇÃO — Nas ruas de Tambau', esta cena é comum. Crianças, homens e mulheres, moços e velhos, cheios de fé, dormem sobre o chão frio, aguardando o instante da benção do padre Donizette. Muitos recobram, após anos de enfermidade, plena saúde e suas curas foram motivo de infindável procissão na pequena cidade interiorana.

ANDOU O MENINO APÓS A BENÇÃO

Saiu correndo, livre do incomodo aparelho ortopedico — Os milagres de Tamboú. — (Reportagem de ORLANDO CRISCUOLO, na ultima pag.)





Diário da Noite, 01 de junho de 1955.

FALSOS MILAGRES

Diário da Noite, 13 de junho de 1955.

Denuncia o parlamentar na Assembléia

OITO FÁBRICAS DE MILAGRES EM FUNCIONAMENTO EM SÃO PAULO

Exploram a miséria e a dor (Na ult. pag.)



NÃO RECEBEU O MILAGRE — Paralitico, este jovem já estivera no "terreiro milagroso" da Vila Santa Isabel, lá deixando os aparelhos ortopédicos que até então vinha usando. Voltou no dia seguinte e, apesar de afirmarem que ele se encontrava curado, só não foi ao chão, quando tentou andar, porque o ampararam. Teve que ser colocado novamente no carrinho que se vê atrás, porque continuava paralitico como antes. Tal como ele, muitas outras pessoas não curadas contribuíram para aumentar o repositório de aparelhos ortopédicos, olhos, muletas etc.

Diário da Noite, 06 de junho de 1955.

Diário da Noite

Um intenso comércio estabeleceu-se nas ruas adjacentes aos "focos de milagres". Vende-se tudo, desde guloseimas expostas às mescas, até as velas, imagens de santos e fotografias do padre Tambau.

Centenas de pessoas aguardam sua vez de chegar diante da "imagem milagrosa". O espetáculo não se interrompe sequer à noite, apesar do frio e do desconforto.

ASSUMEM CARÁTER EPIDÊMICO AS APARIÇÕES SOBRENATURAIS

Transformem-se as "vilas" da Capital em "Tambós metropolitanas" — Imundície, promiscuidade, perda de tempo, exposição pública de mazelas e outros inconvenientes dos "focos de milagres" — História complicada, envolvendo uma goiabeira, um limoeiro e uma mulher que vomitava cabelos, sapos e até tartarugas — Propagam-se em cadeia, de boca em boca, os relatos de acontecimentos que não se verificaram — (Texto de FLOREAL PIMENTA — Fotos de WALTER FREITAS — Leia na página 12)

Junto ao velório improvisado, pequenos escolares, esquecidos das aulas, entretem-se com o espetáculo que era raro e dia a dia se torna corriqueiro.

Cenas dolorosas são presenciadas junto às imagens às quais se atribuem poderes miraculosos. Tentativas vão e depósitos de uma cura impossível.

Toda senhora chegou doente e com a fisionomia transtornada. A foto da primeira página mostra à saída, logo após a infrutífera tentativa de cura.

Na Vila Santa Isabel, enquanto aguardam o milagre, que tarda, os crentes ajoelham-se no terreiro, em frente ao altar improvisado.

PERIGO DE CONTÁGIO NAS FITAS DA SANTA

Tanto na imagem existente na Vila Prudente, como na da Vila Santa Isabel, existem, adornando-as, umas poucas fitas de cetim colorido. Esses retalhos de pano são beijados, desde que esses locais se transformaram em "focos de milagres", por dezenas de milhares de crentes. Homens e mulheres, crianças e adultos, enfermos ou sãos, põem os lábios, sem se aperceberem do perigo de contágio a que se expõem.

NOVOS “REDUTOS MILAGROSOS” FUNCIONANDO NA PERIFERIA

Além da Vila Prudente, Vila Maria, Vila Gumerindo, Agua Rasa, Vila Santa Isabel, Itaim e Vila Nova Conceição — Torna-se impraticável um levantamento exato do número de “fabricas de imagens” — Imagens benzidas para a abertura de outras “fabricas de milagres”

Reportagem de
FLOREAL C. PIMENTA

Fotografias de
WALTER FREITAS



A crise de misticismo que assola as “vilas” paulistas, alastra-se de maneira inquietante. Raro o dia em que não surge uma “santa” a fazer “milagres” e a arrastar para distantes bairros operários romarias infundáveis. Vila Prudente, Vila Santa Isabel, Vila Maria, Vila Nova Conceição, Vila Gumerindo, Agua Rasa, Itaim e numerosos outros pontos da cidade já têm o seu “redueto milagroso”. O primeiro deles, com foros de matriz pela precedência cronológica sobre os demais, é o que maior número de crentes atrai.

O desfile de curiosos e doentes, diante dos altares improvisados à revelia da Igreja, prossegue ininterruptamente. Também sem ces-

sar, caem nas bandejas e caixotes colocados ao lado das “imagens milagrosas”, cédulas e moedas, que são removidas de tempos em tempos, para não escandalizar os doadores.

Torna-se realmente incontrolável a multiplicação das fabricas de milagres, impossibilitando um levantamento exato de seu número. A hora em que escrevemos, outras mais devem estar surgindo na periferia da cidade. Indício visível de que novas “aparições” estão sendo preparadas é o que ocorre em Vila Prudente. Ai, vimos pessoas que chegavam com imagens de Nossa Senhora Aparecida tocavam com ela a outra ali existente e saíam, naturalmente para passar a produzir milagres em casa, por conta própria.

CONTRASTE — Formando filas descomunais, de centenas de metros, os crentes aguardam o momento de penetrar na “casa dos milagres”, numa demonstração de fanatismo incontrolável. Enquanto isso, a pequena igreja, localizada numa das “vilas”, permanece inteiramente vazia.

QUATRO “CURAS”

Há mesmo quem dispense as imagens para fazer curas milagrosas. É o caso de um jovem, de aparência não muito normal, que, na manhã de ontem, munido de um rosário e fitas de primeira comunhão reuniu um numeroso grupo em torno de si, no terreno situado aos fundos da casa dos milagres da Vila Prudente, pondo-se a benzer doentes. O repórter conversava com um padre, da paróquia vizinha, que lá se encontrava observando o movimento, quando o jovem se

aproximou, bastante excitado, e anunciou: “Reverendo, acabo de curar quatro aleijados”. A reação do sacerdote foi de revolta. Exprobrou energicamente o “milagreiro”, determinando-lhe que cessasse imediatamente aquela atividade.

Vila Maria encarregou-se de dar a nota destoante. Ali na residência de um sargento reformado da Força Pública, em vez de uma imagem de gesso a manifestar poderes sobrenaturais, a “santa” aparece no espelho de um guarda-roupa. Examinamos o fenômeno e nada vimos de extraordinário. No quarto em penumbra, a luz da sala contigua é refletida pelo espelho, jogando sobre a parede de fronteira a sua forma ovalada, cortada inferiormente por um plano horizontal. Prováveis defeitos do vidro

fazem com que o reflexo apresente estrias irregulares, às quais a credulidade de muitos atribui a forma de uma imagem santa. Apagada a luz da sala, tudo desapareceu. Ora, uma noção elementar de ótica nos ensina que sem luz não há reflexão. Mas as milhares de pessoas que por ali desfilam dia e noite, não procuram fazer qualquer verificação objetiva. Olham, vêem o reflexo, descobrem nele a santa e vão passar adiante a notícia do “fato espantoso”.

O ÚNICO MILAGRE — O conteúdo do caixote revela o único milagre que realmente acontece nos locais das “aparições sobrenaturais”: a multiplicação das cédulas e moedas em poucos minutos.



EXPLORADORES DA CREDULIDADE PÚBLICA



CURANDEIRA RUSSA – Foi presa ontem, em sua residencia, na rua Gericinó, 31, Vila Manchester, a curandeira Emilia Petrovich, de 52 anos, casada, de nacionalidade russa. Ultimamente essa mulher, sob promessa de curar Valdemar Teixeira, morador da rua Valdemar Martins, 111, que sofre do estomago, exigiu-lhe 40 mil cruzeiros tendo recebido, em pequenas parcelas, 27 mil cruzeiros. No clichê, a curandeira ontem presa pela Delegacia de Costumes.

Diário da Noite, 12 de janeiro de 1957.



“SÓ A POLICIA NÃO VÊ OS MACUMBEIROS”

Na foto, Domitília Simões, d. Nenê, a macumbeira como é conhecida em Santo André, acendeu duas velas e disse que estava dando um banho seco no repórter, (Orlando Criscuolo) para tirar todo o mal do seu corpo.

Diário da Noite, 02 de fevereiro de 1954.



“PRESO O MACUMBEIRO”

“Ao centro da foto, vemos o macumbeiro Aníbal de Jesus que foi preso dia 30/1/1957 em Santo Amaro, quando praticava baixo espiritismo.”

Diário da Noite, 31 de janeiro de 1957.



“MAIS CIGANAS NO PRESÍDIO DO D.I.”

Agindo preventivamente na repressão as praticantes de leitura de ‘buena-dicha’, a Delegacia Especializada de Costumes deteve há dias as ciganas Maria Jonovich, Lepa Stefonovich, Moloica Teodorovich e Maria Marcondes, esta brasileira, quando procuravam ler a mão de consulentes incautos. Na foto, as quatro quiromantes.

Diário da Noite, 21 de dezembro de 1950.



“‘DESMANCHAVA’ CASAMENTOS E PROMOVIA NOVOS AMORES”

“Benedita Ferreira Bueno, presa em Guarulhos, na noite de 18/6/1957, foi autuada pela prática de macumba. Na foto, a acusada entre os apetrechos utilizados nas sessões.”

Diário da Noite, 19 de junho de 1957.



“MACUMBA NA DELEGACIA DE COSTUMES”

O macumbeiro e falso espírita, José Catarino Tiburcio, (à direita) que, foi preso ontem pela Delegacia dos Costumes, quando, praticava o falso espiritismo e macumba, de onde era o chefe do “Centro Espírita Chavantes” situado na rua “82” s/nº, no bairro de Vila Maria. Na foto, o falso espírita e vários macumbeiros e espíritas na delegacia de costumes.

Diário da Noite, 13 de fevereiro de 1952.



“BAIXOU A POLÍCIA NO TERREIRO DE UMBANDA”

A Delegacia de Costumes, pelo delegado adjunto, iniciou ontem, um golpe de morte aos terreiros de Umbanda que pululam nesta Capital; a Tenda Oxalá Humildade e Caridade, foi uma das primeiras a ser visitada pela polícia, fica situada a rua Oriente, 225, cujo chefe era Sebastião Gonçalves de Freitas; na foto, material preso pela polícia.”

Diário da Noite, 24 de julho de 1953.



“ESPECIALISTA EM ‘DESPACHOS’ DESPORTIVOS”

Benedito Moreira, com 61 anos, casado, residente no sítio Cubatão, em Igaratá, município de Santa Isabel, macumbeiro atualmente em evidência nas imediações da Capital, detido ontem para prestar declarações no inquérito contra êle instaurado por ordem do delegado Tavares da Cunha. Entre os muitos ‘trabalhos’ que costumava fazer, realizava os de caráter ‘esportivo’. Na foto, Benedito Moreira quando prestava declarações;

Diário da Noite, 28 de junho de 1949.



“O ‘MEDIUM’ ASSISTIU NO XADRES A PASSAGEM DO ANO”

“Mario Andrade Freitas proprietário do Centro Espírita Pai Jacob na Vila Ema, foi detido em flagrante juntamente com sua companheira de passes Dora Riga, quando vendiam ervas “garrafadas” aos frequentadores do Centro, tendo ambos passado a passagem do ano no presídio da Rua Hipódromo. Na foto, ambos juntamente com parte do material apreendido em seu poder.”

Diário da Noite, 03 de janeiro de 1951.

CAPÍTULO II: MEDO E MORTE NAS RUAS DA METRÓPOLE

1 - Crime, Medos e Prazeres na Imprensa Popular

Os relatos de crimes que ocupam grande parte dos meios de comunicação contemporâneos não são novos, têm uma longa e frutífera trajetória que remonta aos “occasionnels” que circulavam na Europa desde o final do século XV.

Maurice Léver, no seu estudo sobre os fait divers, assinala sua presença em um destes folhetos, no início do século XVII, que conta a “prodigiosa história de uma jovem mulher, condenada por ter enforcado o pai, que a obrigara, contra sua vontade, suas recusas, seus lamentos, e suas lágrimas, a casar-se com um velho impotente, ciumento até de sua sombra e que não cessava de atormentá-la.”¹⁹⁵ Encontram-se também nos volantes portugueses, como este que conta o “Grande e Horrível crime de uma mulher que matou seu próprio marido com uma faca de cozinha em Trás-os-Montes.”¹⁹⁶

Será no século XIX, entretanto, que os relatos de crime predominarão, tanto nos “Canards” que só desaparecerão no final do século, como na imprensa, cujo exemplo mais característico foi o surgimento do “Petit Journal”, fundado por Polydore Millaud em fevereiro de 1863, que marcou uma data essencial para a história da imprensa européia. Pela primeira vez um jornal atingiria as camadas populares pela venda por número, pois tornou-se o jornal mais barato do mundo. Vendido pelo menor valor da moeda, em dezembro do mesmo ano atingiu uma tiragem de cem mil exemplares. O inusitado sucesso não foi devido apenas ao preço. Definindo-se como não político e tendo como única preocupação agradar, “tendo a coragem de ser tolo” colocava em suas quatro páginas, crônicas assinadas por Thimothée Trimm, pseudônimo de Léo Lespes, que tratavam de assuntos variados com simplicidade; explorava os acontecimentos do dia, os fait divers e publicava os folhetins “Rocambole” de

¹⁹⁵ Histoire Nouvelle et Prodigieuse d'une Jeune Femme, laquelle pendit son père par l'avoir faire mariée contre son gré, ses refus, ses regrets et ses larmes, avec un vieillard impuissant en amour, jaloux de son ombre, te qui la tourmentait sans cesse.

Exécutée à Nice en Piémont, le 14 mars de 1604.

Dubied, Annik et Lits, Marc, 1999, p.9.

¹⁹⁶ Cf. Pinto Correia, J.D, 1985

Ponson du Terrail e *L'affaire Léronge* de Émile Gaboriau, que baseado em um crime verdadeiro, lança em 1866 um gênero novo considerado o precursor do romance policial.¹⁹⁷

Quando Ponson du Terrail, farto do seu herói acabou por matá-lo, Millaud não concordou: “Nada disso! Vai ressuscitá-lo e eu vou pagar-lhe muito bem!” “*La Réurrection de Rocambole*” permitiu que o *Petit Journal* atingisse picos de venda jamais alcançados. Quanto a Gaboriau, Millaud declarou-lhe: o seu sistema adapta-se às mil maravilhas, às exigências da estupidez humana: na França há quinhentos mil leitores que o devoram”. Encomendou-lhe então, “*Monsieur Le Coq*” “antepassado de Maigret e de Poirot”.¹⁹⁸

A consagração do jornal, virá, no entanto, em 1869, com um crime conhecido como “*L’Affaire Troppmann*”, que se tornou símbolo da produção e difusão de um acontecimento pela imprensa, uma vez que a repercussão do caso deveu-se antes de mais nada ao seu aparecimento no jornal. Acompanhado pelos leitores com fervor sem precedentes, marcou os inícios da moderna imprensa popular.

Em uma manhã do mês de setembro de 1869, nos arredores de Paris, Langlois, um agricultor, preparava-se para trabalhar seu campo, quando reparou numa elevação do terreno. Cavou, e horrorizado viu aparecer a mão de uma criança. Com intervalos, descobriu os cadáveres de mais quatro e o de uma mulher, depois, o corpo de um jovem foi encontrado num campo vizinho e finalmente, em um bosque, o corpo de um homem. Ao todo oito mortos, foram identificados como sendo membros da família Kinck de origem alsaciana, cujo pai, operário, mudara-se para Paris com a intenção de montar uma oficina mecânica.

O suspeito é Troppmann, amigo da família, preso quando tentava fugir da França. Após afirmar que era apenas cúmplice de crimes misteriosos, acabou por confessar os assassinatos, sendo que seis foram cometidos na mesma noite. Condenado, foi executado em janeiro de 1870.¹⁹⁹

O “*Petit Journal*” cobriu o caso desde o início. Cada corpo encontrado ocupava mais espaço em suas páginas, que chegaram a quatro, considerando-se que foi somente a partir de 1899 que os jornais de grande tiragem passaram a contar com seis. Associou imediatamente seu nome ao crime, mobilizou seus leitores, fermentou a indignação popular; elaborou um mapa da região onde foram encontrados os cadáveres e, centenas de milhares de parisienses

¹⁹⁷ Cf. Terrou F, 1990, p. 43; M'sili, Marine, 2000, p.9-10.

¹⁹⁸ Jeannéney, Jean-Noël, 1996, p.87-88.

Segundo Terrou, foi nas colunas do *Petit Journal* que várias gerações descobriram as alegrias da leitura. Terrou, F, op.cit, p.43.

O *Petit Journal* era conhecido na época como o jornal de maior circulação do mundo.

Brigs, Asa e Burke, Peter, 2004, p. 199

¹⁹⁹ Jeannéney, Jean-Noël, op.cit, p.88.

com o *Petit Journal* como guia, realizavam uma verdadeira peregrinação ao local do crime, que se tornou também uma feira onde, apesar da interdição, eram disputados retratos de Troppmann, canções e folhetos que contavam sua história. E, no dia da execução persistindo na manutenção de tradições religiosas medievais, muitos recolheram seu sangue.²⁰⁰ Segundo Michelle Perrot, no século XIX, na França, ainda era comum a busca por relíquias. Acreditava-se que o sangue dos supliciados estava purificado e que, após o suplício eles estariam com Deus.

Quanto à abordagem dos assassinatos, o jornal a construiu à maneira do folhetim, em torno de estereótipos, em torno de uma visão de mundo moralista, da luta do Bem contra o Mal. Uma família que saiu da pobreza à custa de muito trabalho e que, corajosamente, contribuiu com sua prole para repovoar a França, encontrou pela frente, tragicamente, um jovem mecânico, filho de pai alcoólatra e de uma mãe pusilânime. Sua beleza, seus longos cabelos loiros, excessivamente bem penteados, um espelho encontrado em sua bagagem, eram sinais evidentes de uma homossexualidade latente e perversa, talvez fosse alquimista, pois em sua casa foram encontradas indecifráveis retortas. Esse jovem chamado Jean Baptiste Troppmann, por motivos obscuros que mesclavam o interesse a uma sombria história de espionagem, aniquilou sozinho uma família trabalhadora.

A história assim contada, do “Terrível Crime de Pantin”, foi excelente para o jornal. Sua tiragem que girava em torno de 250 mil exemplares, eleva-se para 375 mil, no dia 23 de setembro de 1869 e para 404 mil, no dia 26. A descoberta do sétimo cadáver, promove 448 mil exemplares, a do oitavo, 467.000 e, o grande Record deu-se em 15 de Janeiro de 1870, dia em que Troppmann foi guilhotinado, 594.000.²⁰¹ A celebridade adquirida pelo *Petit Journal* revelou as perspectivas promissoras do crime para a moderna imprensa popular e a sua entrada definitiva no universo cotidiano do leitor.²⁰²

O crime e principalmente o homicídio, transgressão radical da norma, pois atenta contra o bem maior que é a vida, entrará nas páginas desses jornais baratos, que oferecerão ao grande número de recém-chegados à vida urbana e ao mundo das letras, uma leitura que, ao suscitar um choque imediato, procura provocar ao mesmo tempo fascínio e horror.

²⁰⁰ Idem e Perrot, Michelle, 1983, p.917.

²⁰¹ Jeanneney, Jean-Noël, op.cit, p.89.

²⁰² Esse leitor que se constituiu desde meados do século XIX na França, foi fruto de uma política de alfabetização promovida nacionalmente, que estabeleceu a gratuidade e a obrigatoriedade escolar até os 13 anos, acompanhada pela venda a baixo preço de dezenas de milhares de manuais escolares uniformemente distribuídos por todo o país. Foi fruto também da presença do movimento operário que forçava a elaboração de uma legislação que tendia a limitar a jornada de trabalho, aumentar os salários e possibilitar o aumento do tempo de lazer. Cf. Mollier Jean-Yves, 1988.

Entrecruzam-se com uma das formas talvez mais vívidas de percepção da cidade moderna, que colocava no horizonte a perspectiva de um risco físico iminente, de aniquilação imediata, de morte não natural, da vida como sendo espantosamente efêmera.

Esta imprensa popular nascente, mais do que vender jornais ou satisfazer curiosidades mórbidas, ao estampar a morte, expondo o medo e a insegurança provocados pela vida urbana, contribuirá com sua narrativa, tanto para domesticar esses sentimentos como para abrir possibilidades de que eles fossem enfrentados praticamente. É interessante ressaltar que abordando um tema que apela à emoção, que é sensacional por si mesmo, essa imprensa irá se configurar como sensacionalista de tal forma que imprensa popular e sensacionalismo serão entendidos como pares indissociáveis.

Este jornalismo não se constituiu de forma isolada, pelo contrário, fez parte de atividades culturais variadas, sensacionais, que também se referiam ao medo, à insegurança e aos novos prazeres que a vida urbana moderna proporcionava. Paris da Belle Époque pode nos fornecer alguns exemplos reveladores. A visita ao necrotério, no final do século XIX, era uma das diversões mais populares da cidade. Mencionada em praticamente todos os guias turísticos, era ponto obrigatório também para estrangeiros e moradores do interior. Construído em 1864, apresentava uma “Salle d'Exposition” onde repousavam, em suas lajes, duas filas de cadáveres, exibidos atrás de uma grande janela de vidro. Nos dias em que um crime era anunciado na imprensa, o número de visitantes que afluía para olhar a vítima chegava a quarenta mil.

No final de julho de 1886, o Journal Illustré estampou o cadáver de uma menina encontrado no vão de uma escada da rua Vert-Bois. O corpo vestido, foi transferido para o necrotério e exposto sentado em uma cadeira, forrada com um pano vermelho. Em meio a uma grande feira, que vendia de brinquedos a pão de gengibre, e a um enorme tumulto, empurra-empurra, chapéus caídos, guarda-chuvas quebrados, mulheres passando mal, filas intermináveis se formaram diante do necrotério. O “Petit Journal” estimou em 50 mil, o número de visitantes no dia 3 de agosto. O “Matin”, afirmou que 150 mil pessoas foram ver a criança, que à noite era colocada em um refrigerador, juntamente com a cadeira e o pano vermelho. No dia 6 agosto, com o corpo já entrando em decomposição, foi feita a autópsia e os médicos concluíram que a menina morrera sufocada, engasgada com uma minhoca. Foi enterrada no dia 17.

Como uma demonstração da palavra impressa, o necrotério transformava a morte em espetáculo. Foi fechado ao público em 1907 e o seu diretor assim tentou explicar sua popularidade: “O necrotério em Paris é considerado como um museu que é muito mais

fascinante que um museu de cera, porque as pessoas exibidas são realmente de carne e osso.”²⁰³

Outro entretenimento, foi o museu de Cera Grévin, inaugurado em 1882. Seus fundadores, Arthur Meyer, conhecido jornalista e o caricaturista André Grévin o pensaram como um aprimoramento dos jornais, prometeram que ele iria representar os eventos correntes de forma realista, funcionando como um jornal vivo. No prefácio do primeiro catálogo do museu, Albert Wolff do “Le Figaro”, comenta que os fundadores fizeram avançar a comunicação moderna ao “criar um jornal plástico, onde o público encontraria aquelas pessoas que ocupavam sua atenção, reproduzidas com um respeito escrupuloso pela natureza”.²⁰⁴

O realismo das peças era também assegurado pela utilização de acessórios autênticos: Victor Hugo segurando uma caneta doada pelo autor; Zola com seu próprio terno; Marat e a banheira original na qual fora assassinado. O museu imitava a forma do jornal mudando as representações rapidamente, segundo o interesse e o reconhecimento visual do público. Os cenários ficavam dispostos lado a lado, aparentemente sem conexão uns com os outros, como nas colunas dos jornais e o visitante poderia ainda, ver de perto, a cantora Ivette Guilbert, o presidente da República, Napoleão e Bismarck. Mas, tal como nos grandes jornais, uma de suas maiores atrações era a exposição de sete quadros que retratavam a “História de um Crime”, onde o público poderia como que participar do assassinato, prisão, confronto do assassino com a vítima no necrotério, julgamento, cela do condenado, preparação da execução e da própria execução. L'Histoire d'un Crime, romance em série do museu, oferecia uma forma familiar de narrativa, tal como o folhetim em capítulos do jornal. Parecia até mais real que o folhetim. Um crítico da época assinalou que “seu realismo eletrizante o tornou a exibição que mais interessou o público; era difícil até se aproximar, a multidão era enorme”.²⁰⁵

O Panorama, foi outro divertimento recomendado pelo Guia Cassel de Paris, em 1884, fruto de experimentos da ciência física, principalmente da óptica, que permitiram a construção de aparelhos que foram utilizados em contextos diversos daqueles da pesquisa científica, transformando-se em brinquedos ópticos²⁰⁶. Eram grandes cenários pintados, dispostos circularmente que proporcionavam ao espectador a impressão de participação física nos temas

²⁰³ Schwartz, Vanessa.R, 2001, p.420

A visita ao necrotério e ao museu Grévin estão relatadas com detalhes no artigo da autora no qual me baseei.

²⁰⁴ Idem, p.421

²⁰⁵ Ibidem; p.428.

²⁰⁶ Cf. Miranda da Silva, Maria Cristina, 2008.

propostos e que geralmente tratavam dos eventos registrados nos jornais. O Panorama baseou-se na idéia de que uma exposição para captar vida tinha que reproduzi-la como uma experiência corporal, não apenas visual, por isso eram concebidos para manipular a visão, transportando os espectadores no tempo e no espaço. Pretendia satisfazer o interesse e a curiosidade de um público já associado à cultura impressa. Foi definido na época, como a apresentação de cenas de eventos correntes que “têm a capacidade de atrair a multidão, que ainda se emociona com um evento recente, uma catástrofe, uma execução ou um assassinato famoso. As pessoas reexaminam o acidente, ou o crime em um quadro que cria a ilusão de realidade.”²⁰⁷ Esses divertimentos-espetáculos que se conectavam às narrativas da imprensa popular sobre crimes e que tanta atração exerciam, pareciam tanto quanto ela, traduzir e conferir sentido à própria realidade da vida moderna, ela mesma experimentada como sensacional.

Também nos Estados Unidos, do final do século XIX, vários registros, como ensaios acadêmicos, manifestações artísticas, comentários leigos e a imprensa, assinalaram a experiência da cidade de Nova York como sendo a vivência de um choque, de um hiperestímulo, que por um lado, engendrava uma sensação de temor pela segurança física que o espaço público caótico parecia causar, por outro, alimentava uma simpatia pelo experimento do novo, do surpreendente, um gosto pelo risco corporal, pela “adrenalina” que os entretenimentos modernos provocavam.²⁰⁸

Dos relatos que descreviam Nova York como um espaço de perigo iminente, os mais contundentes vieram da imprensa, cujas ilustrações, adornadas por textos incisivos, impressionavam o olhar pela forma eletrizante com que testemunhavam o ambiente cotidiano da cidade: multidão apressada se esbarrando nas ruas, abundância de sinais, assaltos, homicídios, trânsito desordenado e mortal, pedestres colhidos e esmagados por bondes e, espectadores que a tudo assistiam horrorizados, descompostos, corpos tensionados. A revista *Life*, de 1895 com o título, “No Rastro do Bonde”, mostrava uma profusão de mortos e feridos espalhados pelas ruas; O “*The Standard*” com “O Horror do Brooklyn”, denunciava o bonde que, implacável acrescentava mais uma vítima à lista de inocentes massacrados. Em 1894, o “*Newark Daily Advertiser*” assim descreveu um atropelamento por trem : “Isaac

²⁰⁷ Schwartz, Vanessa, R, 2001, op.cit, p. 429-431.

²⁰⁸ Ben Singer cita vários exemplos de reflexões sobre a vida moderna no fim do século XIX e início do XX: George Beard, publicou em 1881, *American Nervousness*, considerado a discussão seminal sobre neurastenia; Howard B. Woolston publicou *The Urban Habit of Mind* em 1812; M. Davis, *The Exploitation of Pleasure*, 1911; *A Hundred Ways of Breaking your Neck*, *Scientific American*, 1905. Cf. Singer, Ben; 2001, p 143- 144.

Bartle, cidadão proeminente de New Brunswick foi morto instantaneamente na estação da rua do mercado da Ferrovia Pensilvânia nesta manhã. Seu corpo foi tão terrivelmente mutilado que os restos mortais tiveram que ser recolhidos com uma pá e levados embora em uma cesta...Praticamente cada osso foi quebrado, a carne feita em pedaços e distribuída ao longo do trilho e o corpo foi tão completamente dilacerado que as moedas e a faca no bolso das calças foram entortadas ou quebradas, e o talão de cheques, a carteira e os papéis foram despedaçados.”²⁰⁹

As ameaças da vida urbana aos trabalhadores também foram registradas: operários mortos ou mutilados por máquinas de fábricas; despencando de andaimes nas alturas, acidentados na precariedade de suas habitações: “ Arremessado para a morte instantânea: corpo é preso em rápidas correias giratórias e esmagado contra o teto a cada volta”; “Morte terrível de um gari: sua cabeça foi quase arrancada por uma máquina de varrer”; “Homem em queda mata um menino”.²¹⁰ O título de uma ilustração da revista Life em 1909, ao divulgar uma imagem da experiência urbana, combinando uma variedade de ameaças como acidentes, mortes, catástrofes, numa diversidade de espaço-tempo em um campo visual único, talvez pudesse transmitir um sentimento comum: “Nova York: Ela vale a pena ? “

A presença dos trabalhadores nos jornais, como vítimas dos perigos urbanos corresponde à sua presença maciça no espaço da cidade. Entre 1860-1900, a população dos Estados Unidos passou de 31 para 76 milhões de pessoas. Nesse período entraram no país 14 milhões de imigrantes. Entre 1880-1890 a população estrangeira de Nova York cresceu 50%, passando de 478.670 para 639.943 pessoas. Robert Park, historiador do jornalismo norte-americano afirmou que a tendência do imigrante era tornar-se leitor, primeiro assinando jornais na língua do seu país e depois adquirindo os jornais americanos. Assinala que naquele ambiente urbano, leitura era quase uma necessidade, como a própria fala.²¹¹

Da emergência de uma massa de trabalhadores-leitores, vivenciando os choques provocados pela vida moderna surgirá o jornal sensacionalista concebido no seu todo para provocar emoções. Segundo Alberto Dines, como recurso para provar sensações fortes, sejam elas visuais, semânticas, ou ideológicas, o sensacionalismo processa-se através do exagero

²⁰⁹ Idem, p.127..

²¹⁰ Newark Advertiser, 18 e 19 de Maio, 1891.

Ibidem , p. 144.

²¹¹ Cf. Wainberg, Jacques A, 1997, p. 32-33

Ainda segundo o autor, o número de periódicos nos Estados Unidos cresceria de 574 em 1870, para 1611 em 1900 e, em 10 anos chegaria a 2600. A circulação aumentou de 2.800.000 para 24.200.000 e o número total de todos os tipos de jornais crescera nesse mesmo período de 7 para 12 mil,

gráfico, lingüístico e temático da mensagem elaborada.²¹² Joseph Pulitzer e Randolph Hearst desenvolverão este modelo exemplar que ao mesmo tempo em que trará inovações fará a síntese aperfeiçoada de muito do que já era realizado nos jornais populares desde as primeiras décadas do século XIX.²¹³

Pulitzer que em 1883 tornou-se proprietário do World, transformando-o em um dos símbolos da imprensa sensacionalista, afirmava que seu jornal estava voltado para o imigrante, para o trabalhador, o semi-alfabetizado, gente que havia feito a população de Nova York chegar a três milhões de pessoas. Para alcançar este público aproximou o jornal dos problemas cotidianos introduziu a reportagem, contratando em 1887 a jornalista Nelly Blay para escrever sobre as condições de moradia dos pobres de Nova York. Denunciava abusos, desafiava corruptos, publicava histórias curiosas e os acontecimentos do dia. Inovou também com campanhas e concursos como estratégia para garantir a fidelidade do leitor, além do famoso quadrinho, o Yellow Kid.²¹⁴

As manchetes adquiriram enorme importância, pois através delas se poderia “fisgar” o leitor, assegurando as vendas, produzindo circulação, por isso deveriam ser concisas, “garrafais” e em negrito. O texto deveria ser curto, com linguagem simples, de fácil compreensão e ilustrado, primeiro com desenhos e depois com fotografias e o uso de cores. Com o novo tratamento gráfico a emoção foi valorizada. Ao exagero da manchete deveria corresponder o máximo de sensação. Um olhar rápido do leitor nas poucas palavras, deveria produzir alto impacto e, agora, por um centavo, a população de Nova York poderia chocar-se com a grande chamada de primeira página: Tragédia! Uma família inteira aniquilada pelo assassino! Poderia também, ver os cinquenta e quatro cadáveres de um incêndio em uma fábrica de roupas, exibidos na rua e conhecer com detalhes as histórias de “interesse humano”; ler sobre sacrifícios em seitas nos Estados Unidos; conhecer a carreira de dois degoladores de velhinhas ou os diferentes e incomuns tipos de armas usadas para cometer assassinatos. Com este modelo e com a utilização de impressoras velozes, a tiragem do World em 1898 atingiu 800.000 exemplares.²¹⁵

²¹² Cf. Dines, Alberto, 1972, p. 70

²¹³ O New York Sun é um exemplo, foi fundado em 1833 por Benjamin Day que criou a penny press, o jornal barato, já com características sensacionalistas, relatando histórias do cotidiano, assassinatos, suicídios.

²¹⁴ Richard Felton Outcault, criou para o World, a figura de um menino careca vestido com uma camisola amarela, que com irreverência e linguagem inovadora retratava os problemas da cidade e do país. Com ele surgiram as primeiras histórias em quadrinhos. Por usar uma camisola amarela, o sensacionalismo dos jornais de Pulitzer e Hearst ficou conhecido como jornalismo amarelo.

Cf. Wainberg, Jacques A, 1997.

²¹⁵ Cf. Wainberg, Jacques A, 1997, op.cit, p. 30.

William Hearst ao adquirir o New York Journal, em 1895, também o tornará um símbolo da imprensa sensacionalista. Iniciou sua trajetória assumindo, em 1887, a direção do “San Francisco Examiner” de propriedade da família. De imediato aumenta o número de páginas, enfatiza o noticiário local, nacional, e as denúncias sobre as condições de vida na cidade. Eleva a tiragem de 23.914 para 57.557 exemplares. Hearst observava o modelo do World e acompanhou o lançamento da campanha popular para obter fundos que financiariam o pedestal da estátua da Liberdade que chegara à França. Percebe o poder de comoção que a imprensa pode provocar, pois o jornal recebeu os cem mil dólares necessários. Aos 23 anos, define-se como o Pulitzer da Costa Oeste, mas seu objetivo é Nova York.

Com o Journal, as manchetes tornam-se ainda mais estrondosas. Reduz o preço do jornal ao valor mais baixo. Cerca-se de talentosos profissionais, com salários imbatíveis; cria a figura do enviado especial que promete ao leitor uma informação privilegiada. Nesses primeiros anos advoga as causas populares. Atendendo as demandas dos trabalhadores, exige tratamento justo dos tribunais; expansão da rede pública de ensino; redução no preço do gás; melhores condições de trabalho para as operárias; denuncia a corrupção. Cria a seção de meteorologia, o aconselhamento sentimental e o suplemento dominical. Publica ainda o Yellow Kid que “roubou” do World, tornando seu jornal uma forma de entretenimento e um guia barato para o bom andamento da vida cotidiana. O crime continua ocupando a primeira página emoldurado por manchetes espetaculares.

Um dos princípios editoriais de Hearst, divulgados aos recém-chegados à casa era o de que:

é fácil fazer circular o melhor jornal; deve haver surpresa e excitação em cada página; dedique o espaço adequado ao noticiário; condense cuidadosamente as notícias; trate as fotografias como notícias; dê a uma boa foto todo espaço que ela merece; o título deve dizer a notícia; as fotos devem dizer as notícias; os subtítulos devem dizer todas as notícias.²¹⁶

Arthur Mcwen, jornalista que trabalhou no Journal fez uma afirmação talvez decisiva para uma definição da imprensa sensacionalista: “o que procuramos é a emoção de uma

²¹⁶ Idem, p. 113.

sensação. Imprimimos o nosso jornal de modo que o leitor ao abri-lo exclame : “Meu Deus !”²¹⁷

Tema sensacional, apresentação gráfica e lingüística sensacional, emoção elevada à máxima potência, resultou na imprensa sensacionalista que fundiu o jornalismo popular que vinha se delineando desde meados do século XIX, com uma percepção da vida urbana moderna como fundamentalmente chocante. A tiragem impressionante destes jornais que chegava a ser de um milhão de exemplares dia, sendo que só a do suplemento dominical do Journal era de setecentos mil e, a renda que proporcionavam aos seus proprietários, em 1890 o World já obtinha um lucro de um milhão e duzentos mil dólares, determinou o aparecimento de um grande número de seguidores. Em 1900 um terço dos jornais da região metropolitana de Nova York era sensacionalista.²¹⁸

Concomitantes ao surgimento dessa imprensa, outras atividades culturais do final do século XIX e início do XX, instigam a vivência de choques sensoriais, promovendo diversões que os contemporâneos chamavam de espetáculos totais ou ultra-realistas. Segundo Ben Singer, a modernidade transformou a estrutura não apenas da experiência diária, fortuita, mas também da experiência programada, orquestrada. À medida que o ambiente urbano ficava mais intenso, o mesmo ocorria com as sensações dos entretenimentos comerciais da cidade de Nova York.²¹⁹

Desde meados do século XIX, dentre uma grande variedade de atrações, era possível, por dez centavos, visitar os Dime Museums e apreciar sua coleção de “bizarrices”, como fetos humanos conservados em formol, fetos de animais com deformações, como um cabrito com duas cabeças, ou animais empalhados, metade girafa metade carneiro, podia-se ver também apresentações de toda sorte de estranhezas que originaram os Freak Shows: anões, corcundas, gigantes, engolidores de fogo, de vidro, de insetos; albinos; hermafroditas, xifópagos e também “exemplares típicos” de outras culturas como guerreiros zulus, esquimós e pigmeus.²²⁰

O quinetoscópio apareceu nos Estados Unidos em 1894, máquina inventada por Thomas Edison, possuía um visor através do qual, colocando-se uma moeda, podia-se ver uma pequena tira de filmes que mostrava lutas de boxe, números cômicos, animais amestrados, o artista Eugene Sandow exibindo seus músculos, da mesma forma como fazia nas apresentações ao vivo e a dançarina Annabelle Whitford executando uma dança famosa na

²¹⁷ Cf. Batista, Marcela de Matos, 2000, p.41.

²¹⁸ Angrimani Sobrinho, Danilo, 1995, p. 20-21.

²¹⁹ Singer, Bem; 2001, p.133.

²²⁰ Leite Junior, Araújo, 2006, p. 196.

época. Uma outra diversão que se tornou imediatamente popular foi o Halle's Tours an Scenes of the World. Aqui o público poderia fazer uma viagem simulada de trem. Um vagão artificial permanecia fixo, enquanto numa grande tela, eram projetadas imagens de cinema filmadas a partir da frente de um trem em movimento. O Vagão sacudia, as rodas faziam barulho, ventava. Segundo os jornais, a ilusão era tão “real” que quando se mostrava o trem atravessando cidades, os “passageiros” acenavam para que os pedestres saíssem do caminho e não fossem atropelados. Ainda segundo os jornais, um senhor começou a voltar todos os dias achando que mais cedo ou mais tarde veria um desastre.

O Vaudeville tornou-se outro divertimento do período, com apresentação de comédias-pastelão, cães adestrados, mulheres lutadoras e exibição de filmes “repletos de sangue” que mostravam catástrofes, os crimes mais recentes, cenas de eletrocussão de um elefante ou de um trem em alta velocidade vindo de encontro à platéia.²²¹

O melodrama tornou-se particularmente sensacional, sinônimo de ação violenta, de edifícios em chamas, explosões, naufrágios, heroínas saltando de telhados sobre trens em movimento. O crítico inglês Archibald Haddon observou que “o elemento humano simples e expansivo não mais encanta. Dramas de viagem nos dias de hoje não são propriamente montados a menos que cada cena seja um grito, cada título um berro”.²²²

O desejo por atrações fortes podia ser também satisfeito com as exibições do globo da morte, nas quais um carro dava uma cambalhota no ar depois de descer uma rampa de 12 metros. E, ainda, com o parque de diversões de Coney Island, inaugurado em 1895 que oferecia por baixo preço vistas exóticas, espetáculos de desastres, cachoeiras, solavancos e a possibilidade fascinante de alterar a percepção do próprio corpo e do mundo ao redor, experimentando-se a emoção vertiginosa da montanha russa e da roda gigante.²²³

A imprensa sensacionalista e esses divertimentos que expressavam práticas interligadas de percepção da realidade urbana como choque e que mobilizavam

²²¹ Cf. Cesarino, Costa Flavia, 1995.

Além do quinetoscópio e do Halle's Tour, a autora relata outras formas de entretenimento do fim do século XIX nos Estados Unidos, tratando principalmente dos primórdios do cinema.

Ver também: Silva, Maria Cristina Miranda, 2000 e Singer, Ben, op.cit, 2001

A cena de eletrocussão de um elefante refere-se ao filme de 1903: Electrocuting an Elephant. Sobre o primeiro cinema: Tom Cuning: Uma estética do espanto. O cinema das origens e o espectador (in) crédulo.

²²² Singer, Ben, op.cit, p.134

²²³ Nicolau Sevcenko, fala desse fascínio pelos brinquedos dos parques por parte dos artistas que criaram a arte moderna no início do século XX, mas esta mesma sensação devia ser comum a todos que experimentavam os engenhos. “O que os atraía eram os brinquedos que, ou por submeteram as pessoas a experiências extremas de deslocamento e aceleração, ou por lhes propiciarem perspectivas inusitadas, alteravam dramaticamente a percepção do próprio corpo e do mundo ao redor.”

Sevcenko, Nicolau, 2001; p. 70.

principalmente a classe operária e os trabalhadores imigrantes, logo produziram seus críticos. Os entretenimentos foram considerados “formas grosseiras, vulgares e estúpidas de diversão, apropriadas apenas para crianças sem acesso à educação e para criaturas ignorantes em geral, sem condições de usufruir das Belas Artes.”²²⁴ A imprensa foi acusada de mau gosto, escandalosa. Manchetes sangrentas replicadas nos cartazes e nos gritos dos jornaleiros incentivavam a eclosão dos instintos, a perigosa falta de sensatez.

Entretanto, o que parece incomodar é o surgimento de um contingente de trabalhadores pobres, recém chegados à alfabetização, que tinham encontrado por quase nada, uma fonte própria de entretenimento, de fruição de “emoções baratas” e que podiam também, por quase nada, pelo jornal, inteirar-se das novidades da cidade, do país, do mundo, podiam receber um conselho sobre o amor, saber como estaria o tempo, rir com os cartoons e ter assunto para conversa. O que parece mais incomodar a elite é testemunhar o acesso destes semi-analfabetos aos símbolos máximos da cultura erudita: a leitura e o lazer.²²⁵

2 - O Diário da Noite e os Medos na Metrópole

No Brasil, desde o último decênio do século XIX, a imprensa já registrava de forma inquietante o aumento da criminalidade nas cidades. Esses registros foram particularmente contundentes com relação a São Paulo que sofreu um crescimento considerado por muitos dos seus contemporâneos como caótico, atordoante, e até mesmo funesto. As observações referiam-se principalmente ao vertiginoso aumento da população imigrante que causou como que um abalo na vida da cidade e que teria vindo para ficar.²²⁶

²²⁴ Idem.

²²⁵ O jornal sensacionalista, principalmente o de Hearst ficou conhecido como jornal fraudulento, que inventa, que chantageia. Tornou-se famosa a história da guerra entre Estados Unidos e Espanha que começou em 1898. O pretexto foi um navio americano que explodiu no litoral cubano. Hearst enviou um repórter e um ilustrador para Cuba. O ilustrador, após verificar que em Havana estava tudo tranqüilo pediu para voltar, ao que Hearst respondeu: Fique. Forneça as ilustrações que eu consigo a guerra.

Mas apesar de toda crítica, a rejeição maior aos jornais sensacionalistas parece vir do fato de serem dirigidos às classes populares.

²²⁶ Entre 1886 e 1902, a cidade de São Paulo recebeu milhares de imigrantes. A taxa geométrica de crescimento em 1900 foi de 14%. O Impacto foi enorme uma vez que não havia condições sanitárias nem de moradia para absorver essa população.

Singer, Paulo; 1968, p.58

Este crescimento intenso provocou uma detida análise médica sobre a população da cidade, principalmente sobre os imigrantes considerados responsáveis pela disseminação de epidemias, pelo aumento da

O Diário Popular de 29 de Janeiro, de 1892, parece preparar seus leitores par os novos tempos:

São Paulo, que há muito tempo não fornecia aos jornais senão fatos insignificantes, encaixados em duas linhas insípidas de gazetilha, sem o relevo de um comentário; São Paulo na semana finda elevou-se, em relação à assaltos e agressões a uma altura a que nunca chegaram o pinhal Azambuja e os bosques da Calábria...

O Assassinato de Paulista (o nome da vítima) que causou sério sobressalto nesta população despreocupada... Assassinato cometido friamente com uma sanguinária brutalidade inqualificável, fez percorrer pelo dorso da população o calafrio do medo e fez-lhe eriçar os cabelos de terror...

Não desanime a polícia, seja a polícia forte, e mesmo que seja violenta às vezes, que importa?- a fim de restabelecer os créditos de São Paulo gravemente comprometidos por celerados sem nome, prendendo-os e de assegurar o sossego de todos, detendo os viciosos, desocupados e mendigos, cogumelos nacionais e importados que vivem à sombra do trabalho alheio.²²⁷

Relatos de homicídios, assaltos, suicídios, entraram também, ainda que de forma discreta nas páginas de jornais respeitáveis como “O Estado de São Paulo” e “O Correio Paulistano”, tanto respondendo à nova configuração da vida urbana que começava a se delinear, como atendendo aos procedimentos de modernização na forma e no conteúdo, pelos quais começava a passar a imprensa e para ampliar o universo do público leitor, fazendo frente à concorrência que se acirrava com o surgimento de novos títulos de jornais na capital.²²⁸

criminalidade e dos suicídios. Pela via do sanitarismo foram criados modelos e práticas de disciplina para esses trabalhadores e para todos aqueles que deveriam enquadrar-se na rotina dos novos tempos. Há uma vasta bibliografia sobre este assunto. Um estudo pioneiro é o de Roberto Machado : *Danação da Norma*, 1978.

²²⁷ Diário Popular, 29- 01-1892, apud, Fausto, Boris, 1984, p.12

O autor assinala que em torno da última década do século XIX, o noticiário criminal ganha destaque. Surgem os primeiros repórteres especializados que não se limitam ao mero registro. Eles introduzem a crônica policial e competem às vezes com a autoridade na apuração dos crimes. Nos anos 10 do século XX, jornais como A Capital e O Combate radicalizam esses traços.

Idem, p.15.

Sobre a presença dos fait divers no “O Estado de São Paulo” ver: Guimarães, Valéria do Santos, 2004.

²²⁸ Sobre o crescimento e circulação da imprensa periódica e as relações entre cultura letrada e vida urbana em São Paulo, no final do século XIX e início do XX ver: Cruz, Heloísa de Faria, 2000.

Tânia Regina de Luca fornece uma lista diversificada de títulos de jornais que surgiram na maior parte das

Entretanto, será por volta de meados século XX que jornais da grande imprensa irão inspirar-se mais amplamente no modelo norte americano, adotando o ideal de imparcialidade e objetividade na transmissão dos seus conteúdos, incorporado pelo uso do lead e do copy-desk, comprometendo-se de forma mais definitiva com a captação de leitores de amplos setores da população, pela diversidade dos assuntos tratados e dedicando regularmente parte da pauta ao cotidiano da vida na cidade.²²⁹

É dessa forma que o Diário da Noite se consolidará nesses anos. Tanto se apropria dos parâmetros do jornalismo moderno que pretende informar o leitor com isenção, como dramatiza a realidade, capturando o leitor pela sua aproximação emocional com o assunto tratado. E esta será a perspectiva do jornal sobre o cotidiano de São Paulo. Com grandes manchetes coloridas proporá que a cidade seja entendida como um espaço chocante, onde já não era mais possível andar despreocupadamente, onde a vida e a saúde corriam um risco iminente, ameaçadas por todo tipo de perigo.

À perspectiva ufanista dos anos dourados que difundia uma imagem de São Paulo como sendo a “locomotiva do Brasil”, a “cidade que mais cresce no mundo”, a “São Paulo que não pode parar”, metrópole que correspondia às mais altas produções artísticas, culturais e científicas dos países mais desenvolvidos do mundo, o jornal contrapõe uma abordagem que estimula uma sensação de estranhamento, incita o medo, provoca um sentimento de insegurança.

O Diário da Noite, se debruça sobre as singularidades negativas da vida urbana moderna, que transitam das tensões do dia a dia, próprias das grandes cidades - barulho, acidentes, enchentes, epidemias -, ao convívio com o transgressor, com o anômalo, com o carente e principalmente com o criminoso. E estes, de forma mais ou menos explícita estarão próximos da classe trabalhadora. Esta aparece como similar aos que vivem na fronteira da ordem, correndo um risco intermitente de transpor a normalidade e cair na exceção, no desvio.

capitais do país a partir de meados da década de 1870.

Luca, Tânia Regina de, 2008; p.156 .

²²⁹ A expressão “Grande Imprensa”, de forma geral designa o conjunto de títulos que, num dado contexto compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro.

Luca, Tânia Regina de, op.cit, p.149.

Nelson Rodrigues exasperava-se com a introdução dos critérios modernos no fazer jornalístico: “O Pompeu trouxe para cá o que se fazia nos Estados Unidos: – o copy- desk . [...] rapidamente, os nossos jornais foram atacados de uma doença grave: - a objetividade. Daí para o idiota da objetividade seria um passo [...] o idiota da objetividade inunda as mesas de redação e seu autor foi, mais uma vez, Pompeu de Souza. Aliás, devo dizer que o copy- desk e o idiota da objetividade são gêmeos e um explica o outro.”

Pompeu de Souza foi chefe de redação do “Diário Carioca”.

C.f. Barbosa, Marialva, 2007, p.150

Tomando então, o espaço da cidade como referência, o jornal apresentará disseminado por suas páginas um painel amplo e diversificado de perigos que seriam inerentes à cidade moderna e que praticamente se auto reproduziriam, diária e incessantemente. O jornal ao mesmo tempo que indica os perigos para o leitor e coloca-se como seu porta voz, exigindo providencias das autoridades, também desperta o medo porque sinaliza para a precariedade, para a ineficácia das soluções oficiais, para a quase impossibilidade de superação dos perigos de forma coletiva, abrindo espaço para as futuras medidas privadas de segurança e de controle do medo.

2.1 – Ruídos

O Ruído foi uma das ameaças registradas pelo jornal já no início da década de 50:

Sabemos todos que vivemos nesta megalópole incômoda, que São Paulo é cidade barulhenta, onde, à noite, nas horas em que o corpo exige sossego para o repouso, motoristas não respeitam esse direito, bêbados berram alto e funcionam postos de serviços e bombas de gasolina que torturam seus vizinhos com instrumentos de lavagem e pulverização de veículo. Baixou o Secretário de Segurança Pública disposição para coibir excessos nesse sentido, desincumbindo-se de atribuições de interesse público que todos aplaudimos, por sobrepor o sono e o repouso da maioria à ganância das minoria.

Devemos informar ao titular da Pasta de Segurança, no entanto, que sua ordem não está sendo cumprida se não no todo, pelo menos em alguns lugares. Automóveis continuam a buzinar à noite; notívagos continuam a falar alto e Postos de Serviço continuam a trabalhar com seus aparelhos de lavagem e pulverização que constituem verdadeiro martírio para os vizinhos. É o que acontece no Posto de Serviço na Avenida Paulista esquina com a Consolação.²³⁰

A denúncia do ruído como perturbador do sossego já evidencia nos anos 50, a tensão da vida moderna, que ao mesmo tempo que exige prontidão para execução do trabalho de forma rápida e eficiente, apresenta a cidade como fonte de ruídos, ou seja, de sons

²³⁰ Diário da Noite, 01-04-1950.

desarmônicos, indesejados, estranhos, sons que respondem a interesses diversos, desconstruindo, e que constroem a percepção da cidade como um espaço de grande desordem sonora, principalmente para os ouvidos daqueles que como afirmará o jornal, são os sujeitos da prosperidade. Em reportagem do dia 17 de Setembro de 1952, o *Diário da Noite* afirma que o paulistano anda com os nervos exaustos. Pede o fim de tanto barulho, afirmando que a paciência do paulistano já se esgotou e que a cidade inteira está sob o domínio de ruídos enervantes, das buzinas insistentes, da gritaria que se ouve aqui e ali, formando uma zoadinha incessante capaz de tirar a calma aos mais serenos. “Por incrível que pareça, há na metrópole já por si múltipla e ruidosa quem se esmera em desencadear o barulho sem o mínimo respeito que se deve aos cidadãos que constroem a prosperidade paulistana.”

Quando não fosse a buzina que o motorista faria tocar a torto e a direito, seriam as casas de venda de discos que apregoariam essa mercadoria da forma mais inconveniente possível, “pondo as vitrolas a funcionar mais alto para chamar a freguesia”. E muitos desses estabelecimentos teriam instalado alto falantes à entrada do edifício em que funcionam, para que a música tocada pudesse chegar aos recantos mais distantes. Assinala o jornal que o interesse do público pelas músicas gravadas era grande e alimentava a concorrência entre as casas comerciais que de manhã à noite, “berram os êxitos da música popular como se as ruas fossem autênticos salões de baile e aqueles instrumentos simbolizassem verdadeiras orquestras”. Reclama de que há realmente um “show” de sambas, tangos, “swings, mambos, boleros e outras canções, um show ao ar livre a qualquer hora do dia em qualquer parte da cidade e que acumulam-se as queixas contra esse processo de propaganda, principalmente por parte dos escritórios e outros estabelecimentos de trabalho que estão instalados nas proximidades das casas de discos.

O Jornal estampa uma foto com um grupo de pessoas tocando cornetas: “soam os clarins anunciando um espetáculo circense: é mais uma modalidade de barulho para aumentar o martírio do povo” Show é bom, mas não quando se precisa trabalhar e se quer silêncio.”²³¹

As observações do jornal são tributárias de estudos médicos, principalmente os relativos à Higiene Mental, campo que assumiu grande relevância após a Segunda Guerra e que procurava tanto identificar as causas que provocavam o surgimento da estafa física e mental como estabelecer um conjunto de medidas que zelariam pela boa saúde psíquica, cujo objetivo era a adaptação da sociedade à vida moderna.

²³¹ *Diário da Noite*, 17-09-1952.

Pacheco e Silva, médico psiquiatra e professor de renome em São Paulo foi um dos que mais divulgou as agruras da modernidade e como preveni-las: “Realmente a intensidade da vida moderna, as dificuldades econômicas, a rapidez das comunicações, a rapidez da difusão do pensamento, a vida anti-higiênica das grandes coletividades, a deficiência alimentar, o ruído intenso e incessante das grandes aglomerações, a tensão de espírito permanente em que vive o homem de hoje, os hábitos do luxo, os prazeres excessivos, contribuem indiscutivelmente para aumentar de modo assustador as psicopatias.”²³² Portanto caberia à Higiene Mental a “adaptação de nosso sistema nervoso às novas normas de vida criadas pela formidável transição operada em todos os domínios da atividade humana”²³³. Dentre estes, um dos mais importantes, relacionava-se ao trabalho produtivo, cuja eficácia não dependeria apenas da disciplina nos locais de trabalho mas de um modo de vida, no qual o sono tranquilo teria um papel especial, sendo uma das principais formas de garantia da produtividade do trabalho e de prevenção das neuroses da vida moderna.

“o sono é também um grande reparador das forças nervosas. Enquanto dorme, o sistema nervoso se desintoxica, o organismo se refaz e a pessoa se prepara para resistir às fadigas do dia seguinte.”²³⁴ Ao assinalar a profusão, a diversidade de sons da cidade como ruído incômodo, motivo de estafa, o jornal hierarquiza gostos e interesses em conflito: música popular tocada em som alto, banda de circo em contraposição aos que realmente fazem a cidade prosperar.

2.2 - Acidentes

Outro perigo registrado pelo jornal foi o dos acidentes de automóveis e de trens. Quando em 1908, Silvio Penteado tornou-se o “homem mais rápido do Brasil”, ao vencer a primeira corrida de automóveis e motocicletas da América do Sul, o “Circuito de Itapeccerica”, foi dito na festa de comemoração, em sua mansão que, agora só “anda depressa quem anda de automóvel”²³⁵

²³² Silva, Antonio Carlos Pacheco, 1950, p.33

Pacheco e Silva dirigiu o Hospital do Juquery em 1923, após a aposentadoria de Franco da Rocha; fundou a Liga Paulista de Higiene Mental em 1926; em 1929 dirigiu o Manicômio Judiciário de Franco da Rocha e mais tarde foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

²³³ Silva, Antônio Carlos Pacheco e, 1946, p. 297

²³⁴ Idem, p. 293

²³⁵ Cf. Sant’Anna, Denise Bernuzzi de, 2001 p. 41.

Marca do progresso, o automóvel e a rapidez de deslocamento que ele proporcionava, tornou-se sinal de distinção social uma vez que só a elite com seus carros e até motoristas importados, poderia então, ser absolutamente moderna, numa cidade em que nos princípios do século XX, o trânsito ainda era dominado pela tração animal e a maioria dos serviços de abastecimento era prestada por carroceiros.²³⁶

Por outro lado, os jornais também não deixaram de assinalar de forma mais ou menos discreta, os perigos da velocidade. O Diário da Noite os relatava de forma apavorante como este, do final dos anos 30: “Automóvel Sinistro! Atropelou pae e filha e na fuga vertiginosa matou uma mulher e alborou ainda uma “baratinha.”²³⁷

Mas será nos anos 50 quando a cidade já adquiriu os contornos definitivos de metrópole e com o trânsito considerado como uma das “Sete pragas que torna São Paulo infeliz”,²³⁸ que os acidentes e principalmente os atropelamentos merecerão longas, dramáticas e meticolosas reportagens, exemplificando a grande probabilidade do encontro da morte inesperada e mais terrível ainda porque pública. Aqui os relatos “falam ao coração do leitor” e por sua descrição detalhada, aproxima-o dos protagonistas da história permitindo que ele acompanhe o acontecimento de forma condóida, até o fatídico final, tirando dessa história uma lição para si mesmo

QUATRO MOÇAS SACRIFICADAS PAGARAM COM SEU SANGUE A VOLÚPIA DE MOTORISTAS INCONSCIENTES

Na Rua do Manifesto

Pouco depois das 16 horas de ontem a jovem Ladir Cardoso, 17 anos, solteira, domiciliada à rua Silveira da Mota, 73, em companhia de sua amiga Guiomar Alves dos Reis, 20 anos, moradora na rua Enj. Prudente, 426, pretendia atravessar a rua do Manifesto, cruzamento da rua 2 de Julho. Naquele local estava parado um ônibus que aguardava o desembarque de passageiros, e pela frente do veículo as duas jovens pretenderam transpor o leito da rua. Mal deram o primeiro passo, surgiu em grande velocidade a “perua” de chapa 31-37-74, da empresa de ônibus Santo André, dirigida pelo motorista Otávio Betega que apanhou em cheio as duas

A velocidade continuará fazendo parte de inúmeras experiências humanas posteriores ao advento do automóvel e do avião, funcionando como condição de sucesso, poder e riqueza.

Idem p. 16.

²³⁶ Cf. Cruz Heloisa de Faria, 1991, p. 30.

²³⁷ Diário da Noite, 14-02-1939

²³⁸ Diário da Noite, 01-04-1958

jovens. Ladir mais infeliz do que Guiomar, foi arremessada violentamente ao solo ficando sob as rodas do pesado veículo. Sua companheira atirada à distância, sofreu além de escoriações pelo corpo, fratura do braço esquerdo.

Vendo Ladir estendida do asfalto e sua colega contorcendo-se em dores, Otávio Betega temendo ser linchado, abandonou apressadamente o veículo no local, dirigindo-se para a garagem da empresa em Santo André.

Ao depor, o motorista disse que seguia em direção a Santo André imprimindo ao veículo marcha moderada. Ao atingir o local, onde se verificou o atropelamento, entrou à esquerda a fim de tomar a dianteira de um ônibus que estava parado. Mal iniciara a manobra quando foi surpreendido pela presença das duas jovens que inesperadamente saíram da frente do coletivo que estacionara. Seu esforço foi inútil, pois atropelou as duas moças.

Outro desastre, de circunstâncias e conseqüências exatamente idênticas, ocorria quase duas horas depois, na Avenida São João no cruzamento com a avenida Duque de Caxias. Trafegando entre as duas ilhas de segurança ali existentes, fazendo uma velocidade além da permitida pelo regulamento de trânsito, o automóvel dirigido por Luís Alberto Salles Oliveira Keller, colheu duas jovens que acabavam de descer de um bonde pelo lado da entrevista. Tal foi a violência do choque que as duas vítimas foram bater contra o pára-brisa do carro, estilhaçando com seus corpos os vidros e amassando a capota do veículo, para caírem logo depois, estateladas no solo.

Ambas as moças que contam presumivelmente 20 e 30 anos, são desconhecidas e como tal foram encaminhadas para o hospital das Clínicas. Uma delas sofreu fraturas na base do crânio, sendo poucas as probabilidades de que escape aos ferimentos. Sua companheira foi recolhida em estado de choque.^{239,,}

O jornal adverte o leitor para o risco de vida que a cidade apresenta o tempo todo, em qualquer lugar. E, neste caso, o risco maior não está no automóvel nem na rapidez de deslocamento que ele propicia e que fazem parte do progresso, mas está no uso incivilizado da tecnologia por aqueles que se deixam dominar pela volúpia, prazer intenso dos sentidos que a velocidade pode provocar. O preço a pagar são os corpos estatelados, o sangue, a morte, o sacrifício de jovens mulheres. E, se apesar da restrição imposta pelo código de trânsito, a lei não é respeitada, talvez o que o jornal sugira para o leitor, nos anos 50, e que nos parece bastante familiar nos dias de hoje, seja que, diante das inseguranças da vida moderna, o melhor seja cada um cuidar de si.²⁴⁰

²³⁹ Diário da Noite, 14-04-1955.

²⁴⁰ Sobre as relações entre tecnologias e corpo ver : Sant'ana, Denise Bernuzzi de; 2001

A própria Secretária de Segurança Pública, diante de um problema que parecia já ter tomado proporções coletivas, procura incentivar esse cuidado, educando a população nas artes de sobrevivência ao cotidiano urbano:

A Morte Anda Solta Nas Ruas

Pedestre! Transite sempre sobre os passeios ou junto à margem direita da via pública; mantenha a “mão” de direção nas vias públicas em geral, principalmente nas de grande movimento, atravesse as ruas pelas faixas de segurança e, onde estas não existirem, pelos lugares onde possa ser visto pelos condutores de veículos a uma distância mínima de 50 metros; olhe para os dois lados antes de atravessar a rua e atravesse como máximo cuidado, atenção e presteza possível, não se detendo em sua parte carroçável para palestras, leituras ou outro motivo qualquer; não tente atravessar uma rua por entre veículos estacionados, sem prévia e cuidadosa observação do movimento do trânsito; obedeça as instruções do guarda de trânsito e aos sinais regulamentares; nunca atravesse uma rua em linha diagonal ou no meio dos quarteirões; nunca tome bonde ou ônibus em movimento; espere que o veículo pare junto às “ilhas” de segurança ou à beira do passeio nos pontos de parada estabelecidos.

(Serviço de divulgação da Secretária de Segurança Pública.²⁴¹)

Este anúncio específico sobre a segurança no trânsito, partilhava espaço com outro que, desde o início da década de 50, advertia a população para os perigos urbanos, através de uma pedagogia que parecia ter sua eficácia : despertar o estado de alerta através do medo e, ambos compartilhavam o sensacionalismo do jornal:

SUA VIDA ESTÁ EM PERIGO !

Nesta capital foram vítimas de acidentes diversos, em locais de trabalho, residências ou nas vias públicas:

Ben Singer sugere que os jornais ao descreverem as mulheres como protagonistas dos acidentes de trânsito, de modo implícito estigmatizam o aumento de sua presença na esfera pública.

Singer, Ben, op.cit , p. 128.

Em 1950 pelas oito mil ruas da cidade circulavam cerca de 150 mil veículos, dos quais 75 mil eram automóveis, 22 mil caminhões, 3 mil ônibus, 800 bondes e 40 mil bicicletas.

Cf. Robles de Queiroz, Suely, 1993 p. 219.

²⁴¹ Diário da Note, 07-05-1955.

De zero hora de Sábado às 24 horas de ontem:

Mortos- 03

Feridos-38

No primeiro trimestre:

Mortos- 227

Feridos- 1617

Observe com atenção as medidas acauteladoras de sua segurança pessoal. Uma discussão, uma briga, uma atitude violenta, um cálice a mais de álcool, a vontade de chegar mais cedo, vêm ferindo e matando centenas de pessoas.

Seja prudente!

A prudência preserva a vida !

Sua vida corre perigo! (Serviço de divulgação da Secretária de Segurança Pública.²⁴²)

Dentre os acidentes, os de trem ganhavam uma cobertura meticulosa, tanto pelas proporções quanto pelas vítimas, na maioria trabalhadores que moravam nos subúrbios ou que aqui chegavam nos “trens baianos” para procurar trabalho.

Nos anos 50, vagões superlotados, carregando operários ou migrantes, fizeram com que a viagem de trem perdesse o encantamento da visão de paisagens inusitadas, deixadas ao sabor da fantasia e dessem lugar ao horror.²⁴³

As reportagens elaboradas como grandes tragédias não poupam expressões como: pungente, doloroso, trágico, pavoroso, nem a visão dos cadáveres expostos no espaço público, evidenciando um outro aspecto apavorante da modernidade: máquinas destroçadas, corpos mutilados, o espetáculo da morte violenta e súbita.

Os acidentes de trem eram tão frequentes nos anos 50, que quase faziam parte do dia de trabalho, transformando o cotidiano em expectativa de desastre. Os trens da Central do Brasil foram a negação do deslumbramento que este meio de transporte moderno deveria

²⁴² Diário da Noite, 03-04-1950.

²⁴³ O choque da chegada dos tempos modernos foi sentido de muitas maneiras e provocou sentimentos terríveis de angústia. Márcia Tembil relata que quando o trem chegou à cidade de Guarapuava no Paraná, no início dos anos 50, o que parecia progresso foi também sentido como horror, como a chegada do fim do mundo.

Uma parcela da população lembrou-se da profecia do beato João Maria que afirmara que a chegada do trem despertaria a serpente que repousava na lagoa das Lágrimas. A serpente com o silvo do trem destruiria a cidade. Boa parte dos habitantes, tomada de pânico fugiu para a zona rural lá permanecendo por muitos dias.

Cf. Tembil, Marcia; 2007.

provocar. Ficaram mais conhecidos por toda imprensa e pela população como Trens da Morte.²⁴⁴

CATÁSTROFE NA CENTRAL

45 mortos e mais de uma centena de feridos.

Gritos de dor e desespero na escuridão da noite - A carga sinistra era arrancada dos escombros e empilhada ao lado dos trilhos - Transformado o humilde subúrbio em verdadeiro inferno- Amontoados de carne humana entre ferros retorcidos e madeira esfarelada- Até sobre o trem havia um homem morto.

Mortos, feridos e pedaços de corpos humanos misturados com madeira quebrada e ferro retorcido, foi a primeira visão que tivemos do verdadeiro inferno em que se transformou o local do pavoroso desastre ferroviário ocorrido com dois trens do subúrbio da Central do Brasil logo depois das 18 horas de ontem.

Dos escombros partiam gritos lancinantes de pessoas feridas que estavam presas entre pedaços de ferro. Na escuridão da noite a confusão era aumentada por gritos de desespero dos que viajavam nas duas composições e procuravam auxiliar os feridos. Corpos eram puxados de sob os destroços saindo sem pernas ou mesmo sem braços !

O desastre ocorreu com o choque de dois trens entre Cangaíba e a Estação Engenheiro Goulart. O trem que demandava São Paulo, chocou-se com o que partiu de São Paulo com destino aos subúrbios, lotado de trabalhadores que regressavam aos seus lares.

O maquinista Agenor André Pereira foi despedaçado no choque. Centenas de operários que viajavam na máquina elétrica foram atirados à distância, juntamente com escombros. O maquinista da segunda composição escapou com vida estando desaparecido do local até o momento.

Os trabalhadores que viajavam nas duas composições e que receberam pequenos ferimentos, empenharam-se desde logo a salvar os feridos.

Gritos de dor partiam de todos os cantos, alucinados, os trabalhadores entravam e saíam entre os escombros, arrastando mortos e feridos. Moradores das proximidades, atraídos pelo violento choque, saíram de suas casas e correram para o local da catástrofe.

Todos que por ai moravam esperavam parentes que deveriam chegar do trabalho servindo-se dos trens da malfadada Central do Brasil.²⁴⁵

²⁴⁴ A estrada de ferro Central do Brasil adquiriu este nome após a Proclamação da República. Começou a ser construída em 1855, como estrada de ferro Don Pedro Segundo, com a meta de ligar Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais e logo todo o território nacional. A estrada chegou a São Paulo em 1890.

A reportagem destaca ainda:

POVO ENFURECIDO QUERIA DEPRENDAR AS ESTAÇÕES DA CENTRAL DO BRASIL;

Parentes Das Vitimas Tentaram Invadir o Necrotério

Sacerdotes Caminhavam Entre Os Trilhos Dando Extrema-Unção aos Agonizantes²⁴⁶

Levado pela reportagem dos Diários Associados, o médico de plantão no Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas, compareceu ao programa “O Céu é o Limite” fazendo um apelo para que a população doasse sangue aos feridos.

FINAL TRÁGICO DO NATAL NOS TRILHOS ASSASSINOS

18 mortos e cem feridos em Guararema

Quatro carros de carga desengataram da composição e descendo a rampa foram de encontro ao “trem dos baianos” de prefixo RP4 que deixou a estação Roosevelt às 14:45 horas de ontem.

A Central do Brasil marcou ontem, com sangue, o dia do natal. 18 mortos e cem feridos foi o trágico balanço do desastre ocorrido nas ultimas horas da tarde.

O carro de segunda classe do “trem baiano,” foi o mais duramente atingido. Nesse vagão, vários mortos e dezenas de feridos compunham pungente espetáculo entre madeira e ferro retorcidos. O choque provocou um barulho impressionante. O ranger de ferros retorcidos se misturava aos gritos de dor partidos do interior dos vagões²⁴⁷

²⁴⁵ Diário da Noite, 26-06-1959.

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ Diário da Noite, 26-12-1955.

TRÁGICA COLISÃO DE SUBÚRBIOS E CARGUEIROS

Trágico desastre na Central: 9 mortos e mais de cem feridos

Entre pernas e braços arrancados as vítimas gritavam por socorros. Cenas impressionantes no desastre ocorrido hoje cedo na Quarta Parada.

Com os corpos esfaqueados, quatro operários que morreram no choque dos trens, tiveram seus cadáveres cobertos com folhas de jornal.²⁴⁸

As manchetes, as reportagens, os destaques do jornal são elaborados de modo que o leitor sinta o ritmo frenético dos acontecimentos após a suspensão abrupta do curso normal do cotidiano:

“A viagem corria normalmente quando...”; “o trem estava em marcha moderada quando...”; “os passageiros olhavam pela janela quando...”; “Aguardavam a chegada ao lar quando...”; “depois de um dia de duro trabalho...”. “A composição saltou espetacularmente dos trilhos...”; “Deu um salto impressionante...”; “trilhos e dormentes foram arrancados e atirados a distâncias...”. “Confusão medonha...”; “Pânico...”; “Gritos desesperados...”; “Horas de angústia e terror...”.

Finalmente, quando “a calma se restabelece”, surge o balanço fatal: trabalhadores mortos e escombros, revelando a face destrutiva, o avesso, a desolação da modernidade. E, o jornal, papel onde está impresso o efêmero, que narra a efemeridade da vida expondo corpos mortos, termina aqui, melancolicamente, por cobri-los, como as metamorfoses do jornal de que fala Júlio Cortázar, só que no fim, em vez de embrulhar um molho de celga, cobre o rosto de um trabalhador, como no início da canção de João Bosco: “Ta lá o corpo estendido no chão, em vez de um rosto a foto de um gol.”²⁴⁹,

²⁴⁸ Diário da Noite, 09-09-1954.

²⁴⁹ “Um senhor pega um bonde depois de comprar o jornal e pô-lo debaixo do braço, meia hora depois desce com o mesmo jornal debaixo do mesmo braço.

Mas já não é o mesmo jornal, agora é um monte de folhas impressas que o senhor abandona no banco da praça.

Mal fica sozinho na praça, o monte de folhas impressas se transforma outra vez em jornal, até que um rapaz o descobre, o lê e o deixa transformado num monte de folhas impressas.

Mal fica sozinho no banco, o monte de folhas impressas se transforma outra vez em jornal, até que uma velha o encontra, o lê e o deixa transformado num monte de folhas impressas. Depois, leva-o para casa e no caminho aproveita-o para embrulhar um molho de celga, que é para o que servem os jornais depois dessas excitantes metamorfoses”.

Cortázar, Júlio; 197; p.64-65

2.3 - Enchentes, Epidemias e Doenças

Enchentes

Desregramento do curso da natureza, desorganização do funcionamento do corpo, as inundações e o risco de epidemias aparecem no jornal como ameaças revigoradas que rondam a metrópole.

Banho de caneca, banho de bacia, banho nenhum, cinco cruzeiros o banho. Nos anos 50, a precariedade no abastecimento de água em grande parte dos bairros de São Paulo não tornava fácil seguir os preceitos dos higienistas do início do século XX. “Seu” Mesquita, alugava chuveiros por cinco cruzeiros, com direito a toalha e sabão, afirmando ser esse o único meio de tomar banho em São Miguel Paulista.²⁵⁰

A cidade sofria com a escassez de água e com seu contrário: o grande volume, que na época das chuvas, sem ter para onde escoar invadia ruas e casas. As enchentes tal como hoje e praticamente nos mesmos lugares eram objeto de pavor que o jornal estampará em suas manchetes:

CENTENAS DE CASAS INVADIDAS PELO ARICANDUVA

Vila Nova Manchester, Vila Matilde, Vila Leopoldina, Vila Guilherme, bairros operários contornados pelo Aricanduva, esquecidos pelos poderes municipais, voltam a sofrer os rigores das inundações. O riacho que há muito devia estar canalizado, continua, devido à inércia da municipalidade, a invadir moradias, tudo destruindo.²⁵¹

Bosco, João; De Frente Pro Crime in: O Melhor de João Bosco.

²⁵⁰ Diário da Noite, 18-05-1955

Em 1947, somente 36,04% das ruas do município de São Paulo eram abastecidas de água encanada.

Cf. Kowarick, Lúcio, 1994, p. 165

²⁵¹ Diário da Noite, 17-02-1950

SÃO PAULO ASSOLADA POR NOVO INTENSO TEMPORAL BAIRROS INTEIROS ALAGADOS ANTE A FÚRIA DAS CHUVAS

Centenas de casas invadidas pela enxurrada.

Inundações, desabamentos e mortes na cidade. Morto um homem na enxurrada.

Tráfego paralisado em vários bairros. Desesperadora a situação em toda a zona do mercado.

PARALISAÇÃO DE BONDES E ÔNIBUS.

Operários Chegaram aos Milhares Atrasados ao Serviço.

Como sempre acontece, o rio Tamanduateí transbordou. Suas águas tomaram conta da Avenida do Estado, chegando a ameaçar seriamente a ponte situada na altura da Rua Barão do Jaguará. Espraçando-se pelos lugares mais baixos o Tamanduateí atingiu a rua Capitão Pacheco Chaves, entrou pela rua dos Alpes, no Cambuci, alagou completamente o início da rua Visconde do Parnaíba, entrou pelas da Vila Olímpia, onde o nível subiu a mais de um metro e meio.

A parte baixa da Vila Maria sofreu intensamente, e o rio Tiete, engrossado repentinamente pelas enxurradas, cresceu e alagou alguns trechos da avenida marginal até a Lapa. Ruíram várias casas e registraram-se desmoronamentos. Na Rua da Figueira registraram-se vários desabamentos, assinalando-se como ocorrência deplorável o soterramento de uma família, na Avenida Jaçanã, 495, fundos onde duas pessoas pereceram e seis outras foram retiradas feridas. Crateras no asfalto, grandes áreas de calçamento se levantaram. A cidade tem que ser remendada com urgência.²⁵²

Carnaval Trágico

TERROR E MORTE SOB AVALANCHA DE ÁGUA E LAMA

Três Crianças Perderam a Vida na Enxurrada

“Três crianças mortas, centenas de casas inundadas e de famílias ao desabrigo, eis o trágico balanço das enchentes que durante os três dias de carnaval martirizaram a população de vários bairros da capital. Enquanto os mais afortunados divertiam-se a valer, sob o coro de: “Chuva Fina” e outras músicas alegres, flagelados fugiam de seus barracos em canoas para não serem arrastados pela enxurrada. Por volta das 21: horas, os moradores das adjacências da favela do Canindé, começaram a se sentir desassossegados. O Rio Tietê obstruído por grande quantidade de lixo e

²⁵² Diário da Noite, 28-01-1958.

detritos outros, recebendo por outro lado as enxurradas, não foi suficiente o bastante e em poucos minutos a favela estava alagada.

Teve início então a odisséia dos humildes operários e suas famílias ali residentes. Demonstração de pavor por parte das mulheres, gritos estridentes e aterrorizados das crianças, ordens dos homens que insensíveis à chuva corriam de lá para cá procurando socorrer pertences e familiares.

As autoridades fazem ouvidos moucos às reclamações e deixam o problema eternizar-se.

Uma mulher perdeu seu pequeno filho sob um montão de lama. Seu barraco caiu em pedaços e seus trastes jazem no chão. Chorando sem parar ela não sabia a quem apelar: “Deus porque morreu meu filho?!” Era só o que murmurava numa indagação de dor e desespero.”²⁵³

O leitor vai inteirar-se também, nesta reportagem, de que na Vila Indiana um menino de um ano morreu soterrado. A mãe dormia ao lado do filho quando desmaiou com um estrondo. Ao acordar procurou pelo filho e quando o encontrou, ele já estava morto, sufocado entre os escombros; no Tatuapé uma menina foi tragada pelas águas e na Vila Nova Conceição e Vila Olímpia, 560 casas foram inundadas; o povo estava dominado pelo pânico. “Na rua Uberaba, um enfermo que há três anos padecia de mal incurável, viu subirem à altura de seu leito de dor as águas ameaçadoras. Sozinho e transido pelo medo, ali se manteve á espera da morte certa, pois é paralisado, até que as águas baixaram como vieram imprevista e repentinamente.

O jornal ainda registra que: Depois de semanas seguidas de “pesados aguaceiros”, um drama ainda maior se avizinhava: “na favela do Canindé: **1200 Pessoas Ameaçadas pelo Tifo**”.

O mau cheiro proveniente das águas do Tietê – rio onde eram lançados os esgotos da capital – das próprias fossas negras que foram igualmente inundadas, atingiu vasta região do bairro. Assim, a ameaça do tifo pairava sobre as centenas de favelados e o Jornal relata que o “espetáculo de famílias atiradas ao relento, sem teto, com seus pertences sobre o sol e a chuva, o choro das crianças, as lamurias dos velhos e moços atingidos pelas conseqüências das inundações continuam a constituir um quadro deplorador.”

Nestas reportagens sobre os acidentes de trem e sobre as enchentes, temas já rotineiros, em que a causalidade é esperada, o jornal enfatiza “o drama humano” vivenciado pelas classes

²⁵³ Diário da Noite, 02-03-1960.

populares conta “a vida como ela é”, coloca em cena, mães, crianças, velhos, aleijados que, como afirma Barthes são *dramatis personae*, espécies de essências emocionais encarregadas de vivificar os estereótipos, mas também busca causas, denuncia o poder público como responsável pelas tragédias, pedindo soluções²⁵⁴.

Essa retórica fortalece o jornal como defensor das causas populares. Os Repórteres Associados são sempre os primeiros a chegar aos locais dos desastres e a enfrentar as enchentes. Orlando Criscuolo, acompanha as vítimas, toma providências. A Equipe Associada é onipresente e sugere que é com a “galhardia” de seus repórteres que podem contar aqueles cujos “trastes jazem pelo chão”; “que choram sem parar”; “que não sabem a quem apelar”; “humildes trabalhadores”, aqueles sobre os quais paira agora a ameaça do tifo que pode se disseminar, como tantas outras epidemias, que parecem sair sempre dos mesmos lugares e do mesmo grupo de pessoas, ou seja das classes populares que só teriam o Diário da Noite para protegê-las

Epidemias e Doenças

A vida moderna não diminuiu o medo de doenças seculares contagiosas ou não, pelo contrário, o aumento da população de São Paulo nos anos 50, seja pela chegada de novos imigrantes estrangeiros, seja pela chegada maciça dos migrantes, só fez reavivar o temor do contágio e a convicção já amplamente difundida pelos médicos sanitaristas, desde meados do século XIX de que os pobres são os veiculadores da morte, uma vez que parecia impossível separar pobreza, ignorância e falta de higiene, considerados os vértices das doenças sociais.

As enfermidades às quais o jornal se refere, mesmo já sendo curáveis, pelo sofrimento e mortalidade que causaram no passado, continuavam provocando, até mesmo nos dias de hoje, senão horror, repugnância e preconceito.²⁵⁵ As manchetes do Diário da Noite alimentam antigas angústias, alimentam o medo do retorno das epidemias e de doenças incuráveis:

FILAS DE TUBERCULOSOS À PORTA DOS HOSPITAIS.

Com 2.400.000 habitantes, São Paulo possui somente cerca de 1.200 leitos para as vítimas da peste branca.²⁵⁶

²⁵⁴ Barthes, Roland, 1970, p. 60

²⁵⁵ O pavor da varíola, da febre amarela, das doenças venéreas, da lepra e da tuberculose em São Paulo são relatados em suas minúcias desde meados do século XVI, pelos jesuítas e pelos médicos.

²⁵⁶ Diário da Noite, 28-03-1952.

FAZEM A SÍFILIS E O ALCOOLISMO MILHARES DE VITIMAS DA CEGUEIRA.²⁵⁷

DESSERVIDA SÃO PAULO DE PRONTO SOCORRO.²⁵⁸

COMPROVADA A EXISTENCIA DE 80.000 CEGOS NO PAÍS.²⁵⁹

HÁ MAIS DE 20.000 HANSENIANOS NO ESTADO.

SÍFILIS EM SÃO PAULO: 3,5% ENTRE OPERÁRIOS.²⁶⁰

O TÉTANO MATA MAIS EM SÃO PAULO QUE 11 ENFERMIDADES REUNIDAS.²⁶¹

EM CONSTANTE PERIGO A SAÚDE DA POPULAÇÃO. SURTOS EPIDEMICOS AMEAÇAM SÃO PAULO.²⁶²

RAIVA UM PERIGO QUE DEVE SER SEMPRE LEMBRADO

300 mil cães perambulam pelas ruas de São Paulo.²⁶³

TOMADOS DE ASSALTO O CENTRO E OS BAIRROS POR MALTAS DE CÃES VADIOS²⁶⁴

Tuberculose

Nas reportagens sobre a tuberculose ou “peste branca” como era mais bem conhecida, o jornal chama atenção para a deficiência do poder público com relação à saúde. Para atender todo o Estado e inclusive outras regiões do País, havia apenas o Hospital do Mandaqui, localizado na capital, onde a obtenção de “uma vaga era um presente de Deus”, pois a proporção era a de “uma vaga para 2.400 habitantes”.

²⁵⁷ Diário da Noite, 14-10-1952.

²⁵⁸ Diário da Noite, 31-03-1952.

²⁵⁹ Diário da Noite, 07-06-1954.

²⁶⁰ Diário da Noite, 23-09-1955.

²⁶¹ Diário da Noite, 09-04-1958.

²⁶² Diário da Noite, 23-01-1960.

²⁶³ Diário da Noite, 26-05-1955.

²⁶⁴ Diário da Noite, 15-05-1958

O leitor do Diário da Noite também conhecia, muitas vezes, da leitura da página policial, as queixas sobre a alimentação, as hostilidades dos doentes entre si, e as agressões sofridas pelos internos dentro do hospital.²⁶⁵

Mesmo com o desenvolvimento do antibiótico estreptomicina, a partir de 1946, prometendo a cura da doença, o medo e a vergonha da tuberculose permaneciam imperturbáveis, e disso dava testemunho o doutor Corvello Junior, na coluna “Questões de Medicina” que mantinha no jornal. Conta que um paciente irrompeu no seu consultório, visivelmente alterado, “sem nos dar tempo de coisa alguma e, antes mesmo de se identificar, aos berros foi logo declarando: Doutor, tenho 50 anos, e esta é a primeira vez que entro num consultório. Nunca estive doente, nunca tomei remédios, mas agora não sei o que há comigo, não ando bem, tusso e tenho cansaço. Quero um exame muito atencioso por que se eu estiver tuberculoso aqui mesmo dou um tiro na cabeça”.

Em um outro caso, uma paciente apresentava um tumor no pescoço, e os exames revelaram positivos para tuberculose, mas com boas chances de cura. O Doutor Corvello afirmou em sua coluna, que ouviu do irmão da paciente: “Não sei como isso vai ser recebido pela família e pelos amigos. Com certeza irão apontar minha família como família de tuberculosos. É o Diabo”!

Assinalava também que:

“É tão acentuado o pavor que a tuberculose desperta na sociedade que já não nos surpreende a onda de euforia que a inunda quando ao invés da tuberculose trata-se de outra moléstia embora mil vezes mais grave”. A um diagnóstico de blastomicose, considerada doença rara e mortal, afirma que os pais do paciente, pediram para que ele lhes desse por escrito o nome da doença:” Como o senhor mesmo disse doutor, esta moléstia é desconhecida, é uma raridade e nós queremos comunicar aos amigos e parentes que nosso filho não é tuberculoso.²⁶⁶

Sífilis

A sífilis foi sentida desde as primeiras décadas do século XX, com o mesmo horror que fora a varíola tempos atrás. Além das conseqüências para a saúde, provocava vergonha e

²⁶⁵ “Servem comida horrível no hospital do Mandaqui. Afirma que diretores do nosocômio tentaram agredi-lo.”

Diário da Noite, 12-12-1951.

²⁶⁶ Diário da Noite, 10-05-1950.

preconceito por ser considerada fruto de uma vida sexual promíscua. Os médicos sanitaristas daqueles anos faziam intensa campanha contra as relações sexuais fora do casamento. Acusavam a população brasileira de ser escandalosamente venérea, acabando por contribuir para a ocultação da doença.

O uso relativamente recente da penicilina (1941) ainda não fora suficiente para eliminar o medo da doença nos anos 50.

Em uma das matérias sobre a sífilis, aproveitando a Semana da Criança e salientando que seria importante também pensar nas crianças que são estigmatizadas, o jornal destaca a atuação do Instituto Padre Chico e, utilizando como base os arquivos da Instituição, afirma que: a grande responsabilidade pela imensa desgraça de tantos pequenos recai, quase absolutamente, sobre os pais das crianças que, em muitos casos são eles próprios, vítimas da ignorância. Pais sífilíticos e alcoólatras são responsáveis por grande número de casos de cegueira entre os internos do Instituto Padre Chico.

A catarata de origem congênita, originária da moléstia das mães contaria com numerosas vítimas. Casos havia em que a ignorância dos pais ou sua ação sob os efeitos do alcoolismo os teriam levado a colocar elementos corrosivos nos olhos das crianças que juntamente com as vítimas de acidentes, formavam então, a imensa legião de cegos e infelizes. Salienta o jornal que apesar de seu grande trabalho, o Instituto, no entanto, só pode abrigar “algumas centenas entre milhares de pequenos cegos, que por “aí vivem, sofrem e se perdem para sempre”.²⁶⁷

Com a notícia da existência de 80.000 cegos no Brasil e com a proximidade da realização do Congresso Pan-Americano de Oftalmologia em São Paulo, o médico Natalício Lopes de Faria, presidente da Comissão de Prevenção da Cegueira no Brasil, afirmou que: “Por falta de exatas noções profiláticas, a cegueira estava crescendo em ritmo impressionante no Brasil”. Acrescentou que 72% da cegueira provem de doenças que poderiam ser evitadas e

²⁶⁷ O instituto de cegos “Padre Chico” foi inaugurado em 1929. A idéia surgiu durante a realização da Semana Oftalmo-neurológica da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1927. Foi fruto de doações da elite paulistana. Dona Elza de Paulo Souza a primeira doadora, subordinou a contribuição ao nome de Padre Chico que seria dado à instituição, em homenagem a monsenhor Francisco de Paula Rodrigues falecido em 1915.

O “Padre Chico” é uma escola para deficientes visuais cujo objetivo é : promover a integração social do deficiente através de um processo educacional, visando desenvolver integralmente a sua personalidade, orientando-o e levando-o ao conhecimento de seus direitos e deveres para com Deus, a pátria e a família”. Cf. www.padrechico.org.br.

que, entre suas causas está à conjuntivite purulenta que a criança adquire ao nascer e que poderia ser evitada com uma simples gota de solução de nitrato de prata. Afirmou também que o tracoma que assola o país de norte a sul e que se propaga através da migração de trabalhadores é um dos males de difícil extinção se não for tratado de forma drástica. Outros fatores de cegueira seriam a sífilis, a tuberculose, as doenças cardiovasculares, o diabetes, o fumo, e o álcool.²⁶⁸

A sífilis foi também manchete no dia 23 de setembro de 1955, quando o jornal afirmou que, embora a doença esteja em decréscimo, ainda é um “problema sanitário de primeira grandeza no país”. O doutor Durval Borges, que estava realizando um Seminário na Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo, sobre o tema: “Atualização dos métodos diagnósticos e de tratamento da sífilis”, esclareceu que enquanto o índice de sífilis entre os operários de São Paulo é de 3,5%, o índice mais alto nos Estados Unidos é de 0,3%, sendo que em São Paulo, é ainda menos elevado que no restante do país. Afirmou ainda, que o uso indiscriminado da penicilina é uma das grandes dificuldades para identificar a sífilis, pois ao não ser aplicada em doses certas atua apenas para mascarar o mal, dificultando o diagnóstico da doença.

Hanseníase

Quanto à hanseníase, o jornal, com a manchete de primeira página revelando o número assustador de vinte mil doentes no Estado, afirma que “continua grave o problema da lepra havendo um doente para cada 500 pessoas”, e que o senhor José Martins de Barros, chefe do setor de Educação Sanitária do Departamento de Profilaxia da Lepra, revelou que a situação é mais grave do que se pensa: “Em todo o Estado há aproximadamente 7.000 hansenianos internados em sanatórios e outros 13.000 distribuídos em dispensários, sendo que 9.000 no interior e 4.000 na Capital”. Acredita que o número de doentes de lepra deve ser bem maior do que 20.000, pois em geral, por ignorância ou por receio, os portadores da doença deixam de procurar o sanatório para tratamento.²⁶⁹

No final de setembro de 1954, o jornal publicou uma longa reportagem sobre o Departamento de Profilaxia da Lepra, denunciando o mau uso da verba pública e recebimento

²⁶⁸ Diário da Noite, 07-06-1954

²⁶⁹ Diário da Noite, 22-11-1954.

de propinas por parte dos dirigentes do órgão. Denunciou a prática corrente de “alta irregular de doentes em grau de contágio elevadíssimo, tanto assim que, era possível verificar-se uma reintegração de 90% dos doentes desimpedidos pelos sanatórios”. Denunciou também: a aquisição de medicamentos que não se prestavam para a cura do mal de Hansen e que encontravam-se depositados no almoxarifado do Departamento sem destino definido. O responsável pelas compras feitas a uma firma Italiana teria sido convidado há passar seis meses na Europa com todas as despesas pagas. Havia ainda o fornecimento de carne deteriorada, espancamento de doentes e até o suicídio de um hanseniano no Sanatório de Pirapitingui, provocado pelo regime dearceragem, vigente até bem pouco tempo naquela Repartição Estadual.

“Todos estes fatos ventilados há poucos dias na Assembléia Legislativa, não mereceram até este momento qualquer pronunciamento da parte dos responsáveis pelo setor da Lepra, nem do gabinete do secretário de saúde”.

A reportagem continua, assinalando a deficiência de médicos: Um para 124 doentes no Sanatório Santo Ângelo e um para 88 no sanatório Padre Bento, para citar somente os que teriam melhores condições, já que no Sanatório de Aimorés, a proporção era de um para 284.

O jornal se refere ainda às fugas constantes e à política de espancamento dos doentes do Sanatório de Pirapitingui, localizado em Itu.

Diz o jornal que o regime neste Sanatório, “era bem pior o que o das colônias penais e que os espancamentos eram orientados pelo chefe de polícia interna do Sanatório, Abel Leme, dentista de profissão, residente na cidade de Itu e por incrível que pareça egresso daquele estabelecimento”.²⁷⁰

Tétano

Mais surpreendente que a manchete que chama a atenção do leitor para o “tétano que mata mais em São Paulo, que 11 enfermidades reunidas”, é a informação de que sua forma mais letal recai sobre as crianças de menos de 1 ano de idade, mantendo portanto, alto, o índice de mortalidade infantil no Estado e na Capital, afirmando que muito da relevância do índice, deve-se à prática das “curiosas” e da negligencia do poder público.

²⁷⁰ Diário da Noite, 29-09-1954.

As onze enfermidades sobre as quais o jornal se refere são: a difteria, coqueluche, sarampo, malária, meningite, poliomielite, encefalites infecciosas, raiva, escarlatina, erisipela e disenteria amebiana.

O doutor Ricardo Veronesi, médico do Hospital das Clínicas fornece os dados: “o tétano apresenta índices de mortalidade assustadores em nosso Estado, no período de 1950 a 1954, matou mais crianças de menos de 1 ano de idade em número cento e setenta e cinco vezes superior a mortes provocadas pela paralisia infantil. Noventa e cinco por cento das pessoas atacadas pelo tétano umbilical morrem e um coeficiente de 45% de óbitos é registrado nos outros casos de tétano.”

Afirmou que na Capital o número de mortes por esta doença nos anos de 1954, 1955 e 1956 foi de, respectivamente, 123, 117 e 137 e que para cada 100 óbitos, por tétano, 60 foram umbilicais. Esses índices seriam tão altos e assustadores que, um médico norte-americano, em visita ao Hospital das Clínicas teria dito nunca ter visto tão grande número de casos. Disse ainda, que as autoridades da Saúde Pública não enfrentam o problema e que seria necessário: promover intensas e prolongadas campanhas de esclarecimento da população, obrigando a vacinação dos grupos mais sujeitos ao tétano; responsabilizar judicialmente os médicos que atestam os óbitos por tétano umbilical ocasionados por “curiosas”. Estas deveriam ser esclarecidas quanto à maneira simples de evitar a doença. Afirmou que o Serviço Especial de Saúde Pública já vinha esclarecendo as “aparadeiras” em algumas poucas localidades, sendo certo que a maioria dos brasileiros nasceria nas mãos dessas mulheres. E se essa é uma situação de fato a solução seria uma só: instruir a “curiosa” ainda que isso estivesse fora da lei. “Um programa de esclarecimento em larga escala e por todo o país evitaria milhares de mortes e aboliria do nosso obituário o vergonhoso diagnóstico de tétano umbilical.”²⁷¹

A vergonha de que fala o doutor Veronesi decorreria de serem o tétano obstétrico e o tétano do recém-nascido, devidos a péssimas condições de higiene e assepsia, não condizentes com uma cidade do porte de São Paulo.

E, no final da década, despertando a memória do leitor para a tragédia das epidemias o jornal demonstra que o perigo não passou, pelo contrário, permanece constante, ameaçando toda a população, mas principalmente causando elevada taxa de óbito infantil, índices parecendo traduzir de forma dramática o atraso da cidade.

No início dos anos 60, o jornal adverte, que os surtos epidêmicos que ameaçam a saúde da população estão na deficiência da rede de esgoto, causa principal do elevado índice

²⁷¹ Diário da Noite, 09-04-1958

de mortalidade infantil em consequência de moléstias infecciosas. As fossas negras deveriam ser eliminadas. Dos 500 mil prédios existentes na cidade, apenas 179 mil estavam ligados à rede de esgotos.

O restante dos prédios, 321.776 estavam ligados a fossas, cujas águas eram lançadas nas sarjetas, com grave perigo para a saúde pública. O jornal descreve um quadro grave das condições sanitárias da cidade: “São Paulo vive, sob ameaça de erupções de violentos surtos de epidemias como o tifo, a varíola e a febre amarela, o que não acontece não tanto por via da existência de órgãos da administração publica incumbidos da profilaxia humana e citadina, mas, sobretudo pela bondade de Deus.” Baseando-se em estudos realizados pela Câmara de deputados, lembra que a natimortalidade apresentou em 1956, um total geral de 8.288 sobre um total de 14.168 óbitos de todas as idades, sendo que as mortes por gastroenterite, colite e outras doenças do aparelho digestivo atingiram 3.502 crianças de ambos os sexos.

“O apodrecimento das águas das fossas lançadas às vias públicas - o que é comum em dois terços da área povoada da cidade- dá origem aos mosquitos ou pernilongos, que são os transmissores da desidratação infantil e de outras doenças.”

Afirma que a higiene e a saúde de uma cidade só podem existir com absoluta garantia quando seu sistema de esgoto sanitário e pluvial tem capacidade para eliminação dos detritos humanos, e isso não acontece entre nós. Desde a criação do serviço de esgoto, a cidade não conseguiu ter esgotados mais do que um terço dos prédios existentes, sendo que a população no ano de 1958 era de 5.5000, aos quais deveriam ser acrescidos dois milhões de população flutuante de área, procedente de 21 municípios vizinhos em demanda de trabalho, e dos 482 restantes do interior.²⁷²

Assinala que, se a estação de tratamento de Ponte Pequena interrompesse seu trabalho por duas horas, “o Brás seria afogado num mar de lama pútrida, carregada de toda espécie de detritos humanos”.

Raiva

As manchetes são assustadoras, o número de cães soltos causa espanto e sua dispersão por toda a cidade causa medo: “O problema dos cães vadios em nossa capital está se

²⁷² Em 1883 a Companhia Cantareira entregou aos moradores do distrito da Luz os serviços de esgoto. Em 1893 o serviço de abastecimento passou da Cantareira para o governo do Estado, criando-se então a repartição de águas e esgotos, mas contando com apenas duas adutoras: Ipiranga e Cantareira. Silva, Bruno Hernani, 1954. p.1109.

agravando de tal forma que, em breve, constituir-se-á uma calamidade pública.” [...] “Esse problema vem sendo sentido mais no Centro, onde as maltas de cachorros sem dono enveredam por estabelecimentos comerciais e casas de refeições provocando grande confusão”. [...] Segundo o jornal, os cachorros sem dono, criados ao léu, magros de se perceber as costelas, sujos do focinho ao rabo e mal cheirosos, que andam em grupos são provenientes da periferia. As reportagens assinadas e na primeira página revelam o interesse e a apreensão que o tema despertava, uma vez que a raiva ou hidrofobia era amplamente conhecida como enfermidade fatal, contraída pela mordedura de animais doentes e que, uma vez instalada, conduzia sem apelação à morte rápida e dolorosa. A apreensão torna-se ainda maior quando o jornal informa sobre o fim das “carrocinhas” e assinala a precariedade das instalações do Instituto Pasteur que atendia uma média de 12 mil pessoas por ano.

A presença de animais vadios disputando espaços com transeuntes, além de ser constrangedora denotava como que um desafio à racionalidade que deveria reger a metrópole civilizada, na qual os animais seriam bem tolerados desde que devidamente alimentados, higienizados e adestrados, demonstrando ao mesmo tempo, predomínio do homem sobre a natureza e distinção social.

Milhares de tuberculosos sem atendimento, milhares de leprosos altamente contagiosos, milhares de cegos, milhares de crianças mortas, operários sífilíticos, tétano, tifo, ignorância de pais, “curiosas”, esgotos a céu aberto, “mal de Chagas, doença que mata e não cura, às portas da Paulicéia”²⁷³, bacilo de Koch e “hepatite a vírus” resistentes aos métodos habituais de esterilização,²⁷⁴ uso indevido de medicamentos, carência de médicos, negligência do poder público.

O jornal adverte seu leitor de que os perigos para sua saúde estão em todos, em tudo, em qualquer lugar. Apóia-se na Estatística, e esta, quanto maior o número que ilustra suas afirmações, mais verdadeira e infalível parece. Apóia-se também no saber médico e no político-técnico. O texto com estes parâmetros pretende informar objetivamente o leitor, sobre as ameaças com as quais ele tem que conviver, embora ainda utilize com pouca

²⁷³ Diário da Noite, 08-05-1950, palavras do Doutor Uzeda Moreira.

²⁷⁴ Segundo o Jornal, um grupo de pesquisadores na França, descobriu que crianças vacinadas com difteria e tétano apresentavam abscessos de natureza tuberculosa nos lugares que tinham sido picados, e que estavam contaminados com o bacilo de Koch, muitos vindo a falecer. Após dois anos de pesquisa chegaram à conclusão que a esterilização como era feita até então, fervura por dez minutos, não era suficiente. Seria preciso uma fervura mínima de 20 minutos, adicionando borato de sódio à água para que a temperatura chegasse a 110°. Na autoclave seria necessário um calor seco de 180 ° por 30 minutos. A partir destas conclusões aconselhou-se a vacinação com agulha e seringa individuais longamente esterilizadas.
Diário da Noite, 16-05-1955.

sobriedade o adjetivo “assustador”. Entretanto, ainda mais determinante do que os dados concretos do corpo do texto, são as manchetes, “cuja preparação é uma técnica”, que exige “tratamento especial”, “carinhoso”. “Perde-se mais tempo na sua elaboração do que na feitura da notícia correspondente”.²⁷⁵ E é através dela que o Diário da Noite revive o imaginário do horror das “bexigas”, dos “achques de bicha”, da morfêia, da peste branca, dos miasmas, do isolamento, da gripe espanhola, das pestes antigas e novas.

Realçando uma metrópole densamente povoada, com intensa circulação de pessoas, de coisas, de práticas diversificadas, o jornal demarca uma modernidade cheia de ondulações cujos custos seriam tão grandes ou até maiores que os benefícios, propiciando o surgimento de sentimentos de insegurança com intensidade proporcional ao crescimento e às transformações da cidade. Assinala medos novos, reanima os antigos, a maioria deles atravessada pela morte que, apresenta-se agora, com modalidades tão diversificadas e com possibilidades tão iminentes que a vivência do risco de vida, aparecerá cada vez mais com a realidade cotidiana.

Os classificados do jornal parecem expressar bem essa nova realidade e anunciar necessidades futuras: “Dr. A.B de Las Casas- Moléstias nervosas e sexuais. Impotência, fraqueza geral e sexual, nervosismo, cansaço, desânimo, palpitações, tonturas, medo, tremores, complexo, asma, bronquite. Trat. Especializado. Rua Bráulio Gomes- Sala 601- 15 às 18 horas.”²⁷⁶

²⁷⁵ Ramão Gomes Portão, jornalista do Notícias Populares assim se referiu aos modos de fazer as manchetes do jornal, em conferência na primeira semana de estudos de jornalismo realizada na ECA-USP em 1969.

A preparação da manchete é uma técnica, dela depende a aceitação ou não do leitor. A manchete má faz encalhar uma edição. Não tenham dúvidas de que a classificação do jornal obedece a dois elementos: o prestígio do órgão pela sua tradição e conteúdo; o prestígio do órgão pela sua venda avulsa. Jornal que não vende não existe. Apenas sobrevive. Alimenta vaidades ou um esquema. O jornal popular precisa vender. E o sucesso da venda esta principalmente na manchete. É o prato do dia.

Gomes Portão, Ramão, 1976, p.27,28.

²⁷⁶ Diário da Noite, 02-05-1955

2.4 O CRIME

2.4.1 - Cacetadas, Navalhadas, Futilidades

O crime, o pretenso aumento da criminalidade e principalmente o homicídio na cidade, serão temas cada vez mais constantes nas pautas dos jornais, aparecendo como uma das formas mais apavorantes dos temores constitutivos da vida moderna.²⁷⁷

O relato de crimes foi incorporado pelo Diário da Noite, desde o princípio, em 1925, quando se tornou propriedade de Chateaubriand. Apareciam inicialmente na coluna “Última Hora”, e foram progressivamente ganhando espaço e linguagem mais contundentes:

“DEGOLARAM PARA ROUBAR. IMPRESSIONANTE ASSASSÍNIO EM JUIZ DE FORA. A POPULAÇÃO ENCONTRA-SE FORTEMENTE REVOLTADA CONTRA DOIS FEROZES MATADORES” (17-03-1926).

“RACHOU O CRÂNIO DO CHINÊS COM UM GARRAFÃO. EM ESTADO DESESPERADOR O POBRE PASTELEIRO DEU ENTRADA NA SANTA CASA.” (23-02-1939);

“CENA DE SANGUE EM UM CORTIÇO DA RUA PADRE ADELINO. DESFERIU VIOLENTA FACADA NAS COSTAS DA ESPOSA”. (12-12-1944).

Foi nos anos 50, entretanto quando já estava plenamente constituído como jornal de grande circulação, que o Diário da Noite produziu, com profissionais experientes, sólidas páginas sobre “assuntos policiais”, que apareciam em grandes manchetes na última página. Esta acabou por tornar-se tão importante quanto a primeira e, a “Última”, será de tal forma marcante, que o jornal poderá ser lido também de trás para frente.

²⁷⁷ Vários estudos já identificaram que a predominância dos crimes na mídia não corresponde necessariamente à sua evolução estatística.

Ver por exemplo: Dubied, Annik; Lits Marc, 1999, p.16. Chesnais- Jean Claude, 1981,p.143.

Milton Santos faz reflexão semelhante com relação ao meio ambiente, ao medo criado pela mídia com relação às catástrofes anunciadas de aquecimento da Terra, efeito estufa, fusão de glaciares, degradação do meio ambiente.

Cf. Santos, Milton; 1992.

A ênfase no crime e um estilo sensacionalista foram adotados em diferentes graus por outros jornais do período como “Última Hora”, “Luta Democrática” e “O Dia”. Villas-Bôas Corrêa, ex-repórter de “O Dia, em suas memórias, lembra a fórmula do jornal para atrair leitores e que poderia ser resumida a três palavras: “cadáver, macumba e sexo”.²⁷⁸ Alguns anos mais tarde, Ramão Gomes Portão indicará a mesma receita para o “Notícias Populares,” do qual foi editor: [...] “precisamos captar o desejo do homem da rua. E disto não tenham dúvida: ele quer sangue e mulher, crime e sexo”²⁷⁹ Entretanto, a forte presença destes temas na imprensa popular do período, vai além dos atrativos que poderia exercer sobre o leitor, garantindo o sucesso comercial, pois o sensacionalismo, se por um lado oferece divertimento e evasão, por outro, fornece modelos de vida, propostas de compreensão e de atuação sobre a vida prática.²⁸⁰

O Diário da Noite, por um lado, atrai e seduz o leitor com o extraordinário de suas manchetes: **“Hitler Está Vivo em Mosteiro do Tibet”**.²⁸¹ **“Trocou a Filha por Dois Patos e Cem Cruzeiros.”**²⁸² **“Em Pleno Velório a Polícia Levou o Cadáver da Criança para Saber a “Causa Mortis.”**²⁸³ **“Vampiro no Brás: Acusado de Sugar o Sangue das Crianças”**.²⁸⁴ Por outro lado, transforma a sensação imediata produzida pela leitura das manchetes, que anunciam a irrupção do inesperado na rotina do dia a dia, em uma experiência capaz de ordenar o caos da metrópole, de orientar sobre seus perigos e sobre como defender-se deles. Na medida em que expõe o crime, o atentado contra a vida, como cada vez mais comuns na cidade, o jornal produz sentimentos de temor, incertezas. Mas, ao mesmo tempo, expondo a transgressão e o transgressor, cria também as formas de subjugar o medo, como se a crônica experiência da insegurança da vida moderna, que o próprio jornal contribui para criar, depois de bem conhecida, detalhada, divulgada e com a utilização dos meios necessários, pudesse transformar-se em segurança completa.²⁸⁵

²⁷⁸ CF: Siqueira, Carla, 2006, p. 416

²⁷⁹ Portão, Ramão Gomes, 1970, p. 79

O jornal Notícias Populares foi lançado em outubro de 1963. Um dos seus fundadores foi Herbert Levy, presidente da UDN e ligado ao capital financeiro. O objetivo era produzir um jornal popular e assim realizar uma contra- ofensiva política à “Última Hora,” “roubando” seus leitores.

Ver: Goldenstein, Gisela Taschner, 1987

²⁸⁰ Ver: Morin, Edgar, 1977

O sensacionalismo foi utilizado de diferentes maneiras pelos jornais *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática*, cada um respondendo aos objetivos de seus fundadores, políticos populistas que incluíram na fórmula sensacionalista o tema sindicato.

²⁸¹ Diário da Noite, 10-05-1950

²⁸² Diário da Noite, 22-05-1952

²⁸³ Diário da Noite, 15-03-1957

²⁸⁴ Diário da Noite, 10-03-1960

²⁸⁵ Ver: Bauman, Zygmunt, 2009, p.15

Uma das formas de detecção do perigo utilizadas pelo Diário da Noite, será a da narrativa do crime que identifica o criminoso e sua posição social, ao mesmo tempo que constrói uma geografia da criminalidade na cidade. O autor do crime, objeto de minuciosa análise, desde o surgimento da criminologia Lombrosiana, no final do século XIX, aparece aqui com o atavismo próprio do degenerado, ou seja, com um tipo de comportamento instintivo, próximo do homem primitivo, verificado pelos motivos sempre fúteis e pela violência com que pratica o crime. Sua posição social é indicada pela atividade que, na maioria das vezes, refere-se ao setor de serviços, ao trabalho informal e, mais raramente, os operários são citados, uma vez que o Diário da Noite se diz voltado para os trabalhadores. O jornal cria assim uma classificação social do crime, indica quem faz parte das classes perigosas e a linha sutil que separa o mundo do trabalho do mundo do crime. Essa indicação vem acompanhada da localização dos espaços suspeitos da cidade, lugares de moradia de trabalhadores, de desempregados, de migrantes à procura de trabalho, ou como dirá o jornal, de pobres, dos párias da cidade e, igualmente dirá que são “redutos do crime,” como os cortiços, os bairros recém formados da periferia e as favelas que começaram a surgir nos anos 1940 e, em 1957 constituíam 141 núcleos, com 8.488 barracos e cerca de 50 mil favelados.²⁸⁶

“É o Centro da Miséria, da Perdição e do Crime a Favela de Vila Prudente.”²⁸⁷ Na favela da Lapa, **“amontoam-se 1.500 criaturas, os párias da cidade”**²⁸⁸. Nos cortiços do Centro, **“legiões de maltrapilhos estão ainda procurando um lugarzinho para morar.”**²⁸⁹ João Rodrigues de Lima foi localizado **“num reduto de ladrões, no bairro de Vila Carrão”**²⁹⁰. Esses relatos são mais curtos, mais sucintos nos detalhes, aparecem diariamente, facilitando a memorização por parte do leitor:

ACHOU QUE O MOÇO NÃO TOCAVA BEM.

Prostrou Com Um Tiro o Tocador de Violão.

²⁸⁶ Dados da Divisão de Estatística e Documentação da Prefeitura de São Paulo. FINEP/GAP, 1985, p.66

Segundo o MUD-Movimento Universitário de Desfavelamento, o número de favelados seria de 150 mil. Na década de 50, com o crescimento da população da cidade, a falta de habitação popular que sempre foi endêmica em São Paulo, tornou-se um problema social.

Ver por exemplo: Kowarick, Lúcio, 1994

²⁸⁷ Diário da Noite, 06-05-1955

²⁸⁸ Diário da Noite, 22-04-1950

²⁸⁹ Diário da Noite, 14-03-1958

²⁹⁰ Diário da Noite, 08-04-1958

Estúpida cena de sangue num bar da Vila Carrão. Helvécio, atingiu Mário Rodrigues, ambos operários.²⁹¹

CUMPRIU AS AMEAÇAS O COMPANHEIRO ABANDONADO.

Morta a Navalhada à Saída de Um Baile.

Obcecado pelo ciúme, Francisco Barbosa do Santos, 34 anos, lavador de carros, assassinou a ex amante. O crime ocorreu em Vila Luzita.²⁹²

MATOU A CACETADAS A MULHER A QUEM HAVIA PERSEGUIDO

Estúpida cena de sangue ocorreu na tarde de sábado, na habitação coletiva da Rua Quirino de Andrade.

O preto Berilo Ribeiro, 25 anos, solteiro, vigia, gostou de mulata de 40, solteira, arrumadeira e copeira. Como ela o rejeitou, perseguiu-a até o quarto da habitação e matou-a com uma barra de ferro.²⁹³

ASSALTANTES E ARROMBADORES SURPREENDIDOS PELA POLÍCIA QUANDO DORMIAM A SONO SOLTO.

Na madrugada de ontem, a Delegacia de Roubos, prosseguindo na sua “Ronda” contra os maus elementos, deteve grande número de delinquentes, todos eles ligados a diversas quadrilhas que infestam a Capital. Para isso, foi escolhida uma vila, Vila Izabel, que fica na periferia, e, como todas as outras, é reduto preferido pelos que vivem fora da lei.²⁹⁴

ASSASSÍNIO NA FAVELA

Às 14 horas de ontem na favela do Vergueiro, situada na Rua Francisco Cruz, 602, dois operários ali moradores, por questões de somenos, envolveram-se em violenta cena de sangue, que culminou com a morte de um deles.²⁹⁵

²⁹¹ Diário da Noite, 13-01-1951

²⁹² Diário da Noite, 17-03 1952

²⁹³ Diário da Noite, 01-03-1954

²⁹⁴ Diário da Noite, 16-08-1956

Grifo meu

²⁹⁵ Diário da Noite, 05-05-1958

Nestes relatos, o jornal descortina para o leitor uma metrópole imprevisível e ameaçadora, “um monstro de mil bocas”, que atemoriza, mas com o qual é preciso conviver, tentando ao mesmo tempo conjurar suas ameaças, criando redes de proteção.

No inventário dos perigos que apresenta ao leitor, “inventando um cotidiano”, o jornal fará emergir na metrópole de ruas centrais populosas e periferias ainda ermas, uma espécie nova de ameaça, a de um criminoso que poderia ser definido como um predador urbano.

2.4.2 - Um Monstro Ronda a Cidade

Entre os meses de fevereiro e agosto de 1952, a imprensa paulista destacou no seu noticiário policial uma “seqüência de crimes de natureza sexual” que vinham ocorrendo em São Paulo, vários deles nas cercanias das colônias de imigrantes japoneses de Itaquera. Tudo começara com o estupro e assassinato de uma menor em Vila Diadema, próximo a São Bernardo do Campo, no dia 26 de fevereiro.

A frequência com que a partir de então, os crimes acontecerão, fez com que o Diário da Noite, além de mantê-los no título da “Última”, já formalmente dedicada “à polícia”, os colocasse também na manchete da primeira página e mobilizasse o trabalho de sua equipe de reportagem em torno “da sucessão de crimes misteriosos” que vinham ocorrendo na capital e diante do quais estava “desorientada a polícia”, pois vários suspeitos eram detidos sem que se chegasse a uma conclusão.

Com Orlando Criscuolo à frente, o jornal inicia sua própria investigação e elabora hipóteses. No mês de abril, uma semana após outro estupro e assassinato, agora de Gertrude Dunzinzer, de 27 anos, em Parelheiros, o Diário da Noite afirmava: estranha coincidência na morte de quatro mulheres loiras.

Os crimes sucediam-se com rapidez, as vezes acontecendo dois na mesma semana, na seguinte cronologia: 26 de fevereiro; 07 de abril; 26 e 28 de maio; 20 de junho; 21 julho e 02, 18 e 21 de agosto. Enquanto isso, vários suspeitos eram detidos e interrogados, uns permaneciam presos, outros eram soltos, outros diziam ter confessado o crime sob tortura, ficando assim evidente para o leitor a dificuldade no esclarecimento dos casos: **“detido outro suspeito dos últimos crimes”**; **“caça a um suspeito da morte da nissei”**; **“continua envolto em mistério o torpe crime de Parelheiros”**, **“polícia lutando com dificuldades”**. Ao mesmo tempo em que o jornal destaca a dificuldade da polícia, vai construindo também o

prestígio de sua imagem, ressaltando a importância de sua atuação na elucidação dos “fatos inexplicáveis”²⁹⁶, associando a dramatização dos acontecimentos a uma investigação objetiva que o colocava ao mesmo tempo como solidário com as vítimas e responsável pelo estabelecimento da verdade. No dia 04 de agosto de 1952, anuncia a conclusão de suas pesquisas: **Um Monstro Só.**

“A seqüência de crimes que ultimamente vêm sendo cometidos por anormais, acabou por vir reforçar as hipóteses aventadas pela reportagem policial do Diário da Noite”. Em um Box ao lado da manchete, o jornal demonstra sua agilidade e eficácia, sugerindo estar a frente da polícia nas investigações. A legenda de uma foto de Orlando Criscuolo num matagal diante de um sapato confirma: “um pé de sapatos de Maria foi achado na manhã de ontem. Longe uns 15 metros onde seu corpo foi encontrado”²⁹⁷. Antes da Polícia Técnica chegar ao local, o repórter já havia examinado o sapato que a “nisei” usava na ocasião.

No mês de agosto, a polícia paulista já estava totalmente mobilizada em busca do assassino e o Diário da Noite ao mesmo tempo em que informava objetivamente o leitor sobre o andamento do caso, estimulava pelos relatos melodramáticos, cheios de mistério, sofrimento, perdas, suspense, um sentimento de piedade com relação às vítimas, e um sentimento de insegurança quanto às condições de vida na cidade.

Ainda na edição do dia 04, apresenta a foto de um velório com um homem chorando diante de um caixão:

MAIS UMA MENINA IMOLADA À SANHA DE UM DEGENERADO

Coração alanceado pela dor e pelo desespero, esse pobre pai, curvado diante do caixãozinho branco, dá seu último adeus e sua derradeira benção à filhinha querida que as mãos assassinas impiedosas e covardes de um monstro imolou aos seus instintos bestiais. E o corpinho inerte de mais uma pequena escolar, a terceira “nisei” dessa série infundável de vítimas de degenerados sexuais, pouco depois abaixaria á sepultura. Na tarde de ontem, no cemitério de São Bernardo do Campo, o pobre nipônico Ghei Washikawa, na mudez de sua dor incomensurável, desolado,

²⁹⁶ Nelson Werneck Sodré, na “História da imprensa no Brasil”, já assinala nas primeiras décadas do século XX, o papel dos repórteres nas investigações policiais.

Essa “nova” atividade dos jornalistas se deu em todos os lugares e muitas vezes criaram relações conflituosas entre os jornalistas e a justiça. Mesmo nos dias de hoje, verificamos está contradição. Os termos entre aspas referem-se ao Diário da Noite dos dias 28-08-1952; 26-08-1952; 09-08-1952; 23-08-1952.

²⁹⁷ Diário da Noite, 04-08-1952

fez lembrar, mais de uma dezena de outros infelizes chefes de família, que em período relativamente curto viram abater-se sobre seus lares humildes tragédia idêntica.

No dia 27 de agosto, o jornal mostra a foto de duas mulheres e duas adolescentes com o título: **SUCESSÃO DE CRIMES MISTERIOSOS**. Após fornecer o nome das vítimas afirma:

Eis aí a impressionante sucessão de crimes que vêm abalando essa capital e sobressaltando a pacata e laboriosa população que reside em lugares ermos e pouco policiados. A continuar assim dentro em pouco não haverá mais sossego para nenhum chefe de família, ninguém mais se atreverá a sair de casa deixando desprotegidos seus entes queridos.

Até o final do mês as informações ainda eram de buscas de suspeitos quando, no início de setembro a polícia efetuou uma prisão que com certeza seria a do verdadeiro assassino.

2.4.3 - O Aparecimento do Monstro

Na sexta-feira do dia 05 de setembro de 1952, os leitores do Diário da Noite puderam respirar mais aliviados era o fim dos crimes de estupro seguidos de morte que vinham ocorrendo na cidade, contra mulheres e crianças desde os primeiros meses do ano. Na grande manchete de primeira página o jornal anunciava:

PRESO O TARADO

Matou Sete Jovens No Período De Oito Meses.

Logo abaixo com destaque, uma foto mostrava: **“A CARA DO MONSTRO**. Ao olhar a foto, o leitor deparava-se, no entanto, com um retrato surpreendente, que em tudo contrariava a figura do monstro que sua imaginação pudesse lembrar, pois a “cara” parecia-se mais com um rosto, rosto de um homem branco, jovem, bem apessoado, barba feita, bigodes finos, aparados, e, embora calvo até o meio da cabeça, o restante dos cabelos estava bem cortado e penteado. Era possível também, observar que ele trajava terno e gravata cujo nó parecia ter sido feito com esmero. Aparentava ser uma pessoa de bem. Mas, a legenda da foto

esclarece o leitor: aquele “homem loiro”, chamado Benedito Moreira de Carvalho, cujo semblante, surpreendentemente, avizinha-se ao de um conhecido investigador de polícia, havia confessado a autoria de dez crimes, dos quais sete tinham sido de morte, esclarece que ele havia sacrificado sete vítimas unicamente para satisfazer seus desejos. E, se alguma dúvida ainda restasse, o leitor poderia eliminá-la ao seguir lendo a matéria, cujo título era: **Confessou Dez Crimes o Monstro.**

O jornal vai explicar agora, como tudo aconteceu. Primeiramente, informa que “milhares de anos foram necessários para que o homem penetrasse na alma de seus semelhantes, estudando-os detalhadamente para definir-lhes o caráter, ficando provado então, que a mente pode sofrer alienação dando origem às mais surpreendentes condutas. Estudaram-se as psicoses, os desequilíbrios psíquicos; definiram-se as taras e ficou claro que um mesmo indivíduo, atacado de uma anormalidade, poderia praticar uma série de atos semelhantes de tempos em tempos.”²⁹⁸

Os repórteres policiais do Diário da Noite afirmam para seus leitores, que estavam inteirados das pesquisas dos sábios, que após relembrares-se de criminosos famosos como John Haigh, o vampiro de Londres, que matava mulheres para sugar, ainda quente seu sangue; de Bertrand a “hiena humana”, o maior necrófilo da História criminal de todo o mundo; de Verzeni, que declarou que as dentadas dadas por ele nos cadáveres de suas amantes lhe proporcionavam prazer jamais experimentado. E após estudar minuciosamente os crimes que estavam sendo praticados em São Paulo, chegaram à conclusão de que seu autor era um só, hipótese que o jornal já havia publicado em abril, portanto meses antes da confirmação que agora estava sendo feita pela Secretaria de Segurança Pública, diante de representantes de todos os jornais da Capital e do Rio de Janeiro, de que havia descoberto o criminoso e efetuado sua prisão. Reafirmando que “positivou-se a hipótese do Diário da Noite”, a reportagem elogia as diligências da Polícia Civil de São Paulo que em ação conjunta com as delegacias do interior, limpou a cidade de um monstro e assim: “tranquilizam-se as famílias”. O “homem loiro”, o “homem do chapéu de abas caídas”, o “homem da pasta”, o homem que era visto nas proximidades onde se cometeram os crimes, vestido com um terno marinho, este homem estava preso e já havia confessado nada menos que “nove dos bárbaros crimes cometidos ultimamente em São Paulo”.

Em seguida descreve os passos da investigação que chegou ao criminoso. O título destaca: **“O Estrangulador Loiro”**. O jornal conta que quatro detetives do Gabinete do

²⁹⁸ Diário da Noite, 05-09-1952.

Secretário de Segurança Pública realizaram um trabalho digno dos maiores elogios. Baseando-se nas informações já colhidas pelos repórteres do Diário da Noite, junto às vítimas sobreviventes e que apontavam para um só autor dos crimes, os investigadores pesquisaram os arquivos das delegacias da capital, entraram em contato com as delegacias do interior do Estado e finalmente, obtiveram a informação da autoridade de Mogi das Cruzes, de que um homem loiro, mais ou menos parecido com o detetive Adalberto Kurt, há quase dois anos havia fugido da Cadeia Pública daquela cidade onde cumpria pena por crime de natureza sexual. Assim sendo, devia estar escondido, fugindo da polícia e da justiça com as quais tinha contas a acertar e não seria fácil prendê-lo. Mas, finalmente o criminoso foi encontrado. O jornal destaca:

O MONSTRO

“Salienta que os investigadores “não se cansaram” e que após uma “busca estafante”, acabaram descobrindo que o homem indicado, morava na Rua Ponciano número 32, no bairro de Guayauna (Guaianazes). Para lá rumaram os detetives, ficando assombrados com a semelhança entre o homem procurado e o investigador Adalberto Kurt, apontado pelas vítimas sobreviventes como parecido com o provável autor dos “crimes misteriosos”. Então, depois de “andarem dias e dias” pela cidade, seguindo o homem, os detetives deram-lhe voz de prisão. Vestia-se com um terno azul marinho, trazia na cabeça um chapéu marrom de abas caídas. Nas mãos uma pasta escolar e dentro da pasta, havia apenas uma cordinha, em forma de laço: “a arma com a qual várias vítimas foram sacrificadas”.

Na polícia, o “estrangulador loiro”, declarou chamar-se Benedito Moreira de Carvalho, casado 43 anos, brasileiro, ex-soldado da Força Pública de onde foi expulso por crime de natureza sexual. Agora, com o título: **Confessou Dez Crimes**, o leitor será informado que ao ser interrogado pelo delegado Petrarca Lelo, Benedito Moreira de Carvalho, confessou ser um doente e, “com a calma própria de um monstro em perfeito estado de lucidez foi narrando seus crimes”. Certo de que Benedito iria contar tudo, o delegado solicitou a presença de um promotor público, na frente de quem Benedito foi interrogado. E foi então que o “estrangulador loiro confessou a autoria dos crimes”.

Finalmente, com o título: **As Vítimas do Estrangulador**, o jornal publica os nomes e os locais onde foram atacadas as vítimas. Eram mulheres, meninas e meninos, moradores em

bairros e municípios distantes de São Paulo: Parelheiros, Diadema, Guarulhos, Sapopemba, Itaquera, Pirituba, entre outros.

A reportagem que toma também a última página vem acompanhada de fotos.

No alto da página: **“Na Casa do Monstro”**, vê-se o lado de fora, rodeado de curiosos; a cunhada de Benedito falando ao repórter do Diário da Noite, “que jamais poderia supor que ele fosse autor de tão horríveis crimes”; vê-se o quarto onde foi encontrada uma lista, feita a lápis, com os nomes de todos “crimes misteriosos” e uma coleção completa dos jornais que publicaram os acontecimentos. No pé da página, fotos do rosto de uma mulher, de duas meninas e de uma mulher de corpo inteiro num matagal: **“vítimas do monstro que acaba de confessar ser o autor dos atentados que estavam envoltos em “denso mistério”**. No meio da página, os quatro detetives que “desvendaram o mistério do homem loiro que vinha matando mulheres e crianças, cometendo uma série inaceitável de crimes misteriosos” e, outra foto, em que aparecem o Secretário de Segurança Pública, o Promotor Público e o chefe do Gabinete de Investigação: “Esteios de um trabalho; homens que arcam com a responsabilidade das confissões completas feitas por Benedito Moreira de Carvalho”. Na página ainda, aparecem dois box. No primeiro: “realmente era grande a coincidência entre os crimes misteriosos que estavam sendo praticados em São Paulo. “Por isso que não tivemos dúvidas em afirmar que um só homem era seu autor, hipótese que acaba de ser confirmada com a prisão do estrangulador loiro”. No segundo: “venceu o Diário da Noite. Precisamente no dia 16 de abril passado afirmou em uma sensacional reportagem, que um só homem era o autor dos crimes misteriosos que assoberbavam a polícia”. Um pouco acima vem a manchete do dia 16.²⁹⁹

A reportagem assinada por Orlando Criscuolo, que deu manchete e ocupou toda a página policial do jornal, foi a primeira de uma intensa e prolongada cobertura sobre o caso. Benedito aparecerá na imprensa até mesmo no ano de sua morte, 1976.

Mulheres e crianças estupradas e estranguladas em curtos intervalos de tempo, as notícias sobre “crimes misteriosos”, “polícia assoberbada”, provocaram a intervenção do Secretário de Segurança Pública que determinou que os crimes fossem esclarecidos com

²⁹⁹ O jornal vangloria-se de ter dado um “furo”, ou seja, ter publicado a notícia antecipando-se a todos os outros. A notícia em primeira mão confere prestígio ao jornal e ao repórter, tornando-se uma obsessão nos anos 50, quando grande parte da venda de jornais era avulsa. Segundo José Ramos Nabantino, a conquista da notícia em primeira mão é talvez o aspecto mais áspero da luta jornalística. Uma vez resulta do esforço do jornalista. Outras da malícia e até mesmo da desonestidade, como também da sorte. O Times deu um furo transcendental ao publicar cópia da Conferência de Yalta, fevereiro de 1945, antes mesmo que o Departamento de Estado liberasse a matéria. Cf. Ramos José Nabantino, 1970.

presteza. A visibilidade do acontecimento foi tal que a prisão “do monstro de Guaianazes” provocou comoção geral. Seus interrogatórios tornaram-se públicos, eram realizados num salão da Secretária de Segurança e acompanhados por uma multidão de curiosos, médicos e jornalistas.

Um senhor do Rio de Janeiro, ofereceu-se para executar a “fera” em praça pública.³⁰⁰ Por ocasião da reconstituição dos crimes, a polícia mantinha o público afastado para proteger Benedito de um possível linchamento.³⁰¹ Essa sensibilidade, provocou inclusive, um artigo do jornalista Austregésilo de Athaíde contra a pena de morte:

O Lugar do Tarado é o Hospício.

“Várias pessoas que leram aqui minha argumentação contra o estabelecimento da pena de morte apontam-me o criminoso de São Paulo, autor de dezesseis homicídios e perguntam-me se o monstro não deveria ser eliminado”.

Trata-se de um tarado sexual, cuja morbidez não pede a força nem o pelotão de fuzilamento e sim médicos e enfermeiros.

O seu lugar não é a cadeia, mas um hospício de loucos. O que a cidade reclama é que, para sua segurança, o repugnante indivíduo seja segregado do seu convívio.

A brutal exceção dos seus delitos não justifica que se restaure a condenação extrema anti-científica, e contrária aos instintos e sentimentos do povo brasileiro.

O tarado é um doente. O seu perigo não é maior que o enfermo contagiante.

E quem se lembraria de castigar o tuberculoso.

Olhem: os crimes sexuais repetem-se na Inglaterra, na França e nos EUA, sem que a força, a guilhotina, ou a cadeira elétrica possam eliminá-los.

Não se manda o epilético para o cadafalso.

Admito que pessoas horrorizadas se deixem tomar pela ira e preconizem a morte para os que matarem.

Mas as leis não devem se inspirar-se na cólera”.³⁰²

³⁰⁰ Diário da Noite, 12-09-1952.

O jornal esclarece, na matéria, que o endereço da carta enviada ao Secretário de Segurança de São Paulo, era falso.

³⁰¹ Cf. Casoy, Ilana, 2004.

³⁰² Diário da Noite, 11-09-1952.

Austragésilo de Athaíde assumiu a convite de Chauteaubriand, a direção de “O Jornal” em 1924. Este foi o ponto de partida de sua carreira nos diários associados.

Escrito no calor dos acontecimentos, esse artigo nos dá uma idéia da repercussão que os crimes tiveram, chegando a ponto de colocar no jornal a discussão sobre a aplicação da pena de morte no Brasil, expressando que o sentimento de insegurança já era uma questão que afetava a vida cotidiana na metrópole. Esse sentimento adquire novas dimensões, com o surgimento de uma ameaça que aparece agora como uma novidade perturbadora, que o Diário da Noite dirá ter tido o mérito da descoberta e ter trazido ao conhecimento da população: o criminoso cuja aparência é a de uma pessoa comum; que mata sem motivo, com certa regularidade, pessoas que não conhece que mata por prazer e que só para de matar quando interdito. É o assassino em série.³⁰³

Contando a história de crimes “misteriosos”, insondáveis, permeada de suspense, o jornal assegura a fidelidade do leitor que anseia por saber quem é o culpado do “rosário dos tenebrosos crimes que abalaram profundamente São Paulo”, mais tenebrosos ainda, porque embora parecendo fazer parte de um folhetim, eram reais. E, ao identificar o criminoso, ao apresentar, a “cara do monstro”, o jornal coloca em cena, na metrópole, aquele que hoje é conhecido como psicopata.

Por alguns meses ficarão em segundo plano os relatos dos dramas cotidianos dos crimes por ciúmes, por vingança, por interesse, para concentrarem-se em um indivíduo perigoso, que embora represente uma ameaça pública, é anônimo. E o que o jornal pretende, é tirá-lo do anonimato, nomeá-lo, classificá-lo, possibilitar sua identificação, demonstrar sua monstruosidade.

Em um primeiro momento tranqüiliza o leitor declarando de forma concisa e definitiva que foi “preso o tarado”. Se por um momento, a polícia pareceu desarvorada, no entanto, o “resultado das felizes diligências”, foi que a ordem acabou por prevalecer, demonstrando que a insegurança e indignação públicas não deveriam ser levadas ao extremo de se estimular que a justiça se fizesse com as próprias mãos. Inclusive, no caso do senhor do Rio de Janeiro que se propôs a “executar a fera”, o jornal se apressou a esclarecer que foi alarme falso, uma “blague”, que o tal senhor não só desconhecia o que estava se passando, como não sabia ler nem escrever e que nunca teve “coragem para matar coisa alguma.”³⁰⁴ E como vimos, Austregésilo de Athaíde, conceituado jornalista dos Diários Associados, rapidamente afirmou

³⁰³ O criminoso em série é mais conhecido como “serial killer”, termo criado na década de 1970, por Robert Kessler, ex-diretor do Programa de Prisão de Criminosos Violentos do FBI. O serial killer é definido como aquele que mata três ou mais pessoas com intervalos que podem ser mais rápidos ou durar anos. É conhecido também como psicopata, sociopata ou como portador de transtorno de personalidade anti-social.

Cf. Blandine, Houluigue, 2005; Casoy, Ilana, 2004.

³⁰⁴ Diário da Noite, 12-09-1952.

que o caso era de hospício, não de força. Em seguida o jornal assegura que suas afirmações estão respaldadas pela Ciência e que, inclusive, sua reportagem policial é feita por jornalistas que fazem um trabalho de investigadores e já assinala a figura do monstro, por enquanto um “homem loiro”. Para apresentá-lo utiliza o recurso da fotografia retocada, como que para certificar-se de que o público tenha do monstro a imagem exata que o jornal quer dar a conhecer. Retrato concebido de forma a despertar inquietação, pois o monstro-tarado parece “gente como nós”.

No dia da prisão, quando o Diário da Noite esteve na Rua Ponciano, diante da “humilde moradia” de Benedito, já havia uma multidão concentrada, que procurava saber pormenores do caso. Os repórteres viram-se cercados por moradores que queriam informações: “as mulheres de preferência, quando revelávamos a série de crimes confessados por Benedito, ficavam horrorizadas, agarravam suas filhas, como se quisessem protegê-las para o futuro, e murmuravam: “Imaginem. Bem ao lado de minha casa estava o tarado!”³⁰⁵

Mais perturbador ainda era o fato do monstro, do criminoso, parecer-se com um cidadão insuspeito, com um investigador de polícia, que tanto assombro havia causado.

Apurou o jornal que o “estrangulador”, aos olhos dos vizinhos era uma pessoa normal, conversador, educado, respeitador. Em sua segunda edição, destaca que: “Benedito sempre foi bom chefe de família”, como afirmou sua esposa, Marina de Almeida Carvalho:

- Mas creia moço que não creio que o meu Benedito tenha cometido esses crimes! Não pode ser! Ele sempre foi um homem exemplar. Nunca me deixou faltar nada nos vinte e dois anos de matrimônio. Foi um pai extremoso. Criou um filho, hoje casado, com vinte um anos de idade. Adora a netinha, uma garotinha viva que é o seu retrato. Nunca se revelou um anormal. Ai está à vizinha para comprovar. Jamais molestou quem quer que fosse.

Afirma o jornal que as declarações da senhora Marina eram entrecortadas pelo pranto:

- Somos gente humilde. Meu marido como marceneiro, ganha apenas o suficiente para viver. Moramos neste cômodo modesto a quatro meses apenas. Fomos obrigados a mudar da casinha onde residíamos porque meu cunhado que é o

³⁰⁵ Diário da Noite, 05-09-1952.

proprietário dela, precisou do resto do imóvel para seu uso. Todos os meus parentes poderão comprovar como Benedito sempre foi normal, jamais demonstrando qualquer vislumbre de ser um tarado como dizem. Homem respeitador até comigo que sou sua esposa, sempre foi um cavalheiro.

Dona Marina disse também estar revoltada por terem roubado um cachinho de cabelo loiro, que ela guardava de lembrança de seu filho, e a fotografia de uma amiga. “Elevaram para dizer que era cabelo de mulheres e crianças que meu marido matava”. Afirma a reportagem que, ouvindo a vizinhança foi inteirada de que, de fato, Benedito Moreira de Carvalho, pouco aparecia em público; de que nunca houve queixa contra ele sobre um possível atentado contra senhoras e crianças. Sua prisão teria sido realmente uma surpresa para todos.

O jornal informa ainda que: havia **“imagens de santos na casa do monstro”**. Várias estavam sobre o criado-mudo, um quadro do Coração de Maria estava na cabeceira da cama e sobre uma cômoda, a imagem de Santa Izildinha, da qual Benedito declarou ser devoto, santa que a “crença popular cognominou de protetora das crianças.”³⁰⁶

Até aqui, o Diário da Noite apresenta ao leitor a figura de um monstro que surpreende porque além de se parecer como uma honesta pessoa comum é branco e loiro. Cria a compaixão pela esposa através de um relato minucioso de seu sofrimento e espanto, que poderia ser também o espanto do leitor, que haveria de se perguntar tal como ela: Como? Não pode ser!³⁰⁷

O jornal, entretanto, ainda na primeira edição do dia 5 de setembro, após deixar claro que na multidão da metrópole poderia circular um perigo invisível, rapidamente, fornecerá ao leitor os parâmetros para conhecer o monstro e todos os relatos ficarão principalmente concentrados no criminoso:

NÃO TRABALHA EM DIA DE CRIME ANDARILHO E SEM PROFISSÃO CERTA

³⁰⁶ Temos aqui um exemplo do efeito de cúmulo assinalado por Roland Barthes, no seu estudo sobre *Fait Divers*; devoto da Santa protetora das crianças assassinava meninos e meninas. Cf. Barthes, Roland, 1970, p. 65.

³⁰⁷ Essa inquietação com relação ao surgimento do criminoso anônimo veio para ficar, e foi registrada em todos os lugares. Georges Vigarello registrou relatos feitos após o caso Dutroux, na França, em 1996: “não houve nenhum sinal precursor; agora todo mundo pode ser suspeito”; “o pedófilo é o Sr. Todo Mundo..., difícil de ser identificado, simplesmente porque, ao contrário do débil mental, ele se parece conosco de maneira inquietante. Ele está entre nós...” Cf. Vigarello, Georges, 1998, p.239.

O texto de Orlando Criscuolo chama a atenção para o fato de que “o maior monstro que até hoje a história policial do Brasil registra, nunca teve profissão definida. Jovem, ingressou na Força Pública do Estado, indo servir o corpo de Bombeiros, de onde foi expulso por ter cometido crime de natureza sexual. Desde então passou a trabalhar em várias profissões. Ora servia como serrador de toras em serrarias, ora como ajudante de pedreiro, às vezes como auxiliar de mecânico, para finalmente, trabalhar em qualquer serviço. Ao que já se havia apurado o estrangulador loiro nunca conseguiu fixar-se em qualquer emprego por mais do que quatro ou cinco meses.

O jornal irá construir o perfil do monstro começando por evidenciar nele tanto características já amplamente configuradas nos anos 50, como socialmente indesejáveis: inconstâncias, indisciplina, deambulação, ociosidade, como as atividades também socialmente desprezadas às quais se dedicava, que não exigiam qualificação, pelo contrário, seriam mais compatíveis com a força bruta.³⁰⁸ A legenda de uma de suas fotos o apresenta como “o serrador de toras”.

E, na medida em que Benedito sai do anonimato, vai emergindo o monstro. Monstro que o jornal constrói através de relatos condizentes com o que julgava ser a capacidade de compreensão do seu leitor, apropriando-se de maneira bastante livre, da teoria lombrosiana do criminoso nato, sem se preocupar com a atualidade do tema no debate científico do momento.³⁰⁹

A primeira página da edição de cinco de setembro de 1952 é dedicada a Benedito Moreira de Carvalho. O jornal afirma que o tarado é calmo e preciso; que não bebe nem fuma, para conservar a lucidez. Uma grande foto do seu rosto indica: “testa alta, fronte estreita: altivez sem limites; orelhas pequenas, tipo lombrosiano: frio cinismo; mandíbulas presas,

³⁰⁸ Maria Célia Paoli e Adriano Duarte mostram a dimensão do mundo marginalizável em São Paulo, pelos números do recenseamento de 1940. Estimava-se que a agricultura ocupa-se 1.529.055 pessoas; a indústria, 428.487; e 424.852 estavam em “condições inativas ou atividade mal definida”.

Os autores assinalam que a partir dos anos 30, o universo do trabalho não comporta meios-termos: ou se é trabalhador, com profissão regulamentada e carteira assinada, ou se é vagabundo.

Cf. Paoli, Maria Célia e Duarte, Adriano; 2004.

A vadiagem foi sistematicamente combatida em São Paulo desde o governo de Luiz Antônio Botelho Mourão. Em 1765, a Câmara da cidade publicou por sua ordem um edital sobre vadiagem: achando nós homem e outras pessoas vadias que não são úteis á mesma república os obrigamos que tomem officios: ou alias se sujeitem a plantar roças, e viverem em terras aonde possam ser corrigidos pela justiça secular, ecclesiastica e trabalharem em occupaões úteis á mesma república, evitando por este modo a ociosidade que se tem introduzido nesta cidade e seus districtos.

Cf. Belotto, Heloísa Liberalli; 1979.

³⁰⁹ O laudo médico-legal de Benedito Moreira de Carvalho permite que se tenha uma perspectiva atualizada do estado dos debates nos anos 50, em que já há a participação da psicanálise.

fortes, em rictus animalescos; olhar parado, perdido, angustiado, feroz, impressionante; lábios finos: expressão de indômita crueldade sexual; queixo quadrado, brutal”. Outra foto mostra as mãos do estrangulador, que se parecem com garras, numa delas falta um dedo.

Assim, o Diário da Noite, revela para seu leitor, o monstro, que é, ao mesmo tempo, o tipo lombrosiano do criminoso nato. E Benedito o é duplamente: pela sua constituição física e por ser portador da chamada Loucura Moral, ou seja, é portador de taras degenerativas. Segundo Lombroso os loucos morais são incapazes de distinguir o bem do mal, fazendo parte de uma categoria de criminosos muito perigosos, porque suas “taras degenerativas nem sempre saltam aos olhos e seus cérebros podem ser maravilhosamente bem organizados”.³¹⁰

A manchete da edição do sábado esclarece que Benedito “procurou médicos e curandeiros para livrar-se da tara”, o próprio Benedito também afirma: “quero que o Sr saiba que sou doente”, confirmando o que já havia dito no interrogatório da sexta-feira, dia da prisão: “era uma tentação que eu sentia” e que mereceu do jornal, a observação de que o monstro é: “frio, demonstrando mesmo ser possuído de um desequilíbrio psíquico que o levava à prática daqueles atentados, o carpinteiro esclarecia que, dia-a-dia ia vendo seu mal se agravar, pois nem sempre ficava satisfeito com uma morte e, em seguida, procura outra “vítima””³¹¹

Até final de Outubro de 1952, o jornal concederá espaço total ao “acontecimento Benedito”, transformando-o numa “personalidade” da qual ele seria o agente publicitário. Em vez de um crime, uma obra, em vez de um criminoso um autor, ainda que maldito. O privilégio que o jornal quer exercer sobre o caso ganhará um forte impulso no sábado, dia seis

³¹⁰ Cesare Lombroso, representante da Escola Italiana de Antropologia Criminal, em 1876, retratou o criminoso nato, fruto de um debate sobre o controle científico do crime. Afirmava ter identificado características anatômicas e fisiológicas significativas que distinguiam o criminoso da sua contraparte normal, explicitava uma série de indícios: assimetria facial, dentes irregulares, maxilares grandes, entre outros. O objetivo da Antropologia Criminal era a busca de atavismos, ou inversões herdadas, e a investigação prendia-se a pesquisar as áreas de regressão.

Cf. Harris, Ruth; 1993, p.94.

As bases da loucura moral foram lançadas por Pinel, Esquirol e seus discípulos, nas primeiras décadas do século XIX. Os loucos morais seriam loucos que não parecem loucos, porque se exprimem com lucidez. Segundo Michel Foucault a observação do caso de Henriette Cornier foi emblemática para essa definição: Henriette Cornier, doméstica, um dia, se oferece para cuidar da filha da vizinha, de 19 meses. Ao chegar a casa, serra a cabeça da criança. Quando a mãe chega, ela diz:- sua filha está morta. Embrulha a cabeça em um avental e atira pela janela. Prendem-na e lhe perguntam: “Por quê? Ela responde: “Foi uma idéia”. E nada mais se tirou dela. Casos como o de Cornier que não apresentam delírio subjacente, nem motivo que justifique o crime constituíram o terreno sobre o qual a psiquiatria criminal se constituiu. De um lado, a mecânica judiciária, na ausência de razão do crime, procurará afirmar a razão do criminoso, e, de outro lado, a psiquiatria procurará fazer funcionar essa ausência de razão como ponto de ancoragem para a intervenção psiquiátrica no Direito.

Cf. Foucault, Michel; 2002.

Sobre a definição de louco moral estabelecida por Lombroso. Ver: Darmon, Pierre, 1991, p.56.

³¹¹ Diário da Noite, 06-09-1952.

de Setembro quando o Promotor Melo Freire, na sala do décimo sexto andar do Edifício De Polícia, repleta de delegados, jornalistas, advogados e estudiosos, convida o repórter Orlando Criscuolo para testemunhar as primeiras declarações do “homem que assombrou São Paulo”.³¹² Ainda como convidado do Promotor, foi Criscuolo quem acompanhou Benedito nos trajetos que levavam aos locais onde se fariam as reconstituições dos crimes.³¹³

A partir desse crédito, vindo do próprio representante do Ministério Público, o Diário da Noite, cria uma aproximação junto a Benedito Moreira de Carvalho, construindo sua fama como autor de “caso inédito nos anais da criminologia brasileira”.³¹⁴ Fama que será inseparável do prestígio que o Diário da Noite constrói para si mesmo.

Numa fotografia, publicada no dia 12 de Setembro, emblemática dessa quase tutela sobre o criminoso, Benedito aparece bem junto a Criscuolo, como que sussurrando alguma coisa, com exclusividade para o jornalista, como que confirmando a legenda da foto: “O Monstro Confessa”.³¹⁵

Bastante esclarecedor é também o fato de o jornal não recorrer, como já era comum nesses casos, à opinião de especialistas. O nome de Lombroso aparece uma vez, no dia seis de Setembro e, numa matéria do final do mesmo mês, é citada uma obra de Flaminio Fávero, Professor de Medicina Legal da Universidade de São Paulo, para informar o leitor sobre o significado de sadismo e necrofilia, termos presentes no parecer médico-legal de Benedito, que a esta altura já estava concluído.³¹⁶

Dessa forma, imbuído de autoridade, o jornal procura direcionar a opinião e o sentimentos do leitor sobre Benedito. Este, tal como um autor famoso é promovido à exaustão. Aparece em muitas e diferentes imagens, da primeira a última página, de perto de longe, retocado, lombrosiano, expondo seu método, sempre com seu terno marinho e gravata, muitas vezes com seu chapéu de abas caídas e ilustrando todos os textos. Sua rotina, seus hábitos, sua história de vida, são descritos detalhadamente. A palavra também lhe será concedida. Ele é entrevistado, descreve os crimes, expõe sua própria interpretação que, no auge de sua fama, ele revela por escrito ao povo de São Paulo: “Quero que o povo

³¹² Idem.

³¹³ Diário da Noite, 11-09-1952.

³¹⁴ Diário da Noite, 05-09-1952.

³¹⁵ Diário da Noite, 12-09-1952.

³¹⁶ Lombroso é citado na reportagem do dia 06 de Setembro: “Orelhas pequenas: tipo Lombrosiano”; e Flaminio Fávero, aparece na matéria do dia 24, mas a manchete principal trata da “lista” dos assassinatos de Benedito.

Eis alguns trechos da citação: “ Flaminio Fávero no seu Tratado de Medicina Legal classifica o sadismo de *Algolagnia Activa*. Nesta espécie, o individuo encontra satisfação sexual fazendo sofrer a outrem física e moralmente... Quanto à necrofilia, o perverso somente se satisfaz depois de ver morta sua vítima, ocasião em que profana o cadáver. ”

comprêenda que, a pesares do pesares, eu sou um ser humano. Errei é verdade mais meu erro, embora grave deve, ser objeto de estudo e não de sensacionalismo. São Paulo, 15 de Setembro de 1952”.³¹⁷

A superexposição de Benedito em detrimento de qualquer outro aspecto dos acontecimentos será o eixo exclusivo em torno do qual o jornal construirá o Monstro, contribuindo para a memória social sobre essa nova ameaça da vida moderna, e da qual Benedito será o modelo exemplar. Ele será apresentado como: “um homem desesperado”, que “espera de todos um pouco de compaixão”; “eu nunca quis matar ninguém, não era bem eu que fazia tudo isto ...sentia algo dentro de mim, como uma espécie de tontura...”³¹⁸; após o “encontro dramático com a esposa...” com “os olhos rasos d’água, ficou evidente que tinham chorado muito.”³¹⁹ Mas, será apresentado também como não sendo “o anormal que quer fazer crer”³²⁰; “ depois de cada crime almoçava com a esposa; com a mesma frieza de sempre...”³²¹; “sufocou com as mãos os gritos de socorro da indefesa “nisei”³²²,

É dessa imbricação entre o humano e o bestial que se configura o Monstro Loiro, “porque no monstro é preciso haver algo de humano, mas também outra coisa da ordem da animalidade”.³²³ Do confronto continuo entre essas duas ordens, surge Benedito, surge sua monstrosidade, cujo sentido é também o de uma advertência, indica que prevaleceu nele o instinto do predador.³²⁴

Nesse sentido, a referência do jornal à teoria de Lombroso foi muito útil, pois esta pode ser facilmente compreendida e verificada apurando-se o sentido da visão, podendo com a mesma facilidade ser aplicada ao amplo universo de diferenças que constitui a população da metrópole.

Jacques Le Goff e Humberto Eco, chamam atenção para o quanto o imaginário do monstruoso pode tornar-se funcional nas operações de distinção entre as classe sociais e que

³¹⁷ Diário da Noite, 16-09-1952

³¹⁸ Diário da Noite, 11-09-1952.

³¹⁹ Diário da Noite, 10-09-1952.

³²⁰ Diário da Noite, 01-10-1952.

³²¹ Diário da Noite, 12-09 1952.

³²² Diário da Noite, 09-09 1952.

³²³ Cf. Courtine, Jean-Jacques, 2008, p. 499.

O autor afirma que a fabricação do corpo monstruoso obedece a um primeiro princípio, o da hibridação. No exame dessas imagens adivinham-se regras de repartição, de distribuição, de imbricação do humano e do bestial na representação monstruosa.

³²⁴ O significado da palavra “monstro” deriva do latim monstrare, e foi freqüentemente traduzida por “mostrar”, ou por “indicar com o olhar”, mas este verbo contém também um outro sentido que é o de advertir, ensinar o caminho a seguir. Os monstros nos advertem sobre os limites da nossa própria humanidade.

Cf. Gil, José, 1994, p. 77.

eles observaram na literatura medieval. Le Goff assinala que o camponês na literatura da Alta Idade Média e nos séculos posteriores, é um monstro quase inumano, de uma fealdade repugnante, e a hostilidade para com seu ser moral era igual: “De vilão, habitante da vila tirou a época feudal a palavra vilania, que é a fealdade moral”.³²⁵

Umberto Eco, afirma que dos Fabliaux franceses à novelística italiana e nos Contos de Canterbury, é possível notar o desprezo e desconfiança do mundo feudal e eclesiástico em relação aos camponeses, aproximando-os do monstro, pela sua extrema feiúra e brutalidade.³²⁶ Segundo Gregório de Tours, “é entre os camponeses que se recrutam os pseudo profetas, os chefes religiosos e populares e seus adeptos, os anti- cristos, os agitadores que vão às cidades inquietar os bispos e os ricos”.³²⁷

Valendo-se daquela mesma operação, inspirando-se nas narrativas do melodrama dos folhetins, utilizando os conceitos da ciência do século XIX e o jornalismo do século XX, que tem como objetivo dizer e comprovar a verdade do que aconteceu, o Diário da Noite constrói o monstro que ronda a cidade moderna, que é também o tarado, o degenerado, o anormal, o psicopata, modalidades novas da monstruosidade que precisavam ser mais bem estudadas e controladas.³²⁸ E, se como afirma Bauman, o medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desancorado, flutuante, sem motivos claros, é mais assustador quando a ameaça que se deve temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la,³²⁹ então, uma certeza já poderia ser estabelecida pelo leitor do Diário da Noite: embora

³²⁵ Le Goff, Jacques, 1984, p. 58.

³²⁶ Humberto Eco cita como exemplo um trecho de “O Cavaleiro de Leão”, de Chrétien de Troyes : “ um aldeão que parecia um mouro, mal-ajambrado e horrível a não mais poder, criatura tão feia que não cabem palavras para descrevê-la, estava sentado sobre um tronco com uma enorme clava nas mãos. Aproximei-me e vi que tinha a cabeça maior que a de um rocim, ou de qualquer outro animal, cabelos arrepiados, e fronte pelada, orelhas hirsutas com mais de dois palmos de comprimento e grandes como as de um elefante, sobrancelhas enormes, cara achatada, olhos de coruja, nariz de gato...”

Eco, Humberto, 2007, op.cit. p. 138.

³²⁷ Cf. Le Goff, Jacques, 1980, op.cit, p.131.

Gregório de Tours- historiador e teólogo frances, “538-594”, bispo de Tours em 573 autor da História dos Francos. (História Francorum).

Cf. Dictionnaire Hachette-Langue- Encyclopédie – Noms propres. Paris: Hachette, 1980

³²⁸ Os monstros no ocidente até o advento do mundo moderno estão agrupados na ampla categoria do maravilhoso que recobre uma diversidade de objetos, de ações e uma multiplicidade de forças às quais corresponde o termo *Mirabilia* cuja raiz *mir* (miror, mirare) comporta alguma coisa de visível, trata-se do admirável aquilo que pode ser percebido.

Segundo Michel Foucault, no século XIX os monstros deixam de pertencer ao maravilhoso e passam a ser percebidos como anômalos. Patologizados, entram para o campo científico como tarados, anormais, degenerados.

Cf. Le Goff, Jacques, 1983, op.cit, p. 20.

Foucault, Michel, 2002.

³²⁹ Bauman, Zygmunt, 2008, p.8

esse monstro agora possa ser qualquer um, ele surge principalmente das periferias e da brutalidade das atividades das classes populares.

No dia 21 de Outubro de 1952, finalmente o “Estrangulador Loiro”, dado pelos médicos como doente mental, será transferido para o Manicômio Judiciário. A comoção que seus crimes causaram foi tal, que nem mesmo Edmur Whitaker conceituado psiquiatra e professor, responsável pelo laudo de Benedito, escapou de colocar suas próprias impressões no parecer que deveria ser pautado unicamente pela “objetividade científica”. Refere-se a seu modo de atuar como “caçada humana” e: “por fim, bem caracterizado o fenômeno, havendo conduzido o nosso estudo dentro das normas rigorosamente científicas e com serenidade, não podemos calar entretanto o nosso humano sentimento de horror e lástima ao mesmo tempo, diante do monstro estuprador e homicida, que como força maléfica, prosseguirá em sua obra perversa se a sociedade o não impedir”.³³⁰

O Diário da Noite ao conferir visibilidade a manifestações violentas aparentemente desmotivadas, ao conferir notoriedade a um criminoso/ monstro que é branco e loiro, combina três discursos: o da imprevisibilidade de uma agressão; o do monstro com longa duração no imaginário social e outro muito moderno, saído das teorias do Direito sob influencia da psiquiatria. Os três caminham para adensar um sentimento de insegurança com relação à vida moderna e à própria vivência cotidiana, contribuindo para criar um senso de identidade calcado em uma simbologia do medo.

Benedito aparecerá ainda no jornal, todas as vezes que um dos seus processos for a julgamento e, devido ao dispositivo da “Medida de Segurança” permanecerá no Manicômio Judiciário pelo resto da vida.³³¹ Esse monstro emblemático, após mais de 20 anos de seus crimes não foi esquecido.

³³⁰ Exame psiquiátrico de Benedito Moreira de Carvalho; p. 37; p. 42.

“Diagnostico: personalidade psicopática, com tendências esquizóides, homossexuais e sadismo homicida”. Thomas Laqueur escreve sobre narrativas humanitárias presentes em relatórios de autópsias e boletins médicos nos séculos XVIII e XIX.

Laqueur, Thomas, 1995.

Oliver Sacks neurologista reivindica que a medicina “relate seus casos” aproximando-os da literatura. “A tradição das histórias clínicas ricamente humanas atingem um ponto culminante no século XIX e depois declinou com o advento da ciência neurológica impessoal.” Nos seus casos ele retoma essa tradição.

Sacks, Oliver, 2005, p. 10.

³³¹ O Código Penal de 1940 incorporou o critério de periculosidade para aplicação da pena e o dispositivo da medida de segurança.

Art. 77... “Deve ser reconhecido perigoso o individuo se sua personalidade e antecedentes, bem como os motivos e circunstâncias do crime autoriza a suposição de que venha ou torne a delinquir”.

Uma vez considerado perigoso o criminoso deve cumprir medida de segurança, ou seja, deverá ser submetido a tratamento em estabelecimento especial para esse fim. Periodicamente será submetido a Exame Para Verificação de Cessação de Periculosidade e a possível reinserção do criminoso.

Ver: Rauter, Cristina, 2003.

Em 1976, a imprensa noticiou a sua morte e saiu no Diário da Noite: **“Monstro Loiro” Está Morto: Matou 7 crianças e 7 mulheres.** E na “Folha de São Paulo:” **“Estrangulador de crianças nos anos 50 morreu ontem”**.³³²

O Diário da Noite realiza assim, um inventário dos perigos da metrópole, promovendo sua “invenção do cotidiano”, identificando novas ameaças, revisitando as antigas, de tal forma que parecem ter vindo para ficar, como uma fatalidade, como partes constitutivas da vida moderna. No arrolamento dos perigos que transforma em contos, prevalecem em grande parte os critérios morais que abrem espaço para a intolerância. O ruído, as doenças, a miséria, o crime, têm protagonistas com lugares garantidos na última página do jornal, fazem parte da população pobre de São Paulo, são os do lado de lá.

A partir de meados da década, o jornal destaca as notícias sobre o aumento da criminalidade e sobre a ineficácia da ação do poder público no combate ao crime, assuntos que chegam a fazer parte de editoriais. Em um deles: **“Guerra ao Crime”**, afirma que as próprias autoridades reconhecem que a cidade de São Paulo está ocupada pelo crime, que os malfeitores formam hordas audaciosas, que são sádicos, ferozes, despidos de qualquer sentimento humano, e que a solução para vencer a guerra estaria nas palavras de um delegado de polícia, “homem resoluto” que “justamente alarmado pelas proporções assumidas pelo crime, declara estar disposto a limpar a cidade à bala. Chegamos aqui a esse extremo, e para que São Paulo possa ser despejada dos facínoras que a infestam, é realmente à bala que a polícia precisa agir, com armas nunca inferiores àquelas que os criminosos empregam”³³³. “Em outro editorial, **“Panorama Policial”**, após descrever os assaltos dos dias anteriores, afirma que: “Enfim, é a insegurança, em seus múltiplos e temíveis aspectos, é a manifesta desproteção dos milhões de habitantes da maior cidade brasileira que é em população, a terceira da América Latina e talvez seja a primeira em importância econômica pelas indústrias que abriga”. [...] “É esse o panorama policial, não havendo perspectiva de melhora. Dentro de casa ou na rua o paulistano não encontra a segurança a que tem direito porque a organização policial é falha e inoperante”³³⁴.

Além dos editoriais, as manchetes das reportagens também alertam o leitor para uma cidade sitiada pelo crime: **“Entregue a Capital Paulista à Ação de Perigosos Ladrões”**;

³³² Diário da Noite, 01-06-1976
Folha de São Paulo, 01-06-1976

³³³ Diário da Noite, 08-09-1956

³³⁴ Diário da Noite, 10-06-1958

“Calamidade Pública a Onda de Assaltos”; “São Paulo, Capital do Terror. Cidade à Mercê de Bandidos Armados!”³³⁵

Entretanto, uma das reportagens parece ser conclusiva quanto às posições do jornal:

“Chegamos, então, onde deveríamos chegar: sucedem-se espantosamente os assaltos a mão armada, os roubos violentos e danosos por todos os cantos da Capital. O povo, amedrontado e certo de que não existe polícia para protegê-lo, decidiu armar-se, cercar-se de recursos próprios para ao menos enfrentar em igualdade de condições os bandidos que o mantêm sob espreita constante.

O jornal afirma que o leitor acompanha o noticiário policial diário dos jornais, cujas manchetes anunciam a audácia, a temeridade, a crueldade desmedida dos agentes do crime. Os roubos ocorreriam à luz meridiana, facilmente, nas residências particulares ou estabelecimentos comerciais. Assinala que o cidadão indefeso quando menos espera, seja em uma praça central ou em lugares mais retirados, surpreende-se com um revólver à altura do peito e empunhado por um criminoso que não hesita em arrancar-lhe até o último níquel ou objeto de valor, e conclui: convém que se frise que a média de 15 a 20 assaltos e roubos diários é a que se conhece oficialmente. Muitas, porém são as pessoas que, vítimas de assaltos ou roubos às respectivas moradias, resolvem não apresentar queixa à Polícia por sabê-la incapaz de prender os autores e muito menos de apreender os valores surrupiados. Esta é, sem exagero algum, a situação atual da Polícia de São Paulo. Uma polícia às portas da falência. Uma Polícia inoperante, esfrangalhada e sem qualquer perspectiva de recuperação, já que foi negociada num dos balcões em que se fazem as transações políticas. Também, não podemos ter a veleidade de esperar que este final de governo seja diferente, ainda que sempre trombeteado como um governo austero.”³³⁶

O Diário da Noite dissemina incertezas e medos com relação à vida na cidade, contribui para a criação de uma duradoura “política de insegurança” cujos primórdios estão em grande parte nas suas páginas, e que tanto preparam o leitor para a aceitação do Golpe de 1964, **“vitória da democracia e do trabalho”**,³³⁷ como alimentam um desejo por segurança que será cada vez mais sentido e que se traduzirá pela construção de condomínios privados,

³³⁵ Diário da Noite, 10-06-1958; 24-06-1958; 02-02-1960.

³³⁶ Diário da Noite, 27-06-1958.

³³⁷ Diário da Noite, 01-05-1964.

pela demanda de polícia nas ruas, de vigilância 24 horas, de muros protetores contra qualquer dessemelhança, e que a mídia posteriormente não cessará de atualizar.

3 – IMAGENS

OS AVESSOS DA MODERNIDADE



“TRAGICO DESASTRE NA CENTRAL”

“Com os corpos esfaqueados, quatro operários que morreram no choque de trens da Central do Brasil, ocorrido na manhã de 9/9/54, nas proximidades [sic] da estação Clemente Falcão, tiveram seus cadáveres cobertos com folha de jornal.”

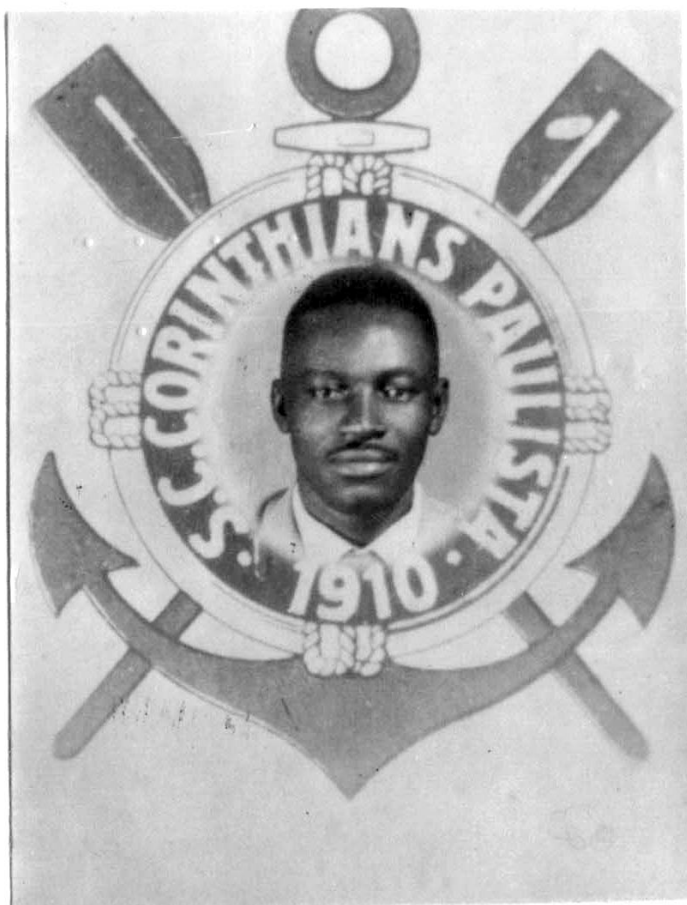
Diário da Noite, 9 de setembro de 1954.



“TRAGICO DESASTRE NA CENTRAL”

“Assinalado pela flecha, Bartolomeu Marques, morto no desastre da Central ocorrido na manhã de 9/9/54, nas proximidades da Estação Clemente Falcão.”

Diário da Noite, 9 de setembro de 1954.



“TRAGICO DESASTRE NA CENTRAL”

“Antonio do Amaral, morto no desastre da Central ocorrido na manhã de 9/9/54, nas proximidades da Estação Clemente Falcão”.

Diário da Noite, 9 de setembro de 1954.



“DESASTRE NA CENTRAL”

“Flagrante do desastre da Central ocorrido na tarde de 25/12/55, próximo a cidade de Guararema, causando a morte de 18 passageiros, ficando com centenas deles feridos”.

Diário da Noite, 26 de dezembro de 1955.



“CONDUZIDOS À MORTE NO ÔNIBUS FATÍDICO”

Diário da Noite, 4 de junho de 1957.



“Aspecto das inundações no Vale do Anhangabaú, durante as chuvas que desabaram sobre a cidade de São Paulo, no mês de fevereiro de 1960”.

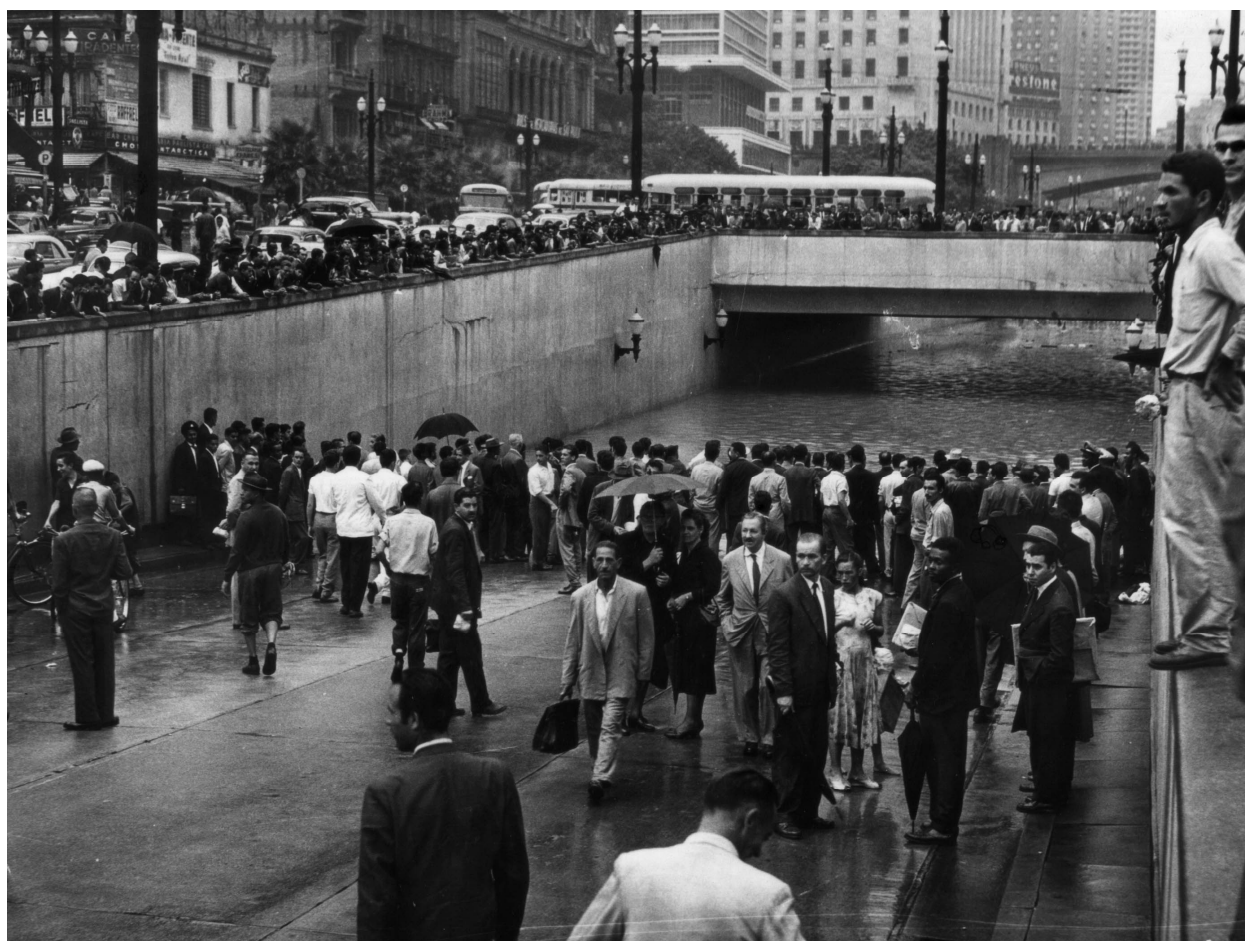
Diário da Noite, 29 de fevereiro de 1930.



“CENTENAS DE CASAS FORAM INUNDADAS PELO ARICANDUVA”

“Flagrante dos efeitos do transbordamento do Rio Aricanduva, em Vila Manchester”.

Diário da Noite, 17 de fevereiro de 1950.



“Flagrante tomado na praça do correio, durante a enchente do dia 1º de março”.

Diário da Noite, 16 de abril de 1958.

EM CONSTANTE PERIGO A SAÚDE DA POPULAÇÃO

SURTOS EPIDEMICOS AMEAÇAM SÃO PAULO

Diário da Noite

Director
EDMUNDO
MONTEIRO

O VESPERTINO DE MAIOR CIRCULAÇÃO EM S. PAULO

Ano XXXV S. Paulo, sábado, 23 de Janeiro de 1960 N. 10.727

Deficiência da rede de esgotos tem sido a principal causa do elevado índice de mortalidade infantil em consequência de molestias infecciosas — Fossas negras têm que ser eliminadas — Dos 500 mil prédios existentes na cidade, apenas 179 mil estão ligados à rede de esgotos (LEIA NA PAGINA 3)

Ray Robinson perdeu o título de campeão



Diário da Noite, 23 de janeiro de 1960.

NOVA AMEAÇA: MONSTRO COM “CARA” DE BOM MOÇO

PRESO O TARADO

Matou sete jovens no período de oito meses



Confessou dez crimes o monstro

Milhares de anos foram consumidos para que o homem conseguisse penetrar na alma dos seus semelhantes, estudando-os nas suas mínimas ações para poder definir-lhes o caráter. Provou-se, então, que a mente do homem sofre alienação dando origem a condutas as mais surpreendentes. Estudaram-se as psicoses, os desequilíbrios psíquicos; definiram-se perfeitamente bem as taras, positivando-se que um mesmo indivíduo, quando atacado de uma anormalidade, pode praticar uma série de atos semelhantes, de tempos em tempos.

Gracias, portanto, à conclusão a que chegaram estes estudos, é que a reportagem policial do DIÁRIO DA NOITE, em notícia publicada no dia 16 de Abril passado, não teve dúvidas em afirmar, dada a semelhança existente em vários crimes misteriosos que foram cometidos em S. Paulo, que um só homem era o seu autor. Lembremo-nos, então, dos homens que tristemente têm seus nomes ligados à história de crimes brutais que se cometeram no mundo.

E foi, pois, estudando em suas

(CONTINUA NA ULT. PAGINA)

Diário da Noite

O VESPERTINO DE MAIOR CIRCULAÇÃO EM S. PAULO

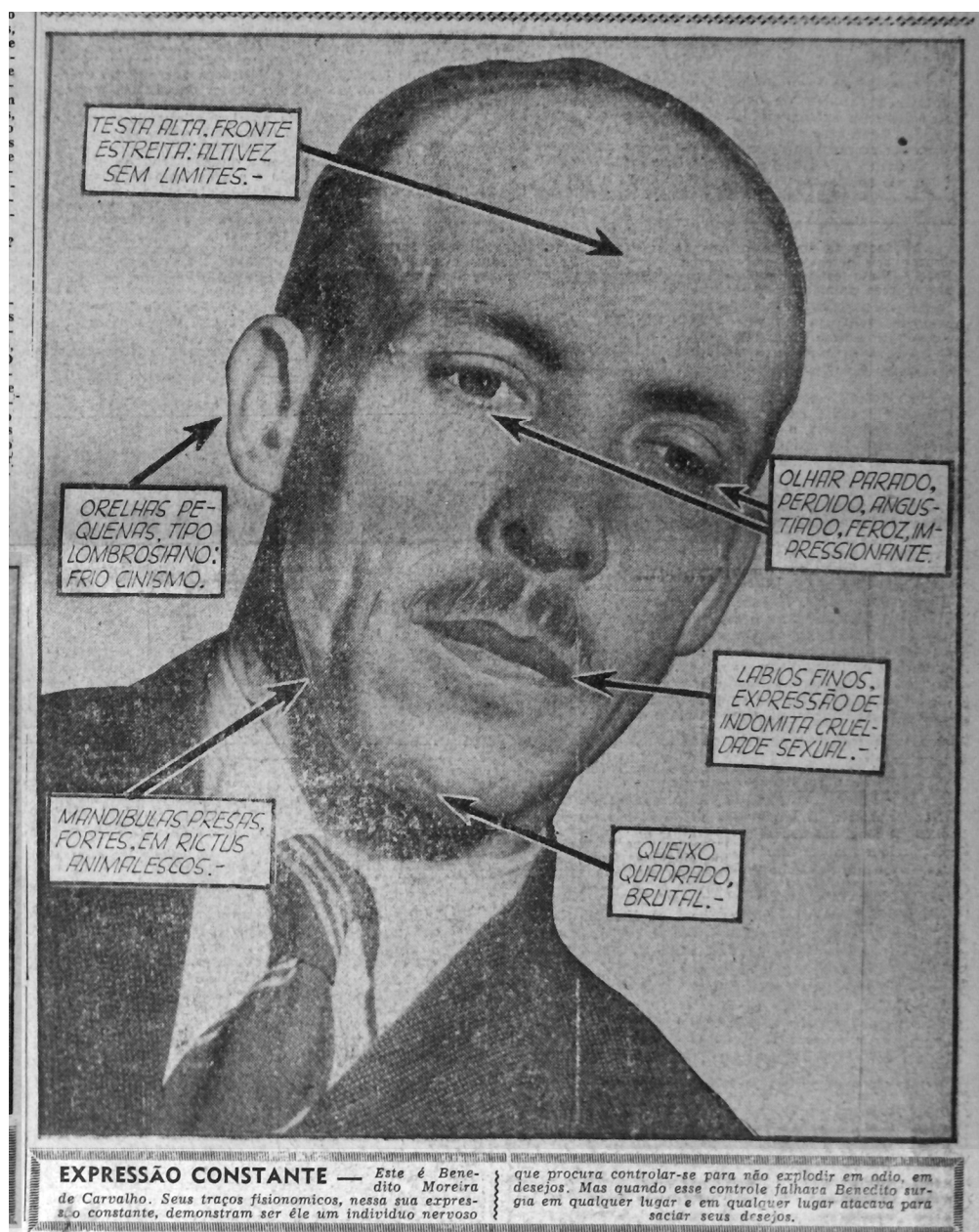
Ano XXVIII - São Paulo, sexta-feira, 5 de setembro de 1952 - N. 8.491

EDICAO
Diretor EDMUNDO MONTEIRO

A CARA DO MONSTRO — polícia. Confessou a autoria de dez crimes, dos quais sete foram de morte. Sacrificou sete vítimas para satisfação de seus desejos

Diário da Noite, 5 de setembro de 1952.

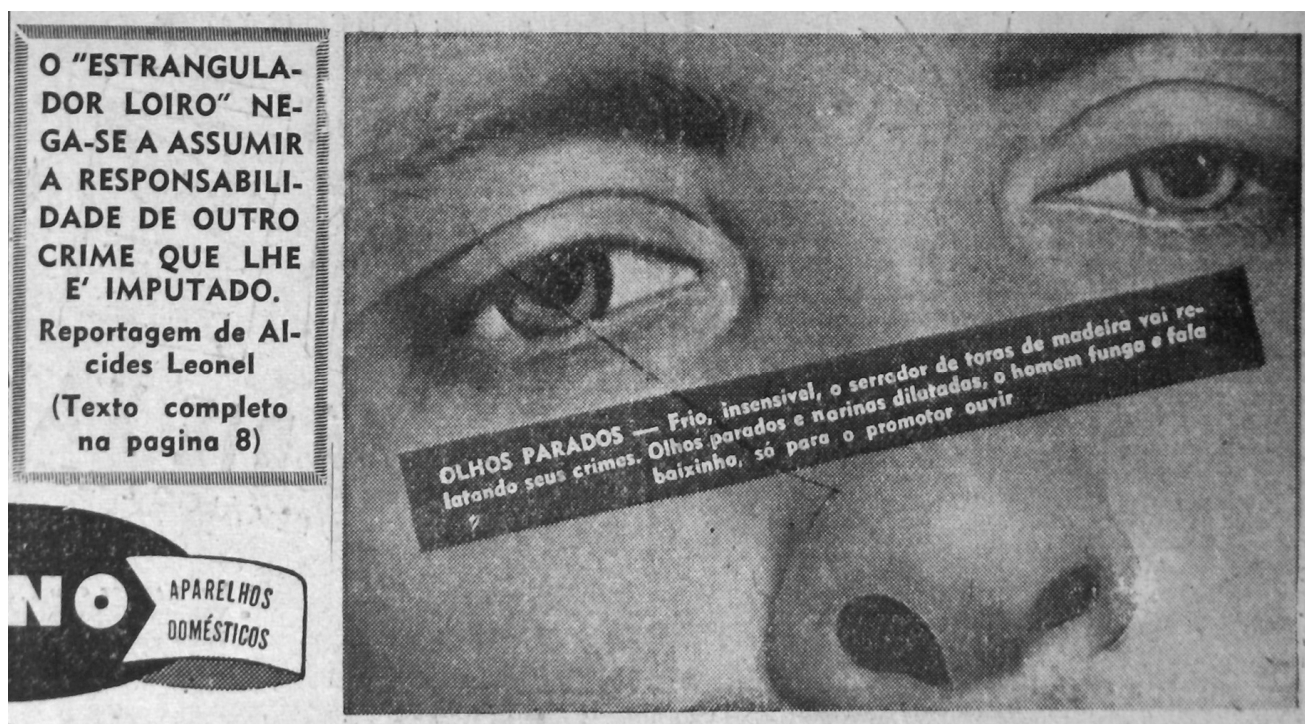
O SENSACIONALISMO DIVULGA LOMBROSO



Diário da Noite, 6 de setembro de 1952.



Diário da Noite, 6 de setembro de 1952.



Diário da Noite, 8 de setembro de 1952.



Diário da Noite, 12 de setembro de 1952.

A ASCENSÃO DO MEDO

“Gangsters” mascarados assaltam no Centro!
São Paulo, capital do terror

CIDADE À MERCÊ DE BANDIDOS ARMADOS!

Nem bem a cidade se refazia do abalo que provocou o bárbaro assassinio de que foi vítima uma família inteira, na estrada de Parelheiros, uma sucessão de assaltos ocorreu de ontem para hoje, espalhando o terror em vários bairros da Capital. Cinco deles em circunstâncias que vêm demonstrar o desaparecimento da Polícia em sua ação preventiva. Um, em pleno centro da cidade. E o pior é que os bandidos usam de todos os recursos imagináveis para saírem vitoriosos de sua empreitada, não vacilando em recorrer ao crime de sangue para alcançar seu nefando objetivo. — (Reportagem na 2.ª página)



Alfred Spiegel, proprietário de uma firma de acessórios para rádio e televisão, na rua 7 de Abril, 364, é o andar, sala 202, foi vítima, pouco depois das 7.30 horas, de um espetacular assalto por parte de dois jovens, mascarados e armados. Surpreendido, Alfredo não teve tempo para reagir. Os criminosos, confiantes e desconfiantes e o mantiveram, cobrando em sua boca um fuzil. Então, obrigando-o a abrir a caixa para o resgate, quando levantou. Depois de retirarem o dinheiro que estava depositado na caixa, pediram a carteira de Alfredo, que ainda foi despojado de três casacas que tinha em seu poder. Sempre sob a mira dos revólveres, a vítima não pôde fazer. Chamada, a Polícia recuou-se a comparecer, dizendo a autoridade de polícia que a vítima deveria se permitir, registrar a queixa no D. I. Um dos assaltantes seria empregado do prédio onde se registra o espetáculo assalto.

Diário da Noite, 10 de fevereiro de 1960.



Diário da Noite, 19 de agosto de 1960.

CAPÍTULO III - A CRÔNICA DE TODOS OS DIAS: A MISÉRIA NA METRÓPOLE

1 - Do Espetáculo Confrangedor ao Dolce far Niente

No início dos anos 50, a Rua Barão de Itapetininga era um dos endereços mais seletos da cidade de São Paulo. Palco de um comércio sofisticado, ali estavam instaladas a “Maison Rosita” de Alta Costura, a “Casa Los Angeles”, com as últimas tendências em moda esportiva, a “Sutoris”, com os novos lançamentos em sapatos e bolsas e a “Confeitaria Vienense”, que oferecia um requintado serviço em meio a um salão estilo “Art – Decô”, onde se degustava o chá ao som de violinos. O luxo sedutor das vitrines era um convite para uma circulação mais lenta, para olhares mais pausados e mesmo para o “footing”: era um lugar para ver e ser visto.³³⁷

No entanto, junto àquele glamour, já era também “comum verem-se pelas calçadas da metrópole, contrastando com a elegância das jovens da Rua Barão de Itapetininga homens exibindo chagas que chocam os sentidos do transeunte”³³⁸.

Essa observação do Diário da Noite, de 1952, vem ilustrada com uma série de cinco fotografias mostrando homens com chapéus estendidos, mulheres e crianças pedindo esmolas. Com exceção de duas mulheres em pé, todos os outros estão sentados. O único lugar reconhecível é o do simbólico Viaduto do Chá, onde um negro “exibe” as chagas de uma das

³³⁷ A Rua Barão de Itapetininga nos anos 50 fazia parte da nova região de circulação das elites no centro, que se expande desde os anos 40, para além do triângulo central.

Luiz Israel Febrot traçou a cronologia dos principais pontos de consumo e lazer em São Paulo: “... o triângulo histórico (ruas Direita, 15 de novembro e Boa Vista), no fim do século XIX até 1930; ruas Barão de Itapetininga, Marconi e arredores, durante a guerra até meados de 50, e depois Augusta, e nos anos 60, os eixos paralelos da Paulista e Faria Lima.

Cf: Frúgoli Jr. Heitor, 1995, p. 25.

O poeta José Paulo Paes ao narrar suas memórias urbanas, afirma que o principal “pulsar” do centro se dava, desde os anos 40, em torno da Rua Barão de Itapetininga, definindo também o footing: sábado e domingo era de rigor vir-se do bairro para o centro admirar as vitrines iluminadas da Barão de Itapetininga e depois fazer o footing na São Bento. Isto é, percorrê-la de passo lento de uma ponta a outra, repetidas vezes, conversando com os amigos e trocando olhares cifrados com as garotas que, engajadas no mesmo ritual, transitavam em sentido oposto. Mais tarde se descia para a Cinelândia, para a festa das luzes da São João com ramificações pela Dom José de Barros e pela Ipiranga.

Segundo o poeta, após o cinema, comia-se um bauru na São João, ia-se a um dancing, e se sobrasse dinheiro a noite terminaria num dos rendez-vous da Rua Aurora, da princesa Isabel, ou num dos cubículos mais baratos da Itaboca ou Aimorés.

Idem, p. 27.

³³⁸ Diário da Noite, 07-08-1952.

pernas. Os outros pareciam referir-se a qualquer ponto da cidade, transmitindo a idéia de que os mendigos poderiam estar disseminados por toda parte, pois, “com efeito, São Paulo, no seu perímetro central, em particular, sofreu nestas últimas semanas, verdadeira invasão por parte dos pedintes.”³³⁹

As imagens corroboram assim, o texto, que descreve o crescimento assustador do número de pedintes na capital, um “velho problema” que agora se tornava mais grave, principalmente no centro, que vinha sofrendo “verdadeira invasão”, ou seja, numa abordagem no estilo militar, uma ocupação hostil, violenta. Em outros momentos, numa abordagem biológica, o jornal refere-se a uma infestação, ou seja, devastação, invasão de um organismo por parasitos³⁴⁰: “Falsos e verdadeiros mendigos continuam infestando São Paulo”³⁴¹. Presença tanto indesejada quanto sem controle.

O contraste apontado acena antes, para um conflito quase que permanente com relação à circulação e à ocupação dos espaços da cidade, principalmente no que se refere ao centro, reivindicado como território primordial das elites até perto do final dos anos 50, quando a Rua Augusta e o Conjunto Nacional se constituíram como novas referências de sofisticação e de distinção social.

Desde as primeiras décadas do século XX, os padrões de percepção daquelas elites para definição da São Paulo moderna, basearam-se em perspectivas dicotômicas. De um lado a cidade da ordem, da moral, das famílias, de outro, a da desordem, da amoralidade, vadiagem.³⁴²

Expressão do forte crescimento populacional advindo da imigração européia sentida como uma necessidade, mas também como uma ameaça que as intervenções urbanísticas e saneadoras tentaram aplacar, “a cidade de São Paulo organizou-se em duas partes distintas, separadas pelo rio Tamanduateí, pelo córrego Anhangabaú e pela Estrada de Ferro São Paulo Railway (Santos- Jundiaí). A leste localizaram-se os bairros populares com residência operária, indústria e comércio, tendo como pioneiro, o Brás. A oeste, o centro da cidade, formando-se os bairros da aristocracia rural e da burguesia industrial, como Campos Elíseos, Vila Buarque, Higienópolis e Avenida Paulista. Mais tarde, na direção sudoeste iriam surgir os Jardins”.

Configuraram-se assim o lado de cá e o lado de lá da cidade. Ao lado do centro localizaram-se principalmente as camadas de mais alta renda, no lado oposto, as de baixa

³³⁹ Diário da Noite, 07-08-1952

³⁴⁰ Grande Dicionário Larousse de Língua Portuguesa, 1999

³⁴¹ Diário da Noite, 13-09-1951.

³⁴² Cf. Paoli, Maria Célia; Duarte Adriano, 2004, p. 55.

renda.³⁴³

Essa fronteira, entretanto, era continuamente cruzada, desrespeitada, seja pelos grupos negros que afrontavam os comerciantes com suas danças e cantos, insistindo em transformar a Rua do Arouche e mais tarde a Rua Direita em área de lazer, seja pela emblemática greve de 1917, quando o lado de cá foi surpreendido por operários que em manifestação, apagaram momentaneamente as fronteiras e tomaram a cidade.³⁴⁴

Nos anos 50, a forma de subversão das fronteiras com a qual o Diário da Noite vai se preocupar será menos explicitamente a das greves de trabalhadores que embora intensas, eram mais pontuais, mais circunscritas, transitórias, e mais com aquela subversão empreendida por uma população forânea, numerosa e desclassificada que parecia ter vindo para ficar, disseminada por toda a cidade, estabelecendo-se nos locais de maior circulação, obrigando a ter-se com ela uma convivência cotidiana, vista como inoportuna e indesejada, na medida em que sua miséria exposta publicamente, demonstrava a atualidade constrangedora daquilo que já deveria estar relegado ao passado: imobilidade, inatividade ou então nomadismo, em vez de movimento com fins determinados; exposição de corpos doentes e feios, em vez de saúde e beleza, em vez de lucidez, demência; em vez de sobriedade, embriaguez; em vez de altivez, humilhação.

Nesses anos, por meio de uma pauta persistente, com reportagens cujas manchetes dividiam as duas páginas mais importantes do jornal, a primeira e a última, assinadas por repórteres policiais da competência de Orlando Criscuolo e Nelson Gatto, o Diário da Noite irá construir para o seu leitor, uma proposta de interpretação sobre a novidade de um “velho

³⁴³ Villaça, F, 1978, p. 33-34, 108, apud, Frúgoli. Jr, Heitor, op.cit, p. 23

³⁴⁴ O protesto dos comerciantes e a vigilância da polícia não impediram que a Rua Direita continuasse, na década de 40, uma espécie de território livre da sociabilidade negra. Num programa de rádio, um frequentador da rua desabafou: “querem me enganar me fazendo pensar que a Rua Direita é deles. Não é [...] a rua é livre [...] eu sou negro, sou brasileiro e vou andar na Rua Direita sempre que eu quiser”

Cf. Paoli, Maria Célia. Duarte Adriano, op.cit, p.60

Já nos anos 50, o protesto espontâneo contra o fechamento (1953) da zona do meretrício, confinada até então ao bairro do Bom Retiro, é mais um exemplo de confrontos territoriais na cidade e de que regras impostas não eram aceitas passivamente. Quando a “zona” fechou houve tumulto e repressão, grupos de prostitutas saíam pelas ruas em mini passeatas, até a chegada da Força Pública que, a cacetadas acabava com a manifestação. Durante a noite, muros eram pichados e ao raiar do dia podia-se ler, por exemplo, numa referencia ao provável responsável pelo decreto, o governador Lucas Nogueira Garcez: “fulano reabra a zona sua mãe já voltou para casa”.

Além de protestar, as cafetinas, prostitutas, arrumadeiras, garçonetes, constituíram outros espaços e inauguraram a “zona aberta”, ou seja, o trottoir, espalhando-se pelo bairro dos campos Elíseos, nas cercanias da Luz e Sorocabana, inaugurando a Boca do Lixo.

Ver: Joanides, Hiroito de Moraes, 2003, p.34 a 36.

Um dos pontos culminantes das greves do período pós Segunda Guerra, foi a de 1953, que durou 27 dias e mobilizou 300.000 trabalhadores. Em uma das manifestações, 60 mil trabalhadores dirigiram-se ao Palácio dos Campos Elíseos para exigir do governador medidas rápidas contra a carestia.

Cf. Michael Hall, 2003

problema”, apresentará o “espetáculo confrangedor” do surgimento da moderna miséria, na “cidade milionária”, na cidade que estava se transformando em “Meca da caridade”. Afirma que de todos os pontos do país estavam chegando “necessitados, atraídos pela fama de que goza a nossa cidade”.³⁴⁵ Fama que havia adquirido por ser pólo industrial do país, símbolo de metrópole moderna, produtora de riqueza, de progresso, de ofertas de oportunidades, e agora fama mais recentemente adquirida, de ser, centro de caridade, graças à “generosidade do paulistano”. Esta constatação, diz respeito, ao intenso crescimento populacional de São Paulo, que vinha acontecendo desde o início dos anos 50, comparável àquele provocado pela imigração européia do final do século XIX e início do XX, mas referindo-se agora, à migração interna, movimento que vinha ocorrendo desde a década de 30, mas que adquiria, neste momento, proporções avassaladoras, principalmente no que concerne ao afluxo para a capital, com características de êxodo rural, estimulado pelas secas de 1951-53 e de 1958. Pela primeira vez na cidade de São Paulo o número de migrantes de outras regiões ultrapassou os do interior do Estado. A cidade recebeu quase um milhão de pessoas no período, representando aproximadamente, 60% do crescimento do município na década. Nos vinte anos que separam 1950 de 1970, a cidade triplicou seu tamanho enquanto, no mesmo período, a população de origem nordestina, cresceu dez vezes.³⁴⁶

Se por um lado, em 1950, São Paulo, podia ser considerada uma metrópole industrial com um elevado índice de trabalhadores ocupados naquela atividade, na construção civil e no comércio, por outro, já começava a se fazer presente um grande contingente populacional, advindo tanto do crescimento vegetativo como do grande volume de migrantes que o mercado formal não tinha capacidade para absorver. Esses trabalhadores, embora não fossem novidade, agora surpreendem pelo número, tornando-se visíveis nas ruas da cidade.³⁴⁷ Visibilidade que

³⁴⁵ Diário da Noite, 26-04-1950.

Nelson Gatto fez também grandes reportagens denunciando o contrabando e foi correspondente de guerra em Goa, no Congo e na Argélia. Durante o golpe militar, ficou detido no navio - presídio Raul Soares, experiência que resultou num livro, que foi apreendido. Foi preso novamente em 1965, 1968 e 1970 acusado de participar do seqüestro do cônsul japonês.

³⁴⁶ Cf. Fontes, Paulo, 2004, p. 366

População do município de São Paulo: 1950 – 2.198.086; 1960 – 3.781.446; 1970- 5.924.6150

Fonte: IBGE

³⁴⁷ É certo que o trabalhador marginalizado não é uma novidade dessa época: canoeiros, carregadores ambulantes, domésticos, com precárias condições de existência, estão presentes na cidade já nos fins do século XIX.

O que surpreende, nesse período (anos 1950), é a dimensão dessa massa. [...] à atração de amplas correntes migratórias não correspondeu a criação de empregos industriais, produzindo o fenômeno da marginalização social.

Cf. Saes, Flávio, 2003, p.256

O recenseamento de 1960 apontará o total de 70.119.071 pessoas no país, e, por exemplo, mostrava também que a população remunerada se compunha apenas de 19.728.056 brasileiros. [...] Mas o quadro

se reflete nas falas preocupadas de políticos, técnicos, médicos, psiquiatras, que utilizam expressões como: **“questão de suma gravidade a migração desordenada”**, (Ministro da Agricultura João Cleofas; 1952)³⁴⁸; **“Aumento espantoso dos necessitados”**, (Homero Silva, deputado estadual; 1952)³⁴⁹; **“Esse deslocamento de atividade é demasiadamente violento para o Brasil”** (Rafael Xavier, Secretário Geral do Conselho Nacional de Estatística; 1951)³⁵⁰; [...] **“evitar o êxodo da população do Norte, zelando pelo bem-estar de toda a coletividade”**, (Antônio Carlos Pacheco e Silva, psiquiatra; 1952)³⁵¹; [...] **“recém chegados surpreendem-se predispostos a sofrer verdadeiras crises de personalidade, muitas vezes seguidas de intensas e dramáticas repercussões no âmbito social”**, (Carvalho Ribas, Assistente de Clínica Psiquiátrica na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 14-10-1952)³⁵².

Visibilidade promovida pelo Diário da Noite que vai procurar constituir um sentido para esta nova configuração da população da cidade. Fortalecendo leituras já feitas, entrelaçando leituras diversas, criando outras, o jornal proporá uma ordenação para a sensação de estranhamento, para o espanto, para a tensão que ele também contribui para criar, provocados pelo aparecimento de miseráveis no centro da cidade, numa proporção ainda não vista. E, se o sentido da pobreza é socialmente construído³⁵³, o jornal contribui para esta construção apoderando-se dos migrantes e transformando-os em espetáculo e objeto de conhecimento.

O Verdadeiro e o Falso

O tema da mendicância fará parte das reportagens do Diário da Noite, desde o início do ano de 1950, estendendo-se até o final da década. Sua argumentação terá como eixo a clássica oposição entre o verdadeiro e o falso mendigo não isenta de polêmica, na própria

torna-se mais pungente ao deter-ser na distribuição da renda dessa população capaz de receber alguma coisa. Tomando como linha divisória o maior salário mínimo vigente

(CR\$ 6.000,00) na época do Censo (1959-1960), chega-se à triste conclusão de que somente 29,67 % da população remunerada ganhava CR\$6.000,00 ou mais do que isso, enquanto as 70,33% restantes no máximo atingiam o valor do salário mínimo. Ora, esta enorme parte dos que mal alcançavam o valor do salário mínimo, teve de conviver, além de tudo, com a tendência altista do custo de vida, existente durante a administração de Kubitschek.

Vieira, Evaldo, 1987, p. 93.

³⁴⁸ Diário da Noite, 17-03-1952

³⁴⁹ Diário da Noite, 29-08-1952

³⁵⁰ Revista Anhembi, v.2, N.4, 03-1951

³⁵¹ Palestra realizada na cidade de Sorocaba, na sede da União Cultural Brasil – EUA em 21-09-1946

³⁵² Arquivos da Polícia civil de São Paulo, v. 24, 1952

³⁵³ Simmel, Georg, 1998, p. 15

imprensa naqueles anos, mas que se ajustava às posições que o jornal pretendia divulgar.³⁵⁴

Intimamente ligado ao tema, está o corpo do mendigo, pois, historicamente é essa visão que desperta o sentimento de caridade e estabelece um dos principais critérios para a concessão da esmola.³⁵⁵

Denunciando sistematicamente a mendicância, principalmente como fraude; a exposição do corpo sofredor do mendigo, não como digno de piedade, mas como espetáculo repelente e a caridade através da esmola à mão, como encorajadora da ociosidade e do parasitismo, é que o Diário da Noite pretende orientar o leitor diante das novas questões suscitadas pelo crescimento da população migrante em São Paulo.³⁵⁶

Em uma das primeiras reportagens sobre o assunto, publicada em abril de 1950, utilizando uma linguagem direta, o jornal deixa claro a linha que pretende seguir:

**COMEÇA TARDE O “EXPEDIENTE” DA MENDICÂNCIA
TRANSFORMA-SE SÃO PAULO NA MECA DA CARIDADE
PROFISSIONAIS, NECESSITADOS, “DEBUTANTES”**

³⁵⁴ A reflexão sobre esta oposição é tenaz desde o século XIII, e a literatura do século XVI e XVII é pródiga na descrição dos subterfúgios utilizados, demonstrando que provocar piedade pode ser uma profissão muito lucrativa.

Cf. Sassier, Philippe, 1990, p. 100-101

O jornal Última Hora São Paulo também aborda a mendicância, mas opondo-se à idéia da existência do mendigo profissional. “Aliás, é perigosa a conclusão de que a mendicância é 100% profissional, como se deixa entrever em tudo que se diz ou escreve. Tal premissa impõe como solução inevitável a cadeia para o mendigo. E seria desumano e ferozmente irracional pretender-se combater a miséria por meio policiais.”

Última Hora São Paulo, 28-11-1952

³⁵⁵ Assim como os sofrimentos e a morte de Cristo testemunham sua divindade ou como o longo martirologio é o melhor sinal de que se foi eleito, assim, também os horrores das multidões sujas e andrajosas de ulcerosos, de mutilados, de cegos e de paráliticos, de mancos e de manetas, de mulheres deformadas, de velhos famintos e de crianças estropiadas são santificados pela exaltação religiosa do sofrimento.

Os pobres fazem parte da Igreja porque seu corpo sofre. Eles são a metáfora do corpo padecente da Igreja. A imagem mais freqüente do pobre no universo cristão se expressa através da degradação do invólucro carnal. Portanto, o pobre mais digno de mobilizar a caridade é o que exhibe em seu corpo a impotência e o sofrimento humanos. A incapacidade física, a velhice, a infância abandonada, a doença- de preferência incurável- e as enfermidades- de preferência insuportáveis ao olhar sempre foram os melhores passaportes para se tornar um assistido.

A simulação da invalidez decorre de uma estratégia para adequar-se o melhor possível ao modelo ideal para o atendimento assistencial.

Castel, Robert, 1998, p.67-68 e 87

³⁵⁶ No século XVI surgem as primeiras abordagens sobre a caridade que pretendiam não eliminar a concepção cristã da dádiva, mas organizar a ajuda aos necessitados torná-la mais eficaz, encorajar uma generosidade refletida, racionalizada, compatível com a ordem pública. Entretanto foi o século XVIII que criticou a caridade no seu próprio princípio, afirmando que ela habitua ao ócio encorajando a tendência a considerar normal a dependência do próximo, incentivando assim a preguiça generalizada.

Sassier, Philippe, op.cit, p. 87

Introduz o leitor na matéria, descrevendo os modos utilizados para pedir esmolas: “muitos pedem com toda a humildade: Uma esmola pelo amor de Deus, na clássica frase, sucessivamente repetida. Outros menos jeitosos são mais rudes: quer me dar uma esmola? Há os que exploram os sentimentos nacionalistas: - Patrício estou mal de vida. Pode ser um níquel para a média? Mas encontramos também mendigos que nada dizem. Sentam-se no degrau de uma escada ou na soleira de uma porta e ali ficam à espera que a generosidade do paulistano apressado faça cair uma moeda”.³⁵⁷

Contrapõe esse paulistano generoso, que está, portanto, do lado do Bem, do lado dos homens de boa vontade; sujeito de múltiplas e intensas atividades produtivas, em consonância com os preceitos da vida moderna, a uma massa indefinida de miseráveis que percorre às centenas as ruas da capital. É gente absolutamente sem recursos, e, se por um lado, entre eles há necessitados, por outro, há uma legião de dissimulados, de homens de má vontade cuja inércia e dissimulação os colocam em confronto com o Bem. Os ingredientes melodramáticos adotados pelo jornal instigam o leitor a tomar o partido da vítima, o partido do paulistano.

Esclarece que “já está suficientemente provado que todo pedinte, todos os dias arrecada uma apreciável soma”, que “quanto mais espetaculosas são as mazelas que apresentam aos olhos do público, mais rende a mendicância”, e que em meio ao rosário de misérias desfiado pelos necessitados, há também “os profissionais”, os que encontraram uma maneira fácil de ganhar dinheiro, explorando os sentimentos alheios. Finaliza afirmando que de manhã, é pequeno o número de pedintes nas ruas do centro. A reportagem encontrou apenas uma mulher cercada pelos filhos na Praça das Bandeiras, e conclui: “começa tarde o expediente da mendicância”.³⁵⁸

Em outra reportagem, agora de 1951 com manchete na página policial os necessitados transformam-se em mendigos, ou seja naqueles que dependem totalmente de ajuda, e os mendigos em nordestinos que com certa dose de agressividade protagonizam uma triste encenação:

**GRUPOS DE NORDESTINOS, CONFRANGEDOR ESPETÁCULO
FALSOS E VERDADEIROS MENDIGOS CONTINUAM INFESTANDO
SÃO PAULO**

“Os espetáculos verdadeiramente confrangedores de homens, mulheres e crianças a esmolar pelas ruas centrais, a maioria exibindo chagas as mais repelentes

³⁵⁷ Diário da Noite, 26-04-1950

³⁵⁸ Idem

continuam e, conforme se pode constatar, cada vez mais freqüentes. Não há canto, esquina ou escadaria das ruas centrais em que não haja um homem, uma mulher ou criança a esmolar”.

Segue um subtítulo:

NORDESTINOS

Como se os mendigos da cidade não bastassem, seu número nesses últimos dias foi acrescido de maneira espantosa, por retirantes do Nordeste. De manhã e á tarde, invadem as ruas centrais aos grupos, e passam a cercar transeuntes com as mãos estendidas, implorando a esmola. Como, às vezes, esta demora chegam a importunar seriamente as pessoas que os abordam.³⁵⁹

É interessante observar que justamente essa matéria que nomeia os nordestinos e que os coloca como agressivos, refere-se também a uma “guerra oficial”, “a uma severa campanha”, movida pela polícia e que já deveria ter-se iniciado na semana anterior, “contra aqueles que em plena via pública, recorrem à caridade”, pois, “não há desvão no centro da cidade que não esteja ocupado por um pedinte”.

Cobra o início da campanha anunciada pela Secretaria de Segurança Pública, que deveria ser “desenvolvida com tato e inteligência, mas sem demora”, e indica os objetivos: os profissionais da mendicância seriam detidos e contra eles movido o competente processo. Aos realmente necessitados, as autoridades ofereceriam a assistência indispensável, encaminhando-os aos Asilos- Colônia de Bussocaba (Osasco) e Vila Mascote.³⁶⁰

³⁵⁹ Diário da Noite, 13-09-1951

³⁶⁰ Os asilos de Bussocaba e Vila Mascote, foram inaugurados em 1931, estão em funcionamento até hoje, e são administrados pela Assistência Vicentina, que faz parte da ordem São Vicente de Paulo, organização católica fundada em Paris, em 1833, por Antônio Frederico Ozanam, cujo objetivo exclusivamente caridoso era reunir jovens católicos para exercitá-los no bem através da prática de boas ações. Porém, concebe, cada vez mais, o papel do cristão como sendo o de um “mediador” entre o “pauperismo, invasor, furioso e desesperado” e “uma aristocracia financeira cujas entranhas estão endurecidas”. Com a aproximação de 1848, Ozanam torna-se democrata e escreve, na véspera de fevereiro, seu celebre artigo “Passemos para o lado dos bárbaros,” em que aconselha os cristãos a se unirem à classe operária. Mas essa orientação “democrata- cristã” sairá da cena pública após o esmagamento da insurreição operária em junho de 1848 e o golpe de Estado de Luis Napoleão Bonaparte.

Castel, Robert, op.cit, p. 311

Nos anos 50, as doações feitas à Secretaria de Segurança Pública para o combate à mendicância eram repassadas para a Assistência Vicentina, em cujos asilos foram construídos novos pavilhões para atender ao aumento da demanda. As crianças e os leprosos foram os primeiros a receber solução asilar. O seminário de Sant’ Anna para meninos, em 1824, e o da Glória, para meninas, em 1825. O lazareto foi instalado em 1802,

Confinamento e ação policial serão as soluções apoiadas pelo Diário da Noite para por termo às **“cenas chocantes e entristecedoras”** que se desenrolavam nas ruas da capital. Um dos artigos refere-se a uma verdadeira “Blitzkrieg” para descrever a ação da polícia, que consistia em percorrer as ruas praticando a detenção dos mendigos que, ao chegarem à delegacia passavam por uma avaliação na qual os “verdadeiros necessitados”, ou seja, aqueles que não tinham condições de se manter receberiam assistência e, os “exploradores do sentimento do povo”, os “espertalhões” seriam encaminhados aos “xadrezes da polícia”.

A guerra oficial é totalmente assumida pelo jornal:

AMANHÃ, O INÍCIO DA CAMPANHA CONTRA A MENDICÂNCIA NA CAPITAL CADEIA PARA OS FALSOS MENDIGOS

“De acordo com as informações obtidas pela reportagem a campanha contra a mendicância a ter início amanhã será a das mais rigorosas, pois os seus encarregados receberam determinações especiais para por termo, em definitivo, às chocantes cenas, que no momento, são presenciadas em quase todas as ruas centrais da cidade”.³⁶¹

INICIOU A POLÍCIA A SUA ANUNCIADA CAMPANHA SEM MENDIGOS O CENTRO HOJE

[...] Dando início a campanha contra a mendicância, o delegado Raul Patrício, acompanhado de investigadores da oitava Delegacia Auxiliar, na manhã de hoje, percorreu o centro da cidade efetuando a detenção dos pedintes, muitos dos quais, conforme se constatou depois, não possuem domicílio na capital [...].

O repórter afirma que a intervenção policial retirou do centro, os mendigos que costumeiramente ficavam junto às portas das igrejas da Praça do Patriarca, Largo São Francisco, São Bento e Viaduto do Chá. Vários deles teriam alegado, ao serem interpelados pelo delegado, que esmolavam por não terem o que comer, mulheres disseram que seus

todos sob a gestão da Santa Casa. Também sob sua gestão num dos cômodos do próprio hospital instalou-se em 1874, um asilo para mendigos.

Cf. Sposati, Aldaíza, 1988, p. 77-78.

³⁶¹ Diário da Noite, 18-09-1951

maridos estavam doentes e, dessa forma, tinham necessidade de pedir esmolas procurando outros meios para o sustento dos seus. Embora aqui, relativize até certo ponto a mendicância como falsidade, o importante e o mais urgente seria desobrigar o olhar de se deparar com cenas absolutamente contrastantes com o otimismo que o desenvolvimentismo prometia naqueles anos.

O jornal continua a matéria afirmando que a polícia continuará em ação e que o delegado responsável espera que a cidade fique livre dos pedintes que agora foram encaminhados à Assistência Vicentina.³⁶²

No dia 24-09-1951, o jornal cobra mais empenho da polícia, afirmando que apesar de as autoridades haverem recolhido “alguns mendigos e espertalhões”, a campanha ainda não tinha se feito sentir, pois mendigos continuavam no Viaduto do Chá, “ponto preferido, por ser rendoso, pelos autênticos e falsos necessitados”.³⁶³

Em 1952, a entrada elevada de migrantes na capital, agora acrescida pelo agravamento da seca no Nordeste, determinou o acirramento do discurso do jornal que passa a utilizar dados estatísticos, científicos, portanto verdadeiros; o próprio repórter colhe dados presenciais os fatos, adensa a verdade e, ao mesmo tempo, questiona definitivamente o ato de caridade tradicional que agora parecia combinar-se, mais do que nunca, com gestos que alimentavam um atraso proverbial do país e já descabido na metrópole de São Paulo, carro-chefe do país. Os mendigos além de envergonharem os paulistanos, tornam-se ainda mais intoleráveis porque vêm de outro lugar.

600 CRUZEIROS EM MENOS DE 1 HORA FALSOS MENDIGOS DOIS TERÇOS DOS PEDINTES

[...] Com efeito, São Paulo no seu perímetro central, em particular sofreu, nessas últimas semanas, verdadeira invasão, por parte dos pedintes. Pedintes, porque nem todos são mendigos. Muitos – e, segundo estatísticas divulgadas constituem a grande maioria, beirando dois terços- são falsos mendigos que transformam o ato de pedir numa rendosa atividade.

[...] Para se ter uma idéia “da renda” de um mendigo real ou falso, basta dizer que em poucos minutos, nas horas de movimento ele “defende o dia”. A reportagem verificou numa das mais movimentadas filas de auto-lotação da cidade- “Água-Raza” entre 17h30 e 18h15 horas de ontem que um só pedinte- que se supõe seja

³⁶² Diário da Noite, 21-09-1951

³⁶³ Diário da Noite, 24-09-1951

realmente necessitado, pois era cego- conseguiu apurar 600 cruzeiros nas diversas levadas, à medida que a fila ia-se renovando.

[...] Para um pedinte real, necessitado é de regozijar-se consiga ele algo para minorar as suas dificuldades. Contudo, o fato é de revoltar quando se sabe que, seguramente, dois terços da “comunidade” de pedintes são constituídos de falsos mendigos. A solução assim está, como recomendam, aliás, as autoridades, em não dar esmolas. O coração do paulistano carece de enrijecer-se um pouco, a fim de auxiliar a solução do grave problema. [...]

O jornal assinala que para resolver a questão da mendicância em São Paulo, que se agravava dia a dia, o paulistano deveria abolir do seu orçamento a despesa com esmolas.

“O “slogan” deve ser este: Colabore com as autoridades. Não estimule a mendicância. Não dê esmolas”.³⁶⁴

Em 1953, ano em que a seca do Nordeste que começara em 1951 chegava ao auge, o jornal combina o combate ao falso mendigo com a procedência dos mesmos:

**MILHARES DE PEDINTES NORDESTINOS NAS RUAS
ESPETÁCULO DEPRIMENTE NA CAPITAL E NO INTERIOR
DORMEM NAS FAVELAS CORTIÇOS E TERRENOS BALDIOS**

[...] “Na capital o espetáculo é degradante. Eles sentam nas calçadas, dormem nos viadutos e nos cantos.

Onde quer que andemos temos sempre aos nossos pés um infeliz nordestino. [...] O roteiro da fome no nordeste aos estados do sul, facilitou o aparecimento de uma legião de milhares de mendigos.”³⁶⁵

**CONTRA OS QUE PERDERAM O PUDOR
POLÍCIA EM MISSÃO SOCIAL NO COMBATE A MENDICÂNCIA**

³⁶⁴ Diário da Noite, 07-08-1952

³⁶⁵ Diário da Noite, 23-03-1953

Aqui, o delegado Paulo Henrique Silveira, promete campanha severa contra os falsos mendigos, afirmando que “ainda há mendigos nas ruas, mas estão diminuindo e com o tempo serão reduzidos a um pequeno número que não envergonhará ninguém. Todos os pedintes são de outros estados ou do interior”

[...] Após recolhido, se for constatado apto para o trabalho o pedinte terá um prazo para encontrar uma ocupação. Depois será preso e incluso no artigo 60 das leis de contravenções penais. Processados, se condenados, penas de 30 a 60 dias de prisão simples até um ano na Ilha Anchieta.³⁶⁶

No decorrer da década, a mendicância e a oposição entre o verdadeiro e o falso mendigo, serão pauta permanente do jornal, que cobra insistentemente, como nesta reportagem de 1956, maior empenho da polícia, denuncia a inércia dos órgãos públicos de assistência e critica o “coração mole” do paulistano que continua a dar esmolas.³⁶⁷

³⁶⁶ Diário da Noite, 25-09-1953

A lei nº 844, de 10 de outubro de 1902, criou uma Colônia Correcional, localizada na Ilha dos Porcos (hoje Anchieta), município de Ubatuba.

A colônia destinava-se à correção, pelo trabalho, dos vadios e vagabundos. (Código Penal, artigos 374, 399 e 400- lei nº 145, de 11 de julho de 1893).

Em 1914 a Colônia Correcional foi transferida para Taubaté (Instituto Correcional de Taubaté). Pela lei nº 2347, de 31 de dezembro de 1928, houve nova transferência para a Ilha dos Porcos com a denominação de Colônia Correcional do Estado de São Paulo. Nos anos 30 funcionou como presídio político e de presos comuns. O decreto- lei nº 12.924 de 04 de setembro de 1942 criou o Instituto Correcional da Ilha Anchieta. Em visita ao presídio nos anos 40, Alfredo Issa, Diretor Geral da Secretaria de Segurança Pública, encontrou 450 detentos. Pelos fichários apresentados no relatório sobre a visita pode-se observar que a maioria dos prisioneiros, sem culpa formada, ali estava havia 14 meses no mínimo. Eram ferroviários, vidraceiros, cozinheiros, jornaleiros, mecânicos, tipógrafos, pedreiros e menores, todos detidos por vadiagem ou bebedeira. Em 1952, houve uma rebelião no presídio que segundo a imprensa, resultou em 100 mortos. Em 1955 quando foi desativado, o Diário da Noite trouxe manchetes como: Extinto o presídio da revolta maldita; Último dia da Ilha do Terror; Fim da Ilha do Diabo.

Diário da Noite, 31-09-1955

³⁶⁷ Os estudos sobre as políticas sociais do período destacam a maior atenção concedida à força de trabalho industrial. Kubitschek conservou o que havia recebido do segundo governo Vargas. “Parte da premissa de que o alcance do desenvolvimento, com base no planejamento, será tão amplo, eficiente e ágil, que dará conta de todas as questões, até da melhoria de condições de vida das populações mais pobres”.

Mestriner; 2001, p.130

Para a proteção social “dos fora do sistema formal de trabalho”, espaço onde sempre esteve a maior parte dos trabalhadores o Estado lançou mão do estratégico princípio de subsidiariedade.

Idem, p. 287

Do ponto de vista estadual e municipal (SP), também prevaleceu uma política social individualizada e subvencionada de atendimento à população carente.

Ver: Vieira, Evaldo, 1987; Sposati; Aldaíza de Oliveira; 1988; Mestriner; 2001

NOVO E VASTO PÁTIO DOS MILAGRES A PAULICÉIA
HORDAS DE PEDINTES
INVADEM SÃO PAULO

Mendicância, escola do vício e do crime.

- Inércia das autoridades policiais e da assistência social.
- Megeras beliscam os bebês para que chorem e inspirem compaixão.

A capital paulista vem sendo assaltada ultimamente por verdadeiras hordas de mendigos, o que denota, afrouxamento da repressão à mendicância por parte da polícia e falta de assistência do Serviço Social do Estado. Enquanto as autoridades estaduais encarregadas do problema fecham os olhos, o povo com sua generosidade estimula a proliferação de pedintes. [...] Os pedintes voltaram a pulular pelas ruas, nas filas de ônibus, molestando os paulistanos.³⁶⁸

Nos anos finais da década, a presença da população migrante em São Paulo, em aumento constante desde o início dos anos 50, tornou-se mais forte com a estiagem de 52-53 e intensificou-se ainda durante a seca de 1958. Com isso a mendicância, considerada sobretudo, como uma prática de pessoas de fora, cada vez mais vai deixando de ser tratada como espetáculo pungente ou confrangedor para tornar-se espetáculo deprimente, repelente, caso de polícia, ainda mais repugnante por ser protagonizado por gente que explora e maltrata crianças; que expõem seus corpos deformados e contagiosos sem nenhum pudor, envergonhando e ofendendo os paulistanos, podendo mesmo atentar contra a propriedade privada. Segundo o jornal, as mãos que pedem esmolas deveriam antes, ocupar-se da lavoura:

Chocante exibição de chagas e aleijões
Mendigos invadem de novo a cidade

[...] Postam-se com dois, três ou mais pequerruchos, maltrapilhos e sujos. E, no fim do dia ou de um determinado número de horas, com uma boa “fêria”, o pedinte regressa à moradia para, no dia seguinte, repetir as mesmas cenas. Não menos chocantes e comoventes são os quadros oferecidos pelos pedintes doentes. São pessoas das mais diversas origens, vindas de diferentes lugares [...]. Infelizes criaturas, portadoras dos mais diversos males, que provocam não raras vezes, cenas que a nossa cidade não deveria oferecer a turistas e visitantes. Muitos desses

³⁶⁸ Diário da Noite, 05-07-1956

pedintes, sem compreender o gesto que praticam, exibem enormes cicatrizes ou chagas abertas em seus corpos. É um quadro repelente que está a exigir enérgicas medidas de parte das autoridades policiais e sanitárias.³⁶⁹

Mendigos armam “shows” quando chega à polícia

Esta matéria refere-se a uma mulher e três crianças que foram presas quando mendigavam na Rua 7 de Abril. Quando a Rádio Patrulha chegou, a mulher desmaiou e as crianças começaram a gritar.

[...] Muitas vezes, marginais de toda espécie, na iminência de serem levados pela polícia armam desses shows em via pública, para mais facilmente comover os expectadores [...] São cenas deprimentes, que acontecem à luz do dia no caminho de todos nós. [...] Os adultos que dessa maneira caem nas mãos da polícia, já nada esperam dessa vida e as crianças, desde já se apavorando com a aproximação de um simples guarda estão encaminhadas para a vereda da perdição, prontas para causar os maiores danos à propriedade privada. As pessoas que ontem presenciaram a cena que relatamos, sabem muito bem disso e pó isso não deixaram de indignar-se contra a falta de uma assistência social mais atuante que liquide de uma vez com o grave problema, transformando súplices mãos mendicantes em úteis braços para a lavoura.³⁷⁰

O leitor fica informado também de que o próprio poder de Estado compartilha as opiniões do jornal: o poder está horripilado e confrontando as críticas de inércia vindas da Câmara Municipal e da imprensa, resolve tomar providências:

SUMIRAM OS MENDIGOS DAS RUAS DE SÃO PAULO

O professor Carvalho Pinto andou pela cidade há alguns dias, e constatou, horrorizado, que as ruas de São Paulo estavam transformadas num verdadeiro

³⁶⁹ Diário da Noite, 27-01-1960

³⁷⁰ Diário da Noite, 05-02-1960

“Pátio dos Milagres”. O governador “assombrado com o número alarmante de pessoas que estendiam a mão á caridade pública”, determinou que “fossem recolhidos sumariamente das ruas de São Paulo todos os mendigos e que se separassem os falsos dos verdadeiros.”³⁷¹

No início de 1960, o jornal anuncia uma “ofensiva fulminante contra a mendicância”, “contra os mendigos que infestam as ruas da capital num espetáculo deprimente e que não condiz com o conceito de cidade civilizada de que goza São Paulo”³⁷². Em março informa que foram detidos 93 indigentes que perambulavam pela cidade e que muitos deles carregavam nos bolsos, importâncias que variavam de dois a cinco mil cruzeiros demonstrando o quão rendosa é a “arte” de pedir.³⁷³

Nessas reportagens, o jornal engaja-se no debate sobre a presença crescente de migrantes na cidade de São Paulo, que em suas páginas, assume o viés da gestão urbana da mendicância, privilegiando a oposição entre verdadeiro e falso mendigo. Nessa construção, a imagem do verdadeiro “necessitado”, daquele que doente ou inválido não pode manter-se e que, portanto, precisa ser assistido, vai esmaecendo progressivamente, enquanto o falso mendigo, o “profissional”, ganha relevo, sugerindo ao leitor que, nessa população predomina a figura já consagrada do vagabundo, agora incrustada na paisagem das ruas centrais da “Capital do Trabalho”. Sendo os falsos a maioria, como as manchetes não cansam de repetir, a presença dessa população em São Paulo é eminentemente, um caso de polícia, previsto no Código Penal de 1940.³⁷⁴

A parte da população de São Paulo que vive em condições de miséria porque não pode enquadrar-se no emprego formal, nem nas modalidades informais de sobrevivência, tampouco no precário sistema de assistência pública do período, mais voltado para o trabalhador com carteira assinada, vai sendo cada vez mais associada ao universo do crime, como num retorno à fórmula de que a questão social é uma questão policial, é associada também à idéia que

³⁷¹ Diário da Noite, 28-04-1959

³⁷² Diário da Noite, 23-02-1960

³⁷³ Diário da Noite, 21-03-1960

³⁷⁴ A lei das Contravenções Penais prevê a contravenção da vadiagem e mendicância.

Art. 59- Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastante de subsistência, ou prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita.

Art. 60- Mendigar por ociosidade ou cupidez.

Pena- prisão simples 15 (quinze) dias a 3 (três) meses.

- Aumenta-se a pena de 1/6 a 1/3, se a contravenção é praticada: a) de modo vexatório, ameaçador ou fraudulento; b) mediante simulação de moléstia ou deformidade; c) em companhia de alienado ou menor de 18 anos.

DL – 003.688-1941-Lei das Contravenções Penais.

nesses anos começa a ser construída, tornando-se quase um padrão nos dias atuais, de que as metrópoles abrigam supérfluos, inúteis para o mundo.³⁷⁵

Por outro lado, a nítida distinção que o jornal opera entre o paulistano e os recém-chegados, como os textos não cessam de assinalar, permite que se cole à imagem do mendigo, que se confunde com vagabundo, vadio, desajustado, delinqüente, a do nordestino, abrindo assim, espaço para a construção de estereótipos.

Nessa realidade objetiva, porque constantemente reiterada, realidade que o leitor está convocado a apreender, o migrante aparece duas vezes como inutilidade. Inútil porque não pode trabalhar e inútil porque não quer trabalhar. Nas duas modalidades ele é desprezado. Começam a surgir assim, os “baianos” e os “paus- de- arara”.

ENTRE O VERDADEIRO E O FALSO: MOLAMBOS E FAMINTOS

Simultaneamente à imagem do mendigo, o jornal apresenta outra, mais detalhada, incidindo mais particularmente sobre o corpo doente e maltratado do migrante, que, sem ter mais onde descer na escala social que para ele o jornal criou, transforma-se num farrapo à mercê do destino:

ESPERAM PELA HOSPITALIZAÇÃO OU PELA MORTE NA POLÍCIA CENTRAL MOLAMBOS HUMANOS, COBERTOS DE CHAGAS

A história de homens que desceram o último degrau da existência.

Morrem à míngua mineiros e nordestinos - Mulheres grávidas deitadas no cimento frio - malograda visita do Secretário de Segurança.

O repórter Nelson Gatto coloca-se aqui, menos como um jornalista preocupado com a objetividade e mais como um narrador comprometido com a história que vai contar, uma história trágica que o obriga a uma reflexão sobre a existência, confessando-se ao leitor, estabelecendo com ele uma relação de proximidade:

³⁷⁵ Ver: Bauman, Zygmunt, 2009. Este autor reflete sobre a cidade como depósito de gente considerada supérflua e que a modernidade produz. Supérfluos no sentido de que são inúteis, de que suas capacidades produtivas não podem ser exploradas de maneira profícua.

Inúteis para o mundo: expressão usada por Bronislaw Geremek a propósito da pobreza na Europa Moderna.

Quantas vezes o repórter, ao deixar o plantão da Polícia Central, o faz revoltado contra tudo - especialmente contra a profissão que abraçou - que o coloca em contato direto com as mais negras misérias da humanidade. Ao atravessar o longo corredor que da sala de imprensa conduz diretamente à rua, o jornalista, acostumado a encarar com naturalidade e até mesmo com frieza os mais dolorosos quadros, lembra as palavras de Augusto dos Anjos: “Sinto a angústia total de ter nascido e a suprema vergonha de pertencer ao gênero humano.”³⁷⁶

Se até agora o jornal referiu-se genericamente aos espetáculos repelentes, às chagas expostas, agora ele os descreve nos detalhes. Envolto numa atmosfera sombria e opressiva, de sonho e de realismo, o leitor vê-se diante do padecimento e da desfiguração humanos:

“No tétrico e mal cheiroso “chiqueirinho” da Central, menores esqueléticos em promiscuidade com homens cobertos de chagas, com o cabelo comprido e a barba esfiapada pelo queixo, enrouquecem suplicando piedade, não para eles, mas para as mulheres doentes, muitas das quais com pencas de filhos, que permanecem no cimento sujo e pelado. A escuridão lúgubre desse lugar infecto deforma ainda mais a fisionomia de velhos arcados pelo sofrimento e pelo peso dos anos, transformando-os em repelentes criaturas. São homens e mulheres que desceram o último degrau da vida, verdadeiros farrapos humanos irremediavelmente vencidos pela adversidade ingrata.

Ainda ontem vimos quadros deprimentes à porta da Polícia Central. Leprosos, tuberculosos, cancerosos e portadores de doenças contagiosas, arrastando o corpo coberto de chagas, procuravam tomar sol em frente ao prédio em que funciona a importante repartição da polícia. Um deles que por ironia do destino também se chama Jó, coberto de chagas, com o cabelo e a barba crescidos, chorava com o rosto entre as mãos. Suas últimas palavras, num misto de ódio e resignação, diziam tudo de sua triste situação: “meu deus, sou menos que um cão”.³⁷⁷

³⁷⁶ Diário da Noite, 11-02-1952.

Augusto dos Anjos, poeta paraibano, morto em 1914, infundiu dramaticidade à poesia científico-filosófica da Escola de Recife. Seu livro “Eu”, é uma sofrida adesão à dor de todos os seres, do cão, ao bêbado, à meretriz, e ao tísico.

Cf. Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira. São Paulo: Editora Cultrix, [s.d.]

³⁷⁷ Idem, ibidem.

Alain Corbin descreve a constituição no século XIX, do fedor do pobre cujo estabelecimento permite a construção de estratégias de distinção social. “Ausência de cheiro importuno permite distinguir-se do povo pútrido, fedorento como a morte, como o pecado e ao mesmo tempo justificar implicitamente o tratamento que lhe é imposto”.

Nesse momento, o repórter interrompe a narrativa para fornecer informações sobre a visita que o Secretário de Segurança Pública faria à Polícia Central, pressionado pela crítica da imprensa e pelas reclamações dos delegados; sobre a maquiagem que teria sido feita no local da visita e sobre a destinação das doações feitas a Assistência Social da polícia, para concluir de forma inesperada que os mais sacrificados com a situação eram os funcionários e os jornalistas que ficavam expostos ao contágio das doenças e, principalmente, os jornalistas, cuja sala mal localizada, os obrigava a conviver com “o mau cheiro que exalam as chagas”, que seria tão forte que “há dias, o investigador Osvaldo Dib, da seção de animais ao entrar na central foi acometido de forte indisposição”.

Fácil será para o leitor, concluir, sobre o porquê da sala de entrada da polícia, ser conhecida como “chiqueirinho”.

Três dias depois, Nelson Gatto volta com o mesmo tema e o mesmo estilo, porém mais enfático com relação ao perigo das doenças.

ÉBRIOS E MISERÁVEIS TOMAM DE ASSALTO A POLÍCIA LEGIÕES DE LOUCOS NAS RUAS DA CIDADE

Escarram sangue nos corredores da repartição.

“É sempre amargo para um repórter – como o é para qualquer cristão – presenciar os quadros dolorosos que, ditados pelos caprichos da vida se repetem diariamente no plantão da Polícia Central. Tuberculosos escarrando sangue, acometidos de súbita hemoptise; homens gemendo, com o corpo coberto de chagas que exalam um mau cheiro, e mulheres chorando baixo, com o rosto voltado para o cimento frio e sujo em que estão deitadas – como que com vergonha de encarar a humanidade – tocam nos sentimentos do mais simples homem do povo. Mais tétricos e tristes se tornam ainda esses quadros, quando o gemido de sofrimento, desses molambos humanos é seguido de gritos lancinantes de loucos e alcoólatras que entram aos magotes no prédio da polícia. São gritos de desespero de loucos, que cortam os corredores sombrios e mal iluminados do prédio em que funciona a Polícia Central, entrando como uma lamina nos ouvidos que ali estão”.³⁷⁸

Corbin, Alain, 1987, p.184.

³⁷⁸ Diário da Noite, 15-02-1952

A matéria informa ainda que das quase duas centenas de loucos e ébrios recolhidos pela polícia só quatro dementes podem dar entrada no hospital de Franco da Rocha, limite estabelecido pela própria instituição. O restante dos detidos registrados diariamente eram postos em liberdade no dia seguinte.

Essa descrição do jornal assemelha-se à imagem do pobre na pastoral cristã, na qual é mais merecedor de caridade aquele que ostenta em seu corpo a impotência e o sofrimento humanos.³⁷⁹ Mas ao mesmo tempo contrapõe-se a ela, pois nos anos 50, os preceitos higiênicos, sanitaristas e eugênicos propagados pela medicina social, desde o início do século e o temor do contágio de doenças como a tuberculose, já são bastante conhecidos, de forma que, o que antes era digno de pena, deve provocar repugnância, e a caridade agora, deve substituir a esmola por uma filantropia asséptica que, ao mesmo tempo em que aquieta a consciência dos doadores afasta o olhar de uma visão incomoda.³⁸⁰

O que o Diário da Noite sugere ao leitor, é que ele perceba essa população que “invadiu” a cidade, não tanto como digna de piedade, mas, cada vez mais como enquadrada no darwinismo social das primeiras décadas do século. Seria uma população de desajustados, daqueles que como afirmou, na época, o doutor Franco da Rocha: “Na luta pela vida foram fracos dando ao mundo má prova de si”.³⁸¹

A reportagem informa também sobre uma reunião do governador com várias autoridades, entre as quais o Secretário de Segurança Pública, o chefe da Oitava Divisão Policial, o diretor do Hospital das Clínicas e o Secretário de Saúde Pública, demonstrando a gravidade que a presença daquela população adquiria para o poder público e o atrelamento da “questão da pobreza”, à Segurança Pública, ligação que permanecerá como componente das decisões sobre o assunto durante toda a década.

Em janeiro de 1958, com a manchete: **Limpeza na cidade, de ponta a ponta – Mendigos e vagabundos caçados pela polícia –**, o jornal anuncia que, cumprindo a determinação do Secretário de Segurança Pública, a Delegacia de Vigilância e Capturas realizou “batidas” nos vários quadrantes da cidade para reprimir a mendicância. Outro

³⁷⁹ Michel Mollat sublinha o caráter estereotipado da imagem do pobre na pastoral cristã: “magro, cego, chagado, freqüentemente cocho, o pobre está andrajoso, hirsuto; pede esmola de porta em porta, à entrada das igrejas, na via pública”.

Michel Mollat, *Les pauvres au Moyen Age*, apud, Castel Robert, op.cit, p. 67

³⁸⁰ Nas primeiras décadas do século XX, a ação médica difundiu-se enormemente nas grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, através de campanhas sanitárias, da educação higiênica, da propaganda, do surgimento dos serviços de combate à tuberculose, à lepra e às doenças venéreas. Foi um período em que os médicos adquiriram grande visibilidade, surgindo nomes como Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Emilio Ribas.

³⁸¹ Rocha, Franco da, 1904, p. 30

exemplo dessa política é o memorando enviado em 1959, pelo governador Carvalho Pinto ao Secretário de Segurança Pública, em que afirma estar apreciando as atividades da pasta e as medidas que “vem adotando com firmeza, medidas estas de caráter preventivo e repressivo. Essa atuação deverá prosseguir cuidadosamente para que os reais mendigos não venham a sofrer maiores vexames dos que lhe são impostos pela sua própria condição”. Em outro memorando, ao Diretor do Serviço Social do Estado, recomenda que o problema da mendicância deve merecer atenção daquele órgão e que convém distinguir os falsos dos verdadeiros mendigos, os quais devem merecer atenção do Serviço Social.³⁸²

As fotografias que ilustram essas duas matérias mostram homens e mulheres jogados no chão, um deles coberto de moscas, circundados pelo repórter, que usando terno, ora aparece em pé, como se fosse um expectador, ora agachado junto a um dos indigentes, como se fosse um ouvinte disposto a escutar alguém que não tem mais força para se levantar. No alto da página à direita, espaço nobre do jornal, uma foto mostra o repórter ao lado de José Américo, governador da Paraíba. Vestem terno e o governador também está usando óculos escuros, os dois parecem estar observando a cena, embora a imagem tenha sido feita em outro momento, no Palácio da Liberdade em João Pessoa.

As fotos vêm acompanhadas por longas legendas:

Foto 1: Mulheres deitadas em um banco

Legenda: Mulheres grávidas passam dias e dias sem qualquer alimento. O recolhimento de indigentes está sempre cheio – Pois muita gente passou a viver ali – E os últimos que chegam se apoderam dos bancos onde permanecem por muito tempo.

Foto 2: Homens jogados no chão

Legenda: Cobertos de chagas, esses homens são recolhidos à Polícia Central. Por mais esforços que façam, os delegados não conseguem interná-los em hospitais. São em sua maioria nordestinos que vieram contrabandeados para os abençoados campos do Sul do país e aqui chegaram doentes e sem recursos de espécie alguma. Fogem do sol abrasador do nordeste para morrer ao relento, nas ruas de São Paulo.

E, como síntese de todas as imagens a foto do governador da Paraíba e do repórter, com a legenda: O Sr. José Américo, governador da Paraíba, em recentes declarações feitas ao autor dessa reportagem, no Palácio da Liberdade, em João Pessoa, confessou ser a polícia do nordeste impotente para conter os contrabandistas de homens. Apesar do reforçado policiamento, a vigilância nas fronteiras está sendo burlada e continua o movimento do

³⁸² Diário da Noite, 27-04-1959

nordeste para o sul do país. É desse contrabando humano que advêm a situação anormal e bastante grave notada por todos na Polícia Central. Nenhum paulista ali se encontra à espera da morte. Somente nordestinos e mineiros, com um último vestígio de vida, aguardam a morte como presente do céu.³⁸³

Nos anos 50, um dos critérios para publicação de imagens na imprensa popular era a sua capacidade dramática. O lema da revista *Paris Match*, fundada em 1949: “O peso das palavras” e “o choque das fotos”³⁸⁴, traduziam uma diretriz a ser seguida. O *Diário da Noite* utilizava esse recurso em muitas de suas matérias.

No entanto, nessa reportagem, a força das palavras do repórter se sobrepõe a das imagens de penúria e sofrimento dos indigentes, esvaziando seu potencial de significação. O fato não é surpreendido pelo fotógrafo, ele o acomoda demais, interpreta, julga, não deixando nenhum espaço para o acolhimento ou um estremecimento do leitor. Essa reportagem não mostra fotos-choque, feitas como afirma Barthes, para espantar, para perturbar, para nos desorganizar. Mostra fotos didáticas que como uma citação do texto confirma a ótica do jornal, reafirmada pela onipresença do repórter, autor da escrita e personagem principal da cena.³⁸⁵

Juntamente com os molambos e farrapos, desde o início da década o jornal destaca os famintos, que ele define como uma população flutuante de marginais que perambula pelas ruas da cidade, às margens do Tamanduateí e nas imediações do Mercado Municipal, “farejando o lixo”, colhendo alimentos na podridão.

Contrapõe aos arranha-céus imponentes, à legião da miséria, legião de parias que se abaixa numa atitude degradante, tomando de assalto o lixo, buscando o que comer,³⁸⁶ repetindo cenas das regiões mais pobres do mundo, aguardando nos depósitos, os caminhões da limpeza pública, misturando-se aos cães, disputando os restos que os salvam da fome.³⁸⁷

³⁸³ *Diário da Noite*, 11-02-1952

³⁸⁴ Lema da revista *Paris Match*, citado por Susan Sontag.

Sontag, Susan, 2003, p.23

³⁸⁵ Roland Barthes faz um comentário sobre uma exposição de fotos-choque na Galeria D’Orsay.(Paris) Observa que as fotos não produzem efeito porque o fotógrafo substitui larga e excessivamente o expectador na formação de seu tema. “Estas imagens perfeitas não produzem efeito sobre nós; o interesse que sentimos por elas não vai além do tempo de uma leitura instantânea: não ressoa, não perturba a nossa percepção, fecha-se rapidamente demais sobre um signo puro, a visibilidade perfeita da cena, a sua in-formação dispensa-nos de receber em profundidade o escândalo da imagem; reduzida ao estado de pura engrenagem, a fotografia não nos desorganiza”.

Barthes, Roland, 1975, p.68

³⁸⁶ *Diário da Noite*, 11-03-1953; 28-11-1954; 26-12-1956

³⁸⁷ *Diário da Noite*, 04-08-1960; 08-08-1960

Os famintos são mais um aspecto do “drama pungente”, registrado pelo jornal em “pleno centro”, pátio da “fome e desespero”:

**CHEGAM DO INTERIOR E DOS ESTADOS VIZINHOS. FAMÍLIAS
INTEIRAS ENGROSSAM NA CIDADE O EXÉRCITO DE FAMINTOS**

[...] Chegam dos lugares mais distantes. Famílias numerosas destroçadas pela fome e pelo desespero atravessam as fronteiras dos estados vizinhos, utilizam os meios de transporte mais estranhos. Na maioria das vezes vêm de Minas Gerais, estado do Rio e Mato-Grosso. Isso sem contar o drama angustiante dos nordestinos que abandonam as terras estorricadas pelo sol e descem para o Sul do país [...]

O jornal informa que muitas dessas famílias, “que chegam a São Paulo sem nenhum destino, e que constituem a chamada população flutuante, obedecem a movimentos migratórios irracionais, aqui, sem assistência, terminam por engrossar ainda mais o exército dos desempregados e famintos que vegetam pelas ruas da cidade estendendo a mão à caridade pública num espetáculo deprimente”.³⁸⁸

Nessa matéria de 12 de fevereiro de 1958, o jornal refere-se ao Albergue Noturno, localizado na região central, com capacidade para 200 leitos, que já não conseguia absorver todos os desabrigados, tal o aumento da procura, sinalizando para a formação do que já define como sendo uma população de sem-teto. Cita como exemplo uma família, procedente de Lins, que fixou moradia debaixo da marquise de um prédio, na Rua Xavier de Toledo, em frente à Biblioteca Municipal, mas o mesmo drama se repetiria também na Estação da Luz, Praça Dom Pedro II e Praça da República.

Uma semana depois, o jornal produziu uma reportagem assinada sobre o Albergue Noturno. Num tom dramático anuncia “o cair da noite na cidade milionária” momento em que homens, mulheres, velhos e crianças chegam ao centro em busca de abrigo. O abrigo é o Albergue Noturno, “última esperança do nordestino que atravessou o São Francisco deslumbrado pela miragem do Novo Eldorado”. Juntam-se aos que “perambulam” pela cidade, recém-chegados do interior do Estado e àqueles que já são parte integrante dela: “bêbados, molambos, marreteiros, desempregados”³⁸⁹.

³⁸⁸ Diário da Noite, 12-02-1958

³⁸⁹ Diário da Noite, 20-02-1958

Afirma que a população flutuante de São Paulo é de cerca de cinco mil indigentes e os que se submetem a procurar o albergue, é porque já “desceram o último degrau”, pois a falta de higiene e o cheiro insuportável que exala dos dormitórios “é um verdadeiro atentado à dignidade humana”.

Essa observação seria compartilhada pelos próprios freqüentadores, para os quais “felicidade é não dormir no albergue no dia seguinte”. Quanto a esse aspecto, é interessante assinalar um trecho do diário de Carolina Maria de Jesus que confirma o jornal: Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. Ela disse: - Você é mesmo uma vagabunda. Dormia no Albergue Noturno. O seu fim era acabar na maloca.

Eu disse: - Está certo. Quem dorme no albergue são os indigentes. Não tem recurso e o fim é mesmo nas malocas, e Você que diz nunca ter dormido no Albergue Noturno, o que veio fazer aqui na maloca?

Você era para estar residindo numa casa própria. Porque sua vida rodou igual a minha? Ela disse: - A única coisa que você sabe fazer é catar papel.³⁹⁰

Algumas décadas antes, Sylvio Floreal, percorrendo o submundo da cidade, jornalista fazendo a “Ronda da meia-noite”, detém-se no Albergue Noturno da Rua Asdrúbal do Nascimento, onde encontra homens e mulheres, brasileiros, portugueses, espanhóis, alemães, austríacos, suíços, franceses, argentinos, russos e de outras nacionalidades. Por ali vê desfilar “os páreas, os ilotas, os mendigos verdadeiros e os disfarçados”. “Toda a fina flor da desgraça, todas as misérias da capital. Excetuando um ou outro velho, o grosso é formado de indivíduos mais ou menos fortes, que não querem, por coisa alguma neste mundo, maltratar o corpo. Essa tarefa de consumir o corpo, dizem eles com seus botões, está confiada galhardamente à bebida e à vagabundagem: beber e flunar sempre, dia e noite, já é fazer alguma coisa”...³⁹¹

Assim, a idéia de que aqueles que recorrem ao albergue são fracassados, os “inúteis para o mundo”, não se restringia apenas à opinião do jornal, mas expressava um sentimento já comum na sociedade dos anos 50. Entretanto, a novidade que o Diário da Noite traz é a ampliação do significado da pobreza introduzindo os desempregados, todos os que não conseguiram um lugar no processo frenético de industrialização dos cinquenta anos em cinco, assimilando-os também à vagabundagem e à malandragem.³⁹²

³⁹⁰ Jesus, Carolina Maria de, 1960, p.

³⁹¹ Floreal, Sylvio, 2003, p.50-51

³⁹² Vale relembrar a opção do governo Kubistchek pela industrialização a qualquer preço que seria também uma forma de erradicar o pauperismo, e que na verdade engendrou mais miséria entre a classe trabalhadora. Ver Almeida, Lucio Flávio Rodrigues de, 2006, p.301

A matéria a qual nos referimos, divide-se em subtítulos, sendo um deles:

OS DESEMPREGADOS.

Os processos de que se utilizam os desempregados de São Paulo para manter sua subsistência precária são os mais aviltantes possíveis. Alguns sem documentos se valem dos meios mais estranhos para pagar a estada numa maloca que, mesmo assim, não os aceita sem identificação. Muitas vezes aparecem com dinheiro no bolso – resultado de uma pensão fornecida por qualquer instituto de previdência, ou mesmo indenização profissional: mas na maioria dos casos, esse dinheiro é de procedência ignorada. Ciosos e com cautela vão bater à porta do Albergue Noturno da Rua Asdrúbal do Nascimento para pernoitarem; mas quando descobrem a presença da polícia, fogem[...] Há de fato, um serviço social, que, contudo sem orientação constante, não esclarece ou ajuda aquela gente, cuja sorte se arrasta pela rua vendendo doces, engraxando sapatos alguns, biscateando, roubando, outros [...] vêm para São Paulo dos lugares mais longínquos do interior com objetivo de melhorar a sorte. Aqui, são tragados pelo monstro de mil bocas, que é a cidade grande com sua perdição e miséria.³⁹³

Nessas reportagens, o impacto que poderia despertar a existência de famintos na cidade, dilui-se diante da aversão que provoca o ato de “fuçar o lixo”, de “abaixar-se numa atitude degradante”, da mesma forma como o doente de tuberculose desaparece diante do ato nauseante de escarrar sangue no chão de uma Repartição Pública e a pobreza e a miséria do trabalhador desaparecem diante de sua “pasmaceira”.

Compondo ainda esse todo o jornal vai transformar também esse mesmo contingente de desempregados, incluindo agora os estrangeiros em profissionais do ócio. Transforma-os na turma do: “me dá um dinheiro aí”:³⁹⁴

VICEJAM NA CAPITAL DO TRABALHO OS PROFISSIONAIS DA VIDA MANSÁ

Nesta reportagem, o jornalista abandona o tom dramático, e num texto mordaz e cheio de ironia coteja as dimensões do trabalho informal em São Paulo, que ele afirma ser exercido

³⁹³ Diário da Noite, 20-02-1958

³⁹⁴ Diário da Noite, 10-03-1960

por “indivíduos ocupadíssimos em nada fazer”. Afirma que embora não haja estatística que possa fornecer um número aproximado dos “trabalhadores da moleza”, naquele momento segundo as autoridades policiais, seriam aproximadamente 10 mil.

Repete mais uma vez que chegam à capital, diariamente, milhares de pessoas procedentes de outros estados em busca de uma vida melhor. Alguns conseguem uma colocação modesta, outros querem trabalhar, mas não têm qualificação profissional, e o restante, iludidos pelo sonho do “dinheiro rolando no asfalto, desajustados já na sua terra natal”, não se adaptam ao regime de trabalho, dedicando-se às “atividades mais absurdas e menos cansativas. Aliam-se aos folgados da terra, engrossando a legião de desajustados”.

O repórter coloca um trecho do samba de Noel Rosa, “João ninguém” que definiria muito bem “o pessoal da vida mansa”. Seria um retrato fiel dos que consideram o trabalho, conforme as palavras bíblicas, um castigo, uma triste herança de Adão.

Logo após está constatação, adota um tom mais ameno, mas não sem ironia: “estes tipos emprestam a São Paulo um sabor napolitano e onde um deles estiver ali está o mercado. É gente de todas as nacionalidades e raças [...] nas suas “horas de folga” são comentaristas políticos, técnico de futebol e mesmo compositores. Forma a sua roda, tomam seus aperitivos e, no dia seguinte, lá estão nos seus pontos oferecendo a mercadoria que lhes cai na mão”.

[...] Gente forte, mocinhos com sotaque italiano e que já foram inclusive, “marinheiros” e venderam muita casimira nacional como inglesa engrossam as fileiras dos que não querem nada com o trabalho. São bicheiros, cambistas, vendedores de loteria, do diário oficial, da nova lei do selo. Não trabalham “se viram” hoje são corretores imobiliários, amanhã vendedores de jóias, ou mesmo carregadores de cestas nas feiras. A diversidade de grupos sociais que ocupam o espaço público se completa com os camelôs, de cuja habilidade nem seria preciso falar, basta que o leitor lembre-se do samba de Moreira da Silva, Conversa de Camelô. Vendem “mudas de capim”, flores de água-pé, filhotes de cachorro, passarinhos e os nojentos apitos que imitam o miado de gato e que eles mesmos provam e depois entregam a crianças. Gente que vive de expedientes e que tem transformado a cidade num autêntico mercado persa ou feira do nordeste. Tungam os ingênuos, iludem crianças que levam para casa o balão-gigante que ficará reduzido a tiras de borracha na primeira tentativa de enchê-los.³⁹⁵

³⁹⁵ Diário da Noite, 09-01-1958

Diante da crença dominante nos anos 50, assumida pelo jornal, em uma organização produtiva regulada pelo livre mercado, que se desenvolveria de forma homogênea e integradora, as atividades do trabalho informal pareciam resquício de uma mentalidade em consonância com um Brasil atrasado, intoleráveis na cidade do trabalho fossem exercidas por nordestinos ou imigrantes, seus companheiros do “dolce far niente”.³⁹⁶

2 - A Nova Face do Crime: O Baiano e A Peixeira

Indigente, mendigo, desempregado, molambo, o migrante recém-chegado a São Paulo, aparece no jornal como expressão de um universo social marginal. “Flutuantes”, “difíceis de classificar”, “profissionais da viração”; são rubricas que se fundem num único significado: fora do mundo do trabalho formal, aproximam-se perigosamente do mundo do crime.

Atestando essa proximidade, várias reportagens sobre as batidas policiais contra a mendicância, apontam para a existência em meio àquele grupo, de indivíduos procurados pela polícia, foragidos da justiça e mesmo para a presença de menores portando “pacaus” de maconha e arsênico, em promiscuidade com marginais.³⁹⁷

Desde o final do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, Congressos, resoluções, publicações, criações de Instituições, numa atividade febril que se estenderá até os anos 60, ampliaram de tal forma o espectro da delinquência que a criminologia mais do que defender a sociedade contra o crime, tornou-se uma “ciência” do controle social, incidindo sobre o ainda pouco conhecido “mundo do trabalho” e sobre aqueles que como marginais, estavam fora dele.

O discurso criminológico harmonizava-se com a idéia predominante nos anos 50, do triunfo do capitalismo como representante do máximo de desenvolvimento social, e de que qualquer falha como a pobreza, seria antes de indivíduos anormais, nunca do sistema, considerado exemplar, pautado pelo valor do trabalho. Sendo assim, a ociosidade, indolência, inconstância resultariam na miséria e conseqüentemente no crime.³⁹⁸

³⁹⁶“Dolce far niente” foi a expressão usada numa reportagem de Orlando Criscuolo a respeito dos “profissionais da vida mansa.”

Diário da Noite, 09-10-1952

³⁹⁷ Diário da Noite, 24-01-1958

Pacau: invólucro contendo quantidade de maconha suficiente para a confecção de três ou quatro cigarros.

Joanides, Hiroito de Moraes, op.cit, p.41

³⁹⁸ Segundo Foucault, o discurso da criminologia é tão fortemente exigido e tornado necessário pelo

Reiterando a associação entre pobreza, ócio e crime promovida pela criminologia que funde a aparência do corpo, a hereditariedade e o meio social como parâmetros para detectar os que tinham tendência para o desvio, o *Diário da Noite* ao noticiar os crimes, numa linguagem apropriada ao seu público, divulga empiricamente os pressupostos discutidos por juristas, médicos e psiquiatras cujos objetivos seriam discriminar claramente os que oferecem perigo à integridade da sociedade e contra eles estabelecer medidas de “defesa social” seja com o propósito de reabilitação, através da segregação em colônias agrícolas; da cura, pela internação no manicômio de Franco da Rocha ou estabelecendo a reclusão nas penitenciárias.³⁹⁹

Nessa perspectiva, os migrantes enquadram-se na ampla categoria de “desviantes sociais,” bem detectados por Goffman: são essas as pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social. “Elas são percebidas como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos aprovados pela sociedade; mostram um desrespeito evidente por seus superiores; falta-lhes moralidade; elas representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade”.⁴⁰⁰

Assim, o jornal concebe um texto que articula um pensamento já elaborado sobre os “desviantes sociais,” desde o século XIX, com as “migrações irracionais” que “infestam a cidade com milhares de inaptos para o trabalho”, produzindo para o leitor um sentido coerente para uma realidade que suas próprias páginas evidenciavam como caótica e perigosa.

funcionamento do sistema, que não precisa justificar-se teoricamente nem ter uma coerência ou estrutura. Ele é inteiramente utilitário.

Foucault, Michel, 1979, p.138

Na América Latina e no Brasil, obteve forte acolhida, proporcionando suporte teórico à discriminação de negros, migrantes e imigrantes.

Ver: Omo Del, Rosa; 2004; Rauter Cristina; 2003

No final dos anos 60 e na década de 70 temas como as drogas, terrorismo e direitos humanos também passam a preocupar a criminologia.

Cf. Olmo Del, Rosa, op.cit, p. 293

³⁹⁹ Após a Segunda Guerra, Felippo Grámmatica, fundou o Centro para o Estudo de Defesa Social, que inspirado na revolta positivista contra o Direito Penal Clássico, impulsionou o lema: “Não uma pena para cada delito, mas uma medida para cada pessoa”. O objetivo da Defesa Social pode ser resumido na prevenção do delito e tratamento do delinqüente.

Omo Del, Rosa, op.cit. 118

⁴⁰⁰ Fazem parte dos desviantes sociais: as prostitutas, viciados em drogas, delinqüentes, criminosos, músicos de jazz, boêmios, ciganos, parasitas, vagabundos, gigolôs, artistas de show, jogadores, malandros de praia, homossexuais e o mendigo impenitente da cidade.

Goffman, Erving, 1988, p .155

Se de um lado, o nordestino é o indigente, o mendigo, molambo, farrapo, doente contagioso, ao mesmo tempo o jornal cria para ele uma nova representação: ele não será apenas um criminoso, mas o pior dos criminosos, assassino movido por uma crueldade inusitada e gratuita:

NÃO FUREI MAIS PORQUE ELE FUGIU

No quadro dos desajustados que procedem do Nordeste brasileiro está o cearense Abmur Cassiano Silva, de 21 anos, natural de Baturité que foi autor de covarde agressão da qual foi vítima um menor de 16 anos, seu amigo. Motivos pueris que de forma alguma, justificam o gesto violento e brutal, a fúria sanguinária de que deu provas com o máximo de seu sangue frio, foram a causa do crime, só não matou porque não pode.

Abmur quando chegou do Nordeste ficou na casa de conhecidos em Tibagi, onde conheceu Luiz Carlos Oliveira, 16 anos. Ambos vieram para São Paulo e moravam num hotel na Rua João Teodoro. Estavam aqui há 14 dias, e discutiram por questões de serviço. O moço esfaqueado conseguiu fugir.

A matéria vem acompanhada por uma foto do criminoso com a legenda: Disposto a Matar. Não furei mais porque ele fugiu⁴⁰¹. Durante a década o jornal repete quase que diariamente as mesmas notícias, construindo cuidadosamente a imagem do nordestino violento e irracional:

MATOU O RIVAL E FERIU A EX-NAMORADA

Brandindo “Peixeira” o Criminoso Abriu Caminho Entre o Povo

A moça de Teresópolis veio para o Rio trabalhar como doméstica em Ipanema conheceu Álvaro da Paz, de Pernambuco. Mas ela percebeu que ele tinha um gênio irascível, de mau temperamento. Diz-se lhe que já havia cometido um crime em Pernambuco. A moça desfez o namoro, conheceu outro. Álvaro da Paz então, um dia, atocaiou-se na rua onde os dois namorados passavam e cravou a lâmina no coração do rapaz e no peito e ventre da moça.⁴⁰²

⁴⁰¹ Diário da Noite, 24-10-1952

⁴⁰² Diário da Noite, 08-01-1951

ESFAQUEADO E MORTO NUM SALÃO DE BAILE

Ofendeu uma Jovem que Não queria Dançar e Matou o Presidente do Clube

Um moço de 21 anos de idade, natural do estado de Alagoas, cozinheiro, tornou-se assassino ao abater a golpes de punhal um chefe de família. Episódio sangrento motivado por motivo banal. Ocorreu no BemFica F.C em Vila Maria, onde se realizava um baile. A moça não quis dançar, ao ser importunada queixou-se ao presidente do clube, que ao tentar colocá-lo para fora do baile foi atacado. Tentou evadir-se, populares tentaram linchá-lo a cacetadas.⁴⁰³

PRISÃO PREVENTIVA DO BAIANO OLIVEIRA JÚNIOR

Principal Personagem de uma Orgia de Sangue

Em Vila Xavantes, estrada de Itaquera, o delegado João Nepomuceno de Freitas solicitou prisão preventiva de José de Oliveira Júnior natural de Itabuna (Bahia), 43 anos, casado. O fato ocorreu numa maloca paupérrima. Ali viviam José, esposa, filha e tinha como vizinho mais dois casais. Por discussão a respeito de cabras soltas, José atirou num dos vizinhos com uma espingarda, espancou outro, apunhalou mortalmente o outro e feriu a mulher.⁴⁰⁴

SAIU DE CASA DISPOSTO A FAZER AMEAÇAS

Três Rapazes Esfaqueados pelo Paraibano Valentão

Armado de faca e canivete, em companhia de um conterrâneo, o agressor insultava meio mundo até que encontrou jeito para dar evasão aos seus instintos sanguinários.⁴⁰⁵

Com textos curtos, sem rodeios, com linguagem incisiva, o jornal recorta o real e dele faz surgir o nordestino homicida. Aqui, não se trata de narrativas longas, de “interesse humano”, não se busca a proximidade do leitor com o acontecimento, mas seu distanciamento, a vítima é descrita de forma sucinta, evitando-se os detalhes, a atenção do leitor deve focar-se no criminoso.

⁴⁰³ Diário da Noite, 13-10-1952

⁴⁰⁴ Diário da Noite, 07-07-1953

⁴⁰⁵ Diário da Noite, 04-04-1955

O jornal descreve a eminência do perigo e sua natureza. Se o texto deve despertar sentimentos, seriam o do medo e do ódio, se deve despertar algum desejo seria o de repúdio. Por certo o medo e a raiva não eram emoções novas veiculadas pelos relatos de crimes na imprensa. A diferença é que agora elas se identificam com adventícios das regiões consideradas as mais atrasadas do Brasil cuja natureza seria tão primitiva quanto o território de onde procedem.

Pelos relatos, o leitor será sempre informado quando o assassino for nordestino e aprenderá a reconhecê-lo pela ausência de afetividade, pois é capaz de matar amigos; pela ausência de arrependimento, pois se pudesse “furava mais”; pela frieza, pois mata ex-namoradas, “abate” chefes de família; pela brutalidade, pois “crava” o punhal no coração, matando sem motivo. Assim, quase que diariamente, a mesma “aula” se repete com as mesmas palavras: baiano, cearense, pernambucano, paraibano, sergipano que vêm acopladas a “episódio sangrento”, “fúria sanguinária”, “gesto violento e brutal”, “motivo banal”, “motivos pueris”, “sangue frio”, “instintos sanguinários”, “orgia de sangue”, “maloca paupérrima”...

À descrição do fato como seu retrato fiel impresso, junta-se o próprio retrato que associa as características físicas do nordestino com o crime, com a ajuda de legendas como: “Estava disposto a matar”. “Esse indivíduo carregava ostensivamente uma faca”. “Por qualquer motivo, evidentemente seria capaz de usá-la”. “Estava pronto para matar”.

À véspera de Natal, em 1956, o Diário da Noite, em uma manchete, com uma única palavra, estabelece para o leitor uma das imagens mais contundentes do nordestino em São Paulo: **Selvagem**

Logo abaixo vem a foto e em seguida o texto: Na manhã de ontem, em Guarulhos, o servente de pedreiro José Ferreira da Silva, alagoano, de 34 anos de idade, casado e pai de cinco crianças, por ter sido despedido do emprego que exercia num prédio em construção naquele município, muniu-se de duas “peixeiras” e abateu o chefe de serviço Wladimir Kurilas, com cerca de vinte pontacos, perseguido por populares que tentaram linchá-lo, o bárbaro homicida escondeu-se num matagal, onde pouco depois foi preso por um soldado da aeronáutica e entregue a polícia. Uma das facas, o selvagem atirou fora, ficando de posse apenas da outra. Mesmo preso, o alagoano quase foi justicado por populares que, armados de cacetes e outros instrumentos, procuraram arrancá-lo das mãos dos policiais, tal foi a revolta que o seu crime lançou no espírito público. Na foto, o bárbaro servente de pedreiro aparece apenas de camiseta e calção, porque, para melhor empreender a fuga, o que não levou avante

por se ter ferido gravemente em uma das mãos, se despira das demais peças do vestuário.⁴⁰⁶

Em um texto curto que aproxima o nordestino do criminoso lombrosiano, meio-homem, meio-animal, marcado pelos estigmas da degeneração, o jornal localiza onde está o selvagem: nos canteiros de obras da construção civil, onde se encontra grande parte dos migrantes da cidade, que munidos de “peixeiras”, impulsionados por atavismo sanguíneo “abatem com vinte pontacos”, seu superior, o chefe de serviço.

No final da matéria, agora tomando um distanciamento que o exime de qualquer responsabilidade, o redator informa sobre o impacto que o crime teria provocado num vago “espírito público” que por pouco não teria levado a que o criminoso fosse “justiçado,” mesma informação que já havia passado numa notícia de 13 de outubro de 1952, quando “populares” tentaram linchar um criminoso alagoano a cacetadas. O jornal aqui toma o cuidado de referir-se a populares como a pessoas de bem, a cidadãos indignados, não a multidão, conceito já carregado de significados negativos,⁴⁰⁷ indicando um ajuntamento de pessoas predispostas a atos irracionais.

As tentativas de linchamento, estrategicamente colocadas nas conclusões dos textos sugerem essa ação como alternativa válida, sugerem que se os linchamentos tivessem sido realizados a justiça teria sido feita.

É preciso ressaltar que essa possibilidade na grande maioria das vezes só se apresenta quando o criminoso é nordestino, único cuja procedência é denominada nos relatos de crimes, sendo os cometidos por eles, invariavelmente, os mais graves: os de homicídio.

Relatos repetidos dia a dia, criteriosamente, vão demonstrando a complacência do jornal se a “justiça” se fizesse com as “próprias mãos”, fosse por “populares” que tentassem linchar, fosse por um único ofendido que executasse o agressor:

A VÍTIMA ACABAVA DE BEBER O ULTIMO GOLE DE PINGA
Com um Tiro em Pleno Peito Prostrou Morto o Sedutor e Difamador de sua
Filha

⁴⁰⁶ Diário da Noite, 22-12-1956

⁴⁰⁷ No final do século XIX nasce uma nova ciência social: a psicologia das multidões, ligada ao mesmo tempo à antropologia criminal e às teorias de Charcot sobre o hipnotismo e a sugestão. Ela também deve muito às apreensões geradas pela irrupção das massas na vida política e pelos conflitos sociais da época, quer se trate das greves, ou da violência das manifestações comemorativas do dia 01 de maio, a partir de 1889. Na Itália, Scipio Sighele, discípulo de Lombroso e autor de “A multidão delinquente” (1891), atribui à multidão uma predisposição para o mal, por ser “um terreno em que o micróbio do mal se desenvolve muito facilmente, enquanto o micróbio do bem quase sempre morre”. Na sequência Gabriel Tarde e Gustave Le Bon fundaram os estudos sobre a psicologia das multidões. Júlia, Dominique, 1998, p.220

Manuel Nonato da Silva, 24 anos, solteiro, natural de Paramirim, Bahia, residente à Avenida São João, quando tomava cachaça no balcão da mercearia Vista Alegre no Tucuruvi, foi assassinado por Caetano Amato, 54 anos, casado, morador do bairro, vendedor de loteria. O baiano, desordeiro contumaz, sem profissão definida, conheceu Rosa Amato 23 anos e sob promessa de casamento infelicitou-a. Rosa terminou por conhecer outro namorado e Manuel despeitado começou a persegui-la, quando o pai de Rosa viu-o no bar, deu-se a tragédia.⁴⁰⁸

BALEOU O SERGIPANO

Desordeiro Assassinado na Freguesia do Ó

Durante uma briga na Rua Guayanazes, ao tentar apaziguar uma briga o guarda civil que fazia a ronda foi agredido por Valdemar Pereira de Souza, 27 anos, solteiro, pardo, sergipano, morador na Rua Alvarenga Peixoto, 166, Vila Anastácio. Desacatou o comerciante e o ofendeu pesadamente. Voltou armado e foi enfrentado por um freqüentador do bar, Alfredo Moura, casado, 46 anos, português, que desfechou um disparo contra o sergipano.⁴⁰⁹

TENTARAM LINCHAR O BAIANO

Quando provocava os fregueses e empregados do bar, café e restaurante “Colon”, na Rua João Guerra (Santos), o operário Ananias Monteiro da Silva, 34 anos, natural de Angical, no estado da Bahia, foi advertido pelo estivador Erminio Germano da Silva, de 48 anos, casado, de que não permitiria que ele continuasse a contar vantagem e daí praticasse qualquer desordem. Resmungando, o baiano deixou o bar num táxi, foi até sua casa, munuiu-se de um revólver e voltou. Ananias fez dois disparos contra o estivador e tentou a fuga. Houve perseguição e alcançado no pátio da estação de ferro Sorocabana foi agredido pelos populares a socos, pontapés e empurrões. Uma viatura da Rádio Patrulha evitou que o operário fosse massacrado.⁴¹⁰

⁴⁰⁸ Diário da Noite, 26-10-1957

⁴⁰⁹ Diário da Noite, 01-04-1957

⁴¹⁰ Diário da Noite, 22-09-1970

Presentificando o real, falando em nome dos fatos, entre os quais estaria o aumento da criminalidade e a inoperância da polícia, demonstrados pelos relatos diários, o jornal produz credibilidade. Colocando em circulação o medo e a insegurança insinua possibilidades de ações práticas, como afirma Michel de Certeau, uma credibilidade do discurso é em primeiro lugar aquilo que faz os crentes se moverem. Ela produz praticantes.⁴¹¹

“Não seria, surpreendente assim, o desabafo trágico e perplexo, de um velho e humilde morador da Baixada Fluminense, em 1980, vítima de muitos assaltos e testemunha de tanta violência: “O rádio diz a toda hora para o povo colaborar com a polícia. O povo colabora linchando”⁴¹²

À imagem de selvagem construída para o “baiano” se junta a da “peixeira” criando uma simbiose entre ambos. A peixeira, de uso corrente no Nordeste como instrumento de trabalho, transforma-se, através do jornal, exclusivamente em uma arma, instrumento que daria vazão à brutalidade do Nordeste: **NUM DUELO A “PEIXEIRA” O SOBRINHO MATOU O TIO**

Segundo a matéria, por “questões de honra” dois homens originários de Pernambuco enfrentaram-se a faca na Estrada do Mandi, distrito do Bairro do Limão. “Após desesperada luta, um dos contendores tombou ao solo sem vida, enquanto que o outro ficou mortalmente ferido”.

O jornal frisa que nessa ocasião, João Pereira, sacando de afiada “peixeira” investiu furiosamente contra José de Almeida, vibrando-lhe diversos golpes. José sacou longa “peixeira” e travou contra o seu tio violenta e desesperada luta. Durante o embate, José cravou a lâmina aguçada nas costas do tio, atravessando-lhe o pulmão. Perdendo as forças João

⁴¹¹ Certeau, Michel, 1996, p. 241

⁴¹² Jornal do Brasil, 21-01-1981 apud Benevides, Maria Vitória, 1983, p.239

A interpretação mais comumente aceita para a palavra linchamento remete a Charles Lynch, fazendeiro da Virgínia que durante a Revolução Americana liderou uma organização privada para a punição de criminosos e legalistas, fiéis à coroa. Historicamente são apontadas, como análogas à prática do linchamento, as organizações informais que pretendiam substituir ou complementar os procedimentos legais de prevenção e repressão ao crime.

Comumente o termo designa toda ação violenta coletiva para a punição sumária de indivíduos suposta ou efetivamente acusados de um crime.

Idem p. 229

caminhou alguns passos e caiu morto defronte a sua residência. José, mortalmente ferido, foi amparado por populares e removido para o Hospital das Clínicas.⁴¹³

**MORTO NO MATAGAL COM UMA “PEIXEIRA” CRAVADA NO CORPO
A Lâmina Mede 25 cm de Comprimento por 6 de Largura**

Atraído ao local por um provável companheiro ou amigo, procedente como a vítima, do Norte do país. [...]

Perdura o mistério em torno do assassinio do moço cujo corpo foi encontrado, na manhã do dia 09 do corrente, no matagal de um terreno baldio situado no fim da Rua Gabriel Monteiro da Silva no Jardim Paulistano.

[...] Cravada no corpo achava-se pontiaguda faca cuja lâmina media 25 cm de comprimento por 6 de largura, na parte posterior, junto ao cabo tosco de madeira.

Dadas as circunstâncias em que ocorreu o crime, acredita-se que o assassino seja conhecido ou amigo do morto, prevalecendo a hipótese de terem ambos viajado juntos para esta capital, possivelmente procedentes do Norte.

Augusto Ferreira da Silva teria exibido algum dinheiro que possuía o que levou o companheiro a engendrar um plano para dele se apoderar, levando então o moço para um lugar ermo, sob qualquer pretexto e eliminando-o.

O encontro do cadáver naquele local reforça essa versão, pois a vítima é ali desconhecida. O próprio instrumento do crime é do tipo habitualmente usado por retirantes, a “peixeira”.⁴¹⁴

**TRAGÉDIA NUMA PENSÃO DO BELÉM
Morto o Relojoeiro a Golpes de “Peixeira”**

Utilizando-se de uma “peixeira” um alagoano assassinou durante a madrugada de hoje, seu companheiro de quarto fugindo depois.

Conforme informes dados pelo dono da pensão o indigitado homicida é José Teles de Menezes, de 40 anos de idade, solteiro, natural de Alagoas. [...]

A hemorragia que se processou pelas feridas abertas foi impressionante, principalmente pelo golpe recebido no peito e junto ao pescoço.⁴¹⁵

⁴¹³ Diário da Noite, 08-10-1956

⁴¹⁴ Diário da Noite, 14-07-1958

⁴¹⁵ Diário da Noite, 13-04-1959

**NINGUÉM SABE POR QUE SE ODIAM OS PARAIBANOS
ASSASSINADO PELO PRIMO A GOLPES DE “PEIXEIRA”**

Dez golpes de “peixeira”

Severino Ramos de Melo, de 29 anos, solteiro, operário, residente na Rua Antonio Fonseca é a vítima. O agressor Arlindo Miranda da Silva, de qualificação ignorada, residia na mesma rua, no número 194, no bairro de Vila Maria. [...] Os primos discutiram, por motivos ainda ignorados. E Arlindo em dado momento não titubeou em esfaquear seu primo com uma “peixeira”, aplicando-lhe mais de 10 golpes. Ainda no solo, Severino recebeu mais alguns golpes do criminoso que mais parecia um insano.⁴¹⁶

**CONDENADO A DEZ ANOS DE PRISÃO, FUGIU DA PENITENCIÁRIA
DA PARAÍBA**

Matou a Golpes de “Peixeira” o Homem que Seduziu sua Irmã

Conseguiu chegar a São Paulo através de caronas de caminhões – Cansado de procurar emprego e sem recursos para seu sustento resolveu apresentar-se a polícia.⁴¹⁷

MENDIGO FOI ASSASSINADO A GOLPES DE “PEIXEIRA”

Ainda Desconhecida a Identidade da Vítima

O desconhecido foi encontrado morto, em meio a uma poça de sangue. A polícia com o encontro de uma “peixeira” apurou que se tratava de homicídio.⁴¹⁸ Essas imagens do Nordeste, que, acompanhado da “peixeira” está disposto a matar por motivos banais, não se completam sem que lhe seja atribuída também a de louco-criminoso e sem que o bairro de São Miguel Paulista seja assinalado, muito mais como reduto de malfeitores do que como bairro de trabalhadores.

INTERNADAS ALGUMAS EM ESTADO GRAVÍSSIMO

Tomado de Loucura Retirante Feriu a Faca 20 Pessoas

De Belo Horizonte informa a “Meridional” que o retirante baiano Luis Pereira da Cruz, de 30 anos, quando se encontrava sentado na gare da Central do Brasil foi

⁴¹⁶ Diário da Noite, 14-04-1958

⁴¹⁷ Diário da Noite, 18-08-1960

⁴¹⁸ Diário da Noite, 12-02-1960

tomado de instantâneo acesso de loucura. Empunhando uma faca o retirante atacou todas as pessoas que defrontava, ferindo mais de 20 delas, umas no abdômen e outras nas costas ou nos braços.

Estabeleceu-se então o pânico, todos procurando fugir do louco. Esse correu em direção da Praça Vaz de Melo e ali esfaqueou outras pessoas. A custo foi finalmente dominado, sendo levado amarrado para a polícia.

Vinte pessoas foram socorridas no Pronto Socorro sendo que algumas ficaram internadas em estado gravíssimo.⁴¹⁹

Se o Nordeste por sua constituição primitiva é levado a matar por motivos banais, nessa matéria ele já é o retirante cujo atavismo levado às últimas consequências o conduz a matar qualquer um sem nenhum motivo.

As migrações para nosso país foram objeto de preocupação de cientistas desde o final do século XIX, e os deslocamentos dos anos 50, basicamente internos impulsionaram as reflexões sobre “as reações mentais” dessas populações diante da metrópole. Cientistas do porte de Antonio Carlos Pacheco e Silva e Carvalho Ribas alertavam com seus estudos sobre as migrações, para as “dificuldades de adaptação física, psicológica e social, que acarretam a deflagração de psicoses várias e desordens de conduta”.⁴²⁰ Pacheco e Silva, inclusive, nesses anos, é adepto entusiástico da eugenia, citando em seu favor o fato de já ser realizada nos Estados Unidos, país admirado pelo seu grande desenvolvimento científico. Segundo Carvalho Ribas, “os recém-chegados, nos ambientes novos e estranhos, subordinados a padrões de cultura e de conduta bem diversos daqueles em que se desenvolveram e se ajustaram, surpreendem-se predispostos a sofrer verdadeiras crises de personalidade, muitas vezes seguidas de intensas e dramáticas repercussões no âmbito social”.⁴²¹

Assim, discurso científico, boletins de ocorrência, discurso policial, alimentam as notícias do jornal, fazem circular o medo, a insegurança, o desejo de isolamento, construindo um consenso nos anos 50, em torno da definição do migrante, como um perigo social.

Nos anos 30, José Hermínio de Moraes e Horácio Lafer adquiriram, nos Estados Unidos, os equipamentos de uma grande fábrica química. Mais de 18 mil toneladas de maquinaria foram transferidas da fábrica original, em Virgínia, para São Miguel Paulista, local onde foi instalada, pelo baixo custo dos terrenos, pela proximidade de uma estação ferroviária e pela presença de grandes reservatórios de água. A fábrica começou a funcionar

⁴¹⁹ Diário da Noite, 20-04-1958

⁴²⁰ Silva, Antonio Carlos Pacheco, op.cit, 1952, p. 16.

⁴²¹ Ribas, Carvalho, 1952, p.97

em 1937 e após a Segunda Guerra, a Nitroquímica transformou-se na maior produtora de raíom do país, com mais de 4 mil trabalhadores, tornando-se também uma das maiores e mais lucrativas indústrias do país.⁴²²

Os operários da Nitro eram predominantemente de origem nordestina, e São Miguel desde 1940, ficou conhecido como “Bahia nova”.

No Diário da Noite o bairro se destaca por abrigar uma população violenta, sem noção de civilidade que ataca pacíficos cidadãos:

ESTÚPIDO CRIME DE MORTE NO PARQUE PEDRO II

Morto a Golpes de “Peixeira” Por um Fura- Fila de Ônibus

Tentando ingressar no coletivo sem respeitar o direito das pessoas que estavam á sua frente, o criminoso foi advertido por um velhinho e desandou a ofendê-lo com palavrões. Outros cidadãos tomaram o partido do ofendido o que mais irritou o desalmado que, sacando da faca tentou ferir alguns e acabou acertando três golpes num infeliz fiscal da prefeitura. Preso quando tentava fugir.

Segundo o jornal, o crime ocorreu às 19h, horário em que cerca de oitenta pessoas aguardavam o ônibus 202 que serve a localidade de São Miguel Paulista. Quando o ônibus chegou, as pessoas foram entrando em perfeita ordem e sem maiores incidentes. Em dado momento, porém, o operário Irineu Santana, que ocupava um dos últimos lugares quis furar a fila, o que provocou o protesto de um cidadão idoso que se encontrava a frente.

Irineu bastante irritado começou a discutir com o velho, ofendendo-o com palavras de baixo calão.

Iniciou-se uma discussão com outros passageiros. A discussão prosseguia cada vez mais acalorada, quando ali surgiram Oswaldo Santana, irmão de Irineu e José Sebastião de Souza, de 31 anos, casado, operário Pernambucano, morador na Rua do Ó, s/n em São Miguel Paulista, que inteirados do que se passava trataram de defender Irineu, travando com aquelas pessoas, violenta discussão.

Durante o bate boca, José Sebastião de Souza, sacando de afiada “peixeira” investiu furiosamente contra Altemiro Nogueira dos Anjos e Moises Ribeiro do Santos. Estes se esquivaram do golpe. Furioso, José Sebastião avançou contra Antonio Romano, vibrando-lhe

⁴²² Fontes, Paulo, 2005, p. 368-369

três profundos golpes, dois no ventre e um no peito.⁴²³

CANIVETADAS, GUARDA-CHUVADAS E GARRAFADAS DEPOIS DA BEBEDEIRA

Piauienses e Baianos em Violento Conflito: Um Morto e Sete Feridos

O conflito teria tido início durante a madrugada, na Rua Cumaru, defronte ao prédio 253, onde está instalado um bar, na Vila Nitro-Operária, em São Miguel Paulista. Segundo a reportagem tomaram parte na briga dois grupos. Um integrado por piauienses e outro por baianos. Apurou também que o álcool foi um dos motivos principais da rixa que resultou em um morto e sete feridos, um em estado grave.⁴²⁴

Inassimiláveis às práticas de cidadania, civilidade, boa educação, os nordestinos mostravam-se inaptos para a vida urbana moderna.

Mendigos, indigentes, loucos, criminosos, as páginas do Diário da Noite, nos anos 50 criaram imagens, produziram fatos sociais que fazem parte do nosso cotidiano nos dias de hoje. Mais uma vez, tanto quanto o desabafo do morador da Baixada Fluminense, não surpreendem as opiniões de uma moradora do bairro da Mooca, descendente de imigrantes italianos, em 1989:

- “Tem muito cortiço na Mooca desde que veio a gente do Norte. Tem trezentos cortiços, cada um tem cinquenta famílias, só com três privadas – como é que se pode viver assim?

A coisa pior que existe na Mooca é que o povo fica com medo. É muito crime, é muito assalto.

- Quem são os criminosos?

- Pessoal que assalta é tudo nortista, tudo gente favelada”

Referindo-se ao assalto por ela sofrido: “- eles tinham cara boa. Um era baixinho, moreninho, se vê que era do norte. O outro tinha a cara branca, mas sempre nortista.

Devia acabar com essa vinda de gente para cá, devia dar condições pra eles lá. Mas a turma é indolente também, não quer saber de trabalhar. Vou logo dizendo pra vocês: eu sou a favor da pena de morte a quem mereça. Aqui na Mooca nós somos a favor da pena de morte. A Mooca está empestada.”⁴²⁵

⁴²³ Diário da Noite, 17-12-1958

⁴²⁴ Diário da Noite, 22-02-1960

⁴²⁵ Selecionei trechos de entrevista realizada por Tereza Pires do Rio com moradora da Mooca.

3 - Drama Pungente – Drama Deprimente

“Eles começam chegando em pequenos grupos. E logo se transformam em centenas inundando as ruas principais da cidade compreendidas no seu roteiro de fuga. Maltrapilhos, sujos e famintos constituem a triste legião dos flagelados da seca, no Nordeste, que este ano se prenuncia tão terrível como a de 1952, espalhando a miséria e a morte por aquela vasta área do território brasileiro. Telegramas da Agência Meridional, procedentes do Recife, João Pessoa, Natal e Fortaleza, dão conta de que, como “aves de arribação”, os primeiros sertanejos já estão atingindo o litoral, premidos pela estiagem prolongada. No interior, a situação é mais dramática com a ameaça de invasão de algumas cidades pelas hordas sem pão e sem água”.⁴²⁶

Eles, pequenos grupos, centenas, legião, hordas, flagelados, sertanejos. Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza, Nordeste. Com estas palavras, sobre a seca de 1958 o jornal compõe um texto em que é possível identificar referências construídas desde o final do século XIX, sobre o Nordeste, sobre este “vasto território e seus habitantes”.

Por um lado, o meio geográfico, que ocasiona não só as secas, mas solidário com as teorias deterministas, age tragicamente sobre os homens, selecionando-os, produzindo um

Caldeira, Tereza Pires do Rio, 2000, p. 29-30-31

⁴²⁶ Diário da Noite, 18-03-1958

Na primeira metade da década de 50 a região Nordeste e a região Sudeste, encontravam-se dividas geograficamente pelos critérios do Conselho Nacional de Geografia de 1942. O Estado de São Paulo fazia parte da região Sul, juntamente com os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Sua incorporação à atual região Sudeste se deu quando esta foi criada em 1969, com a reformulação da divisão regional do país. O Nordeste compreendia os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Fernando de Noronha. Sergipe e Bahia foram incorporados à região também em 1969, pois até esse momento faziam parte da região Leste junto com Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal.

O polígono das secas foi delimitado em 1936, revisado em 1946 e sancionado em 1951, pela lei nº 1.348. Abrange os estados do Piauí, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e pequena porção do norte de Minas Gerais, compondo uma área de 1.150.662 km².

Cf. Ferrari, Monia de Mello, 2005, p. 13

Independentemente dos parâmetros geográficos oficiais, até 1970, a percepção mais difundida era a da divisão do país entre Norte e Sul, disto decorre que os jornais se refiram muitas vezes a nortistas e nordestinos como sinônimos.

Ver: Povoado Neto, Helion, 1994.

Mas esta sinonímia revela também a idéia bastante difundida que, com exceção do sul e sudeste, todas as outras regiões do país são atrasadas ou no máximo folclóricas.

Sobre o conceito de região como “invenção” ver: Albuquerque Júnior, Durval Muniz de, 1999

movimento errático, os flagelados, a miséria e a morte.⁴²⁷ Por outro lado, uma multidão “tumultuária”, cuja formação e atuação principalmente durante a Revolução Francesa, foram detidamente analisadas. Esses estudos permitiam considerar que, quando se forma a multidão, todas “as agonias e infortúnios afloram e crescem, em cortejo turbilhonante, transformando seres que, até ali, pareciam resignados, em bestas-feras impiedosas”.⁴²⁸ Desta forma, o “eles” vai se adensando até transformar-se em turba, predisposta a atos de violência e ao crime.⁴²⁹

As teorias sobre o determinismo do meio e sobre o perigo das multidões que obtiveram grande repercussão nas interpretações sobre o Nordeste, produzindo as imagens de atraso da região e degenerescência do sertanejo, irão instrumentalizar o Diário da Noite nos anos 50, para a construção de um sentido sobre o flagelado, que pode ser encontrado agora, em São Paulo, numa proporção nunca vista nas cidades do Nordeste, que durante a década passou por duas secas a de: 1952 e a de 1958.

Diferentemente das outras, a seca de 52-53 acabou impulsionando o fluxo migratório em direção ao Sul, principalmente para São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Segundo Villa, a melhoria dos meios de transporte rodoviário facilitou a viagem em busca de uma vida melhor, longe do latifúndio, da prepotência dos coronéis e do flagelo da seca. Utilizando-se de vapores, que percorriam o rio São Francisco até Pirapora, de trens e de caminhões, centenas de milhares de nordestinos, sem nenhum apoio oficial, deslocaram-se espontaneamente para o Sul. A rodovia, Rio- Bahia transformou-se no maior conduto dessa migração. Dezenas de caminhões, os paus-de-arara, trafegavam todos os dias pela estrada, transportando de 70 a 90 pessoas, em direção a São Paulo e Rio de Janeiro.⁴³⁰

⁴²⁷ O determinismo geográfico foi definido como a manifestação indiscutível da influencia de um ou muitos fatores de ordem natural como o solo, relevo, clima, sobre os grupamentos humanos e suas atividades, possuindo essa influência um valor de causa explicativa do fato humano considerado. O darwinismo concedeu ao ambiente um papel decisivo na evolução. Não é o meio que modela os seres vivos, mas é ele que os seleciona. A geografia não ficou alheia à repercussão do evolucionismo nas ciências, e já na segunda metade do século XIX o determinismo geográfico atingia o seu auge, ligado ao processo de institucionalização da Geografia, com longa sobrevivência até os dias de hoje.

Winter Ribeiro, Rafael, 1999, p. 64-65

⁴²⁸ Oliveira, Elias de, 1934, p. 76

⁴²⁹ Nos debates gerados pela seca de 1877-1878, seja nos meios políticos oficiais, na literatura ou nos jornais já está presente o temor da ação das multidões esfomeadas, assim como os paradigmas deterministas sobre o meio e sobre o sertanejo. Criminologistas como Lombroso e Ferri também salientaram fatores climáticos e econômicos como agravantes da fúria coletiva.

As publicações do IHGB, e as obras da Criminologia brasileira divulgaram essas teorias.

Ver os artigos de Luciana Murari; Frederico de Castro Neves e Viviane Lima de Moraes na revista Projeto História- Nomadismo, Memórias, Fronteiras, 27-12-2003.

Ver também: Barbosa, Marta Emisia Jacinto, 2000

⁴³⁰ Villa, Marco Antonio, 2000, p. 170

Ver também Fontes, Paulo, op.cit, 2005

O jornal relata a seca de 1953, trazendo, a mesma manchete utilizada no tema sobre os mendigos: **A Volta da Legião dos Flagelados**

Uma foto espanta: um grupo de pessoas quase que deitadas toma água diretamente de uma pequena poça. Embaixo a legenda:

“Homens e crianças maltrapilhos e famintos se reúnem ao redor da cacimba para beber água pútrida, misturada com lama e contaminada, que lhes transmite a febre, a qual os irá derrubando um a um, na longa caminhada pelas estradas onde reverbera um sol inclemente”.⁴³¹

O texto curto e de certa forma anódino, que vem a seguir, procura ser objetivo, pedindo um plano lógico de combate à seca e afirmando que só as obras de engenharia não resolverão o problema se o aspecto humano for esquecido. Desta forma genérica e sem maiores explicações encerra-se a matéria. O que fica para o leitor é a visão chocante dos homens e crianças bebendo a água da poça e a legenda do drama pungente do homem submetido à inclemência da natureza.⁴³²

Por outro lado, nas matérias do ano de 1958, o jornal recupera as narrativas tradicionais sobre a seca, transportando o leitor, de forma emotiva para um universo como de ficção, e como se fosse mais um “Era uma vez”, repete uma conhecida história, de um tempo que parece cíclico: “o velho quadro dramático se repete mais uma vez na vida do município de Xique-Xique, premidos pela seca que assola o interior do estado Potiguar. Os seus habitantes estão deixando a comuna em busca de melhores terras e assim melhores dias. O campo está abandonado, com a terra seca, a lavoura reduzida ao nada, as árvores somente com os galhos queimados pela violência do sol.

Assim é o município que outrora era tão promissor e representava sinais de vida, o gorjeio dos passarinhos, o cantar dos galos e o cantar estridente das crianças. Agora tudo é silêncio tudo miséria e nenhum sinal de vida. Novos caminhos são procurados, novas terras entram nas cogitações do sertanejo vítima da inclemência do sol e da ausência de chuvas”.⁴³³

⁴³¹ Diário da Noite, 13-03-1953

⁴³² José do Patrocínio inaugura as reportagens sobre a seca no Nordeste, como repórter do jornal “Gazeta de Notícias” do Rio de Janeiro. Deslocou-se para o Ceará em 1878 com a missão de apresentar para o leitor “o que havia de medonho nas cenas de que ia ser expectador”.

Barbosa, Marta Emisia Jacinto, op.cit, p.101

⁴³³ Diário da Noite, 18-03-1958

Este trecho faz parte de uma grande reportagem que o leitor encontrará na décima sexta página, mas a chamada está na primeira e vem ilustrada com uma foto ampliada, como a de 1953: homens e crianças quase deitados no chão, tomando água de uma poça. Entretanto, agora, a ênfase está na manchete e tanto esta como a legenda adquirem outro teor: a manchete:

A MAIS TERRÍVEL SECA NO NORDESTE

Homens Famintos Invadem Cidades

Batalhões de flagelados fogem com fome e sede do alto sertão.

– saqueada feiras – lavouras totalmente destruídas. É grave a situação – advertência no Congresso Nacional.

A legenda: homens e crianças famintos invadem cidades do litoral do Nordeste em busca de água e alimentos. Cenas como esta (na foto) são comuns nas caminhadas que os flagelados fazem do alto sertão ao litoral.

Embora o clima hostil tenha assiduidade nas matérias fazendo do sertanejo um flagelado, este tema vai se deslocando, ocupando um espaço menor, vai cedendo lugar a uma assimilação do sertanejo com um mundo natural rude e, a “violência do sol” que produz a vítima digna de lastima, cede lugar à vítima tomada de violência instintiva, cede lugar ao saqueador.

As fotografias de 1953 e 1958 sugerem a súbita semelhança ou mesmo a redução daqueles homens e crianças à condição de animais. A elas juntam-se reportagens cujas manchetes anunciam que, para não morrerem de fome, nordestinos comem palmas e frutos destinados ao gado, tais como o pau-pedra, a macambira, o xique-xique, o mandacaru, e até, mesmo a venenosa mucunã. E o repórter indaga: - Isto alimenta? Não. Mas, o nordestino conclui:- “Se detém a fome do gado, mata a fome dos flagelados.”⁴³⁴ Este, aliás, já estaria bem perto da fronteira com o total primitivismo, pois o xique-xique, cactos rasteiro, com enormes espinhos, seria ingerido cru, somente alguns poucos podiam assá-los em fogueiras. E

Umberto Eco, comentando “Sylvie” de Gérard de Nerval, refere-se às possibilidades de utilização do pretérito imperfeito remetendo-se à ambigüidade deste tempo verbal, o que o torna adequado à narração de sonhos ou pesadelos. É ainda empregado nos contos de fada sugerindo um tempo impreciso, talvez cíclico. Eco, Umberto; 2009, p.19

⁴³⁴ Diário da Noite, 07-04-1958

o jornal alerta para a veracidade de sua afirmação que teria sido amplamente constatada, não sendo fantasia de escritores como muitos proclamavam.⁴³⁵ Segundo o redator, o homem sulino não consegue ter uma idéia do que era realmente a seca no nordeste. “Mesmo para o repórter mais arguto é difícil descrever os quadros de miséria que se lhe deparam”.⁴³⁶

As imagens e os textos destas reportagens são produzidas de modo a provocar no leitor civilizado uma sensação de promiscuidade inaceitável entre o homem e a natureza, aproximação de tal forma acentuada, repetida ao longo do tempo e difundida por um meio massivo de comunicação, que marcaria de forma duradoura a imagem do nordestino. Assim, do drama pungente da miséria e da desolação, o jornal passa a oferecer outras perspectivas de significação para o leitor.

Enormes manchetes começam a ocupar as primeiras páginas desde meados de março de 1958, anunciando o agravamento da situação no nordeste e a possível irrupção da violência, pois nem a chegada do equinócio, com previsões científicas de índices pluviométricos, nem as orações para São José trouxeram chuva. Então, o final do dia 19 de março, dia do santo e do equinócio, acabava também com a última esperança do sertanejo.

Com estes argumentos o jornal vaticina os dias de pânico que virão, preparando seus leitores para a “desesperadora situação no Norte do país”, para os “Milhares de flagelados na rota do Sul”.⁴³⁷

Alternando manchetes sobre a chegada dos flagelados às cidades do Nordeste, com a “fuga desordenada” para o Sul, o jornal estimula no leitor sentimentos que vão do estranhamento à apreensão e ao medo, produzindo estereótipos, criando condições para o exercício do preconceito e da discriminação.

Quando se referem aos acontecimentos na região do Nordeste as matérias privilegiam as invasões e os saques:

AGRAVOU-SE A SITUAÇÃO NO NORDESTE

Cidades Ameaçadas de Saque por Flagelados

Milhares convergem para a cidade cearense de Senador Pompeu - apreensiva a população – graves conseqüências para o abastecimento – fuga em massa-providências das autoridades

Despachos de Fortaleza adiantam que os flagelados de quase uma dezena de municípios do interior cearense convergem para a cidade de Senador Pompeu, cuja

⁴³⁵ Diário da Noite, 14-04-1958

⁴³⁶ Diário da Noite, 07-04-1958

⁴³⁷ Diário da Noite, 26-03-1958

população se encontra justamente apreensiva, temendo o saque por parte dos sertanejos famintos.⁴³⁸

CENTENAS DE FLAGELADOS NA MARCHA DO DESESPERO

Implorando Água e Comida Legiões Invadem Cidades

400 Retirantes Saquearam o Comércio em Triunfo

[...] As cidades de Flores, Serra Talhada, Afogados da Ingazeira, Triunfo e outras foram invadidas por legiões de flagelados que imploravam água e comida na sua marcha desesperada para o Sul. Em Triunfo residências e casas foram saqueadas por cerca de 400 retirantes. Todas as casas foram fechadas e a feira- livre também saqueada teve que ser suspensa.⁴³⁹

ATACADA A CIDADE POR FLAGELADOS

Serra Talhada, Pernambuco - Como tem acontecido com as diversas comunas sertanejas assoladas pela seca, esta cidade foi hoje atacada por 500 retirantes. Pessoas famintas e sem meios ou trabalho exigiram das autoridades providências para amenizar seus sofrimentos.

De Icó, interior do Rio Grande do Norte, chegou a notícia de que os flagelados desesperados, invadiram a cidade em número de 500. A situação destes miseráveis é a pior possível, e estão correndo grande perigo de assaltos as casas comerciais locais.

Na cidade de Senador Pompeu, um trem que se dirigia a Fortaleza, foi invadido por centenas de flagelados estabelecendo o pânico entre os passageiros.⁴⁴⁰

FLAGELADOS DA SECA INVADEM E SAQUEIAM CIDADES

Mães Oferecem os Filhos em Troca de Alimentos

“Tristes casos estão sendo verificados em Senador Pompeu, pois, premidas pelas contingências da situação crítica em que estão várias mães estão oferecendo seus filhos a pessoas mais favorecidas pela sorte.”⁴⁴¹

⁴³⁸ Diário da Noite, 24-03-1958

⁴³⁹ Diário da Noite, 26-03-1958

⁴⁴⁰ Diário da Noite, 28-03-1958

⁴⁴¹ Diário da Noite, 27-03-1958

O “desespero dos sertanejos famintos” era proporcional ao “pânico” da população das cidades diante da concentração de centenas e de até de milhares de flagelados dispostos a “assaltar” residências e comércio. As notícias sobre a seca também se referem a “providências das autoridades”; a “medidas de emergência”; “liberação de recursos”; “organização de frentes de trabalho”; “distribuição de alimentos”, mas elas mostram-se difusas diante do impacto das manchetes sobre as ações dos flagelados, que chegavam ao cúmulo de abrir mão dos próprios filhos, aceitando dissolver a unidade familiar e o encargo de proteção à prole. São vistos assim, como dispostos a tudo, transformados em turba, cujas ações são irracionais, imprevisíveis, gerando um sentimento de insegurança e o seu par, o medo. Medo das explosões repentinas, da violência inusitada, da concentração espontânea da multidão que ataca, que pilha e saqueia.⁴⁴²

Nas reportagens sobre a seca o Diário da Noite realiza duas operações simultâneas. Por um lado, fabrica o medo da multidão tumultuária que se forma nas cidades do Nordeste, por outro, conjura o medo, nomeando-o, tornando-o preciso e identificado: são os retirantes, os flagelados.⁴⁴³ E, um dos medos que ele fará circular nos anos 50, é o da concentração de migrantes na cidade de São Paulo.

Quando restritas à região do Nordeste, as matérias enfatizam o “drama” do clima hostil, da miséria, da fome, e principalmente privilegiam o nordestino como propenso a ações coletivas descontroladas, violentas, geradoras de insegurança social. Quando tratam da chegada de migrantes a São Paulo, tendo como tema a seca, a ênfase gira em torno do nordestino como flagelado/vítima, igualmente assustador, pois são doentes, esfomeados,

⁴⁴² Cf. Delumeau, Jean, 2001

Ver do mesmo autor: *Rassurer et protéger. Le Sentiment de Sécurité dans l'Occident d'Autrefois*, 1989

A partir dos anos 30 do século XX, com o estudo de Georges Lefebvre, “O grande medo de 1789” (1932), inaugura-se uma nova abordagem sobre o significado das ações da multidão que deixa de ser vista como ajuntamento de miseráveis que agem de forma espasmódica e violenta, para tornar-se um sujeito coletivo com expressão política própria cujos comportamentos por muito tempo julgados “desviados” ou “erráticos” têm sua construção própria, e estão ligados a sistemas de representações que exprimem os valores, as normas e as restrições sobre os quais a sociedade deveria repousar.

Julia, Dominique, 1998, p. 223

Segundo Arlete Farge, sob a aparência da impulsividade o que motiva a ação popular é uma construção de sentido fundada na leitura do que foi visto e percebido.

Idem, p. 225

Este tema também foi discutido também por George Rudé; Michelle Perrot; E. P. Thompson; N. Zimon Davis e Eric Hobsbawm entre outros.

Raramente o Diário da Noite informa sobre as providências exigidas pelos flagelados. Villa cita vários exemplos, como este, relativo à seca de 1958: os alistados em Taipu, Rio Grande do Norte, ameaçaram saquear o comércio local caso continuassem a receber o salário em latas de óleo.

Villa, Marco Antonio, op.cit, p. 177

⁴⁴³ Segundo Jean Delumeau, o Ocidente venceu a angústia nomeando ou mesmo fabricando medos.

Cf: Delumeau, Jean; op.cit

sujos, condenados a perambular, estranhos ao modo de vida e de trabalho urbanos:

MAIS UMA LEVA DE NORDESTINOS

Chegam como Animais

“Oito dias de viagem num ônibus infecto. Procedente de Recife chegou hoje às 08h30min, no ponto final da Rua Almeida Lima, esquina da Rua Castanheiro, um ônibus trazendo uma leva de nordestinos cujo destino é incerto e duvidoso. Os retirantes em número de 60 estavam em condições sanitárias dignas de lástima.”⁴⁴⁴

O jornal afirma que o ônibus “servia até para as dejeções” dando a impressão de um porão de refugiados das devastações de uma guerra, e finaliza: “recebemos famílias que não estão aptas para o trabalho, mas sim para dar entrada em hospitais. Fisionomias baças, macilentas, doentias, ali ficam com seus companheiros à espera de alguma medida que viesse aliviar seus males”.⁴⁴⁵

CINQUENTA E SETE NORDESTINOS ABANDONADOS À PORTA DA CENTRAL

A notícia tem início com o relato da prisão do motorista de um caminhão pau-de-arara em São Paulo:

Mais de 40 imigrantes, entre eles 17 crianças esfaimadas encontram-se postadas no Pátio do Colégio, ignorando por completo que destino tomar. Centenas de pessoas desfilando pelas imediações da Central, durante a manhã estacionam por alguns minutos movidas pela curiosidade e pela surpresa diante de um agrupamento miserável e mal cheiroso de um bando de mulheres magras e crianças doentias, sentadas na sarjeta em frente a alguns litros de leite vindos de caridade.

Vieram de Muriti no Ceará. Com a detenção do motorista que os levaria para uma fazenda de Presidente Prudente, não sabem o que fazer e a soltura do motorista pode levar meses.⁴⁴⁶

⁴⁴⁴ Diário da Noite, 10-19-1952

⁴⁴⁵ Idem

⁴⁴⁶ Diário da Noite, 11-1952

DOZE DIAS DE FOME NA ROTA DOS PAUS DE ARARA

Uma buzina e os portões da Hospedaria dos Imigrantes abriram-se de par em par; o caminhão entrou no pátio e despejou a carga humana. A medo, um a um, os retirantes foram descendo. Eram mais de 60 “massacrados” numa viagem infernal dentro do veículo.

[... Logo mais e eis que chega outro caminhão e ainda um terceiro.

Retirantes do Ceará, tangidos pela seca, utilizaram-se de uma frota de três paus-de-arara para chegar a São Paulo. Eram dez horas da manhã. Aqueles homens, mulheres e crianças com o cansaço estampado nos rostos macilentos, haviam viajado nada menos de doze dias na rota de fuga da seca.⁴⁴⁷

Em matéria posterior, de dezembro de 1958, sobre a “fuga para o Sul”, o jornal informa que os retirantes pagam caro a passagem, dois mil cruzeiros, para viajar “jogados como verdadeiros trapos humanos, famintos, maltrapilhos e doentes.”

Não só os relatos das viagens nos paus-de-arara depõem contra os nordestinos, pois eles próprios, independente das condições do transporte, seriam como que os hospedeiros naturais de inúmeras doenças contagiosas próprias das regiões mais atrasadas do país, colocando em risco a saúde da população de São Paulo. Em Outubro de 1952, o jornal anuncia:

TRANSPORTAM OS NORDESTINOS A TERRÍVEL ESQUISTOSSOMOSE

Afirma o Doutor Isnard Teixeira que o “problema é fruto do agravamento da crise econômica do Nordeste e das oportunidades de colocação dos trabalhadores.”⁴⁴⁸

A matéria trata de um colóquio que seria realizado na Faculdade de Higiene e Saúde Pública de São Paulo, cujo tema era a doença no Brasil. O jornal retira a afirmação do médico de um contexto mais amplo, particulariza a manchete e passa ao leitor a idéia de que o nordestino é o maior responsável pela disseminação da doença. Esse posicionamento se prolongará ao longo da década, principalmente durante a seca de 1958:

⁴⁴⁷ Diário da Noite, 23-05-1958.

O Prédio da Hospedaria dos Imigrantes foi inaugurado em 1888 nas proximidades da atual Estação Roosevelt, próxima da confluência da Estrada de Ferro Central do Brasil, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, e da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. Recebeu os trabalhadores imigrantes e posteriormente os migrantes principalmente a partir da década de 30. O prédio foi tombado em 1982.

Cf. Cruz Paiva, Odair da, 2001

⁴⁴⁸ Diário da Noite, 27-10-1952

MIGRAÇÕES NORDESTINAS ALASTRAM A ESQUISTOSSOMOSE

A esquistossomose está assumindo proporções no Brasil que começam a preocupar os homens de indústria. As migrações de habitantes de zonas infestadas do Norte e Nordeste funcionam como veículos de difusão de vermes causadores da moléstia até hoje incurável. [...] Observa-se que para maior incidência do mal, encontram-se as correntes migratórias de nordestinos e nortistas, fugitivos da seca ou de condições desfavoráveis de existência em sua terra, e que demandam o Sul dirigindo-se para lavoura.⁴⁴⁹

Informa que o Brasil na época era um dos maiores focos endêmicos da doença, ressaltando sua presença prioritariamente nos estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e nordeste da Bahia. A doença, típica de regiões onde não existe saneamento básico, seria mais uma confirmação do retardo do Nordeste. Na sua fase crônica e mais grave ocasiona aumento do fígado e do baço, e já seria tão comum que os nordestinos a conheciam popularmente como “Barriga D’água” ou “Barriga Grande.”⁴⁵⁰

Essa percepção do migrante como portador de doença contagiosa combina com a percepção de “atraso” da região que foi muito enfatizada pelo jornal a partir de 1958, atraso que não se restringia apenas às condições naturais, mas seria também econômico, político e social.

Para o Jornal o sertanejo é o eterno flagelado cuja vida era um calvário de fome e doença. O sofrimento iniciava-se com o custo de vida mais alto que o de São Paulo e Rio de Janeiro e com o salário que não atingia o mínimo exigido por lei. “Por isso, toda a família tinha que trabalhar para suprir as deficiências do ganho”. As crianças vendiam jornais desde as cinco horas da manhã; pão empilhado em caixotes; cigarros por unidade ou faziam jogo do bicho. As mulheres passavam o dia “jogando bilros”, fazendo renda para ajudar no orçamento familiar. O aluguel de um pardieiro imundo custava 900 cruzeiros, sendo que o salário máximo de um comerciário era de 2000.

Algumas conseqüências destas condições seriam a péssima alimentação e o elevado índice de mortalidade infantil. De 100 crianças nascidas no Ceará, apenas 60 ultrapassavam o primeiro ano de vida. Quarenta morriam de desidratação, de tétano umbilical, de anemia, além do alto índice de paralisia infantil. O desamparo refletia-se também na elevada taxa de

⁴⁴⁹ Diário da Noite, 08-04-1958

⁴⁵⁰ Idem

tuberculose no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Estados onde havia carência de hospitais, de sanatórios e de Centros de Saúde e, os que existiam abrigavam um número de enfermos muito maior que a sua capacidade.

No Sanatório “Getúlio Vargas” em Natal, as camas estavam colocadas umas sobre as outras como se os doentes estivessem expostos em “prateleiras”. Onde cabiam 40, estavam alojados 119 tuberculosos, em quartos de cinco por 8 metros, além daqueles que sem ter para onde ir, perambulavam pelas ruas.

No Ceará em 1959, ainda segundo o jornal, estavam registrados 2000 hansenianos e nesse mesmo Estado, os registros de tracoma, doença contagiosa dos olhos, chegavam a 4300, além de grassar por toda a região a difteria, o tifo e o tétano. E isto se sabendo que as estatísticas eram falhas, não davam conta da realidade.

A falta de água era crônica, mesmo entre a classe média e os ricos. “Esgoto? Não é conveniente falar muito. Outra calamidade.”.⁴⁵¹ Visitando um bairro pobre de São Luis, os repórteres constataram que as casas de madeira eram sustentadas por quatro paus, e que embaixo corriam todos os detritos. “A fedentina era insuportável.”. Visitaram também outros bairros em companhia do Secretário de Saúde e era “a mesma imundície por falta de esgotos. Mosquitos formam verdadeiros exércitos. É impossível dormir.”. E concluem: Assim é todo o Nordeste.⁴⁵²

No período da seca, o atraso natural da região associava-se à incúria das autoridades, que permitiam que os flagelados fossem espoliados do pouco que recebiam do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, que lhes pagava em vales-papel, por serviços prestados nas estradas em construção. Esses vales eram trocados por latas de óleo e cigarros. O óleo era vendido no comércio local com descontos de 30 a 40%, na troca por alimentos básicos.

No Rio Grande do Norte, o trabalho era pago com carteiras de cigarro na base de CR\$ 10,00 cada, quando o valor comercial era de CR\$ 7,50. Os vales eram trocados também por agiotas com descontos de 20 a 30%.⁴⁵³ Permitia-se que crianças de oito a doze anos, trabalhassem nas obras de emergência, carregando terra ou quebrando pedrinhas que seriam usadas na pavimentação de estradas em jornadas que iam das 6 da manhã às 6 da tarde.⁴⁵⁴

Compondo ainda o cenário de atraso, o jornal coloca a resignação do sertanejo, “que espera um futuro melhor, não de riqueza que o nordestino não tem grande ambição- mas o

⁴⁵¹ Diário da Noite, 30-09-1960

⁴⁵² idem

⁴⁵³ Diário da Noite, 14-04-1958; 23-05-1960

⁴⁵⁴ Diário da Noite, 14-04-1958

estomago cheio e uns panos para cobrir o corpo.”⁴⁵⁵

Assim, o jornal reafirma para o leitor que independentemente da seca, é o Nordeste na sua totalidade que está fadado ao fracasso:

**NÃO É SÓ A SECA QUE EXPULSA OS NORDESTINOS. QUARENTA
CRUZEIROS POR DIA PARA ALIMENTAR 11 BOCAS.⁴⁵⁶
VIVEM ETERNAMENTE O FLAGELO DO DESAMPARO
ASSISTENCIAL.**

**MARTÍRIO DO NORDESTINO COMEÇA COM A FOME E FINDA COM A
MORTE VÍTIMA DE ENFERMIDADE.⁴⁵⁷**

**VENDEM-SE LATAS D'ÁGUA A 2,50 NOS DOMICÍLIOS NORDESTINOS:
MUIÉ RENDERA”, JOGO DO BICHO E ÁGUA
SALVAÇÃO DOS QUE NÃO GANHAM PARA COMER⁴⁵⁸**

É interessante observar o tom sarcástico em torno do qual foi construída esta manchete, que dirige a atenção do leitor para o “Muié Rendera”, enfatizando a linguagem popular, e é a única expressão que se apresenta totalmente com letras maiúsculas.

Talvez o quadro com as imagens negativas do Nordeste e dos nordestinos pudesse ficar completo com a reportagem de 22 de dezembro de 1958: **“Fechadas as estradas para impedir a entrada da “erva maldita.” Está faltando maconha para o “réveillon” e o carnaval.”**

Segundo a matéria, policiais do setor de entorpecentes estavam “vasculhando” todas as bagagens dos paus-de-arara procedentes do Norte e do Nordeste: “Como é sabido, a maconha utilizada em nossa Capital, em sua quase totalidade, é procedente dos Estados do Norte e Nordeste. Elementos que se dedicam ao comércio de entorpecentes trazem a “erva maldita” como se isso fizesse parte de suas bagagens.”.

⁴⁵⁵ Diário da Noite, 23-05-1958

⁴⁵⁶ Diário da Noite, 26-05-1958

⁴⁵⁷ Diário da Noite, 23-05-1960

⁴⁵⁸ Diário da Noite, 30-09-1960

O jornal informa que a Delegacia de Costumes e a Polícia Rodoviária pretendem realizar “batidas” constantes nas estradas para impedir o tráfico da maconha. Conclui sinalizando mais uma vez para o leitor, a região de migração como sendo um território violento e sem lei, pois nas “batidas” muitas “peixeiras” eram encontradas em poder dos motoristas e seus ajudantes que se justificavam afirmando: “andar desarmado nas estradas da Bahia, Pernambuco e Minas é arriscar a própria vida. Quando menos se espera os assaltantes se atiram contra a gente dispostos a matar para roubar.” Nas fotos aparecem mulheres abrindo as bagagens e homens sendo revistados pela polícia.⁴⁵⁹ Estas imagens contribuem para formar a opinião do leitor sobre “os nordestinos que se dirigem para o sul”; “tangidos pela seca”.

Em maio de 1958, o jornal informa que: “Uma após outra chegam as caravanas. Caminhões despejam a carga humana diante da Hospedaria dos Imigrantes, que em nenhuma época anterior teria recebido um número tão elevado de retirantes.” “Segundo estatísticas do Serviço Social da Hospedaria, no mês de maio de 1958, teriam passado pela rua Visconde do Parnaíba: dia 10: 622; dia 11: 501; dia 12: 450; dia 13: 371; dia 14: 445; dia 15: 354; dia 16: 324; dia 17: 436 e dia 18: 447.”⁴⁶⁰

Se em 1954, o jornal trazia manchetes assustadoras como: **“Um milhão de nortistas em São Paulo,”** referindo-se à evasão do campo para a cidade, o que provocaria a escassez de gêneros devido ao aumento de consumidores nos centros urbanos, agora, em 1958, a evasão teria assumido as proporções de êxodo rural:

Vem-se alarmando de maneira dolorosa, como consequência da seca no Nordeste, o êxodo humano rumo ao sul do país. A calamidade assume caráter nacional, pois os flagelados na eminência de sucumbirem na zona atingida pela seca deslocam-se para regiões mais amenas acarretando para os estados sulinos, despesas cujo valor se empregado no “polígono da seca” poderia resolver parte do problema, fazendo pelo menos diminuir a imigração que tantos malefícios para o desenvolvimento da nação têm provocado.⁴⁶¹

A matéria destaca que o êxodo transformou-se em fuga desesperada que chegava a comprometer o trabalho de imigração organizada e o atendimento do Serviço Social. Afirma que levas de migrantes doentes, nus, famintos, sem dinheiro, não só fugidos da seca, mas

⁴⁵⁹ Diário da Noite, 22-12-1958

⁴⁶⁰ Diário da Noite, 23-05-1958; 26-05-1958

⁴⁶¹ Diário da Noite, 22-11-1954; 24-05-1958

iludidos à procura de outra vida e , no entanto, inaptos para o trabalho nas regiões necessitadas de braços, tornam-se uma população flutuante, “vivendo em estarrecedora promiscuidade nas viagens pelos vagões da Central do Brasil ou nas carrocerias das caminhões.”⁴⁶²

Outras reportagens referem-se à sazonalidade e às péssimas condições de trabalho, com baixa remuneração e exploração de crianças, principalmente com relação à frente agrícola do norte do Paraná, resultando na expulsão do migrante dessa região que, pela obtenção de passes para viagens de trem “passeavam” de cidade em cidade, num ir e vir, andando a esmo em busca de trabalho.

Dão-se-lhes sem nenhum controle o direito de viajar para onde queiram, quando queiram e quantas vezes o entendam. O pior de tudo é que a desgraça toda cai sobre São Paulo. Não encontrando colocação nas fazendas, buscam os Nordestinos, fugir à fome lançando-se em aventuras por nosso Estado. Aqui chegam doentes, e por excessiva sensibilidade dos prefeitos e delegados de polícia são enviados para São Paulo, para serem internados no Hospital das Clínicas, onde as vagas são contadas e mal chegam para os nossos.

O redator conclui:

o que vão encontrar aqui por leito é um sujíssimo passeio público, ou um portal de edifício. Assim nascem os mendigos.”⁴⁶³ E com eles, “os espetáculos deprimentes de milhares de nordestinos exibindo nas ruas da Capital sua miséria degradante, a miséria de mulheres macilentas, crianças nuas tiritando de frio, homens em estado

⁴⁶² Diário da Noite, 24-05-1958

⁴⁶³ Diário da Noite, 10-02-1958; 14-01-1958

Odair da Cruz Paiva discute a migração para São Paulo nas décadas de 1930-1950, e chama a atenção para a mobilidade do migrante no período: “A intensa sazonalidade desses trabalhadores dentro do Estado de São Paulo, num processo rural -(Nordeste)-rural-(Interior paulista) e rural- urbano permitia que esses migrantes afluíssem para as cidades, inserindo-se nas atividades urbano-industriais.” O autor demonstra que o fluxo migratório rural-urbano, com a Capital como destino também já era importante, desde a década de 40. Paiva, Odair da Cruz, 2004, p.33; p. 88.

Vários outros autores salientam essa perspectiva. Seus estudos localizam no final dos anos 40 e durante a década de 50, os migrantes trabalhando na construção civil, no “chão das fábricas” ou em serviços domésticos. Entre 1951-1960 a cidade de São Paulo recebeu 950.093 migrantes.

Cf. Berlinck Manoel, Hogan, Daniel, 1974, p. 12

Ver também : Fontes, Paulo, 1997, 2005. Negro, Antonio Luigi, 2005. Estrela, Ely Souza, 2003

Sobre as migrações para o Norte do Paraná ver: Graham, Douglas e Holanda f., Sérgio Buarque de, 1984.

de debilidade física, infelizes, famintos, andando à toa pela cidade, inaptos para o trabalho.⁴⁶⁴

Nesses anos, o Diário da Noite coloca à disposição do seu leitor, simultaneamente, várias possibilidades de leitura do nordestino: como mendigo, visto como falso em grande parte das vezes; como indigente, como ingênuo, como vítima flagelada, desempregado ou homicida, silenciando sobre sua participação na formação da classe trabalhadora de São Paulo que garantiu o desenvolvimento do projeto de modernização do país na década de 50.⁴⁶⁵ E, se o Diário da Noite faz circular o efêmero, o diverso, o ambíguo, será pela repetição paciente dos mesmos temas e das manchetes e fotos chocantes, que diariamente aparecem e parecem novos, que ele criará condições para estabelecer formas de crer, fabricará desejos de exclusão, de discriminação, de afastamento, tornando-os justificáveis, pertinentes, como fazendo parte da esfera do bom senso. Desejos que um sentimento de piedade também divulgado: **“Ajude-mos Nossos Irmãozinhos do Nordeste”** não elimina, mas complementa, alimentando a imagem do nordestino como um inútil, como um peso para os paulistas.

Assim, o Diário da Noite consolidou e criou novos significados para a presença do nordestino na cidade de São Paulo. E, tanto como significados impostos podem ser transgredidos, também podem ser bem assimilados.⁴⁶⁶

Da eficácia da proposta do Diário da Noite talvez sejam bons exemplos a fala da moradora da Mooca em 1989: **“Eles empestaram tudo, deveria voltar tudo pra lá”** e a manchete do “Jornal do Brasil” de 1987: **“País Não Tem Lugar Para Migrantes”**⁴⁶⁷

⁴⁶⁴ Diário da Noite, 20-03-1953; 27-05-1958

⁴⁶⁵ Sobre essa participação ver: Paiva, Odair a Cruz, 2004; Fontes, Paulo, 1997 ; Berlinck Manoel; Hogan, Daniel, 1974; Negro, Antonio Luigi, 2005 e Holanda Filho, Sérgio Buarque de, 1984.

⁴⁶⁶ Contra uma visão simplista que supõem a servidão dos leitores quanto às mensagens inculcadas, lembre-se que a recepção é criação e o consumo produção. No entanto contra a perspectiva inversa que protesta a absoluta liberdade dos indivíduos e a força de uma imaginação sem limites, lembre-se que toda criação, toda apropriação está encerrada nas condições de possibilidade historicamente variáveis e socialmente desiguais.

Chartier, Roger, op.cit., 2001, p.XIII

⁴⁶⁷ Pires do Rio Caldeira, Teresa, op.cit., p. 29;

Jornal do Brasil, 12-07-1987, apud, Revista Travessia, set-10, 1988, p.07

4 – IMAGENS

OS INUTEIS NA CIDADE

Novo e vasto pátio dos milagres a Paulicéia

HORDAS DE PEDINTES INVADEM SÃO PAULO

Mendicância, escola do vício e do crime — Inércia das autoridades policiais e da Assistência Social — Megeiras beliscam os bebês para que chorem e inspirem compaixão (Leia na página 14)

CHEVRO

A MENDICÂNCIA se estende a todos os pontos centrais da cidade. Nos viadutos, nas igrejas, nas praças principais, legiões de pedintes exibindo toda a sorte de miséria e andrajes constituem um espetáculo horripilante para o público, mas não conseguem demonstrar as necessidades de assistência social ou as condições, conforme o caso, de sua inclusão.

Rece da f n

Diário da Noite, 05 de Julho de 1956.

TODAS AS VITIMAS ENVENENADAS COM ARSENICO — FICOU IMPUNE DURANTE 25 ANOS — SENSACIONAL JULGAMENTO EM POITIERS, NA FRANÇA

POITIERS, 14 (A. P. F.) — Sob a terrível acusação de ter envenenado sua mãe, seu marido, seus irmãos e cinco outras pessoas, Marie Desgard vai comparecer diante do Tribunal de Poitiers, dia 20 do corrente. Será, sem dúvida, um dos grandes casos criminais destes últimos cinco anos, e dez ou vinte audiências serão necessárias aos debates. Esta que se chamava outrora "Bichvilliers de London" tem hoje 56 anos. Filha de agricultores de Viena, desposou, em primeiras nupcias, Auguste Antigny, falecido em 1880. (CONCLUIRE NA 2ª PAGINA)

EBRIOS E MISERAVEIS TOMAM DE ASSALTO A POLÍCIA

LEGIÕES DE LOUCOS

REINAM NAS RUAS DA CIDADE



CONSTANTE PERIGO PARA A POPULAÇÃO — APENAS QUATRO DEMENTES INTERNADOS POR DIA — COMO ESTÁ SENDO EMPREGADO O DINHEIRO DOADO À POLÍCIA — ESCARRAM SANGUE NOS CORREDORES DA REPARTIÇÃO — ESTRANHO MODO DE AGIR DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS

Reportagem de Nelson Gatto

É sempre amargo para um repórter — como para qualquer cidadão — presenciar os quadros dolorosos que, ditados pelos caprichos da vida, se repetem diariamente na plantão da Polícia Central. Tiberius, o homem que sempre aparece na porta da polícia, é um dos muitos que vivem no limbo da sociedade. Ele é um homem de rua, um homem que não tem lugar em casa, um homem que não tem ninguém para se virar. Ele é um homem que vive no limbo da sociedade, um homem que não tem lugar em casa, um homem que não tem ninguém para se virar. Ele é um homem que vive no limbo da sociedade, um homem que não tem lugar em casa, um homem que não tem ninguém para se virar.

Diário da Noite, 15 de Junho de 1952.

(Conclui na 12.ª página)

LIMPEZA NA CIDADE, DE PONTA-A-PONTA

MENDIGOS E VAGABUNDOS CAÇADOS PELA POLÍCIA

ocorrido a briga a pescaria estava automaticamente estragada.



Entre trinta e poucos indivíduos detidos, dois terços exploravam a caridade pública — Dois menores maconheiros e outros três que acompanhavam conhecido ladrão

Cumprindo determinações do secretário da Segurança Pública, o delegado Ely Mourão, titular da especializada de Vigilância e Capturas, realizou várias diligências nos diversos quadrantes da cidade, num serviço excepcional de repressão a indivíduos que se entregam à ociosidade e consequente prática da mendicância. Durante a noite de anteontem e na manhã de ontem, nos diversos pontos da cidade, foram detidos mais de três dezenas de indivíduos, vinte dos quais exploravam a caridade pública.

Foi, ainda, assinalada a detenção de dois menores, ambos de 17 anos, em cujo poder foi apreendido um "pacau" de maconha.

(Conclui na 12.ª página)

Os pedintes, cujas idades variam de 27 a 57 anos, colhidos na "batida" policial, momentos antes de serem encaminhados à secção competente. De aspecto repulsivo pela falta de higiene e chagados, ofereciam um triste espectáculo nas ruas da cidade.

Diário da Noite, 24 de Janeiro de 1958.



No foto parte dos 102 desajustados da sociedade detidos na primeira investida da guerra contra a mendicância

ME DÁ UM DINHEIRO AÍ

PRIMEIRO DIA DA GUERRA CONTRA A MENDICANCIA: 102 DETIDOS

Retirados os mendigos dos principais pontos da cidade — Espetaculo contristador na 8.^a Delegacia — Homens fortes, aptos para o trabalho, mas que preferem viver explorando a caridade publica — Suspeitos de estarem foragidos da Justiça: 5 — 30 menores entre os mendigos detidos — (Reportagem de VICENTE ABRAMO — Fotos de WALTER FREITAS — (LEIA NA PAG. 10)

KIS

Diário da Noite, 10 de Março de 1960.

... (Leia na pag. 2)

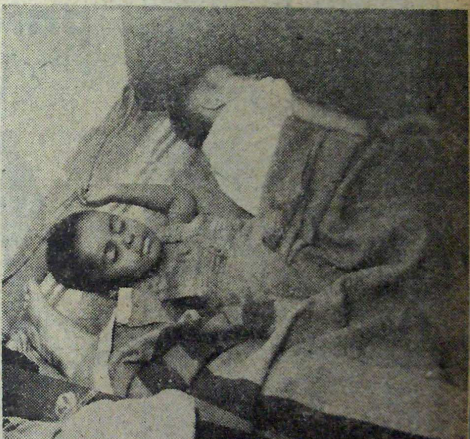
superior do estômago. (Foto da UPI).

CHEGAM DO INTERIOR E DOS ESTADOS VIZINHOS:

Famílias inteiras engrossam na cidade o exército dos famintos

Drama pungente em pleno centro — Problema identico ao dos retirantes da seca — População flutuante cresce dia a dia — Abrigo não é suficiente — Fome e desespero nas ruas —

LEIA NA 2ª PÁGINA




aterragem forçada
tar socorro
pediu ajuda

(al) — Seguiu hoje para a emboc
ravana de socorro, a fim de recu
o m
fil
ira
ro,
ais
es,
a
do
a
or-
os,
bra
ra,

EM PLENO CENTRO DA CIDADE — Há varios dias esta familia passa fome na praça da Biblioteca. Com os dois filhos menores, a mãe adoentada chegou do Interior para mudar de vida. Como essa familia, muitas outras abandonam seus lares e vem para a Capital tentar a sorte. Aqui, tristemente, acabam engrossando o exército dos famintos que compõem a população flutuante. (Fotos de HEITOR HUI).

FAZENDA CHURRASCARIA

PAISAGEM TRISTE ENTRE RESTOS DAS MESAS FARTAS



"Ajude a manter a cidade limpa", eis o que está escrito na cartazeta do cantinho da Prefeitura. Os lixeiros usam o que foi lançado às calçadas e sacarias. Os sem-dinheiro, porém, sabem a lição e ajudam a manter a cidade limpa.

Legião da fome fareja o lixo!

De madrugada, quando a cidade decana, os sem-dinheiro embriagam as folhas de jornais que lhes serviram de colchão nas reentrâncias dos edifícios ou à sombra das marquises. Erguem-se e caminham. Pelas ruas, antes do amanhecer, cruzam-se com outros sem-dinheiro que dormiram nos terrenos baldios, nas locas, nas casas abandonadas. Cruzam-se e não trocam palavras. É preciso caminhar, chegar primeiro. Os holofotes dos carros que passam pelo centro, pelos arrabaldes, iluminam vultos fantasmagóricos. Pois os sem-dinheiro vestem andrajos, têm os cabelos desgrenhados, o rosto manchado pelo travesseiro de terra crua ou tinta de jornal. E os passos dos sem-dinheiro são passos de quem caminha para a morte. Caminhada de fome e fareja alimento no lixo.



(Leia na última página do jornal o que conseguiu "salvar" do lixo, a mãe leva a sacola e a filhinha na maleta de colchão, enquanto os filhos maiores a acompanham na esperança de uma boa "refeição", te cedendo). Amanhã, voltarão a procurar comida, ao lado do exército dos sem-dinheiro.

10 IDBITALSE

OS PERIGOSOS

Ano XXXI São Paulo, sábado, 22 de dezembro de 1956 N. 9.790

SELVAGEM



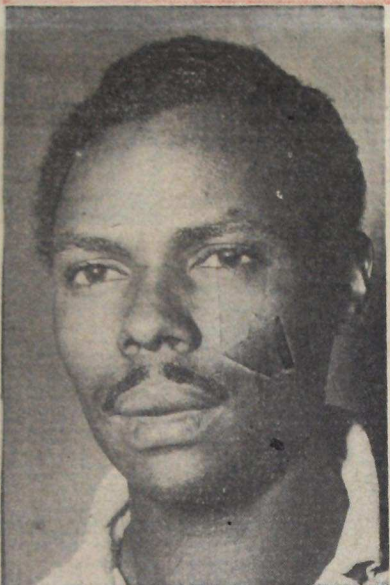
Conforme noticiamos em nossa última edição, na manhã de ontem, em Guarulhos, o servente de pedreiro José Ferreira da Silva, alagoano, de 34 anos de idade, casado e pai de cinco crianças, por ter sido despedido do emprego que exercia num prédio em construção naquele município, munuiu-se de duas "peixeiras" e abateu o chefe de serviço, Wladimir Kurilas, com cerca de vinte pontacos. Perseguido por populares que tentaram linchá-lo, o barbaro homicida escondeu-se num matagal, onde pouco depois foi preso por um soldado da Aeronautica e entregue à policia. Uma das facas, o selvagem atirou fora, ficando de posse apenas da outra. Mesmo preso, o alagoano quase foi justicado por populares que, armados de cacetes e outros instrumentos, procuraram arrancá-lo das mãos dos policiais, tal a revolta que o seu crime lançou no espirito publico. Na foto, o barbaro servente de pedreiro aparece apenas de camiseta e calção, porque, para melhor empreender a fuga, o que não levou avante por se ter ferido gravemente em uma das mãos, se despira das demais peças do vestuario.

em sobressalto.

ESCLARECIDO O CRIME DA VILA RÉ

Matou o jovem operario a golpes de "peixeira"

O criminoso disse que não conhecia a sua vítima. — Depois de eliminar a moça, trocou de camisa e voltou para o salão de baile, onde foi preso — Diligências coroadas de êxito da Delegacia de Homicídios



NAO CONHECIA A VITIMA
José Moreira, confessou o crime, esclarecendo que não conhecia a vítima, que era perseguida por varias pessoas e teve seus passos interceptados por ele.

A Delegacia de Homicídios esclareceu ontem, o crime de morte ocorrido sábado ultimo, na rua Ilungassu, na Vila Ré, pouco antes das 24 horas, onde foi morto Severino Freire da Silva, de 21 anos, solteiro, encalhoideiro de profissão, morador na rua Serapião, 561, com mortal facada no peito. O criminoso foi identificado como sendo José Moreira, de 23 anos, solteiro, ajudante de electricista, morador na rua Ravena Ré, s/n, em Vila Ré, que fora detido, por suspeita, juntamente com cerca de vinte pessoas, logo após a tragedia. Todos os delictos frequentavam os bailes do Gremio Esportivo "Onze Caprichosos".

PERSEGUIÇÃO E MORTE
Segundo ficou apurado pelo adjunto Emilio Mattar e sua equipe, os antecedentes da ocorrência tiveram origem no interior do salão de baile da aludida entidade, onde a vítima foi recusado por uma jovem. Nesta altura, declarou que a moça não dançaria com mais ninguém. Houve intervenção do "mestre sala" e alguns diretores. O rapaz foi posto para fora e ameaçado de agressão. Procurou fugir, sendo perseguido pelos individuos "Pelico", "João Crica" e "Bacalhau", alcunhas de Agostinho Mendes Quintal, João Eder.

(Conclui na 20.ª pagina)

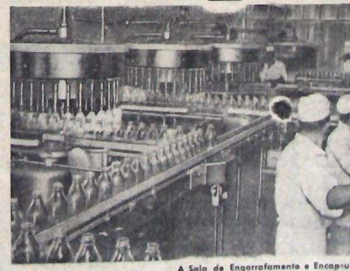


OCINIO — Investigadores da Delegacia de ontem, conseguiram efetuar a prisão, em se Stela Aparecida Sales, vulgo "Ester", de pradora na praça Marechal Deodoro, 376, e 43, onde foram surpreendidos diversos referida habitação. Na foto, a exploradora do lenocinio.



Leite VIGOR

A VIGOR POSSUE O MAIS MODERNO E APERFEIÇOADO APARELHAMENTO DO MUNDO



A Sala de Engraxamento e Encapsulamento automático, é irradiada com 16 baterias de raios ultra-

NINGUEM SABE PORQUE SE ODIAM OS DOIS PARAIBANOS

ASSASSINADO PELO PRIMO A GOLPES DE "PEIXEIRA"



Arlindo Miranda da Silva,
o criminoso

Mesmo depois de tombado no chão, gravemente ferido, o moço recebeu outros pontapões, num total de dez ferimentos — Fugiu o assassino

Havia entre os dois jovens uma animosidade originada por motivos fúteis. Eram primos e, juntos com seus familiares, vieram da Paraíba para residir em São Paulo. Ficaram sendo vizinhos numa rua do bairro de Vila Maria. Com o correr do tempo, mais de um ano, os dois primos passaram a se odiar. Não conversavam e quando se encontravam olhavam-se ameaçadores. Por fim, na noite de sábado, no último encontro surgiu o episódio de sangue. Após rápida discussão um dos antagonistas recebeu violento golpe de "peixeira" caindo ao solo ensanguentado. O agressor fugiu, tomando rumo ignorado. E a vítima foi removida para o Hospital das Clínicas, onde faleceu.

10 GOLPES DE "PEIXEIRA"

Severino Ramos de Melo, de 29 anos, solteiro, operário, residente na rua Antonio Fonseca, 184, é a vítima. O agressor, Arlindo Miranda da Silva, de qualificação ignorada, residia na mesma rua, no n. 194, no bairro de Vila Maria. Por volta das 20 horas de sábado, encontraram-se nas proximidades de suas moradias. Como de outras vezes passaram a discutir, por motivos ainda ignorados. E Arlindo em dado momento não titubeou em esfaquear seu primo, com uma "peixeira", aplicando-lhe mais de 10 golpes. Ainda no solo, Severino recebeu mais alguns golpes do criminoso que mais parecia um insano. E Arlindo fugiu aproveitando-se do lugar sem iluminação. Severino, esvaindo-se em sangue, bradava por socorro. Seus familiares, depois o encontraram ainda com vida e providenciaram a chegada da polícia. Uma R. P. transportou o ferido em estado gravíssimo para o Hospital das Clínicas, por volta das 22.30 hs. E Severino ao dar entrada na sala de operações não pôde resistir aos ferimentos e faleceu. O corpo, após as formalidades legais, foi removido para o necrotério do Araçá.

BUSCAS

Tomou conhecimento do caso a autoridade da Zona Norte, delegado Pedro Deodoro Martins Fontes, que no local tomou as primeiras providências. Com auxílio de uma viatura da R. P. foram efetuadas buscas naquele bairro, porém, infrutíferas. A procura ao criminoso se prolongou até às 8 horas da manhã de domingo. Mas nada resultou e não se a apreensão da arma. O inquérito instaurado pelo Plantão da Zona Norte terá prosseguimento pela 21.ª Delegacia Distrital.



Severino Ramos de Melo foi
abatido com violentos golpes
de "peixeira", desferidos pelo
próprio primo

Diário da Noite
1ª EDIÇÃO

Ano XXXIII São Paulo, 2.ª-feira, 14 de abril de 1958. N. 10.184

**POR CAUSA DE
UM ASSASSINATO**

Diário da Noite, 14 de Abril de 1958.

ASSASSINOU A GOLPES DE "PEIXEIRA" A ESPOSA E OS DOIS FILHOS DO CASAL

PRESO O FALSO



Zuleika Marques Alves foi barbaramente assassinada no momento em que dormia. Quatro golpes de faca-peixeira mataram-lhe a vida. Seus dois filhos também foram ceifados na horrível chacina.

Consumados os três crimes, tentou suicidar-se enterrando o mesmo arma no próprio ventre — Para não escapar à morte, abriu antes as torneiras de gás — Zelador e moradores, atraídos pelo horrível cheiro, depauperaram com o quadro tétrico — Fora de perigo o assassino que, segundo seus parentes, já sofreu de moléstia nervosa e se encontrava em situação financeira bastante dificultosa



Arivaldo Alves, talvez em consequência de moléstia nervosa, a da precária situação financeira em que se encontrava, matou a esposa e seus dois filhos, tentando, a seguir, dar cabo da vida.

TENTOU SUICIDAR-SE

O triplicado homicídio, que não teve testemunhas, teria ocorrido às últimas horas da madrugada de hoje e Arivaldo Alves — não se sabe se logo após à sua perpetrado ou se mais tarde — decidiu por termo à própria existência. Para tal, abriu os bicos de gás do aquecedor, do banheiro, e do fogão, na pequena cozinha, e, com a mesma "peixeira" com que ceifara a vida de sua esposa e de seus dois filhos, golpeou-se na região abdominal. Quando o apartamento foi invadido, ele estava inclinado sobre a grade do berço de Elaine e a arma em cima da cama do casal.

Depois das providências de praxe, as autoridades determinaram a remoção dos três cadáveres para o necrotério do Gabinete Médico-Legal. Os motivos determinantes da brutal chacina não foram, ainda, apurados, mas segundo os ocupan-

tes de outros apartamentos a harmonia parecia estar entre Arivaldo e Zuleika, que haviam se casado há quatro anos. Pelo menos, isso é o que apontam algumas pessoas. Mas, por outro lado, parentes de Arivaldo afirmaram que o peixeiro (1 filho só), há alguns anos, submetido a tratamento de moléstias nervosas, em casa especializada, na cidade de Campinas. Sua situação financeira atual era bem precária e, por isso, ou ainda, por saber que Zuleika estava grávida, viria a ficar, implicando com a esposa e com as duas filhas crianças.

Segundo informações que obtivemos na Santa Casa, o autor da chacina deveria sobreviver, na vez que os policiais com que pretendia suicidar-se não são tão graves, que possam causar a sua morte e que o perigo da intoxicação já passa. Talvez, não pôde, ainda, prestar declarações à Polícia.

ATROPELAMENTO

Na Avenida, Regente veio de encontro ao prédio — 254, km da Água Rasa, às 18 horas, ontem, Domício — Romão, 28 anos, solteiro, residente na rua dos Templários, 8, na Vila Puri, foi atropelado pelo ônibus de prefixo 10.60, na linha "Vila Santa Isabel", dirigido por Alvaro Marques, quando ia para o trabalho, na rua Antônia de Souza, 113, Domício, que estava na rua do crime dos estranhos. O ônibus da Cia. de Ônibus, após o acidente, foi levado para o Hospital da Clínica, onde se encontra a falecer.

EMBRIGADO, ACOMPANHOU UM LADRÃO NUM ASSALTO

SANTOS, 10 — Da sucursal do DIÁRIO DA NOITE — Um quadro chocante foi presenciado por Miguel Givoni, relator do edifício "Araucária", situado na rua Embaixador Pedro de Toledo, 8, no bairro do Boqueirão, e outras pessoas ali também morando, ao perceberem, hoje, por volta das 13.30 horas, no apartamento 404, localizado no quarto andar do prédio.

QUADRO TETRICO
O forte cheiro de gás que exalava por debaixo da porta de entrada do apartamento 404, foi que levou aquelas pessoas a entrarem ali. Enquanto algumas delas acreditavam que o gás era escapado aberto e que ali não havia ninguém, outras não hesitaram na preocupação de que ali havia uma situação de emergência. Todavia, logo estavam de imaginar as proporções da tragédia provocada pelo marido do apartamento, Arivaldo Alves, de 33 anos, casado, natural de São Paulo, vendedor ambulante de peixe. Utilizando-se de uma faca-peixeira, ele assassinou sua esposa, Zuleika Marques Alves, de 32 anos, natural de São Paulo, e seus dois filhos, menores de idade e o menino Edair, de 3 anos de idade.

A Polícia foi avisada e, logo após, ali compareceram os delegados Renato Leite Santana, de serviço no Central, Eduardo Vitor Paiva, titular da Primeira Delegacia, o estagiário Edmundo Lellis e o perito I. P. T. sr. Orlando Bialli.

Encontrado com vida, embora ferido a faca na região abdominal e intoxicado pelo gás, Arivaldo Alves foi numa ambulância transportado para o Hospital de Pronto Socorro, sendo, após, internado no Hospital da Santa Casa.

Os cadáveres das desventuradas crianças foram encontrados em seus berços, colocados o da menina, à direita da cama do casal, e o do menino, à esquerda. Elaine, solteira nas costas, teve seu corpo atravessado pela lâmina da "peixeira". Ao eliminar Edair, Arivaldo, desferiu-lhe quatro violentos e profundos golpes nas costas, o que bem revelava a sanha sanguinária e selvagem com que agiu.

Segundo se presume, o peixeiro teria eliminado os filhos depois de assassinar sua esposa. Desangustados, seus corpos foram deixados após, por Arivaldo, em seus berços, em decúbito dorsal, como se estivessem dormindo tranquilamente. Edair seguira, na sua macinha de plástico, um automóvelzinho.

O cadáver de Zuleika Marques Alves também foi encontrado em decúbito dorsal, no meio da cama do casal. Apresentava sua camiseta manchada pelo sangue que jorrara dos seus ferimentos. Com ela, Arivaldo agiu, igualmente, de maneira impiedosa, desferindo-lhe uma facada na região epigástrica (na sua parte superior) e uma no pulso esquerdo (a lâmina atravessou-o de lado a lado).

Diário da Noite, 11 de Agosto de 1960.

UMA SOLUÇÃO PARA O PERIGO



Diário da Noite, 22 de Setembro de 1960.

MODOS DE PRODUÇÃO DO MEDO



Diário da Noite, 18 de Março de 1958.

PERIGOSA APROXIMAÇÃO COM A NATUREZA

**FRONDIZI
CHEGARÁ AO
BRASIL DIA
8 DE ABRIL**

RIO, 17 (Meridional) — A comitiva do presidente Juscelino Kubitschek chegará ao Brasil, no próximo dia 8 de abril, às 18 horas, desembarcando no Aeroporto Internacional do Galeão, o sr. Arturo Frondizi, presidente eleito da Argentina.

A MAIS TERRIVEL SECA NO NORDESTE

HOMENS FAMINTOS INVADEM CIDADES

Batalhões de flagelados fogem com fome e sede do alto sertão — Saqueadas feiras — Lavouras totalmente destruídas — É grave a situação — Advertência no Congresso Nacional

**LEIA NA
16ª
PÁGINA**



EDIÇÃO **Dia**
O VESPERT
Diretor
EDMUNDO
MONTEIRO
Ano XXXIII

Homens e crianças famintos invadem cidades do litoral do Nordeste em busca de água e alimentos. Cenas como estas (na foto) são comuns nas caminhadas que os flagelados fazem do alto sertão ao litoral.

Diário da Noite, 18 de Março de 1958.

contra o seu governo

ATE' AS 9,30

GREVE DE NUMA EM

Cerca de setenta veículos da l
dos durante varias horas — l
pedido sem indenização —
e a sabotar o

VENDIDO SWEEPSTAK

Soube a reportagem do DIARIO D
ferente ao premio maior — 20 milh
paralelamente ao Grande Premio O
dora a egua Bucarest. Soubemos, al
Casa Luongo. Ao que pareç, o ganh
—melhor, e

Advertência Iugoslava

BELGRADO, 6 (UP) — A Iu
goslavia advertiu o Ocidente de
que assumirá "uma grave respon
sabilidade se continuar na corrida
armamentista" e não seguir o
exemplo da União Soviética, sus
pendendo as provas com armas
nucleares.



Esta menina é uma das vítimas da inclemente seca que assola o alto sertão do Nordeste brasileiro.
O povo paulista irá cotizar-se para salvar os irmãos do Norte

NENHUM PAULISTA FALTARÁ AOS APELOS DOS FLAGELADOS: NORDESTINOS COMEM PALMAS E FRUTOS VENENOSOS PARA NÃO MORREREM DE FOME

Arbustos que alimentavam o gado amenizam a fome das
populações flageladas — Farinha e açúcar preto a comida
que ingerem os menos infelizes - (Reportagem de MOACYR
JORGE - Fotos de WALTER FREITAS - Na 9.a pagina)

Acidente com o ex-governador Arnon de Mello

RIO, 7 (Meridional) — Pes
soas ligadas ao sr. Arnon de
Mello informaram à reporta
gem que o ex-governador de
Alagoas sofreu um desastre
de automovel hoje, em Maceió
e que o deputado José Afonso,
primo da vítima, que reside no
Rio, teria viajado de avião pa
ra aquela capital ao ser infor
mado da referida notícia.
Todavia, não conseguimos
obter confirmação da ocorren
cia devida às dificuldades de
comunicação com Maceió.
As pessoas que nos deram a
notícia do desastre que teria
ocorrido com o sr. Arnon de
Mello informaram-nos que sou
beram de fato, de maneira va
ga, e que não podiam precisar
se é ou não grave o estado do
ex-governador de Alagoas.



Centenas de flagelados estão a caminho do Sul. Liquidadas to
das suas propriedades procuram ao menos fugir da morte que
ameaça vasta região do Nordeste

cundo

upto representam um
r organização;
s à coletividade, quan
acervo de trabalho;
das através dos nossos
cruzeiros de premios
e constituem autêntico

o direito de, na efe
ntirmo-nos enaltecidos,
do trabalho executado.
idade com nossos for
de todas as categorias
NTES ANÔNIMOS —
as pilastras básicas do
evemos a maior parte
imos realizar até aqui.
Paulo, Abril de 1958

MILTIDÃO QUE SE AVOLUMA



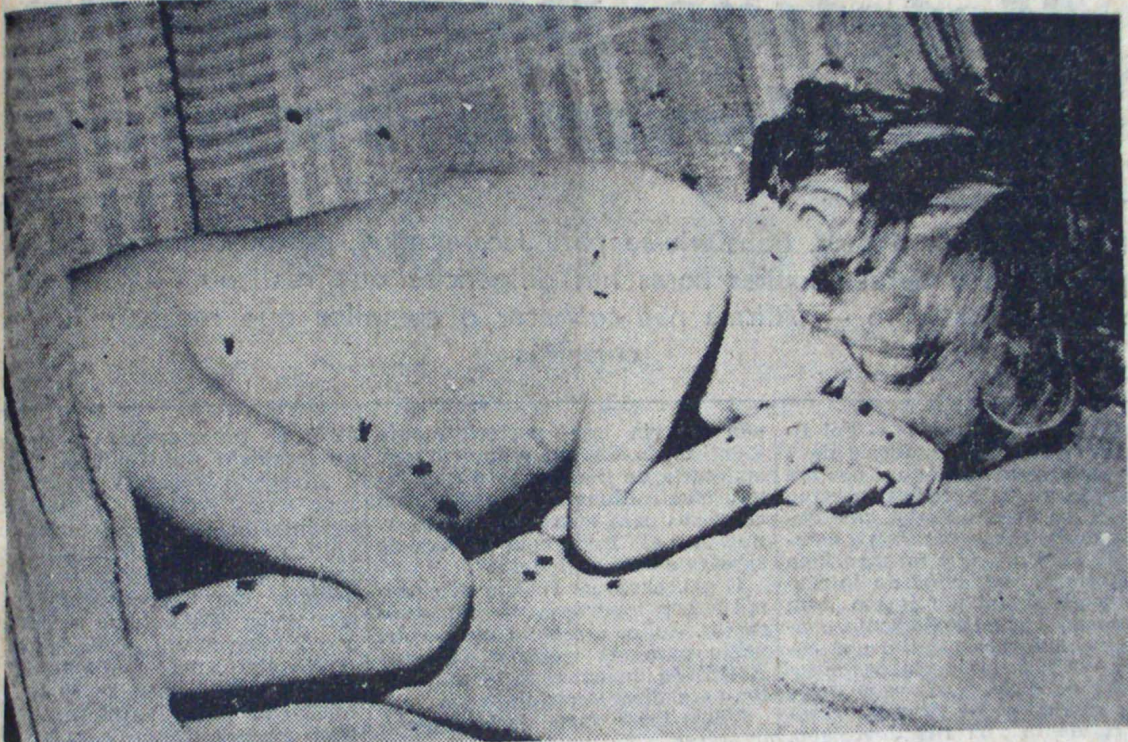
Diário da Noite, 31 de Março de 1958.



Diário da Noite, 24 de Março de 1958.

SOLIDARIEDADE OU REJEIÇÃO?

Retrato da sêca, com endereço certo



A fotografia espelha o estado deplorável de uma civilização bárbara, de épocas memoráveis. E' um retrato, o retrato do Nordeste. Pobre criança fla gelada, deitada em rede imunda, no sono que não se perturba nem com essa vergonhosa demonstração de imundicia que a cerca. As moscas que cobrem o seu corpinho nu não a despertam, porque a exaustão física provocada pela inanición, pela fome, cerra-lhe os olhos à força. A foto foi batida, ontem, na Hospedaria de Imigrantes de Fortaleza e vai com um endereço certo a todos os brasileiros.

EVARAM FEIJOADA !

Macedo Soc

Diário da Noite, 16 de Maio de 1958.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos anos 50, o Diário da Noite de São Paulo acompanhou as transformações políticas, econômicas e sociais do país, assumindo estratégias empresariais, inovando nas formas de impressão e de uso das imagens e, aliado a essas tecnologias, intensificou o modelo sensacionalista que vinha desenvolvendo desde a sua fundação em 1925.

Potencializou as notícias sobre escândalos, crimes, acidentes, atropelamentos, “esquisitices”, transformando acontecimentos de duração efêmera e importância circunstancial que, contudo, interrompiam a rotina do dia a dia, em histórias temperadas com recursos lingüísticos e narrativos que procuravam despertar no leitor uma percepção emotiva, melodramática, de um real cindido onde, no entanto, o bem e o mal tanto se confrontavam quanto trocavam de lugar.

É dessa forma que o Diário da Noite constrói sua credibilidade. Voltado para as “massas populares” como era seu objetivo desde o início, comprometeu-se com algumas de suas reivindicações denunciando o poder quanto ao não cumprimento da prestação dos serviços básicos que garantem o bom funcionamento da vida na cidade, aparecendo também com um combatente a favor do povo contra os atos de corrupção, de inércia ou de indiferença da classe política.

Entretanto, ao mesmo tempo o jornal se debruça sobre esses habitantes da metrópole, sobre as “massas populares” e as coloca como protagonistas de acontecimentos extraordinários, que transgridem as normas; coloca-as como fazendo parte dos que degradam o espaço, não se enquadrando na imagem da cidade que mais cresce no mundo, contrariando a idéia de conforto, de bem-estar e de felicidade, tão caras aos anos dourados.

O que o Diário da Noite faz aparecer em São Paulo é uma população constrangedora, tratada insistentemente como composta por párias, por inúteis nos modos de ser e ignorantes nos modos de crer, beirando perigosamente as fronteiras da contravenção e do crime e, portanto, sem lugar preciso, mas ainda negociável no projeto de modernização e integração nacional promovido pelo conglomerado “Associado”, desde que não ultrapassasse as fronteiras da resignação diante do que poderia ser oferecido pelo momento presente e, portanto, sem ameaças a um futuro já em construção. O possível acabava por abarcar muito poucos e o jornal coloca-se antes, ao lado das posições já citadas de Roberto Campos, de que não deveríamos ter vergonha em adotar os valores essenciais e eficazes, ainda que cruéis, do projeto capitalista.

Assim, o Diário da Noite oferecerá ao leitor o conhecimento de quem são os estranhos, de quem não tem lugar no futuro que se avizinha, esclarece quem são aqueles que apesar de constantemente instados a “entrar” na modernidade, estão fora dela.

Com essa perspectiva suas páginas mostram a cidade pelo avesso, deixam ver seus redutos clandestinos, seus perigos, os espaços onde aparecem os transgressores, os anômalos, os grotescos, os carentes, em torno dos quais produz representações que promovem partilhas sociais e que farão parte de um imaginário social construído em torno do medo e de uma sensação de insegurança, sentidos cada dia como mais prementes, constituindo os primórdios da busca obsessiva por segurança na nossa sociedade atual, que parece desencorajar qualquer tentativa de busca de soluções coletivas para os problemas sociais.

Entretanto, nos anos 50, como agora, não pensamos a produção destas representações com um beco sem saída, como se estivéssemos dominados por forças gigantescas, globalizadas, que impediriam qualquer ação além do conformismo. Pelo contrário, consideramos que essas representações são produzidas em um espaço social, terreno de disputas, de práticas diversas, de leituras diferenciadas que permitem uma atitude crítica por parte dos agentes sociais.

Num momento em que o sensacionalismo está disseminado em todos os tipos de mídia, em que predomina a cultura do efêmero, do imediato, do acontecimento, a História tem um papel relevante. Ela se inscreve num campo de saber que por compreender as relações entre o passado e o presente, pode contribuir para a análise crítica e superação dos discursos mitológicos criados e transmitidos pela mídia.

Fontes:

Jornal Diário da Noite 1950-1960. Arquivo Público do Estado de São Paulo

Acervo fotográfico do jornal Diário da Noite. Arquivo Público de Estado de São Paulo

Revista Anhembi

Revista Arquivos da Polícia Civil de São Paulo

Revista Eclesiástica Brasileira

Revista Arquivos do Departamento de Assistência aos psicopatas do Estado de São Paulo

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Lucio Flavio Rodrigues de. *Uma ilusão de desenvolvimento: nacionalismo e dominação burguesa nos anos JK*. v. 1. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

ALMEIDA, Tales Passos de. *Mendicância contravencional: a gestão penal do medo*. Disponível em: juz.uol.com.br.

ALVAREZ, Marcos César. *A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais*. Dados, v. 45, n.4, 2002.

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo Sobrinho. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 2005.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

ARRUDA, Laércio. *Diário Popular: a trajetória de um jornal paulistano*. São Paulo: Angellara, 2006.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX*. Bauru: EDUSC, 2001.

AUGUSTO, Sergio. *Este mundo é um pandeiro: a chanchada de Getúlio a JK*. São Paulo: Cinemateca Brasileira – Companhia das Letras, 1989.

AZEVEDO, Haroldo de. *A Cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. v. 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento*. [s.l.]: Hucitec, 2008.

BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica em São Paulo na virada da questão social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos. *Dicionário de comunicação com a colaboração de Muniz Sodré*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900 – 2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. *Os famintos do Ceará*. In: Fenelon Ribeiro, Dea et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2000.

BARROWS, Susanna. *Miroirs déformants: réflexion sur la foule en France à la fin du XIX*

siècle. [s.l.]: Aubier, 1990.

BASTOS, Fernando. *Sensacionalismo e criminalidade*. In: Arquivos da Polícia Civil de São Paulo. São Paulo, 1952.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

BASTOS, Fernando. *Sensacionalismo e criminalidade*. In: Arquivos da Polícia Civil de São Paulo. São Paulo, 1952.

BATISTA, Marcela de Matos. *O rei das bancas: uma análise da trajetória de sucesso do Diário Popular*. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes) – Universidade de São Paulo.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. *O Mal-Estar da Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 1998

_____. *O Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 2008.

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *O governo Kubitschek: Desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956-1961*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BERLINCK, Manoel; HOGAN, Daniel. *O desenvolvimento Econômico do Brasil e as migrações internas para São Paulo: Uma análise histórica*. Universidade Estadual de Campinas, 1974.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERNARDI, Célia de. *O lendário Meneghetti: imprensa e poder*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

BLANDINE, Holuigue. *Médiatisation et sur-médiatisation du phénomène des tueurs en série en France: un âge d'or du fait divers, 1980-2005*.

Disponível em: <http://www.tueursenserie.org/article>.

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. v. 2. Brasília: UnB, 1995.

BORELLI, Silvia Simões. *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC – Estação Liberdade, 1996.

BOTELHO, André, outros. *O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

BOUTIER, Jean; DOMINIQUE, Julia. *Passados recompostos; campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ – Editora FGV, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. *A criminologia e a construção de gênero, classe e raça*. Disponível em: <http://www.lpp-uerj.net/>, 1975.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, S/D.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros.crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed.34/ Edusp, 2000.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A Imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto; EDUSP, 1994.

_____. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920 – 1995*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARNEIRO, Glauco. *Brasil primeiro: história dos Diários Associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARRARA, Sérgio. *Crime e loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CASOY, Ilana. *Serial killers: made in Brazil*. São Paulo: Arx, 2004.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASTRO GOMES, Ângela de, (Org.). *Vargas e a Crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, S/D.

CASTRO NEVES, Frederico de. *Multidões e identidade coletiva.O papel dos saques no nordeste* In: Travessia, São Paulo: CEM, maio-agosto, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAPARRO, Manoel Carlos da Conceição. *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. São Paulo: Summus, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S/D.

_____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CHENAIS, Jean Claude. *Histoire de la violence en occident de 1800 à nos jours*. Paris:

Éditions Robert Laffort, 1981.

CHEVALIER, Louis. *Splendeurs et misères du fait divers*. Paris: Perrin, 2004.

CORBIN, Alain. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIAGARELLO, Georges. (Org.). *História do corpo: da renascença às luzes*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORTÁZAR, Julio. *História de cronópios e de famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

COSTA BRITO, Enio José da; TENÓRIO, Waldecy. *Milenarismos e messianismos ontem e hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana*. São Paulo: EDUC, 2000.

CUNHA, Vivian da Silva. *Combate à lepra no Brasil*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa Oswaldo Cruz.

DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARWIN, Charles. *A expressão das emoções nos homens e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEJAVITE, Fábila Angélica. *O poder do fait divers no jornalismo: humor, espetáculo e emoção*. In: Marialva Barbosa. (Org.). *Estudos de Jornalismo I*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2001, v. 01, p. 203-215.

DEL FIORENTINO, Teresinha Aparecida. *Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo (1900-1922)*. São Paulo: Hucitec, 1982.

DEL OLMO, Rosa. *A América latina e sua criminologia*. Rio de Janeiro: Revan – ICC, 2004.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Cortez, 2003.

DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Alfa – Omega, 1977.

DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

DINES, Alberto. *Sensacionalismo na Imprensa*. In: *Revista de Comunicações e artes*. São

Paulo: Ed. Comunicações e Artes. ECA/USP, 1972.

DOMINIQUE, Julia. *A violência das multidões: é possível elucidar o desumano?* In: Passados recompostos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

DUARTE, Adriano; PAOLI, Maria Celia. *São Paulo no plural: espaço público e redes de sociabilidade*. In: PORTA, Paula (Org.). História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX. v. 3, São Paulo: Paz e Terra, 2004.

DUBY, Georges. *Ano mil, ano 2.000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Fundação Editora da USP, 1998.

DUBIED, Annik; LITS, Marc. *Le fait divers*. Paris: PUF, 1999.

DURHAN, Eunice. *A caminho da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ECO, Humberto. *História da feiúra*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *Seis passos pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ESTRELA SOUZA, Ely. *Os sampaulenses: cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas/USP: FAPESP: Educ, 2003.

FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERRARI, Monia de Melo. *A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 2005.

FERREIRA JÚNIOR, José. *Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico-visual*. SENAC, 2003.

FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz; MOREL Marco; NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. (Orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro. DP&A: Fapey, 2006.

FONTES, Paulo. *Trabalhadores e cidadãos – nitro química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. *Migração nordestina e experiências operárias. São Miguel Paulista nos anos 50* In: Batalha, Claudio e outros. Culturas de Classe. S.P: Editora da Unicamp, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRANÇA, Maria Teresa Rego de. *As manchetes sensacionalistas do “Notícias Populares”*:

traços estilísticos e retóricos. São Paulo, 2001. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FRÚGOLI JR., Heitor. *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

_____. *Centralidades em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez; EDUSP, 2000.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. *A cultura clerical e a folia popular*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.

GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo – 1940-1959*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

GIL, José. *Monstros*. Lisboa: Quetzal, 1994.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987.

GRAHAN, Douglas; HOLANDA FILHO, Sérgio Buarque de. *Migrações internas no Brasil. 1872-1970*. São Paulo: IPR/USP, 1984.

GUIMARÃES, Valeria dos Santos. *Notícias diversas: suicídios por amor, “leituras contagiosas” e cultura popular nos anos 10*. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado em História – Universidade de São Paulo.

HALL, Michael. *O movimento operário na cidade de São Paulo: 1890-1954*. In: *História de São Paulo*, v.3: a cidade de São Paulo na primeira metade do século XX. Organização: Paula Porta. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HARRIS, Ruth. *Assassinatos e loucura: medicina, leis e sociedade no “fin de siècle”*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HOBBSBAWN, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOGGART, Richard. *As utilizações da Cultura 1*. Editorial Presença, 1973.

HUNT, Lynn Avery. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IANNI, Octavio et al. *Política e revolução social no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

ISSA, Alfredo. *Quatro dias entre quatrocentos vagabundos*. In: *Arquivos da Polícia Civil de*

São Paulo. V.5, 1943.

JEANNENEY, Jean-Noël. *Uma história da comunicação social*. Lisboa: Terramar, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JOANIDES, Hiroito de Moraes. *Boca do Lixo*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2003.

JULIA, Dominique. *A violência das multidões: É possível elucidar o desumano?* In: BOUTIER, Jean; DOMINIQUE, Julia (Orgs.). *Passados recompostos; campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1998.

KALIFA, Dominique. *L'encre et le sang: récits de crimes et société à la belle époque*. Paris: Fayard, 1995.

KLOPPENBURG, Boaventura. *A Igreja e as aparições de Nossa Senhora*. Revista Eclesiástica Brasileira. [s.l.], v. 12, fascículo II, junho de 1952.

_____. Revista Eclesiástica Brasileira. [s.l.], v. 19, fascículo III, setembro de 1959.

_____. *Começa a campanha nacional contra a heresia espírita*. Revista Eclesiástica Brasileira. V. 13, fascículo III, setembro de 1953.

_____. *Contra a heresia espírita*. Revista Eclesiástica Brasileira. V. 12, fascículo I, março de 1952.

_____. *O espiritismo de umbanda*. Revista Eclesiástica Brasileira. V. 14, fascículo II, junho de 1954.

KONDER, Leandro. *História dos Intelectuais nos Anos 50*. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

KOVAL, Boris. *História do Proletariado Brasileiro 1857-1967*. São Paulo: Alfa Omega, 1982.

KOWARICK, Lúcio (Org.). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

LAQUEUR, Thomas. *Corpos, detalhes e a narrativa humanitária*. In: Hunt, Lynn. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. V. 2. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

_____. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985.

_____. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

_____. *Documento/ Monumento*. Enciclopédia Einaudi, V. 1, Lisboa: Casa da

Moeda, 1984.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa – Rio de Janeiro: Livraria Portuguesa – Civilização Brasileira, 1938.

LEITE JÚNIOR, Jorge. *O Que é um monstro?* Disponível em: <http://www.comciencia.br>

_____. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia bizarra como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006.

LEMONS, Cláudia Regina Fonseca. *Narrar a violência* In: Marialva Barbosa. (Org.). ESTUDOS DE JORNALISMO. V. 1, Rio de Janeiro: Intercom, 2001.

LIBANEO, Maria Lucia Leonardi. *A invenção da cidade de S. Paulo*. São Paulo, 1989. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LIMA, Luis Costa. *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LITERATURA DE CORDEL. In: *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*. Lisboa: Alfa, 1985.

LOPES, Dirceu Fernandes e outros (Org.). *A evolução do jornalismo em São Paulo*. São Paulo: Edicon; ECA (USP), 1996.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. São Paulo: Ática, 1989.

MARIA DE JESUS, Carolina. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.

MARQUES DE MELO, José (Coord.). *Jornalismo sensacionalista*. Documentos da I Semana de Estudos de Jornalismo. São Paulo, 1969.

MARTINHO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2003.

MASSAUD, Moisés. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1997.

MATHEWS, Gordon. *Cultura global e identidade individual: À procura de um lar no supermercado cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MATTELART, Armand. *Comunicação mundo: história das idéias e das estratégias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MAYNARD, Araújo Alceu. *As festas do Divino Espírito Santo no Estado de São Paulo*. Revista do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo. V. 57. São Paulo: Gráfica Canton, 1959.

MENIEU XAVIER, François (Direction). *Face à la pauvreté. L'occident et les pauvres hier et aujourd'hui*. Paris: Les Éditions Ouvrières, 1994.

MESTRINER, Maria Luiza. *O estado entre a filantropia e a assistência social*. São Paulo:

Cortez, 2001.

MENDONÇA, Kleber Santos. *Crônicas morais: uma comparação entre o “Linha Direta” e os Panfletos Criminais da Europa no século XIX* In: Marialva Barbosa. (Org.). ESTUDOS DO JORNALISMO. Rio de Janeiro: Intercom, 2001.

MIRA, Celeste Maria. *Circo eletrônico: Sílvio Santos e o SBT*. São Paulo: Olho D’Água, 1999.

MIRANDA DA SILVA, Maria Cristina. *Reconfiguração do observador no século XIX: visibilidades e fantasmagorias dos aparelhos ópticos*. In: VII Congresso Latino Americano de Investigadores de La Comunicación/ALAIC, Anais, La Plata. 2004.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOLLIER, Jean-Yves. *O nascimento da cultura de massa na Belle Époque*. Margem. São Paulo, n. 8, dez. 1998.

MONTES, Maria Lucia. *As figuras do sagrado: entre o público e o privado*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada*. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

MOREAU, José Leão. *O milagre, sinal de Deus*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, V. 18, fascículo III, setembro de 1958.

MORETZSOHN, Sylvia. *Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

_____. *Jornalismo em tempo real*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1970.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática 1977.

M’SILI, Marine. *Le Fait divers en republic*. Paris: CNRS Édition, 2000.

NEGRÃO, Lísias. *Entre a Cruz e a Encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. EDUSP, 1996.

NEGRO LUIGI, Antonio. *Zé Brasil foi ser peão* In: *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

NETTO, Antonio Jordão. *Aspectos econômicos e sociais das migrações internas para o Estado de São Paulo*. São Paulo, 1973. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NÓBREGA, Manoel da. *Cartas do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.

NORA, Pierre. *O retorno do fato* In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Livraria Francisco Alves Editora, 1978.

NOVAIS, A. Fernando; MELLO, João Manuel Cardoso. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Cássio. *A formação da nacionalidade brasileira no pensamento médico paulista: a contribuição de Antonio Carlos Pacheco e Silva*. São Paulo, 1993. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIVEIRA, Elias de. *Criminologia das Multidões*. São Paulo: Saraiva, 1966. Primeira edição: 1934.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. (Org.) *Evangelização e comportamento religioso popular*. Petrópolis: Vozes, 1978.

OLIVEIRA, Elias de. *Criminologia das multidões*. São Paulo: Saraiva, 1966.

ORTIZ, Renato. *Religiões populares e indústria cultural*. *Religião e Sociedade*. n. 5, 1980.

PACHECO E SILVA. Antonio Carlos. *Palavras de Psiquiatria*, 1950.

_____. *A higiene mental: conceito, generalidades, tendências modernas, campos de aplicação*. São Paulo: Divisão de difusão Cultural: Departamento de Cultura e Ação Social: Reitoria da Universidade de São Paulo, 1952.

_____. *A assistência social a psicopatas no Estado de São Paulo*. São Paulo: s.ed., 1945.

_____. *O manicômio judiciário do Estado de São Paulo*. Juquerí: Oficinas Gráficas do Hospital de Juquerí, 1935.

_____. *Princípios de higiene mental*. Palestra realizada em Sorocaba.

_____. *Psiquiatria clínica e forense*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

PAES, José Paulo; MOISÉS, Massaud. *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, S/D.

PAIVA, Odair da Cruz. *Caminhos cruzados: imigração e construção do Brasil moderno*. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. *Brasileiros na hospedaria dos imigrantes*. Série Resumos, n.8. Memorial do Imigrante. São Paulo, 2001.

PASSALAGUA, Paulo. *A imprensa e os suicídios e crimes*. In: Arquivos da Polícia Civil de São Paulo. São Paulo: 1942.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a Política no Brasil: entre o povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990.

PEDROSO, Rosa Nívea. *A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista*.

São Paulo: Annablume, 2001.

PERROT, Michelle. *Fait Divers et Histoire au XIX siècle*. In: Annales, Économies, Sociétés, Civilizations. Juillet-août, 1983.

PICCININI, Walmor. *Psiquiatria forense no Brasil a partir de suas publicações*. WWW.polbr.med.br

PIERRE, Albert; TERROU, Fernand. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PINTO, Julio Pimentel. *Uma memória do mundo. Ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. 1ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.

PORTÃO, Ramão Gomes. *Criminologia da comunicação*: Traço Editora, 1980.

_____. *Como se faz "Notícias Populares"*. In: MELO, José Marques de. *Jornalismo Sensacionalista*. São Paulo: Ed. Comunicação e Artes. Eca/USP, 1972.

PÓVOA NETO, Helion. *A produção de um estigma: mordeste e nordestinos no Brasil. Travessia: maio-agosto, 1994*. São Paulo: CEM.

PROCACCI, Giovanna. *Les politiques de la pauvreté et l'image Du pauvre au XIX siècle*. In: Face a la pauvreté .L'occident et les pauvres hier et aujourd'hui.Paris: Les Editions Ouvrières,1994

QUADROS ARRUDA, Hélio de. *A influência da literatura infantil* In: Arquivos da Polícia Civil de São Paulo, 1950.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira. *Tambaú, cidade dos milagres*. Revista Anhembi, V. 19, n. 19. 1955.

RAMOS, José Nabantino. *Jornalismo*. Dicionário enciclopédico. São Paulo: Ibrasa, 1970.

RAUTER, Cristina. *Criminologia e subjetividade no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

RIBAS, Carvalhal. *Uma modalidade de delinquência platônica: a literatura policial*. In: *Arquivos do departamento de assistência a psicopatas do Estado de São Paulo*. v. 23. São Paulo: S/Ed., 1957.

_____. *Marginalidade e psiquiatria. A propósito da reação mórbida desencadeada num caipira recém-chegado a São Paulo*. In: Arquivos da Polícia Civil de São Paulo, 1952.

RIBEIRO, Paulo Sérgio (Org.) *Crime, violência e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro A. *Catolicismo popular e romanização do catolicismo*

brasileiro. Revista Eclesiástica Brasileira, V. 36, fase 141, março de 1976.

ROCHA, Franco da. *Esboço de psiquiatria forense*. São Paulo: Typographia Laemmert, 1904.

ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social: São Paulo, 1889-1930*. Bauru: EDUSC, 2002.

ROSSI, Agnelo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, V. 5, fascículo 1, março de 1945.

SAES, Flávio. *São Paulo republicana: vida econômica In: História da cidade de São Paulo, V. III: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SALIBA, Elias Thomé. *Perspectivas para uma historiografia cultural*. Revista Diálogos. V. 1. Universidade Estadual de Maringá, S/D.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. *As múltiplas faces de uma santidade: reflexões sobre a trajetória do conceito de "ser santo"*. In: Estudos de História. Franca, V. VII, n. 1, 2000.

SANTOS, Milton. 1992: *a redescoberta da natureza*. Aula inaugural da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 10 de março de 1992.

SANTOS, Reinaldo dos. *Construindo uma santidade: os caminhos de reputação santoral do Padre Donizetti Tavares de Lima (1926 – 1997)*, 2000. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

SANTOS FILHO, Licurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1977.

SASSIER, Philippe. *Du bon usage des pauvres. Mesnil-Sur-l'Estrée*. Paris: Fayard, 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada*, V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARTZ, Vanessa R. *O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim-de-século*. In: CHARNEY, Leo; (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.

Sensacionalismo na Imprensa. In: Anhembi. São Paulo, 1951.

Sensacionalismo e pornografia. In: Anhembi. São Paulo, 1952.

Sexo e Crime. In: *Arquivos da Polícia Civil de São Paulo*. São Paulo, 1948.

SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SERRA, Antonio A. *O desvio nosso de cada dia: a representação do cotidiano num jornal*

popular. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

SERVA, Leão. *Jornalismo e desinformação*. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Antonio Carlos Pacheco e. *Princípios de higiene mental*. São Paulo, 1946.

_____. *A psiquiatria e a vida moderna*. São Paulo, 1948.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1981.

SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in) certezas da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Marcos A. da. *Prazer e poder do amigo da onça (1943 – 1962)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SIMMEL, Georg. *Les pauvres*. Paris: PUF, 1998.

SINGER, Ben. *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular*. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.

SINGER, Paulo; WEFFORT, Francisco. *Política e revolução social no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930- 1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Petrópolis: Vozes, 1971.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA SILVA, Rafael (Org). *Discursos simbólicos da mídia*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SPOSATI de OLIVEIRA, Aldaíza. *Vida Urbana e gestão da pobreza*. São Paulo: Cortez, 1988.

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992.

SUNKEL, Guillermo. *La prensa sensacionalista y los setores populares*. Bogotá: Norma, 2002.

SUSINI, Marie-Laure. *O autor do crime perverso*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud,

2006.

TEMBIL, Márcia. *Em busca da cidade moderna: Guarapuava, recompondo histórias, tecendo memórias*. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2007.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: Fabrica de ideologias*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1997.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. *Imaginária e devoções no catolicismo brasileiro. Notas de uma pesquisa* In: Projeto História, número 21. São Paulo: Educ, 2000.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VALLADARES, Ligia do Prado (Org.). *Repensando a habitação no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil. Pelo Padre Simão de Vasconcelos da mesma companhia*. Lisboa: Casa do Editor A.J. Fernandez Lopes, 1885.

VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VIGARELLO, Georges. *História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

VILA, Marco Antonio. *Vida e morte no sertão*. São Paulo: Ática, 2000.

VILLAÇA, Nizia; GOÉS, Fred; KOSOVISKI, Ester (Org.). *Que corpo é esse?* Rio de Janeiro: Maud, 1999.

VINCENT-BUFFAUT, Anne. *História das lágrimas: séculos XVIII – XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VIEIRA, Evaldo. *Estado e miséria social no Brasil: de Getúlio a Geisel*. São Paulo: Cortez, 1987.

WAINBERG, Jacques Alkalai. *Império das Palavras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

WEFFORT, Francisco. *Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre cultura popular*. In: VALLE, José Edênio (Org). *A Cultura do Povo*. São Paulo: Cortez, S/D.

WINTER RIBEIRO, Rafael. *Seca e determinismo: A gênese do discurso do semi-árido nordestino*. *Anuário do instituto de geociência*. UFRJ; V. 22, 1999.

Disponível em : www.anuario.igeo.ufrj.br

WHITAKER, Aguiar E. *Um caso grave de sadismo, com freqüente morte das vítimas*,

ocorrido em São Paulo (Brasil). In: Arquivos da Polícia Civil de São Paulo. V. 24. 1952.

WISSENBACH, *Maria Cristina Cortez*. *Ritos de magia e sobrevivência: sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890-1940)*. São Paulo, 1997. Tese de Doutorado em História Social – Universidade de São Paulo.

XAVIER, Ismail: *O olhar e a cena-Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

ANEXO

Apresentação do conteúdo do Diário da Noite (uma semana por mês, a cada cinco anos)

Diário da Noite

Sumário

1950	250
.....	
1955	256
.....	
1960	263
.....	

10 a 15 de abril de 1950
 Preço Cr\$ 0,70 por exemplar

10/04 – Segunda-feira

Primeira Edição – 20 pag

Manchete: “Sentado sobre cadáveres mutilados de crianças”

Assunto: acidente ferroviário.

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Grande número de notícias políticas e internacionais
- Noticiário criminal aparece em diversas páginas e com assuntos variados

Resumo de páginas:

- 1) Desastre e política
- 2) Editorial / Notícias internacionais
- 4) Coluna social / Colunas assinadas (ex. “No mundo dos discos”) / cultura e entretenimento
- 6) Tirinhas e passatempos / Coluna “Girando o Dial”
- 7) “Isto está errado” – Ruas sem esgotos
- 10) Notícias da cidade (protestos, mortes, ação das autoridades)
- 11 a 14) Páginas Esportivas
- 15) Continuação das notícias da página 1
- 16 e 17) Corridas de cavalos / notícias da cidade (macumbeiros, acidentes de bonde e ônibus, ladrões)
- 18 e 19) Programação de Teatros e cinemas
- 20) Notícias Policiais (“Matou o menor a tiros de revolver”)

Última Edição – 20 pag

Manchete: “Nova rebelião do queremismo, dentro de nove dias para forçar Getulio a candidatar-se”

Assunto: política.

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Grande número de notícias políticas e internacionais
- Noticiário criminal aparece em diversas páginas e com assuntos variados
- 70% do jornal é igual ou muito similar a 1ª edição

Resumo de páginas:

- 1) Política e internacional
- 2) Editorial (igual a 1ª ed) / Notícias internacionais / restante do país
- 4 a 7) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 8) Conclusão da página 1
- 9 e 10) Igual ou muito similar à 1ª edição

- 11 a 14) Páginas esportivas
- 16 a 19) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 20) Notícias Policiais (“Caiu o avião no alto da serra”)

11/04 – Terça-feira

Primeira Edição – 12 pag

Manchete: “21 milhões de católicos perseguidos” (Polônia)

Assunto: Internacional

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Grande número de notícias políticas e internacionais

Resumo de páginas:

- 1) Internacional e política
- 2) Editorial / Internacional / Cidade e resto do país
- 4) Colunas sociais / arte, cultura e lazer
- 5) Criminal
- 6) Tirinhas / entretenimento/ colunas
- 8 e 9) Páginas esportivas
- 10) Corridas de cavalo
- 11) Criminal / desastres / programação de teatro e cinema
- 12) Notícias Policiais (“Identificados os autores da morte do motorista”)

Última Edição – 12 pag

Manchete: “Getulio não quer ser candidato”

Assunto: Política

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Grande número de notícias políticas e internacionais
- 80% do jornal é igual a 1ª edição

Resumo de páginas:

- 1) Política / Internacional
- 2) Editorial / Internacional / Política
- 4 a 6) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 7) Conclusão da página 1
- 8 e 9) Páginas esportivas
- 10 e 11) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 12) Notícias da cidade / Pouca coisa criminal

12/04 – Quarta-feira

Primeira Edição – 12 pag

Manchete: “Gastou dois milhões em dólares inexistentes”

Assunto: Cidade/ Criminal

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Grande número de notícias políticas (Getulio)
- Grande número de assuntos criminais

Resumo de páginas:

- 1) Policial / Internacional / Política
- 2) Editorial / Política / Internacional
- 3) Política
- 4) Colunas sociais / Lazer, cultura e entretenimento
- 6) Tirinhas / Passatempo / Colunas
- 7) Desastres e a cidade
- 8 e 9) Páginas esportivas
- 10) Corridas de cavalos (Turfe)
- 11) Programação de teatros e cinemas
- 12) Notícias Policiais (“Vendia jóias roubadas a serviço da polícia”)

Última Edição – 12 pag

Manchete: “Assassinio a sangue frio” (sobre um suposto seqüestro de um avião norte-americano pelos soviéticos)

Assunto: Internacional

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Grande número de notícias Internacionais
- Poucos crimes e desastres
- 60% do jornal é igual ou muito similar a 1ª edição

Resumo de páginas:

- 1) Internacional / Política / Cidade
- 2) Editorial (igual a 1ª ed) / Internacional
- 3) Política
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 5) Continuação das notícias da pag 1
- 6 e 7) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 8 e 9) Páginas esportivas
- 10) Cidade e diversos
- 11) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 12) Notícias Policiais (“Desfeito o mistério da pensão de Higienópolis”)(sobre um assassinato no interior de uma mesma família) e “Isto está errado” – Rua sem pavimentação e com desmoronamento depois das chuvas

13/04 – Quinta-feira

Primeira Edição – 12 pag

Manchete: “Moscou acusa a Itália”

Assunto: Internacional

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Apesar da manchete, preponderância de desastres e crimes

Resumo de páginas:

- 1) Internacional / Política
- 2) Editorial / Política / Cidade
- 3) Política
- 4) Colunas sociais / Lazer, cultura e entretenimento
- 5) Crimes e policial
- 6) Desastres e crimes
- 7) Crimes e desastres / Política
- 8 e 9) Páginas esportivas
- 10) Turfe
- 11) Esportes / Programação de Teatros e Cinemas
- 12) Notícias Policiais (“Três jovens mortas no desmoronamento”)

Última Edição – 12 pag

Manchete: “Eixo político S. Paulo-Minas veio conferenciar com o governador”

Assunto: Política

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Preponderância de assuntos políticos (Getulio ou relacionados)
- Muitas diferenças quanto à primeira edição

Resumo de páginas:

- 1) Política
- 2) Editorial (igual a 1ª ed) / Política / Internacional / Cidade
- 3) Política / Cidade
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 5) Conclusão da página 1
- 6) Tirinhas / Passatempo / Colunas
- 7) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 8 e 9) Páginas esportivas
- 10) Turfe
- 11) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 12) Notícias Policiais (“Divisão da cidade em zonas de combate”)

14/04 – Sexta-feira

Primeira Edição – 12 pag

Manchete: “Mil casas incendiadas” (Japão)

Assunto: Internacional

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Pauta diversificada, mas com notícias maiores sobre de assuntos políticos

Resumo de páginas:

- 1) Internacional / Política
- 2) Editorial / Conclusão da pag 1 / Política / Internacional
- 4) Colunas sociais / Lazer, cultura e entretenimento
- 6) Tirinhas / Passatempos / Colunas
- 7) Crimes e desastres
- 8 e 9) Páginas Esportivas
- 10) Turfe
- 11) Esportes / Programação de Teatros e Cinemas]
- 12) Notícias Policiais (“Quebrou o punhal nas costas da amada”)

Última Edição – 12 pag

Manchete: “Ingresso do Brasil na ‘Batalha da Paz’” (Oswaldo Aranha)

Assunto: Política / Internacional

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Pauta diversificada, com diversos crimes e assuntos políticos
- 50% do jornal é igual ou muito similar a 1ª edição

Resumo de páginas:

- 1) Política / Internacional
- 2) Editorial (igual a 1ª ed) / Internacional
- 3) Política / Cidade
- 4 a 7) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 8 e 9) Páginas esportivas
- 10) Cidade / Crimes
- 11) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 12) Notícias Policiais (“Entrincheirado com a moça que raptou, está resistindo a bala, à polícia de duas cidades”)

15/04 – Sábado

Edição Única – 12 pag

Manchete: “Ainda hoje a resposta de Getulio”

Assunto: Política

- Publicidade em todas as páginas (exceto a última)
- Apesar da manchete, há muitas notícias sobre crimes

Resumo de páginas:

- 1) Política
- 2) Editorial / Internacional
- 3) Cidade
- 4) Colunas sociais / Lazer, cultura e entretenimento
- 5) Cidade / Crimes, problemas e desastres
- 6) Tirinhas / Passatempos / Colunas
- 7) Política / Crimes
- 8 e 9) Páginas Esportivas
- 10) Turfe
- 11) Esportes / Programação de teatros e cinemas
- 12) Notícias Policiais (“Raptou, abusou, matou e roubou a sobrinha”)

02 a 07 de julho de 1955
 Preço: Cr\$ 1,50 por exemplar

04/07 – Segunda-feira

Primeira Edição – 24 pág

Manchete: “Jânio adverte: ‘oscila a hora democrática’”

Assunto: Política

- Publicidade em quase todas as páginas, (inclusive páginas inteiras) em quantidade similar ao ano anterior
- Jornal Preto e Branco
- Predominância de notícias sobre Esporte, Política e Crime

Resumo de páginas:

- 1) Política / Cotidiano / Esportes
- 2) Editorial / Cotidiano / Economia
- 3) Política
- 4) Coluna social / Colunas (assinadas ou não) / Arte
- 6) Internacional
- 8) Cotidiano / Política
- 10) Crimes
- 11) Economia / Cotidiano
- 12) Turfe (com predominância de fotos)
- 13) Página Esportiva (com predominância de fotos)
- 14 e 16) Páginas Esportivas
- 18) Turfe
- 19) Crimes / Cotidiano
- 20) Cidade (Bienal)
- 22) Crimes
- 23) Programação de teatros e cinemas / Bares e restaurantes
- 22) Notícias Policiais (“Um guarda-civil enfurecido tentou exterminar a família”)

Segunda Edição – 24 pág

Manchete: “Batalhão da força e bombeiros seguirão à tarde para Santos” (Greve dos doqueiros)

Assunto: Cotidiano / Política

- Publicidade em quase todas as páginas
- Muito similar à primeira edição
- Jornal Preto e Branco

Resumo de páginas:

- 1) Cotidiano / Política / Cultura
- 2) Editorial (Igual ao da primeira edição) / Cotidiano / Política
- 3) Política
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 5) Internacional
- 6) Cotidiano
- 8, 10 e 11) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 12) Página Esportiva (com predominância de fotos)
- 13) Página Esportiva
- 14) Teatro e Cultura
- 16) Esportes
- 18) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 19) Tirinhas / Cotidiano
- 20 e 21) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 22) Crimes
- 23) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 22) Notícias Policiais (“Lutou e caiu sob os golpes do ladrão que o assaltara”)

05/07 – Terça-feira

Primeira Edição – 16 pág

Manchete: “Foi quebrada a resistência dos paredistas” (Greve dos doqueiros)

Assunto: Cotidiano / Política

- Publicidade em quase todas as páginas
- Predominância de assuntos de Política e Cotidiano
- Jornal Preto e Branco

Resumo de páginas:

- 1) Cotidiano / Política / Crime / Internacional
- 2) Editorial / Cotidiano
- 3) Política
- 4) Coluna social / Colunas (assinadas ou não) / Arte
- 6) Cotidiano / Crimes / Desastre
- 7) Economia / Cotidiano
- 8 a 10) Páginas Esportivas
- 11) Turfe / “Prévia Eleitoral” (Pesquisa)
- 12) Crimes / Polícia
- 13 e 14) Páginas faltando no original
- 15) Cinema / Radio / Teatro / Televisão
- 16) Notícias Policiais (“Retornará à atividade a famosa ‘Patrulha 59’ (Policial)”)

Segunda Edição – 16 pág

Manchete: “Tabelamento de todos os tipos de carne pela COAP”

Assunto: Economia / Cotidiano

- Publicidade em quase todas as páginas
- Predominância de assuntos do Cotidiano, Política e diversos Crimes
- Jornal Preto e Branco
- Diversas semelhanças com a primeira edição

Resumo de páginas:

- 1) Cotidiano / Economia
- 2) Editorial (Igual ao da primeira edição) / Cotidiano / Política
- 3) Política / Cotidiano
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 6) Política / Cotidiano / Música
- 7) Internacional
- 8) “Zoológico” (com predominância de fotos)
- 9 a 11) Páginas Esportivas
- 12) Tirinhas / Passatempo / Esportes
- 13) Crimes / Cotidiano
- 14) Programação de cinemas e teatros
- 15) Igual ou muito similar à página 10 da 1ª edição
- 16) Notícias Policiais (“Muita Imundice também em restaurantes do centro”)

06/07 – Quarta-feira

Primeira Edição – 18 pág

Manchete: “Sucessivas reuniões de chefes militares”

Assunto: Política

- Publicidade em quase todas as páginas
- Predominância de assuntos Políticos e Esportivos
- Jornal Preto e Branco

Resumo de páginas:

- 1) Política / Internacional / Desastre
- 2) Editorial / Cotidiano / Internacional
- 3) Política
- 4) Coluna social / Colunas (assinadas ou não) / Artes
- 5) Economia / Cotidiano
- 6) Cidade / Política
- 7) Política / Cidade
- 8) Cotidiano / Política

- 9) Internacional
- 10 a 12) Páginas Esportivas
- 13) Turfe
- 14) Cidade / Programação de cinemas e teatros
- 15) Programação de cinemas e teatros
- 16) Internacional
- 17) Cinema / Radio / Teatro / Televisão
- 18) Notícias Policiais (“Caça aos criminosos nas ruas da cidade”)

Segunda Edição – 16 pág

Manchete: “Jânio ficará neutro se Juarez desistir”

Assunto: Política

- Publicidade em quase todas as páginas
- Assuntos semelhantes à primeira edição, porém com diferente configuração
- Jornal Preto e Branco

Resumo de páginas:

- 1) Política
- 2) Editorial (Igual ao da primeira edição) / Política
- 3) Política / Cotidiano
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 5) Internacional / Economia / Cotidiano
- 6) Economia / Cotidiano
- 7) Política / Cidade
- 8) Tirinhas / Colunas
- 9) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 10) “Clamor dos bairros abandonados” (com predominância de fotos)
- 11 a 13) Páginas Esportivas
- 14) Internacional / Programação de cinemas e teatros
- 15) Programação de cinemas e teatros
- 16) Política / Conclusão das páginas 2, 7, 10 e 18
- 17) Igual ou muito similar às páginas 12 e 13 da 1ª edição
- 18) Notícias Policiais (“Luta sangrenta entre dois desclassificados”)

07/07 – Quinta-feira

Primeira Edição – 18 pág

Manchete: “Juarez será mantido com apoio da UDN”

Assunto: Política

- Publicidade em quase todas as páginas
- Jornal Preto e Branco
- Predominância de assuntos Políticos e Esportivos

Resumo de páginas:

- 1) Política / Polícia
- 2) Editorial / Economia / Internacional
- 3) Política
- 4) Coluna social / Colunas (assinadas ou não) / Artes
- 5) Economia / Cotidiano
- 6) Cotidiano / Política
- 9) Passatempos / Colunas
- 10 e 11) Páginas Esportivas
- 12) Turfe
- 13) Esportes
- 14) Crimes / Cotidiano
- 15 e 16) Páginas faltando no original
- 17) Cinema / Radio / Teatro / Televisão
- 16) Notícias Policiais (“Ônibus colhido por trem da Sorocabana”)

Segunda Edição – 18 pág

Manchete: “Jânio descontente com a atitude do general Távora”

Assunto: Política

- Publicidade em quase todas as páginas
- Jornal Preto e Branco
- Predominância de assuntos Políticos, Esportivos e Artísticos
- Apesar da diferença de apresentação, diversas notícias são muito similares à primeira edição

Resumo de páginas:

- 1) Política / Desastre
- 2) Editorial (Igual ao da primeira edição) / Política
- 3) Política / Cotidiano
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 5) Internacional
- 6) Economia / Televisão
- 9) Sociedade
- 10) “Nos bastidores de Hollywood” (com predominância de fotos)
- 11) Página Esportiva
- 12) Tirinhas / Esportes
- 13 e 14) Esportes
- 15) Programação de cinemas e teatros / Bares e restaurantes
- 16) Crimes e Desastres
- 17) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 18) Notícias Policiais (“Morreram esmagados no ônibus destruído”)

08/07 – Sexta-feira

Primeira Edição – 16 pág

Manchete: “Anchieta ainda é a ilha do inferno”

Assunto: Polícia / Prisão / Religião

- Publicidade em quase todas as páginas
- Jornal Preto e Branco
- Ênfase em assuntos cotidianos e crimes

Resumo de páginas:

- 1) Polícia / Prisão / Religião / Política / Cotidiano
- 2) Editorial / Desastre
- 3) Política
- 4) Coluna social / Colunas (assinadas ou não) / Artes
- 5) Economia / Crimes
- 6) Cotidiano
- 7) Internacional
- 8) Esportes (Gravuras)
- 9) Página Esportiva
- 10) Turfe
- 11) Esportes
- 12) Crimes
- 13) Programação de cinemas e teatros
- 14) Crimes / Cidade
- 15) Cinema / Radio / Teatro / Televisão
- 16) Notícias Policiais (“Amordaçaram e degolaram um velho em Santo Amaro”)

Segunda Edição – 16 pág

Manchete: “Dutra tenta articular uma candidatura única”

Assunto: Política

- Publicidade em quase todas as páginas
- Maio ênfase a assuntos da Política em relação à primeira edição
- Jornal Preto e Branco

Resumo de páginas:

- 1) Política / Internacional / Cinema
- 2) Política
- 3) Política / Cidade
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 5) Internacional / Economia
- 6) Internacional / Cidade
- 7) Tirinhas / Coluna

- 8) “M.M.D.C.” (Fotos e Gravuras)
- 9 e 11) Páginas Esportivas
- 12) Crimes / Cotidiano
- 13) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 14) Crimes / Cidade
- 15) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 16) Notícias Policiais (“Embaraçadas as autoridades ante o crime de Santo Amaro”)

09/07 – Sábado

Edição Única – 14 pág

Manchete: “Divisão de homicídios foi criada na polícia”

Assunto: Polícia / Cidade

- Publicidade em quase todas as páginas
- Jornal Preto e Branco
- Pauta voltada para assuntos da cidade, cultura e lazer

Resumo de páginas:

- 1) Polícia / Cidade / Concurso de Miss
- 2) Editorial / Cotidiano / Polícia
- 3) Política
- 4) Coluna social / Colunas (assinadas ou não) / Literatura
- 5) Internacional
- 6) Cidade
- 7) Cinema e Teatro (cidade)
- 8) Página Esportiva (com predominância de fotos)
- 9) Página Esportiva
- 10) 9 de julho / Loteria
- 11) Turfe
- 12) Programação de Teatros e Cinemas
- 13) Cinema / Radio / Teatro / Televisão
- 14) Notícias Policiais (“Mistério da morte do jovem ambulante”)

14 a 19 de novembro de 1960

Preço: Cr\$ 5,00 por exemplar

14/11 – Segunda-feira

Primeira Edição – 28pág

Manchete: “Exército assume o comando da F.P.”

Assunto: Política

- Publicidade em todas as páginas
- Jornal Colorido em algumas páginas
- Grande espaço para o noticiário esportivo

Resumo de páginas:

- 1) Política / Desastre / Cidade (3 cores)
- 2) Política / Cidade
- 3) Política / Economia
- 4) Radio / Televisão / Colunas / Saúde
- 5) Saúde / Educação / Cotidiano
- 6) Coluna social / Sociedade / Página feminina
- 7) Política / Economia
- 8) Religião Economia
- 9) Internacional
- 10) D.N. nos bairros - notícias da Lapa
- 11) Cidade
- 12) Economia / Polícia
- 13) Se é foto é fato: “Marilyn - Sabe-se que vai divorciar. Mas não se sabe ainda a favor de quem” / Esportes (3 cores)
- 14) Esportes (2 cores)
- 15) Esportes
- 16) Esportes
- 17) Esportes
- 18) Turfe
- 20) Esportes
- 21) Esportes
- 22) Esportes (2 cores)
- 23) Esportes (2 cores)
- 24) Desastre / Crime/ Política
- 25) Cinema
- 26) Teatro/ Colunas/ Bares e restaurantes/ Televisão / Horóscopo
- 27) Programação de cinema
- 28) Notícias Policiais (“Assassinou a canivetada o filho do seu protetor”) (3 cores)
- Segunda Edição – 28 pág

Manchete: “Greve na CMTC parou bondes”

Assunto: Cotidiano / Política

- Publicidade em todas as páginas
- Muito similar à primeira edição
- Jornal Colorido em algumas páginas

Resumo de páginas:

- 1) Política / Desastre / Cidade (3 cores)
- 2) Política / Economia / Internacional
- 3) Política / Sindicalismo
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 5) Internacional / Cidade
- 6) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 7) Internacional
- 9) Cinema
- 10) Internacional
- 11) Igual ou muito similar à página 10 da 1ª edição
- 12) Política / Cinema
- 13) Cinema
- 14) Se é foto é fato : Igual ou muito similar à 1ª edição / Cinema
- 15) Esportes
- 16) Esportes
- 17) Esportes
- 20) Esportes
- 21) Igual ou muito similar à página 18 da 1ª edição
- 22) Esportes (2 cores)
- 23) Cinema (3 cores)
- 24) Tirinhas
- 25, 26 e 27) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 28) Notícias Policiais: (“97 anos de prisão para os rebeldes da Anchieta!”) (3 cores)

15/11 – Terça-feira

Edição única – 14 pág

Manchete: “CMTC parou – é total a greve na empresa municipal”

Assunto: Política (greve)

- Publicidade em todas as páginas
- Predominância de assuntos de cunho político e cinematográficos
- Jornal Colorido em algumas páginas

Resumo de páginas:

- 1) Política / Cinema (3 cores)
- 2) Política / Cidade

- 3) Política
- 4) “Radio e TV” / Cidade / Cinema
- 5) Economia / Internacional
- 6) Coluna Social / Página feminina/ Televisão
- 7) Política / Cotidiano / Internacional
- 8) Se é foto é fato: sátira política / Esportes (3 cores)
- 9) Esportes (2 cores)
- 10) Turfe
- 11) Cinema
- 12) Música / Cinema/ Bares e restaurantes/ Televisão / Horóscopo
- 13) Programação de cinema
- 14) Notícias Policiais: (“Abatido pelo novo vizinho com dois tiros de garrucha”) (3 cores)

16/11 – Quarta-feira

Primeira Edição – 32 pág

Manchete: “DOPS prende mais de 500 grevistas”

Assunto: Política

- Publicidade em todas as páginas
- Predominância de notícias de cunho político (greves, na sua maioria)
- Jornal Colorido em algumas páginas

Resumo de páginas:

- 1) Política (greves) (3 cores)
- 2) Política
- 3) Política
- 4) “Radio e TV” / Arte / Política
- 5) Ciência / Cotidiano
- 6 Colunas Sociais / Página feminina/ Sociedade
- 7) Política (greves) / Educação
- 9) Cidade (2 cores)
- 10) Polícia / Economia
- 11) D.N. nos bairros: notícias do Ipiranga
- 12) Política (greves)
- 13) Política (greves)
- 14) Artes
- 15) Internacional
- 16) Se é foto é fato: “Panorama das greves: um beco sem saída!” / Esportes (3 cores)
- 17, 18, 19, 20) Páginas Esportivas
- 21) Cidade
- 22) Cotidiano / BR (seca)
- 23) Política (greves) / Saúde
- 24) Política (greves) (2 cores)

- 26) Turfe
- 28) Crime / Polícia
- 29) Cinema
- 30) Música / Bares e restaurantes/ Colunas / Horóscopo
- Cinema / Programação de cinema
- Notícias Policiais (“Motorista embriagado causa grave desastre”) (3 cores)

Segunda Edição – 32 pág

Manchete: “Greves sem fim tumultuam São Paulo”

Assunto: Política / Cidade

- Publicidade em todas as páginas
- Assuntos semelhantes à primeira edição, porém com uma pauta um pouco mais voltada a assuntos internacionais.
- Jornal Colorido em algumas páginas

Resumo de páginas:

- 1) Política / Cidade / Desastre
- 2) Cidade / Política
- 3) Política
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 6) Política / Internacional
- 7) Igual ou muito similar à página 6 da 1ª edição
- 8) Política / Economia
- 10) Sobrenatural (Discos voadores) (2 cores)
- 11) Política / Economia
- 12) Igual ou muito similar à página 11 da 1ª edição
- 13, 14 e 15) Internacional
- 16) Sociedade / Internacional
- 17) Se é fato é foto: Igual ou muito similar à 1ª edição / Saúde
- 18, 19, 20 e 21) Páginas Esportivas
- 22) Desastre / Crime
- 23) Sociedade / Internacional
- 24) Internacional
- 26) Turfe
- 28) Tirinhas
- 29) Cinema
- 30 e 31) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 32) Notícias Policiais (“Velha rixa terminou em tragédias: garçom matou o açougueiro a tiros”) (3 cores)

17/11 – Quinta-feira

Primeira Edição – 24 pág

Manchete: “Funcionalismo solidário com a Força Pública”

Assunto: Política / Cotidiano

- Publicidade em todas as páginas
- Jornal Colorido em algumas páginas
- Grande espaço para o noticiário político

Resumo de páginas:

- 1) Política / Desastre / Cidade
- 2) Política (greves) / Economia
- 3) Política / Economia / Internacional
- 4) “Radio e TV” / Colunas
- 5) Economia / Saúde
- 6) Colunas Sociais / Página feminina / Internacional
- 7) Política (greves) / Ciência
- 8) Política / Cotidiano
- 9) Política / Cotidiano
- 10) Política (greves)
- 11) Política (greves)
- 12) Se é foto é fato: crítica social / Esportes (3 cores)
- 13 (2 cores), 14, 15 e 16) Páginas Esportivas
- 17) D.N. nos bairros: notícias da Mooca
- 18) Turfe
- 19) Internacional
- 20) BR (seca) / Cotidiano / Internacional
- 21) Cinema
- 22) Horóscopo / Bares e restaurantes / Música e Teatro
- 23) Cinema / Programação de cinema
- 24) Notícias Policiais (“Matou os quatro filhos e logo após suicidou-se”) (3 cores)

Segunda Edição – 24 pág

Manchete: “CMTC: voltem e pagaremos grevistas – paguem ou não voltaremos”

Assunto: Política (greve)

- Publicidade em todas as páginas
- Jornal Colorido em diversas páginas
- Muito similar à primeira edição, ainda que as notícias possam aparecer distribuídas e diagramadas de forma distinta

Resumo de páginas:

- 1) Política (greve) / Cinema / Desastre
- 2) Igual ou muito similar à 1ª edição

- 3) Política
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 5) Internacional
- 6) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 7) Música
- 9) Ronda do mundo: Pirâmides do Egito - Internacional
- 10) Saúde
- 11) Internacional / Sociedade
- 12) Cinema (3 cores)
- 13 (2 cores), 14 e 15 Páginas Esportivas
- 16) Crime
- 17) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 18) Turfe
- 19) Crime / Desastre
- 20) Tirinhas
- 21) Cinema
- 22 e 23) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 24) Notícias Policiais (“Pista da morte na V. Isolina: população em desespero pede providências à polícia e D.S.T.”) (3 cores)

18/11 – Sexta-feira

Primeira Edição – 16 pág

Manchete: “Em pé de guerra forças aeronavais dos EE. UU.”

Assunto: Política – Internacional

- Publicidade em todas as páginas
- Jornal Colorido em Diversas páginas
- Ênfase em assuntos políticos e esportivos.

Resumo de páginas:

- 1) Política / Internacional / Esportes (3 cores)
- 2) Política / Sindicalismo / Cidade
- 3) Política (greves)
- 4) “Radio e TV” / Arte / Cultura - Cidade
- 5) Economia / Política
- 6) Colunas Sociais / Cotidiano/ Página feminina
- 7) D.N. nos bairros: notícias de Pinheiros
- 8) Internacional
- 9) Sindicalismo / Política / Cidade
- 10) Se é foto é fato : sátira política / Esportes (3 cores)
- 11) Esportes (3 cores)
- 12 e 13) Páginas Esportivas
- 14) Cinema / Religião
- 15) Cinema
- 16) Música / Horóscopo/ Teatro / Bares e restaurantes

- 17) Cinema e programação de cinema
- 18) Notícias Policiais (“Perigoso ladrão acusado da morte de um motorista”) (2 cores)

Segunda Edição – 18 pág

Manchete: “Perdura o ‘impasse’: bondes ainda parados”

Assunto: Política / Cotidiano

- Publicidade em todas as páginas com um bom espaço para publicidade colorida
- Muito similar à primeira edição, ainda que sua montagem seja diferente
- Jornal Colorido em diversas páginas

Resumo de páginas:

- 1) Política / Desastre/ Cidade / Esportes
- 2) Política / Internacional / Cidade
- 3) Política
- 4) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 5) Cidade/ Política (greves)
- 6) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 7) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 8) Internacional
- 9) Política (greves) / Cotidiano
- 10) Se é foto é fato: Igual ou muito similar à 1ª edição / Cinema (3 cores)
- 11) Página Esportiva (3 cores)
- 11) Esportes / Turfe
- 12 e 13) Esportes
- 14) Tirinhas
- 15, 16 e 17) Igual ou muito similar à 1ª edição
- 18) Notícias Policiais (“Assaltante foi baleado pelo vigia de uma loja”) (3 cores)

19/11 – Sábado

Edição Única – 14 pág

Manchete: “Éder campeão do mundo”

Assunto: Esportes

- Publicidade em todas as páginas com um bom espaço para publicidade colorida
- Jornal Colorido em algumas páginas
- Grande número de páginas destinadas a esportes e assuntos de cunho político, juntamente com uma abertura maior de espaço para televisão.

Resumo de páginas:

- 1) Esportes / Política (greves) / Televisão
- 2) Esportes / Política
- 3) Política / Economia

- 4) “Radio e TV”
- 5) Internacional / Economia
- 6) Colunas Sociais/ Página feminina/ Literatura/ Radio/ Televisão
- 7) Internacional / Política
- 8) Se é foto é fato: crítica social / Esportes (3 cores)
- 9) Esportes (3 cores)
- 10) Esportes / Turfe
- 11) Cinema
- 12) Horóscopo / Teatros / “Boates / Bares / Restaurantes” / Sociedade
- 13) Cinema / Programação de cinema
- 14) Notícias Policiais (“Misterioso desaparecimento de um médico e sua amante às margens de uma represa”) (3 cores)